


UNESP  **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP

NATÁLIA PEDRONI CARMINATTI

**MEMÓRIA E MORTE: UMA INTERSECÇÃO ENTRE SER E
ESCREVER EM *LES RÊVERIES DU PROMENEUR
SOLITAIRE*, DE JEAN-JACQUES ROUSSEAU**



ARARAQUARA – S.P.
2014

NATÁLIA PEDRONI CARMINATTI

**MEMÓRIA E MORTE: UMA INTERSECÇÃO ENTRE SER E
ESCREVER EM *LES RÊVERIES DU PROMENEUR
SOLITAIRE*, DE JEAN-JACQUES ROUSSEAU**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Ciências e Letras UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Literários.

Linha de pesquisa: História Literária e Crítica

Orientador: Prof. Dr. Adalberto Luis Vicente

Bolsa: CAPES

ARARAQUARA – S.P.
2014

Natália Pedroni Carminatti

Memória e morte: uma intersecção entre ser e escrever em
Les rêveries du promeneur solitaire, de Jean-Jacques
Rousseau / Natália Pedroni Carminatti - 2014
155 f.; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Estudos Literários)
Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e
Letras, Campus de Araraquara
Orientador: Adalberto Luis Vicente

1. Memória. 2. Morte. 3. Século XVIII.
4. Rousseau, Jean Jacques, 1712-1778. I. Título.

NATÁLIA PEDRONI CARMINATTI

**MEMÓRIA E MORTE: UMA INTERSECÇÃO ENTRE SER E
ESCREVER EM *LES RÊVERIES DU PROMENEUR
SOLITAIRE*, DE JEAN-JACQUES ROUSSEAU**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Ciências e Letras UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Literários.

Linha de pesquisa: História Literária e Crítica
Orientador: Prof. Dr. Adalberto Luis Vicente
Bolsa: CAPES

Data da defesa: 24/03/2014 (às 14h30)

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Prof. Dr. Adalberto Luis Vicente
Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara

Membro Titular: Prof^ª. Dr^ª. Guacira Marcondes Machado Leite
Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara

Membro Titular: Prof^ª. Dr^ª. Norma Domingos
Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Assis

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

Entre tantas Marias e outras tantas Helenas, àquela Maria Helena que mais sorriu, chorou e vibrou, às 10h55 do dia 22 de janeiro de 1988. À grande mãe que, desde muito pequena, ensinou-me a amar as letras e, sobretudo, a literatura. À mãe, professora, amiga e mulher da minha vida, todo o meu amor, minha dedicação, meu respeito e minha eterna gratidão.

AGRADECIMENTOS

Ao Todo-Poderoso, por estar a meu lado em todos os momentos, iluminando minhas ideias, mesmo quando essas pareciam seguir o fluxo contrário àquele a que me propusera fazer. Pela sua misericórdia, sua bondade e seu acolhimento, especialmente, no fim desta dissertação em que tudo havia perdido sentido, face aos acontecimentos imprevistos que mudaram o curso de minha existência. A Deus minha eterna gratidão, minha total confiança e meu amor incondicional.

À minha família, minha mãe, meu pai, meu irmão Gustavo e meu irmão Ricardo que confiaram em minhas palavras no momento em que decidi seguir a carreira acadêmica, e por me ajudarem a ver o porvir com muito mais alegria e amor que o passado. Gustavo e Ricardo meus dois grandes exemplos. Amo-os com todas as minhas forças e, por conta da grande diferença de idade, sempre me trataram como uma filha, proporcionando-me tudo que há de melhor e nunca deixando que algo impedisse a realização de meus sonhos. Aos que me deram a vida, Maria Helena e Tadeu, um “*mille merci*” é ainda pouquíssimo diante de tudo que fazem por mim, todos os dias, incentivando-me com palavras de amor e carinho. Amo muito vocês.

A meu orientador professor doutor Adalberto Luis Vicente. Desde a graduação os seus ensinamentos foram de extrema importância em minha formação literária-psicológica-existencial. Pela força de todos os encontros, a começar por aquele primeiro, em que me apresentou Jean-Jacques Rousseau. Pelo total incentivo de realizar o intercâmbio na França, no último ano do curso de graduação, e pela confiança nesses dois anos em que o escolhi, para juntos, desvendarmos os mistérios de Rousseau. Muito mais que obrigado.

À professora doutora Guacira Marcondes Machado Leite. A você Guacira que a datar do primeiro ano do curso de graduação “puxou minhas orelhas”, tentando me mostrar que seria preciso muito mais serenidade para entender todas as regras gramaticais da língua francesa. Pela ajuda ao longo do curso de Mestrado, pela confiança, pela amizade e por tudo o que fez por mim e que sei que ainda fará no curso de Doutorado. Obrigada também por me ensinar a amar a língua francesa e fazer dela meu instrumento de trabalho. Gratidão eterna.

À professora doutora Maria das Graças Gomes Villa da Silva, por ter aceitado participar da banca do Exame Geral de Qualificação e pelas magníficas contribuições, não só ao longo do exame, mas também no decorrer da disciplina: *Narrativa: fragmentação, memória, subjetividade e escritura*.

À professora doutora Norma Domingos, pelo –sim- de participar da banca de defesa desta dissertação, contribuindo muito, com as suas sugestões, para o aperfeiçoamento dessa pesquisa.

A meu querido Walter Rubens Novelli Neto. Pelas palavras de humildade, incentivo, e pelo amor que me ajudava todos os dias preencher o vazio das folhas desta dissertação. Deus o levou tão cedo que não tive tempo suficiente de agradecer sua presença em minha vida. Ao meu eterno “amorzinho”, *merci d’avoir existé*.

À minha grande amiga Cidinha Medonça. Muito obrigada por todos os conselhos, pelas orações, pela “fé” e pelo estímulo de que eu poderia sempre ir além. Deus a colocou em

nossas vidas, e a partir daí, começamos a entender que tudo podemos diante daquele que nos fortalece.

À minha querida amiga Patrícia Oréfice. Por sua tranquilidade, alegria de viver e companheirismo. Pelas “noitadas” de sorrisos, por sempre “me colocar para cima” e por me ajudar como a uma irmã, em todos os momentos de minha vida. Pati de Letras, infinitas obrigadas minha *collocatrice préférée*.

À Taís Matheus, amiga mais que querida, e que em meio aos meus surtos e minhas crises de desespero, tranquilizou-me com sua cumplicidade, sua presença e sua companhia. Tá, muito obrigada pela amizade sincera e pela disponibilidade de todos os dias.

À minha “primuxa”, amiga-irmã, Juliana Pedroni. Minha psicóloga das madrugadas, o que seria de mim se eu não a tivesse em minha vida para ouvir, com atenção, todas as minhas dificuldades? Jú, meu eterno obrigado, simplesmente pelo fato de poder “contar” com a sua amizade e por todas as vezes que eu falei, falei, falei e depois precisei desligar quando seria a sua vez de falar.

À Julia Antônio, Thaís Simões, Babi Gaiarim, Verena Sanchez, Bárbara Lacerda, Letícia Manzano, Fernanda Carnellosi, Fernanda Tabith e Madeline Quirino. Pela paciência e por sempre entenderem e aceitarem a frase “Hoje, eu não posso sair, pois preciso estudar”. Uma amizade verdadeira e sem proveito de qualquer interesse. Amo todas vocês!

À Thais Makarousky e Lorane Carvalho. Amigas de todas as horas, confidentes mais que especiais. Os melhores presentes da UNESP/Araraquara. *Merci beaucoup!*

À Flavia Magelo Longhi, por todos os “bons-dias” animados, pelas vibrações positivas, pelo carinho e pela amizade. Amiga, você foi um grande presente.

Às minhas companheiras de trabalho Amanda Oliveira e Caroline Biazolli. Muito obrigada pela companhia de todas as manhãs, pelos almoços na cantina, pelas risadas e por todas as nossas viagens felizes a Botucatu. *Thank you, girls!*

À Letícia Bueno, pela amizade construída em pouquíssimas horas, pelas palavras de incentivo de todas as manhãs: “Confie, vai dar tudo certo” e pelo carinho de todas as mensagens no *whatsapp*. Lê, muito obrigada.

À Tauanne Amaral, amiga muito especial, que não deixou em momento algum a distância nos separar. Obrigada por tudo, Tau.

À Vanessa Ventura, pela companhia nas disciplinas, pelas trocas de mensagens, por estarmos sempre nos ajudando umas as outras, já que nos encontrávamos na mesma posição: estudantes de Mestrado, amantes da literatura.

À minha psicóloga, Regina Célia Rossini Iglesias, por todas as explicações existenciais, pelas leituras recomendadas e por me ajudar a entender o porquê de estudar o tema da morte. Muitíssimo obrigada!

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela concessão de bolsa, permitindo que eu me dedicasse integralmente a esta pesquisa.

MEMÓRIA

Amar o perdido
deixa confundido
este coração.

Nada pode o olvido
contra o sem sentido
apelo do Não.

As coisas tangíveis
tornam-se insensíveis
à palma da mão.

Mas as coisas findas,
muito mais que lindas,
essas ficarão.

Carlos Drummond de Andrade
Claro Enigma, (1951)

AUSÊNCIA

Por muito tempo achei que a ausência é falta.

E lastimava, ignorante, a falta.

Hoje não a lastimo.

Não há falta na ausência.

A ausência é um estar em mim.

E sinto-a, branca, tão pegada, aconchegada nos meus braços,
que rio e danço e invento exclamações alegres,

porque a ausência assimilada,
ninguém a rouba mais de mim.

Carlos Drummond de Andrade
Poesia Completa, (2002)

RESUMO

O estudo de *Les rêveries du promeneur solitaire* (1782), de Jean-Jacques Rousseau, configura o *corpus* da presente dissertação. O interesse desta investigação está na análise dos temas da memória e da morte e suas inferências, tais como aparecem na última obra de Rousseau. O trabalho metafórico da memória permeia essa obra inaugural do pré-romantismo francês, revelando a importância do inconsciente no entendimento do próprio ser. Com base nos estudos psicanalíticos promovidos por Sigmund Freud (1856-1939), intenta-se desvelar certas lembranças esquecidas, ou melhor, mascaradas pelas repressões sociais, reconstruindo, dessa forma, o final da existência de Jean-Jacques, daí por diante, sustentada pela felicidade. Ademais, a intersecção com o tema da morte assegura uma perspectiva positiva desse fenômeno constituinte da existência humana. Apoiando-nos nas teorizações suscitadas por Martin Heidegger (1889-1976), examinaremos a morte e suas implicações na conduta do caminhante solitário. Para o filósofo alemão, o ato de viver para a morte representa o autêntico sentido da existência. Desse modo, a morte é a realização do homem como ser-no-mundo. Literatura, Psicanálise e Filosofia conjugam-se neste trabalho a fim de garantir uma leitura eloquente da última produção autobiográfica que fez de Jean-Jacques Rousseau um precursor do pensamento moderno, instituindo, nessa direção, uma maneira antes não conhecida de se pensar a filosofia e a literatura.

Palavras-chave: Século XVIII. Jean-Jacques Rousseau. Memória. Morte.

RÉSUMÉ

L'étude de *Les rêveries du promeneur solitaire* (1782), de Jean-Jacques Rousseau, configure le *corpus* de cette dissertation. L'intérêt de cette recherche est l'analyse des thèmes de la mémoire et de la mort et ses inférences, telles qu'elles apparaissent dans la dernière oeuvre de Rousseau. Le travail métaphorique de la mémoire traverse cette oeuvre inaugurale du Pré-Romantisme français, révélant l'importance de l'inconscient dans la compréhension de l'être. Fondée sur les études psychanalytiques promues par Sigmund Freud (1856-1939), on essaie de dévoiler quelques souvenirs oubliés, ou plutôt masqués par des répressions sociales pour reconstituer, ainsi, la fin de l'existence de Jean-Jacques, dorénavant soutenue par le bonheur. Par ailleurs, l'intersection avec le thème de la mort assure une perspective positive de ce phénomène constituant de l'existence humaine. S'appuyant sur les théorisations suscitées par Martin Heidegger (1889-1976), on examinera la mort et ses implications dans le comportement du promeneur solitaire. Pour le philosophe allemand, l'acte de vivre pour la mort représente le vrai sens de l'existence. Ainsi, la mort est la réalisation de l'homme comme être dans le monde. Littérature, Psychanalyse et Philosophie se conjuguent dans ce travail en vue d'assurer une lecture de la dernière production autobiographique qui a fait de Jean-Jacques Rousseau un précurseur de la pensée moderne, en instituant, dans cette direction, un moyen nouveau de penser la philosophie et la littérature.

Mots-clés: XIII^e siècle. Jean-Jacques Rousseau. Mémoire. Mort.

DAS TRADUÇÕES

Por se tratar de um trabalho que intersecciona duas línguas, todas as citações encontram-se traduzidas para a língua portuguesa, em notas de rodapé. No corpo do texto estão as citações em sua versão original.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	11
1 ROUSSEAU E <i>LE SIÈCLE DES LUMIÈRES</i> : BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE SUA VIDA E OBRA.....	17
1.1 Jean-Jacques Rousseau: “ <i>le citoyen de Genève</i> ”	18
1.2 “[...] <i>La rêverie me délasse et m’amuse [...]</i> ”: Lendo a prosa poética das <i>Rêveries</i>	26
2 A QUESTÃO DA MEMÓRIA SOB A ÓTICA FREUDIANA: LENDO O PASSADO DE ROUSSEAU NAS <i>RÊVERIES</i>	68
2.1 Da <i>ars memoriae</i> à memória patológica: as vicissitudes do inconsciente.....	68
2.2 A memória inconsciente: quem é Jean-Jacques Rousseau?	77
3 A SALVAÇÃO PELA ARTE: A NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA COMO INSTRUMENTO DE SUPERAÇÃO DA MORTE E DO ESQUECIMENTO	109
3.1 <i>Dasein</i> : uma investigação fenomenológico-existencial da posição legitimada por Jean-Jacques Rousseau, em <i>Les rêveries du promeneur solitaire</i>	109
3.2 O ser-para-a-morte.....	122
CONSIDERAÇÕES FINAIS	145
REFERÊNCIAS	150
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA.....	153

“Somos a memória que temos e a responsabilidade que assumimos.
Sem memória não existimos, sem responsabilidade talvez
não mereçamos existir”.
José Saramago

APRESENTAÇÃO

Caro leitor, peço licença, mas não uma licença poética, porém de uma “brecha” para que os pontos sejam colocados em seus devidos lugares. Nunca imaginei que um tema refletiria tanto em minha própria existência enquanto ser-no-mundo. No início de meus estudos, deparei-me com a crítica: “o *corpus* está extenso demais para ser realizado em nível de mestrado. Será preciso determiná-lo”. Foram com essas palavras que comecei a pensar na natureza do verbo determinar. Não sabia que o “determinar”, determinaria minha essência. Para os críticos era só determinar, para mim era DETERMINAR. Como se concretizaria esse procedimento? Determinar como, se todos os temas pareciam se encaixar como as peças de um quebra-cabeça? Mas era preciso ser feito, a risco de não haver tempo suficiente de concluir o que hoje se encontra impresso nestas folhas.

Pronto. Determinei. E entre aquela gama de possibilidades, dois dos temas saltaram mais a meus olhos: memória e morte. A partir daí, surgiam novas dificuldades: como conjugar temas tão distintos, incongruentes do ponto de vista comum? Essa era a abertura de uma longa jornada de estudos que só Freud explicaria. No princípio, tudo parecia não ter sentido algum, mas, aos poucos, o inominável, nomeou-se. Pareceu-me até que Jean-Jacques Rousseau cochichava em meus ouvidos para dizer que seguíamos um caminho possível, ou pelo menos, para nós, seguíamos.

Se Jean-Jacques falava ou não, na verdade, não sei, no entanto, tudo aquilo que precisava ser explicado, postulado como teoria, Freud concluiria em seus apontamentos sobre a memória inconsciente. E o grande poeta do “Século das Luzes” a cada dia se destacava mais à medida que suas *Rêveries* ilustravam tão bem as teorizações freudianas. Essa fora a primeira determinação: tentar casar Rousseau e Freud a fim de obter uma leitura singular de *Les Rêveries du promeneur solitaire* (1782) e compreender o porquê de certos esquecimentos, “apagões” na memória de Jean-Jacques. Por se tratar de uma produção lírica, tínhamos a convicção de que os fundamentos suscitados por Sigmund Freud (1856-1939) efetivariam

nostros *insights*, já que a poesia preenchia os vazios deixados pelo discurso filosófico. Só ela conseguiria representar os pensamentos de Rousseau e sua própria condição de ser-no-mundo.

Poesia, psicanálise, memória. Um trecho do nosso trajeto determinava-se. Esse era somente um eixo diante de todos os outros que se ergueriam como fortes muralhas nesta caminhada em torno do conhecimento. Se a poesia apresentava papel relevante nessa derradeira obra autobiográfica do cidadão de Genebra, então por que não dedicar um capítulo a ela? E foi assim que procedemos.

Dividimos o primeiro capítulo em duas secções: na primeira delas, falamos de Rousseau, de sua filosofia e do seu percurso biográfico. Para o leitor que admira o filósofo, conhecer sua carreira enquanto escritor é pertinente à compreensão da vida e obra de Jean-Jacques Rousseau. Iniciamos pelas palavras do escritor no que diz respeito ao seu nascimento. O tom hiperbólico e melancólico já aparecia nas primeiras linhas de suas *Confissões* (1782/1789). Tudo era indício de que o “iluminado” sofreria fortes consequências por suas ideias inovadoras. Seguimos pelo estudo de suas principais obras e suas respectivas influências na formação literária-existencial de Jean-Jacques.

Na segunda seção adentramos ao universo autobiográfico do caminhante solitário. Evidenciamos que a poesia conduz as incertezas dos seres-no-mundo. Ela retrata, exatamente, aquilo que Rousseau experimentara em suas caminhadas solitárias. Se a poesia tange à própria condição humana, Jean-Jacques entendia muito bem isso, pois foi por meio dela que expressou suas lembranças, seus desejos mais íntimos e sua própria filosofia de vida. Ademais, através da lírica, o genebrino assumiu integralmente a si próprio. A sensibilidade regia seus passos. O “Séculos das Luzes” que via triunfar a razão, perdia, pouco a pouco, a racionalidade. Com Diderot, Rousseau e Bernardin de Saint-Pierre emergira uma corrente sensível (*le courant sensible*), em que os temas seriam recuperados pelos autores românticos.

O Eu dá um passo além e representa-se em suas contradições, angústias e preocupações. As *Rêveries* nascem dessas inquietações existenciais e do gosto pela solidão e pela natureza. Essa busca incessante do eu já havia sido o centro das preocupações de Rousseau em suas *Confissões*. Aquele cenário era ideal para a criação de um gênero novo, a autobiografia, que seria a grande fortuna do século XVIII. Era um tempo de relevantes mudanças pessoais, intelectuais, sociais e políticas. E é claro que a literatura teria de reunir todas essas vulcânicas transformações e salvar o homem de suas crises psicológicas.

E não foi justamente isso que aconteceu com Rousseau? É perceptível que sim. A ânsia em salvar-se da paranoica ideia do complô o levava a buscar alternativas tangíveis a fim de reestabelecer a verdade sobre sua vida. Interrogando-se sobre a unidade do seu ser, Jean-Jacques acreditava que através da memória e da imaginação poderia aceder à felicidade perfeita. A ilusão do *bonheur* na ilha de *Saint-Pierre* estava ligada a sua faculdade de criar.

*S'il faut hésiter, à propôs des Rêveries, entre une poétique de la plénitude et une poétique de la distorsion, il n'en demeure pas moins que dans cette oeuvre un homme parle en son nom et s'avancant, par défaut d'adresse, au confins d'une parole qui s'oeuvre sur elle-même, inaugure une esthétique de la mélancolie qui annonce et permet le mouvement romantique [...].*¹ (COZ; JACOB, 1997, p.22).

A palavra se abria sobre ela mesma e o caminhante solitário discorria sobre aquilo que bem entendia, sem se ocupar com as formalidades da retórica clássica. O texto seguia o fluxo de seus pensamentos e como ele mesmo afirmara na primeira caminhada das *Rêveries* as ideias da véspera não tinham nenhuma ligação com as do dia seguinte. Nesse ponto, Freud foi fundamental para explicar essas desconexões na memória de Rousseau. Sendo assim, para o desenvolvimento do tema da memória, utilizamos como instrumental teórico as pesquisas realizadas por Sigmund Freud em *A interpretação dos sonhos* (1900), *Escritores criativos e devaneios* (1908[1907]), *Recordar, repetir e elaborar* (1914) e *O bloco mágico* (1924). Tais pesquisas concernentes ao trabalho do inconsciente e ao desenvolvimento do aparelho psíquico dirigem à leitura da memória no texto rousseauiano tecida, aqui, pelo viés psicanalítico.

A psicanálise eclodiu no século XIX com os estudos do médico vienense Sigmund Freud. O inconsciente, um conceito já formulado nos séculos XVIII e XIX por Leibniz e Edward von Hartmann é reinterpretado pelo psicanalista, desenvolvendo a noção de memória inconsciente e, revelando que certas atitudes humanas não são governadas pelas ações conscientes, mas pelas volúpias inconscientes, denominadas por Freud de desejos reprimidos. Nessa perspectiva, para o pai da psicanálise, desejos reprimidos são relegados ao inconsciente e por intermédio dos sonhos, dos atos falhos, do chiste, do devaneio e dos lapsos de

¹ “Se for preciso hesitar, no que diz respeito às *Rêveries*, entre uma poética da plenitude e uma poética da distorção, não é para menos que um homem nesta obra fala em seu nome e avançando, sem endereço, aos confins de uma palavra que se abre sobre ela mesma, inaugura uma estética da melancolia que anuncia e permite o movimento romântico”. [Tradução nossa].

linguagem retornam ao indivíduo sem que ele se dê conta desses processos. O interessante da intersecção desenvolvida entre a literatura, a psicanálise e a filosofia, nesta dissertação, é estabelecer de que modo a arte literária vem suprir a carência de felicidade de Jean-Jacques Rousseau. Além disso, atraímos-nos pela maneira na qual o texto em si, enquanto gênero literário, modela-se para transpor no papel aquilo que é peculiar à alma.

As reformas a que Rousseau se submeteu no fim de sua vida foram necessárias para as alterações de sua conduta. Alheio às opiniões e aos julgamentos dos homens e refugiando-se em seu íntimo, projetava um futuro distinto de tudo que ele havia vivido. Renunciando ao mundo e entregando-se à solidão, as interpretações concedidas a certas fases de sua vida eram revisadas, e, algumas delas, deixadas de lado. Ainda que parecessem concluídas, não tinham mais razão. O que importava, de agora em diante, era o estudo de seu comportamento. Num determinado instante, Jean-Jacques questionara-se: “[...] *que suis-je moi même?*” (ROUSSEAU, 1972, p.35). Tal qual Rousseau, Freud no século XIX indagara-se de forma semelhante: “quem fala em mim?” Em seus trabalhos psicanalíticos, o médico vienense cuidava de desvendar os mistérios da alma humana, questão que deveria ser respondida, a datar daquele momento, com o coração e não mais com a razão. A veracidade perdia seu caráter uno, visto que era multiplicada, em favor das distintas interpretações que fazia de si próprio.

No segundo capítulo falamos, portanto, da memória de Jean-Jacques que é o núcleo das *Rêveries*. A iniciativa de voltar ao passado, retrocedendo em análise de sua própria existência guiava Rousseau ao encontro com seu eu verdadeiro. No entanto, essa volta ao passado é distorcida, haja vista a distância temporal estabelecida entre o tempo passado e a vivência atual. As lembranças envelhecidas mesclavam-se com as percepções atuais e, o passado reconfigurado no presente, conferia ao escritor do *Contrato Social* momentos de felicidade plena. Todavia, é preciso reforçar que o passado não é reconstituído completamente, já que o colorido psicanalítico deturpou certos instantes, devido às repressões firmadas pelas vozes sociais.

Seguindo a mesma estrutura do primeiro capítulo, o segundo também se divide em duas seções. Na primeira, trilhamos um percurso relativo ao tema da memória. Falamos de Platão, Aristóteles e Santo Agostinho. Além do mais, interligamos literatura e psicanálise com o intuito de esclarecer de que forma a psicanálise contribuiu para efetuar uma nova leitura das

Rêveries. Já na segunda seção, falamos do próprio Rousseau e do seu insistente esforço de compreender a si mesmo. Dessecando sua alma, Rousseau percebia que, através da memória poderia repetir um estado de pureza e felicidade, reconhecendo que o porvir seria a representação desse passado inesquecível. Por estar presente na memória, a lembrança mantém-se viva eternamente.

Não só a memória apresenta importância singular na última produção autobiográfica do filósofo suíço. A morte também desempenha papel essencial no comportamento de genebrino. O enfraquecimento de todas suas faculdades, particularmente aquelas que o ajudavam em seus trabalhos, o angustiava. O elã vital só deveria ser esgotado quando o elã criador estivesse desfalecido. Na tentativa de superar a angústia ocasionada pela velhice e pela aproximação da morte, Rousseau compreendia que era preciso saber morrer. Por isso, no terceiro capítulo falamos da morte e da sua pertinência na formação psicológica-existencial de Jean-Jacques. Nessa direção, servimo-nos da consagrada obra de Martin Heidegger (1889-1976), *Ser e tempo* (1927), para entender a função da morte só na vida de Rousseau, mas na nossa própria vida. Dito isso, a morte observada em sentido filósofo não é vista em seu aspecto negativo, pelo contrário, é a completude do ser, a única indicação de totalidade do homem.

E aí se constata uma coisa interessantíssima: Rousseau, nas *Rêveries*, acreditava fielmente que a morte era a concretização de sua existência. Diríamos que o genebrino na presença dela analisava sua autêntica função em vida. Como salienta Paule Adamy (1997), a morte é o ponto de partida das renovações existenciais apreciadas pelo escritor das *Confissões*. O homem enquanto *Dasein*² vive na inautenticidade, e com a chegada da morte, consegue atribuir a sua existência um sentido autêntico e verdadeiro.

Memória e morte ainda são temas pouco explorados na obra do cidadão de Genebra. Posto isso, o estudo desses dois temas foram selecionados com a finalidade de proporcionar uma viagem ao universo imagético de Rousseau, demonstrando em sua re-leitura, além da experiência de vida de Jean-Jacques, o meu próprio exame de vida. As imagens que transbordam para a escrita refletem as ondulações psíquicas de todos nós, seres-no-mundo, em busca de respostas a perguntas irrespondíveis. Esse trabalho é apenas um trecho de uma

²Martin Heidegger, em *Ser e Tempo* (1927), apresenta o conceito de *Dasein*, o “ser-aí”, ser-no-mundo. Tal conceito será, posteriormente discutido, no decorrer da dissertação.

longa trajetória existencial que se inicia aqui, com um grande filósofo e com uma leitora deslumbrada com suas afirmações. Eis o porquê de pedir ao leitor uma “brecha” para junto de nós percorrermos essa tortuosa trilha, com repetições, poesia, memória e morte. E que a frieza da morte seja abandonada em favor de um alcance positivo desse fenômeno constituinte da vida humana. Sejam ousados como Rousseau frente à proximidade da nossa morte, já que ela se impõe inexoravelmente...

*“J’aime mieux être homme à paradoxes
qu’homme à préjugés”.*
Jean-Jacques Rousseau, em *Émile ou de l’éducation*.

1 ROUSSEAU E *LE SIÈCLE DES LUMIÈRES*: BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE SUA VIDA E OBRA

A metáfora “*Siècle des Lumières*” designa o meio literário, filosófico, intelectual em que se insere o cidadão de Genebra, Jean-Jacques Rousseau. Tratando-se não só de uma era, mas da produção de uma filosofia moral e estética, o século XVIII reúne mudanças pertinentes ao racionalismo, à vida e às artes. Institui-se uma nova visão de mundo, voltada para o progresso, a liberdade e a irracionalidade. Irracionalidade? Parece contraditório pensar que o um dos séculos mais racionais era também irracional. Mas, direcionando-nos a Rousseau, essa afirmação faz todo sentido. Sensações, sentimentos eram, para o filósofo, indispensáveis às explicações da natureza humana.

E como vivia a Europa de Rousseau no século XVIII? A Europa experimentava, em seus primeiros anos do século XVIII, uma paz relativa, dado que os indivíduos consolidavam sua postura revolucionária frente aos monarcas e à Igreja. Rousseau e Voltaire com suas críticas filosóficas e sociais preparavam os terrenos para as transformações culturais, sociais e políticas que se solidificariam com a Revolução Francesa. A Revolução Francesa de 1789 não foi uma revolução universal. As reivindicações das massas, mais uma vez, foram postas em segundo plano, e a revolução tratou de cuidar dos desejos das oligarquias dominantes. Mesmo durante os seus anos de vigência, os trabalhadores sofriam com o descaso dos detentores do poder, seus direitos não eram respeitados e a burguesia enriquecia progressivamente.

As grandes ideias de democracia, igualdade, fraternidade e liberdade não passaram, naquele momento, de utopias. Era preciso mudar os costumes, todavia, esses não sofreram às devidas modificações, pelo menos, no século XVIII, não. Segundo Rousseau, os costumes são frutos dos proveitos morais, que nascem dos proveitos sociais e econômicos. Dito de outro modo, era o dinheiro e todo seu reino que necessitavam de alterações. Após a Revolução Francesa (1789), acreditava-se que os vícios da humanidade haviam sido renovados. Aos olhos da população, as lutas foram em vão e a tristeza aumentava progressivamente. A

despeito dos novos valores, as divisões em classes sociais separavam ainda mais a aristocracia do proletariado.

É neste século que surge a figura de Jean-Jacques Rousseau. Zelador dos interesses do povo e crítico severo do racionalismo, o filósofo de Genebra articulou sua formação psicológica com o quadro histórico-social, em uma época que transitava por vertiginosas transformações. Como criar uma identidade estável se a sociedade passava por processos de mutação? As inquietações filosóficas imbricavam-se em torno da mesma questão: a angústia metafísica e a sensibilidade humana. O homem sente um vazio de espírito, confinando-se no isolamento e na solidão da natureza. Como lembra Mauzi (1960), “*L’influence des sensations sur l’âme, [...], constitue la clé du sentiment de la nature au XVIII ème siècle, qui est [...] une expression particulière du sentiment de l’existence*”.³ (apud RAYMOND, 1997, p.106).

Nesta mesma ótica de contextualização, Marcel Raymond em *La rêverie selon Rousseau et son conditionnement historique* (1962), focaliza as confluências da sensibilidade e do pensamento que tornaram possível, do século XVII ao século XVIII, a valorização da *rêverie* rousseauiana: o nascimento do sujeito cartesiano – descrito por Descartes como o sujeito que pensa (Penso, logo existo) - e o Eu como centro absoluto de referência. Tais fatores disponibilizaram um novo estilo de vida, impulsionado pelo estudo da essência do eu. Nessa direção, a expressão literária do século XVIII traduziu a melancolia e o mal-estar de viver em prazer estético. Rousseau, o homem sensível e solitário, descobrira seu amor pela solidão, tornando o ato de escrever uma estratégia de consolação ao “*mal de vivre*”. A escrita o auxiliava a resistir à angústia do tempo presente, prolongando, dessa forma, um passado memorável.

1.1 Jean-Jacques Rousseau: “*le citoyen de Genève*”

A literatura francesa conhece no século XVIII a expressão de um novo caráter. Jean-Jacques, o anunciador da modernidade, desde seus primeiros escritos, revelava a contrariedade que permeava toda sua trajetória de vida. A bipolaridade do autor das *Rêveries*

³ “A influência das sensações sobre a alma, [...], constitui a chave do sentimento da natureza no século XVIII, que é [...] uma expressão particular do sentimento da existência”. [Tradução nossa].

não se funda somente na substituição do sim pelo não, mas em todo seu discurso paradoxal. Um defensor da vontade do povo, Jean-Jacques Rousseau consagrou-se pela ousadia de suas obras, sendo nomeado pelos críticos de “pensador polêmico”. No ano de 2012, o cidadão genebrino recebeu homenagens em comemoração ao tricentenário do seu nascimento, ressaltando a importância de suas obras e a própria perpetuidade do autor de *Do Contrato Social* (1762).

Um bom começo para compreender a concepção filosófica de Rousseau é considerá-la atípica. No que diz respeito ao meio literário em que o genebrino se insere, designado pelos pensadores - os enciclopedistas - de “filosófico”, Jean-Jacques inaugurou uma estética antes desconhecida, ou pouco utilizada pelos escritores de sua época. Desconstruídos os princípios da filosofia do século XVIII, em que a razão deveria reger todos os questionamentos, a obra de Rousseau rompeu com certos estereótipos, estreando uma nova maneira de refletir a literatura e a filosofia. Defensor da sensibilidade, o iluminista concedia às suas teorias valores relativos à irracionalidade do homem e, mais que isso, preocupava-se com o influxo das sensações nas ações humanas. Nessa direção, de acordo com Milton Meira do Nascimento (2012, p.29), “em vez do ‘penso, logo existo’ cartesiano, para Rousseau caberia muito mais a expressão ‘sinto, logo existo’”.

Ninguém melhor que o próprio Rousseau para nos descrever sua genealogia:

Je suis né à Genève en 1712, d'Isaac Rousseau, citoyen, et de Suzanne Bernard, citoyenne. Un bien fort médiocre à partager entre quinze enfants ayant réduit presque à rien la portion de mon père, il n'avait pour subsister que son métier d'horloger, dans lequel il était à la vérité fort habile. Ma mère, fille du ministre Bernard était plus riche; elle avait de la sagesse et de la beauté; ce n'était pas sans peine que mon père l'avait obtenue. Leurs amours avaient commencé presque avec leur vie: dès l'âge de huit à neuf ans ils se promenaient ensemble tous les soirs sur la Treille; à dix ans ils ne pouvaient plus se quitter. La sympathie, l'accord des âmes affermit en eux le sentiment qu'avait produit l'habitude. Tous deux, nés tendres et sensibles, n'attendaient que le moment de trouver dans un autre la même disposition, ou plutôt ce moment les attendait eux-mêmes, et chacun d'eux jeta son coeur dans le premier qui s'ouvrit pour le recevoir. Le sort, qui semblait contrarier leur passion, ne fit que l'animer. Le jeune amant, ne pouvant obtenir sa maîtresse, se consumait de douleur; elle lui conseilla de voyager pour l'oublier. Il voyagea sans fruit, et revint plus amoureux que jamais. Il retrouva celle qu'il aimait tendre et fidèle. Après cette épreuve, il ne restait qu'à s'aimer toute la vie, ils le jurèrent, et le ciel bénit leur serment.[...]. Mon père, après la naissance de mon frère unique, partit pour Constantinople, où il était appelé, et devint horloger du sérail.[...]. Je fus le

*triste fruit de ce retour. Dix mois après, je naquis infirme et malade; je coûtai la vie à ma mère, et ma naissance fut le premier de mes malheurs.*⁴ (ROUSSEAU, 1973, p.34-35).

De família burguesa, o cidadão de Genebra era filho de uma emocionante história de amor. Órfão de mãe, a datar de seu nascimento, foi sob a tutela do pai que Rousseau passou sua infância. Desde pequeno, o autor das *Rêveries*, entregava-se à leitura de romances deixados pela mãe e, pouco a pouco, o interesse pelos textos tornava-se tão vivo que o menino Jean-Jacques dispensava várias noites com o pai, dedicando-se à leitura. Para a idade de Rousseau, o gosto pelas letras era raro e único. Eram as obras de Plutarco que mais o interessavam. Rousseau mesmo certificava que a leitura lhe proporcionara bons diálogos com o pai, apesar de Isaac Rousseau ver no filho, a imagem e semelhança da mãe, e isso ocasionava momentos de grande pesar.

Órfão de mãe, no sujeito Jean-Jacques Rousseau irrompeu um forte sofrimento. O tom negativo de suas palavras não se resumia apenas aos acontecimentos desencadeados no tempo de sua infância, mas a todos os instantes de sua vida. Mostrando-se tal como era, Rousseau se afirmava. Nas *Confissões* (1782/1789), o anunciador da modernidade construiu o tecido literário, comprovando que era um homem bom, pois era cercado das melhores pessoas do mundo, não podendo, dessa forma, ser mau, já que tinha sob os olhos somente exemplos de brandura. Se os seus perseguidores o consideravam nocivo, o círculo social no qual Rousseau se inseria desmentia todas essas infelizes acusações. O leitor atento percebe o teor hiperbólico dos escritos rousseauianos, sobretudo, aqueles dos textos autobiográficos.

* As passagens de *Les rêveries du promeneur solitaire* traduzidas em nota de rodapé são de autoria de Fúlvia Maria Luiza Moretto, 2.^a ed., Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 1986.

⁴ “Eu nasci em Genebra em 1712, de Isaac Rousseau, cidadão, e de Suzanne Bernard, cidadã. Bens bastante medíocres a dividir entre quinze filhos reduzindo a quase nada a parte de meu pai, ele tinha, para subsistir, somente sua profissão de relojoeiro, em que era na verdade muito hábil. Minha mãe, filha do ministro Bernard, era mais rica; ela tinha sabedoria e beleza; não foi sem dificuldades que meu pai a obtivera. O amor deles começara quase com as suas vidas: desde a idade de oito a nove anos eles caminhavam juntos todas as noites sobre a *Treille*; aos dez anos eles não podiam mais se separar. A simpatia, o acordo das almas fortaleceu neles o sentimento que o hábito havia produzido. Os dois, nascidos ternos e sensíveis, só esperavam o momento de encontrar num outro a mesma disposição, ou antes esse momento os esperava, eles mesmos, e cada um jogou seu coração ao primeiro que se abriu para o receber. A sorte, que parecia contrariar a paixão deles, somente a animou. O jovem amante, não podendo obter sua amada, se consumia de dor; ela o aconselhou a viajar para esquecê-la. Ele viajou sem fruto, e voltou mais apaixonado que nunca. Encontrou aquela que ele amava terna e fiel. Após essa prova, só lhes restava se amarem por toda a vida, eles o juraram, e o céu abençoou seu juramento”. [...]. Meu pai, após o nascimento do meu único irmão, partiu para Constantinopla, onde ele fora chamado, e tornou-se relojoeiro do harem. [...]. Eu fui o triste fruto desse retorno. Após dez meses, nasci doente; eu custei a vida a minha mãe, e meu nascimento foi a primeira de minhas infelicidades. [Tradução nossa].

Desde sua juventude Jean-Jacques demonstrara prazer pelo trabalho da escrita: alguns versos ainda muito jovem, breves escritos pedagógicos, esboços de peças de teatro, além de pesquisas científicas relacionadas à astronomia e à química. Contudo, foi a afeição musical que o conduziu à *République des Lettres*. Segundo Rousseau, sua tia o ensinara a amar a música e, graças a ela, criou uma nova notação musical, apresentando-a, pela primeira vez, em Paris, no ano de 1742, à *l'Académie des Sciences*. A figura de Rousseau foi condecorada como especialista em assuntos musicais. Em 1743, publicou a *Dissertation sur la musique moderne*.

A explosão da música moderna efetivou-se após a estadia de Rousseau em Veneza. Como secretário da embaixada francesa, Jean-Jacques permaneceu um ano (1743-1744) em território italiano, sendo essa época de essencial importância para sua formação. Nesse período, Rousseau descobriu o tom das óperas de bufão italianas. Amigo de Diderot, recebeu a redação dos artigos de musicologia do movimento *Enciclopedista*, tornando-se um dos mais célebres compiladores de música do século XVIII. Dez anos mais tarde, “*quand il lit par hasard une question mise au concours par l'Académie de Dijon: si le rétablissement des arts et des sciences a contribué à épurer les moeurs*”⁵ (CROGIEZ, 1997, p.14), o escritor entusiasmado pelo questionamento compôs seu Primeiro Discurso (1750), levando o prêmio oferecido pela Academia. Ora, foi nessa fase que Jean-Jacques Rousseau lançou sua teoria de que o homem é bom por natureza, mas corrompido pela sociedade.

Retomando as palavras de Michèle Crogiez (1997), a fama de Rousseau consagrou-se de um dia para o outro. A época de escritura do *Primeiro Discurso* é relatada nas *Rêveries* como o tempo de maior maturidade do filósofo. Como certificou o próprio Jean-Jacques a idade de quarenta anos lhe permitira sentir-se mais maduro e estável. Eis o que ele disse: “*dès ma jeunesse j'avais fixé cette époque de quarante ans comme le terme de mes efforts pour parvenir et celui de mes prétentions en tout genre*”.⁶ (ROUSSEAU, 1972, p.60). Plenamente resolvido em seus problemas existenciais, foi nessa idade que Rousseau se libertou de todas as armadilhas, excluindo suas preocupações com o futuro e aproveitando o dia a dia. Em 1955, Jean-Jacques redigiu o *Segundo Discurso* muito mais carregado e político que o

⁵ “[...] quando ele lê por acaso uma questão colocada em concurso pela Academia de *Dijon*: se o restabelecimento das artes e das ciências contribuiu para o aprimoramento dos costumes”. [Tradução nossa].

⁶ “Desde minha juventude, fixara essa idade de quarenta anos como o termo de meus esforços para vencer na vida e o de minhas pretensões de qualquer espécie”. (ROUSSEAU, 1986, p.44).

primeiro. Nomeando-o *Discours sur l'origine et les fondements de l'inégalité parmi les hommes*, nele Rousseau discorreu sobre o desenvolvimento social e a psicologia moral.

Cansado dos alvoroços parisienses, o cidadão de Genebra opta por deixar a cidade de Paris, vivendo a partir de 1756 em *Montmorency*. A estadia em *Montmorency* lhe foi bastante significativa. Em seis anos Rousseau produzira grandes obras, entre elas: *Lettres à d'Alembert*, *Julie ou La nouvelle Héloïse* (1761), *Du Contrat social* (1762) e *Émile ou de l'éducation* (1762). O tema da Carta *D'Alembert* fundamenta-se na apresentação de argumentos, comprovando os sentimentos sociais e patrióticos da burguesia, em oposição às propostas de D'Alembert no que tangia à implantação de espetáculos de comédia em Genebra. Faz-se necessário frisar que a pequena república genebrina não autorizava apresentações teatrais em seu território, porque considerava que a diversão poderia afastar os espectadores de suas ocupações cívicas.

Julie ou La nouvelle Héloïse (1761), como salienta Milton Meira do Nascimento (2012), foi um romance epistolar considerado o grande *best-seller* do século XVIII. A maneira pela qual Jean-Jacques retratou os sentimentos da protagonista desse romance, *Julie*, conquistou o público, especialmente o feminino. Nesse romance, Rousseau alcançou a alma de seu leitor. Nos *Devaneios* isso também será evidenciado. De acordo com Nascimento (2012, p.28), na *Nova Heloísa* “[...] veremos a força de um estilo sem precedentes e de um autor que soube aos poucos eletrizar o seu leitor, tocar o seu coração e às vezes até provocar reações como se fossem verdadeiras conversões religiosas”. É pertinente ressaltar que em um dos prefácios o autor do *Emílio* pressupôs não ter sido ele o escritor de *Julie*. Rousseau afirmara ter sido apenas o editor das cartas dos dois enamorados e de seus amigos, insinuando as ter encontrado em qualquer lugar. A força dessa afirmativa levou o público leitor a questionar a veracidade das personagens e do romance, no entanto, infere-se que a censura da época condenava os escritos de Rousseau. Logo, essa declaração nada mais é que uma tática para driblar os “donos do poder”.

O cuidado de Rousseau com seus escritos não o poupou das acusações sofridas com a publicação do *Emílio* (1762). Embora tenha produzido um ótimo tratado sobre a educação, não possuía proficiência alguma para educar ninguém. Escrevia os melhores princípios para educar a todos, mas, em realidade, não educava pessoa alguma: o filósofo não conseguiu manter consigo nem seus próprios filhos, já que como contou na nona caminhada das

Rêveries, colocou-os nos *Enfants-Trouvés*. A sociedade genebrina não mediu palavras quanto à iniciativa de Rousseau, designando-o “pai desnaturado”.

*J'avais mis mes enfants aux Enfants-Trouvés, c'en était assez pour m'avoir travesti en père dénaturé, et de là, en étendant et caressant cette idée, on en avait peu à peu tiré la conséquence évidente que je haïssais les enfants; en suivant par la pensée la chaîne de ces gradations j'admirais avec quel art l'industrie humaine sait changer les choses du blanc au noir.*⁷ (ROUSSEAU, 1972, p.153).

Considerado um dos pioneiros da psicologia do desenvolvimento, com a publicação de *Émile ou de l'éducation*, Rousseau foi condenado, sendo obrigado a fugir de *Montmorency*. Radicalizando suas teorias sobre a educação, refutava a ideia de que toda criança teria uma razão concluída e que era preciso somente exercitá-la com os diferentes conhecimentos. Para o filósofo, a criança até os dois anos de idade, ainda não havia despertado completamente a razão. Sendo assim, só depois dessa fase é que ela começa a desenvolver a razão perceptiva, isto é, a razão que se desdobra a partir do crescimento físico da criança, impulsionando-lhe os cinco sentidos.

Segundo Cristiane Gottschalk (2012, p.30), para Rousseau:

[...] dos dois aos doze anos o aprendizado deveria se dar através da experiência direta com as coisas, sem intermediação do ensino formal. [...] O sentido estaria nas próprias coisas observadas, e não nas palavras ou expressões que as representam.

Com esses pensamentos, Rousseau diverge de outros pensadores da educação e aponta um novo método de refletir sobre esse tema. A criança tem de aprender por si só a utilidade das palavras e dos objetos. Para Gottschalk, Rousseau assegurava em sua concepção sobre o conhecimento que a razão não deve ser a máquina de construção das ideias, mas o seu produto, ou seja, a partir dos sentidos e dos sentimentos desenvolve-se a razão, pois esses a antecedem, uma vez que estão no alicerce da natureza humana.

Mas sua reflexão pedagógica vai muito além de questões didáticas e metodológicas ou mesmo epistemológicas, pois também tem finalidades políticas. A grande preocupação de Rousseau em seus escritos filosófico-

⁷ “Pusera meus filhos na roda de expostos, isso era suficiente para me terem transformado em pai desnaturado e, daí, ampliando e afügando essa ideia, pouco a pouco, extraiu-se a consequência evidente de que eu odiava as crianças; seguindo com o pensamento a sequência dessas progressões, admirava com que habilidade a astúcia humana sabe transformar as coisas de branco em preto”. (ROUSSEAU, 1986, p.118).

educacionais é a de formar um homem livre de preconceitos transmitidos pela instrução formal e é nesse sentido que propõe uma educação negativa: nada deve ser ensinado através de palavras até a idade de doze anos, protegendo-se, assim, “o coração contra o vício e o espírito contra o erro”. (GOTTSCHALK, 2012, p.31).

Como esclarece Cristiane Gottschalk, nas teorizações rousseauianas tocantes à educação, a criança deveria permanecer até os doze anos, “protegida”, ou melhor, livre das palavras de outrem. Ao atingir essa idade, ela poderia ter acesso às lições verbais, dado que já estaria pronta a questionar e julgar tudo aquilo que lhe fosse deduzido. O filósofo iluminista persiste na necessidade de manter as crianças afastadas de todo e qualquer discurso pertinente ao “mundo dos adultos”. É preciso limitá-las, nesta primeira fase da infância, às suas necessidades naturais e às suas relações com os objetos. A proximidade com as instruções verbais, para Rousseau, corromperia as crianças.

Tais afirmativas para a época em questão soaram como um forte ataque à oligarquia dominante. Não é foi toa que Rousseau sofreu grandes consequências com suas ideias revolucionárias. Posteriormente à condenação do *Emílio*, por heterodoxia religiosa, pois nessa obra o autor discutiu questões pertinentes à religião, cujo centro é a *Profession de foi du Vicaire savoyard*, o genebrino elaborou, em pouco menos de seis meses, sob a forma de carta, uma defesa excepcional de seu livro, criticando a atitude do parlamento parisiense. Diz Rousseau:

*Vous attribuez au péché originel les vices des peuples que vous avouez avoir été délivrés du péché originel; puis vous me blâmez d’avoir donné une autre origine à ces vices. Est-il juste de me faire un crime de n’avoir pas aussi mal raisonné que vous?*⁸ (ROUSSEAU, 1959 apud CROGIEZ, 1997, p.15).

Refugiando-se em *Môtiers*, o escritor ocupou-se da escrita da defesa de suas obras por meio da *Lettre à Christophe de Beaumont* e das *Lettres de la Montagne*, denunciando a injustiça que lhe fora promovida pelo Parlamento de Paris. Apesar de todas as apreciações, Jean-Jacques criou as novas vertentes da escola nova, antecipando conceitos aprofundados *a posteriori*. Suas reflexões foram além da filosofia da educação. Rousseau ultrapassou as

⁸ “Vocês conferem ao pecado original os vícios dos povos que vocês admitem ter sido livrados do pecado original; em seguida vocês me censuram de ter dado outra origem a esses vícios. É justo me condenar pelo crime de não ter sido tão mal ponderado quanto vocês?” [Tradução nossa].

fronteiras do conhecimento, disponibilizando sua herança a quase todas as áreas das ciências humanas.

Ainda tentando escapar da prisão, Rousseau recebera o convite do príncipe Conti a fim de permanecer sob sua tutela, expatriando-se para a Inglaterra onde iniciou os seus primeiros escritos autobiográficos. Em 1766, começou a redigir suas próprias *Confissões*: “*Voici le seul portrait d’homme, peint exactement d’après nature et dans toute sa vérité, qui existe et qui probablement n’existera jamais*”.⁹ (ROUSSEAU, 1973, 32). Além disso, Jean-Jacques também se dedicou à compilação do *Dictionnaire de musique*, publicado em 1760. O seu retorno à França data de 1767, e, daí por diante, o autor trabalhou na execução de outras duas produções autobiográficas: *Les dialogues ou Rousseau juge de Jean-Jacques* e *Les rêveries du promeneur solitaire*. A interdição pela polícia das leituras orais das *Confissões* o inflamou e o induziu a escrever *Rousseau juge de Jean-Jacques*. O texto dos *Dialogues* “[...] se forme alors en lui et s’exprime parfois par crises de folie, la conviction qu’un sort aussi triste que le sien est le fruit d’un ‘complot’, d’un ‘accord unanime’”.¹⁰ (CROGIEZ, 1997, p.15).

Aos olhos de Rousseau suas obras não apresentavam nenhum caráter perverso. Eram apenas trabalhos que incitavam os leitores a reformular seus pensamentos no que tangia às antigas concepções da filosofia clássica. O cidadão de Genebra inovou, ousou e trouxe para o século XVIII teorias que são utilizadas até os dias de hoje. No entanto, sofreu muito para conseguir prestígio entre os “grandes”. Foi em 24 de fevereiro de 1776 que Rousseau decidiu confiar a Deus o manuscrito dos *Diálogos*. Não sendo feliz em sua empreitada de colocá-lo sobre altar da Catedral de *Notre-Dame*, uma vez que as grades que o cercavam estavam fechadas, com o espírito perturbado e crendo que a Providência não iria ajudá-lo, recopiou o manifesto “*A tout Français aimant encore la justice et la vérité*”¹¹ e o distribuiu aos pedestres. Como certifica Michèle Crogiez (1997), o manifesto representava exatamente aquilo que Rousseau sentia: sua alma estava inquieta e o coração desesperado.

Nota-se, assim, que Rousseau pretendia “abrir os olhos” do povo francês não os deixando sucumbir frente às leis impostas pelos mais fortes.

⁹ “Aqui está o único retrato de homem, pintado exatamente segundo o natural e em toda a sua verdade, que existe e que provavelmente jamais existirá”. [Tradução nossa].

¹⁰ “[...] se forma nele então e se expressa algumas vezes por ataques de loucura, a convicção de que um destino tão triste quanto o seu é fruto de um ‘complô’, de um acordo unânime”. [Tradução nossa].

¹¹ “A todo francês ainda amante da verdade e da justiça”. [Tradução nossa].

*En 1776, Rousseau est un vieil homme souffreteux, presque pauvre, entouré de rares mais fidèles amis, fermant sa porte par principe aux curieux, célèbre dans toute l'Europe par ses grandes oeuvres et se consacrant aux plaisirs de la musique et de la botanique.*¹² (CROGIEZ, 1997, p.16).

Reservando-se aos prazeres da música e da botânica, o cidadão de Genebra interrompe suas atividades literárias. É interessante dizer que Rousseau, nesta data, guardava em sua casa dois livros: uma edição inglesa de *Robin-Crusoë* e uma edição italiana de *Jérusalem* de Tasso. Foi o trabalho de escrita e de compilação de músicas que o fez perceber o enfraquecimento de suas ideias, de sua memória e de todas as suas faculdades. Por isso, optou por se distanciar da sociedade, leia-se, do seu círculo social. É esquecido pelos homens, porém encontrava-se mais calmo e feliz que outrora. “*Tenons-nous-en donc à celui qui seul suffit pour me rendre heureux en dépit de la fortune et des hommes*”.¹³ (ROUSSEAU, 1982, p.66).

A iniciativa de render-se à felicidade concluiu toda a psicologia de sua velhice. Destinando-se ao estudo de si, ou seja, da sua própria psique, Rousseau percebeu que a felicidade estava dentro de si. Então, para que buscar a felicidade nos outros se ela tem sua morada dentro de nós mesmos? Daquele instante em diante, cada dia seria para o filósofo como uma página em branco, nova, a ser desenhada pela expressão do seu eu, do seu caráter. Desinteressado dos homens e convicto de sua instabilidade, pois a idade o consumia, debruçava-se sobre o texto que descrevia sua personalidade tal como ela era. *Les rêveries du promeneur solitaire* (1782) foi o documento comprovador de sua resignação e da sua reintegração espiritual: um homem perfeito, em união consigo mesmo. Tinha a natureza por seu guia, sua fonte de esperança, paz, sabedoria e ordem.

1.2 “[...] *La rêverie me délasse et m’amuse* [...]”: Lendo a prosa poética das *Rêveries*.

¹² “Em 1776, Rousseau é um velho homem fraco, quase pobre, cercado de raros mas fiéis amigos, fechando sua porta por princípio aos curiosos, famoso em toda Europa por suas grandes obras e consagrando-se aos prazeres da música e da botânica”. [Tradução nossa].

¹³ “Atenhamo-nos pois ao único que pode me tornar feliz a despeito do destino e dos homens”. (ROUSSEAU, 1986, p.47).

“*Me voici donc seul sur la terre, n’ayant plus de frère, de prochain, d’ami, de société que moi-même*”.¹⁴ (ROUSSEAU, 1972, p. 35). É difícil pensar no texto das *Rêveries* sem sentir, em suas primeiras linhas, as mudanças transcorridas na vida e na obra do filósofo de Genebra. A conjunção *donc*, que abre o texto de Rousseau, é traduzida em português por “portanto” e exprime a nova orientação que o iluminista conferiu à sua existência. Não foi à toa que iniciou seu último livro autobiográfico, acentuando sua posição de homem solitário. A negação “*ne...plus*” confirma a passagem de uma vida à outra. Rousseau não tinha a mais ninguém. Até o título de “cidadão de Genebra” não lhe interessava mais. O doloroso esforço de renunciar à sociedade em favor da própria felicidade alterou toda a sua trajetória. Além de rejeitar os homens, tratou também de expulsá-los da recepção literária de seus livros.

A fraqueza do filósofo denuncia a maleabilidade de seu espírito, e levando em consideração sua idade e todas as terríveis provações pelas quais passara com a publicação de suas obras, pois a oligarquia portadora do poder tachava de subversivo o conteúdo das mesmas, além do fracasso dos *Diálogos*, o genebrino se entregou à própria sorte. A renúncia tida como ponto de partida das *Rêveries* era uma escolha premeditada: “*Ne pouvant plus faire aucun bien qui ne tourne à mal, ne pouvant plus agir sans nuire à autrui ou à moi-même, m’abstenir est devenu mon unique devoir, et je le remplis autant qu’il est en moi*”.¹⁵ (ROUSSEAU, 1972, p.42).

Essa fórmula serviu-lhe de impulso para começar a fixar, por escrito, os devaneios ao longo das caminhadas, solitário. Só lhe restava escrever, e como ele nos confirmara, escrever para ele mesmo. “[...] *Je n’écris mes rêveries que pour moi*”.¹⁶ (ROUSSEAU, 1972, p.42). Adentramos aqui o universo autobiográfico do caminhante solitário. Jean-Jacques Rousseau, em sua empresa de escrever para si, compõe sua terceira produção autobiográfica, *Les rêveries du promeneur solitaire*, após a escritura de dois trabalhos de mesmo caráter: *Les Confessions* e *Les dialogues, ou Rousseau juge de Jean-Jacques*. A obra, publicada postumamente em 1782, cede ao desejo rousseauiano de conhecer a si próprio e de desfrutar do sentimento da própria existência. Apresentada pelo próprio autor como o apêndice de suas

¹⁴ “Eis-me, portanto, sozinho na terra, tendo apenas a mim mesmo como irmão, próximo, amigo, companhia”. (ROUSSEAU, 1986, p.23).

¹⁵ “Não podendo mais fazer nenhum bem que não se torne um mal, não podendo mais agir sem prejudicar os outros ou a mim mesmo, abster-me tornou-se meu único dever e o cumpro na medida de minhas possibilidades”. (ROUSSEAU, 1986, p.27).

¹⁶ “[...] eu não escrevo meus devaneios senão para mim”. (ROUSSEAU, 1986, p.27).

Confissões “[...] ces feuilles peuvent donc être regardées comme un appendice de mes *Confessions*”¹⁷ (ROUSSEAU, 1972, p.41), as *Rêveries* arquitetam o exame de consciência “sincero” e “severo” sensibilizado pelo narrador no decorrer do processo de escritura. O filósofo de Genebra esclareceu que nada mais tinha a confessar, já que todas as suas afeições terrenas lhe haviam sido arrancadas. Por isso, não nomeia os devaneios de confissões. Com o coração purificado, extinguiu as relações com seus contemporâneos, absteve-se da sociedade e ofertou sua vida à solidão.

De relevância universal, sobretudo para a literatura francesa, *Les rêveries du promeneur solitaire* (1782), rompe com os modelos, até então vigentes das obras literárias, considerados na era clássica como os pilares das letras, e projeta o novo protótipo de texto, difundido *a posteriori* pelo movimento romântico, que procurou trazer à tona o trabalho da imaginação como um método relacionado à criação literária e também como uma nova maneira de compreensão do próprio ser, de sorte que Jean-Jacques utilizou-se da imaginação a fim de completar as imprecisões de sua memória, conquistando através dela, o entendimento de si. A crítica rousseuniana aponta o filósofo de Genebra como pioneiro das ideias que tomam o ser como produto da racionalidade e da irracionalidade. Superando o discurso filosófico do século XVIII, Jean-Jacques Rousseau destaca-se pela poeticidade e pela intensidade de expressão de seus sentimentos. Conjugando poesia e filosofia, as *Rêveries* transmitem as disposições mais íntimas do genebrino em seu contato com a natureza.

Diferentemente das outras obras de Rousseau, em que o título já continha o tema que viria a ser discutido, no das *Rêveries* esse tema não está tão evidente assim. Dividindo-se em dez caminhadas que não estabelecem entre si uma ordem cronológica, as *Rêveries* unem-se pela necessidade primeira de seu autor no término de sua vida: o eu à procura de si e da felicidade. Desse modo, os devaneios podem ser lidos separadamente, sem oferecer qualquer problema à compreensão do texto, pois todas as caminhadas posicionam o eu frente a uma situação específica, descrevendo seus sentimentos, seus questionamentos e suas angústias. Segue-se uma síntese de *Les rêveries du promeneur solitaire*, obra que funcionará como matéria bruta dessa dissertação. Afinal, resumir é também analisar.

¹⁷ “[...] essas folhas podem ser consideradas como um apêndice das minhas *Confissões* [...]”. (ROUSSEAU, 1986, p. 26-27).

Première Promenade: Conhecer-se e fruir-se

*Me voici donc seul sur la terre, n'ayant plus de frère, de prochain, d'ami, de société que moi-même. Le plus sociable et le plus aimant des humains en a été proscrit par un accord unanime. Ils ont cherché dans les raffinements de leur haine quel tourment pouvait être le plus cruel à mon âme sensible, et ils ont brisé violemment tous les liens qui m'attachaient à eux. J'aurais aimé les hommes en dépit d'eux-mêmes. Ils n'ont pu qu'en cessant de l'être se dérober à mon affection. Les voilà donc étrangers, inconnus, nuls enfin pour moi puisqu'ils l'ont voulu. Mais moi, détaché d'eux et de tout, que suis-je moi-même? Voilà ce qui me reste à chercher. Malheureusement, cette recherche doit être précédée d'un coup d'oeil sur ma position. C'est une idée par laquelle il faut nécessairement que je passe pour arriver d'eux à moi.*¹⁸ (ROUSSEAU, 1972, p.35).

Rousseau já na abertura da primeira caminhada nos informa a “estranha situação” em que se encontrava. Como foi acentuado por Jean Starobinski (1971), o filósofo tomou a si como destinatário de sua composição e também como tema de seu discurso. Nessas condições, resignou-se, não pretendendo escrever as *Rêveries* a público algum, senão a ele mesmo. Desfeitos todos os laços que o conectavam aos outros homens, Jean-Jacques acreditava que eles não poderiam mais lhe impingir mal nenhum, dedicando-se à última meditação sobre si na tentativa de concluir sua obra e sua vida. Os homens não tinham mais os poderes de antes e não mais administravam seu futuro. É o próprio Rousseau quem vai escolher a maneira pela qual irá dispor seus últimos dias.

A retrospectiva de sua vida é, nesta primeira caminhada, importantíssima, no que diz respeito à percepção do acordo unânime, leia-se do complô, tão enfatizado pelo genebrino nessa obra. Sim, Jean-Jacques confiava plenamente que o seu círculo social pretendia destruí-lo. Ele mesmo dizia que essa “estranha situação” perdurara há quinze anos. As perseguições sofridas em 1762, com a publicação de *Émile ou de l'éducation*, intensificavam suas suspeitas. O complô é efeito de um delírio real em Rousseau, porém o caráter hiperbólico de seus escritos potencializava essa ideia paranoica:

¹⁸ “Eis-me, portanto, sozinho na terra, tendo apenas a mim mesmo como irmão, próximo, amigo, companhia. O mais sociável e o mais afetuoso dos humanos dela foi proscrito por um acordo unânime. Procuram nos refinamentos de seu ódio que tormento poderia ser mais cruel para a minha alma sensível e quebraram violentamente todos os elos que me ligavam a eles. Teria amado os homens a despeito deles próprios. Cessando de sê-lo, não puderam senão furtar-se ao meu afeto. Ei-los, portanto, estranhos, desconhecidos, inexistentes enfim para mim, visto que o quiseram. Mas eu, afastado deles e de tudo, que sou eu mesmo? Eis o que me falta procurar. Infelizmente, essa procura deve ser precedida por um exame da minha situação. É uma ideia por que devo necessariamente passar para chegar deles a mim”. (ROUSSEAU, 1986, p. 23).

*Pouvais-je dans mon sens supposer qu'un jour, moi le même homme que j'étais, le même que je suis encore, je passerais, je serais tenu sans le moindre doute pour un monstre, un empoisonneur, un assassin, que je deviendrais l'horreur de la race humaine, le jouet de la canaille, que toute la salutation que me feraient les passants serait de cracher sur moi, qu'une génération tout entière s'amuserait d'un accord unanime à m'enterrer tout vivant?*¹⁹ (ROUSSEAU, 1972, p.36).

Como se observa no trecho acima, Rousseau desenvolveu muito bem essa ideia do complô. O ritmo ternário “*un monstre, un empoisonneur, un assassin*” reforça a certeza de que o complô é universal. A utilização de substantivos fortes e expressivos, que o enquadrava na pior posição em que se pode encontrar um mortal, reitera os sentimentos de solidão. O acúmulo de características negativas acusa a miséria, o abandono a que Rousseau fora submetido. A retórica hiperbólica rousseauiana, persuade-nos a crer que era mesmo vítima de um complô comum, universal. Seus perseguidores não tinham mais como feri-lo, porque já tinham esgotado todos os recursos para dominá-lo.

Tudo estava feito. As dores físicas e psicológicas não lhe causavam mais pesar, pois seu destino estava traçado. A prontidão de suas afirmações confirma a certeza de ser rejeitado pela posterioridade bem como pelos seus contemporâneos. A negação de si simboliza o inferno psicológico em que se descobria Rousseau. Nesse estado, os males reais perdiam suas forças, visto que o genebrino já conhecera o real significado da expressão “estar no fundo do poço”. “*La diffamation, la dépression, la dérision, l'opprobe, dont ils m'ont couvert ne sont plus susceptibles d'augmentation que d'adoucissement; nous sommes également hors d'état, eux de les aggraver et moi de m'y soustraire*”.²⁰ (ROUSSEAU, 1972, p.37).

Essas agitações o afundaram num delírio que demorou cerca de dez anos para se acalmar. Contudo, no decorrer desses anos Rousseau conseguiu mudar o curso de seu destino. Os erros cometidos serviram-lhe de aprendizado, tornando-o mais resistente aos trabalhos de seus perseguidores. Destituído de todas as crenças, passou a viver um dia por vez,

¹⁹ “Podia, com meu bom senso, supor que um dia eu, o mesmo homem que era, o mesmo que ainda sou, seria tido, seria considerado, sem a menor dúvida, como um monstro, um envenenador, um assassino, que me tornaria o horror da raça humana, o brinquedo da gentalha, que toda saudação que fariam os passantes seria escarrar sobre mim, que toda uma geração, de comum acordo, se divertiria, enterrando-me ainda vivo”? (ROUSSEAU, 1986, p.23).

²⁰ “A difamação, a humilhação, o escárnio, o opróbrio com que me cobriram não podem mais aumentar nem abrandar; estamos igualmente impossibilitados, eles de os agravar, eu de esquivar-me?”. (ROUSSEAU, 1986, p.24).

impossibilitando os “diretores de seu destino” de graduar as suas infelicidades. Em realidade, Jean-Jacques atribui às causas exteriores dificuldades que provem em parte dele mesmo.

*Dans cet état, affranchi de toute nouvelle crainte et délivré de l'inquiétude de l'espérance, la seule habitude suffira pour me rendre de jour en jour plus supportable une situation que rien ne peut empirer, et à mesure que le sentiment s'en émousse par la durée ils n'ont plus de moyens pour la ranimer. Voilà le bien que m'ont fait mes persécuteurs en épuisant sans mesure tous les traits de leur animosité. Ils se sont ôté sur moi tout empire, et je puis désormais me moquer d'eux.*²¹ (ROUSSEAU, 1972, p.38).

As palavras de Rousseau são significativas e retratavam seu estado atual. Ademais, são modeladoras das mudanças efetivadas a fim de alcançar o consolo, a esperança e a paz. Pressupondo que já teria vivenciado o pior, o autor das *Rêveries* deixa de se preocupar com seus perseguidores, com as possíveis armadilhas por eles construídas e procura consolo na solidão: “[...] je suis cent fois plus heureux dans ma solitude que je ne pourrais l'être en vivant avec eux”.²² (ROUSSEAU, 1972, p.39). Não tendo mais a ninguém, ligava-se à natureza, fazendo-a sua protetora. A quinta e a sétima caminhadas são explicativas nesse sentido, uma vez que descrevem suas atividades de herborização e o seu contato com a “Grande-Mãe”. “Je ne vois qu'animosité sur les visages des hommes, et la nature me rit toujours”.²³ (ROUSSEAU, 1972, p.163). A paisagem natural, por meio do uso de metáforas, forja a imagem de sua existência.

Mesmo que seus perseguidores tivessem conduzido por quinze anos suas atitudes e até mesmo sua personalidade, Rousseau optara pela resignação a fim de superar, ou melhor, salvar os poucos dias que ainda lhe restavam. Era preciso aceitar seu destino, dado que só assim conseguiria abrandar o desespero e sentir a paz de espírito de que tanto precisava. Dizia o filósofo:

Sentant enfin tous mes efforts inutiles et me tourmentant à pure perte, j'ai pris le seul parti qui me restait à prendre, celui de me soumettre à ma

²¹ “Nesse estado, livre de todo novo medo e isento da inquietude da esperança, só o hábito poderá tornar-me a cada dia mais suportável minha situação que nada pode agravar e, à medida que o sentimento enfraquece pela duração, não possuem mais os meios de o reanimar. Eis o bem que me fizeram meus perseguidores, esgotando sem preocupação todas as armas de sua animosidade. Retiraram a si mesmos qualquer poder sobre mim e posso, de agora em diante, ignorá-los”. (ROUSSEAU, 1986, p.24).

²² “[...] sou cem vezes mais feliz em minha solidão do que poderia ser vivendo com eles”. (ROUSSEAU, 1986, p.25).

²³ “Somente vejo animosidade nos rostos dos homens e a natureza me é sempre risonha”. (ROUSSEAU, 1986, p.125).

*destinée sans plus regimber contre la nécessité. J'ai trouvé dans cette résignation le dédommagement de tous mes maux par la tranquillité qu'elle me procure et qui ne pouvait s'allier avec le travail continuel d'une résistance aussi pénible qu'infructueuse.*²⁴ (ROUSSEAU, 1972, p.36-37).

Com essa aceitação, Jean-Jacques conseguiu restabelecer a paz dentro de seu coração. Antecipando, possivelmente, nessa primeira caminhada, o acidente em *Ménilmontant*, que descreveu em seus pormenores na segunda caminhada, o autor dos *Devaneios* confirmara a impossibilidade de desligar-se daquilo que lhe fora predestinado. Não possuindo mais nenhum fio de esperança nos homens, resignou-se e encontrou a paz. Ninguém mais poderia lhe fazer bem ou mal, pois nada mais o atingia. Fechado em si, Rousseau contava com o futuro e esperava que as gerações do porvir examinassem melhor os fatos e os julgassem com mais responsabilidade. Foi essa mesma esperança que o fizera escrever os seus *Diálogos* e que nesse instante se revelou um fracasso. Na época de escritura dos *Diálogos*, o iluminista pressupôs que a posterioridade faria uma leitura correta de seus escritos, mas enganou-se. Por isso, preferiu escrever seus *Devaneios* somente para si.

Escrever para si trata-se, inevitavelmente, de um mecanismo de autoconhecimento. De um lado, deparamo-nos com a busca do conhecimento de si: tem-se um eu que intenta, frente às inúmeras adversidades encontrar o seu “eu natural”, o seu eu verdadeiro, livre de todas as paixões e do Outro. De outro lado, sabe-se que essa busca do conhecimento de si não pode ser executada com ordem e método, desencadeando, desse modo, certa liberdade poética, à medida que há introdução da poesia em um texto de caráter filosófico. Além disso, denota-se a liberdade de Rousseau ao reproduzir as verdades apreendidas sobre o mundo: “*je dirai ce que j'ai pensé tout comme il m'est venu et avec aussi peu de liaison que les idées de la veille en ont d'ordinaire avec celles du lendemain*”.²⁵ (ROUSSEAU, 1972, p.41).

Conforme assinalava o genebrino, as coisas seriam ditas da forma como lhe vinham à cabeça sem conexões pré-estabelecidas e sem ornamentações estilísticas. Rousseau distanciou-se de tudo e de todos e nada além da sua própria vida lhe importava. Reservando à alma o direito de se expressar: “*livrons-nous tout entier à la douceur de converser avec mon*

²⁴ “Sentindo enfim inúteis todos os meus esforços e atormentando-me inutilmente, tomei a única decisão que me restava, a de me submeter à minha sorte, sem mais resistir contra o destino. Encontrei nessa resignação a compensação a todos os meus males, pela tranquilidade que ela me traz e que não podia aliar-se ao trabalho contínuo de uma resistência tão penosa quanto infrutífera”. (ROUSSEAU, 1986, p.24).

²⁵ “Contarei meus pensamentos exatamente como surgiram e com tão pouca ligação quanto as ideias da véspera têm, geralmente, como as do dia seguinte. (ROUSSEAU, 1986, p.26).

âme puisqu'elle est la seule que les hommes ne puissent m'ôter"²⁶ (ROUSSEAU, 1972, p.41), e sem se ocupar com as determinações da retórica clássica, o texto das *Rêveries* fora construído como a linguagem do nosso sistema inconsciente, com poucos liames. Aí está o polo de interesse desta investigação: demonstrar como se confecciona o processo de escritura da memória e fundamentar a sua pertinência na formação psicológica de Jean-Jacques.

A iniciativa de tomar a si próprio como tema de seu discurso é o reflexo da solidão experimentada pelo autor. Livre de todos os objetos que o afligiam e também de todos aqueles que, segundo ele, só queriam seu mal, resolveu esquecer todos os infortúnios a que fora sujeito, desligando-se de seus perseguidores. A decisão de dar continuidade à investida iniciada em suas *Confissões*: "*c'est dans cet état que je reprends la suite de l'examen sévère et sincère que j'appelai jadis mes Confessions*"²⁷ (ROUSSEAU, 1972, p.41), representa a urgência da experiência mais solitária da existência. Segundo Rousseau, a humanidade não poderia retroceder para resolver os antigos problemas, aqueles relativos à formação da civilização, da mesma forma que o velho não poderia voltar a ser jovem. Em vista disso, a escrita e a memória são indispensáveis nessa prática de volta ao tempo passado, já que o próprio Jean-Jacques jamais poderia viver a juventude novamente.

"Ces feuilles ne seront proprement qu'un informe journal des mes rêveries. Il y sera beaucoup question de moi, parce qu'un solitaire qui réfléchit s'occupe nécessairement beaucoup de lui-même".²⁸ (ROUSSEAU, 1972, p.41). O autor de *Émile* tem plena consciência de que a ocupação de um solitário é refletir sobre ele mesmo. As *Rêveries* decorrem dessa necessidade de ocupação e do receio de perder as lembranças dos momentos mais intensos de sua vida. As inquietações já pertencem ao passado. É com o futuro que o filósofo vai se envolver em seus dias finais. Se seus perseguidores se aventurarem em roubar suas páginas escritas ou as falsificarem, eles não poderão roubar-lhe o prazer de as ter escrito e nem a lembrança de seu conteúdo.

Ao longo da releitura dessa primeira caminhada fica evidente a insistência de Rousseau em comprovar a singularidade de sua condição: o caminhante solitário excluiu-se

²⁶ "Entreguemo-nos inteiramente à doçura de conversar com a minha alma, já que é a única coisa que os homens não me podem tirar". (ROUSSEAU, 1986, p.26).

²⁷ "É nesse estado que retomo a continuação do exame severo e sincero que outrora chamei minhas *Confissões*". (ROUSSEAU, 1986, p.26).

²⁸ "Essas folhas não serão de fato senão um informe jornal de meus devaneios. Nelas, tratar-se-á muito de mim, porque um solitário que reflete se ocupa necessariamente muito consigo mesmo". (ROUSSEAU, 1986, p.26).

da sociedade de homens maus, extinguindo o desejo de transmitir às outras gerações seus escritos. O plano do autor era outro: voltar ao passado e superar as angústias que o atormentaram no decurso desses quinze anos, e sepultá-las nos palácios do esquecimento. Só assim a felicidade seria, efetivamente, alcançada.

*Si dès mes premières calamités j'avais su ne point regimber contre ma destinée et prendre le parti que je prends aujourd'hui, tous les efforts des hommes, toutes leurs épouvantables machines eussent été sur moi sans effet, et ils n'auraient pas plus troublé mon repos par toutes leurs trames qu'ils ne peuvent le troubler désormais par tous leurs succès; qu'ils jouissent à leur gré de mon opprobre, ils ne m'empêcheront pas de jouir de mon innocence et d'achever mes jours en paix malgré eux.*²⁹ (ROUSSEAU, 1972, p.43).

Quando Rousseau aceita sua condição, sente-se livre para gozar de sua existência, apesar das tramas arquitetadas pelos homens. Sozinho no mundo físico e espiritual, a paz e a tranquilidade lhe forneciam subsídios para saborear os encantos da natureza. Sua felicidade estava completa: sozinho, em harmonia com todas as emoções, livre das paixões que corrompiam os homens, o filósofo bastava-se a si mesmo. De acordo com Robert Osmont: “*il [Rousseau] veut goûter dans cette vie les prémices du bonheur qui l'attend dans l'autre*”.³⁰ (OSMONT, 1997, p.160). O prazer de Jean-Jacques estava na possibilidade de sozinho, liberto da hipocrisia humana, ler a si mesmo e degustar dos primeiros assaltos da felicidade.

Deuxième Promenade. O acidente de Mênilmontant: êxtase e revelação

Mas o que pode existir de tão especial num acidente em que Rousseau desfigurou-se fisicamente? Foi na segunda caminhada das *Rêveries* que o filósofo iluminista sentiu, pela primeira vez, o êxtase de sua existência. Tendo fixado o projeto de descrever seu estado habitual, deixando as ideias seguirem seu curso, sem resistência, o autor do *Contrato Social* esclareceu que as horas de meditação eram as únicas em que ele podia ser, verdadeiramente,

²⁹ “Se, desde minhas primeiras desgraças, tivesse sabido não resistir contra meu destino e tomar a resolução que tomo hoje, todos os esforços dos homens, todas as suas assustadoras intrigas não teriam tido efeito sobre mim e não me teriam perturbado meu repouso com todas suas tramas, assim como não o podem perturbar de agora em diante com todos seus sucessos; que gozem à vontade de meu opróbrio, não me impedirão de gozar de minha inocência e de acabar meus dias em paz, a despeito deles”. (ROUSSEAU, 1986, p.28).

³⁰ “Ele [Rousseau] quer apreciar nesta vida as primícias da felicidade que o espera”. [Tradução nossa].

aquilo que a natureza pretendia. Um recurso bastante proveitoso que só se tornou consciente quando desatado da sociedade de “*hommes méchants*”.

A imaginação menos ativa não mais se estimulava como nos tempos de outrora e os delírios dos devaneios, aos poucos, iam perdendo a eficiência de entorpecê-lo. A reminiscência se sobrepunha à criação, a velhice abatia se não a mais, pelo menos uma de suas faculdades significativas. A alma arremessada para fora do corpo perdera suas esperanças de auferir o estado que cobiçava. O cidadão de Genebra existiria, de agora em diante, por intermédio das lembranças.

*Ainsi pour me contempler moi-même avant mon déclin, il faut que je remonte au moins de quelques années au temps où, pendant tout espoir ici-bas et ne trouvant plus d'aliment pour mon cœur sur la terre, je m'accoutumais peu à peu à le nourrir de sa propre substance et à chercher toute sa pâture au-dedans de moi.*³¹ (ROUSSEAU, 1972, p.45).

A receita para ascender a este estado de equilíbrio foi relembrada muito tarde, certifica Rousseau. No entanto, fora tão produtiva que em breve compensou todo tempo perdido. Nutria-se de si. Era esse o segredo de sua felicidade. Nada que lhe era exterior era capaz de incomodá-lo ou enriquecê-lo de prazer. Desfrutava, havia quatro ou cinco anos, dessas delícias interiores que o beneficiavam com contemplações. Esses encontros consigo mesmo foram perfeitamente explorados nas caminhadas que sobrevieram após o projeto de escrever a sequência de suas *Confissões*. Se não fosse um acidente imprevisto que interrompera o fluxo de suas ideias, dando-lhes, por um tempo, outro curso. Descrevia Rousseau:

Le jeudi 24 octobre 1776, je suivis après le dîner les boulevards jusqu'à la rue du Chemin-Vert par laquelle je gagnai les hauteurs de Ménilmontant, et de là prenant les sentiers à travers les vignes et les prairies, je traversai jusqu'à Charonne le riant paysage qui sépare ces deux villages, puis je fis un détour pour revenir par les mêmes prairies en prenant un autre chemin. [...]. J'étais sur les six heures à la descente de Ménilmontant presque vis-à-vis du Galant Jardinier, quand, des personnes qui marchaient devant moi s'étant tout à coup brusquement écartées, je vis fondre sur moi un gros chien danois qui, s'élançant à toutes jambes devant un carrosse, n'eut pas même le temps de retenir sa course ou de se détourner quand il m'aperçut. Je jugeai que le seul moyen que j'avais d'éviter d'être par terre était de faire un grand saut si juste que le chien passât sous moi tandis que je serais en

³¹ “Assim, para me contemplar a mim mesmo, antes de meu declínio, é preciso remontar pelo menos alguns anos, ao tempo em que, tendo perdido toda a esperança sobre a terra e não encontrando nela mais alimento para meu coração, acostumava-me pouco a pouco a nutri-lo de sua própria substância e a procurar todo o seu alimento dentro de mim”. (ROUSSEAU, 1986, p.31).

*l'air. Cette idée plus prompte que l'éclair et que je n'eus le temps ni de raisonner ni d'exécuter fut la dernière avant mon accident. Je ne sentis ni le coup ni la chute, ni rien de ce qui s'ensuivit jusqu'au moment où je suis revins à moi.*³² (ROUSSEAU, 1972, p.45-46; 47-48).

A retórica rousseauniana é suficientemente eloquente na descrição dos acontecimentos antes e durante o seu acidente. A riqueza descritiva desacelera a narração. O narrador encarregou-se de descrever até as espécies de plantas daquele cantão. Após essas observações, Jean-Jacques destinou-se a escrever suas impressões sobre o conjunto daquele lugar. A vindima findara-se havia alguns dias e os moradores da cidade haviam se retirado. Os campos encontravam-se vazios, já que os camponeses os deixavam até os trabalhos de inverno. O campo ainda verde, porém desflorado, disponibilizava a imagem triste do inverno que se aproximava. A natureza metaforiza as próprias sensações de Rousseau. O inverno frio e solitário simboliza, exatamente, suas disposições naquele momento. As imagens de instabilidade na transferência de uma estação à outra, no caso do outono ao inverno, dão os fundamentos dessa identidade maleável que sofre os impactos da decadência de uma vida desditosa: “*Je me voyais au déclin d'une vie innocente et infortunée, l'âme encore pleine de sentiments vivaces et l'esprit encore orné de quelques fleurs, mais déjà flétries par la tristesse et desséchées par les ennuis*”.³³ (ROUSSEAU, 1972, p.46).

O aspecto sombrio da natureza sugere a obscuridade da alma de Rousseau. Apesar da permanência de algumas flores, leia-se, algumas esperanças, elas já estavam fadadas pelos descontentamentos e pelas angústias. Mas retomemos o trecho reportado na página anterior: o acidente de *Ménilmontant*. Jean-Jacques não obtivera êxito em sua tentativa de dar um grande salto. O cão dinamarquês não reteve seu impulso, atingindo-o em suas pernas, com toda

³² “Quinta-feira, 24 de outubro de 1776, após o almoço, segui os bulevares até a rua *Chemin-Vert*, através da qual alcancei as alturas de *Ménilmontant* e, de lá, tomando os atalhos através das videiras e dos prados, atravessei até *Charonne* a alegre paisagem que separa essas duas vilas; em seguida, fiz um desvio para voltar pelos mesmos prados, tomando um outro caminho. [...]. Encontrava-me, por volta das seis horas, na descida de *Ménilmontant* quase defronte ao “*Galant Jardinier*”, quando, tendo-se as pessoas que caminhavam na minha frente, de repente, bruscamente afastado, vi lançar-se sobre mim um grande cão dinamarquês que, atirando-se a toda velocidade diante de uma carruagem, não teve nem mesmo o tempo de reter sua corrida ou se desviar quando me percebeu. Julguei que o único meio que tinha de evitar ser atirado ao chão era o de dar um grande salto, tão exato, que o cão passasse por baixo de mim, enquanto eu estivesse no ar. Essa ideia, mais pronta do que o relâmpago e que não tive tempo nem de apreciar nem de executar, foi a última antes de meu acidente. Não senti nem o golpe nem a queda, nem nada do que se seguiu até o momento em que voltei a mim”. (ROUSSEAU, 1986, p.32-33).

³³ “Via-me no declínio de uma vida inocente e infortunada, com a alma ainda cheia de sentimentos fortes e o espírito ainda ornado de algumas flores, mas já murchas de tristeza e dessecadas pelos desgostos”. (ROUSSEAU, 1986, p.32).

velocidade. Caindo com a cabeça para frente, seu maxilar superior colidiu com uma laje áspera e a queda lhe fora brutal, pois como estava em uma descida, a cabeça batera abaixo de seus pés.

Acerca da queda de Rousseau, algumas considerações devem ser edificadas a fim de precisar o início de sua reforma espiritual. Os gritos de Thérèse, sua mulher, como Rousseau nos disse, provam que o filósofo estava muito mais maltratado do que ele mesmo pensara. É evidente que Jean-Jacques não se lembrava de nada do que se passara no decorrer do acidente. Foram três ou quatro homens que lhe contaram o que acabava de acontecer. Toda a narrativa é verossímil e sua autenticidade é garantida pela precisão da análise psicológica que a conduz: Rousseau atentava para o estudo da própria alma.

*Quand Jean-Jacques se réveillera de son évanouissement, dans le chemin creux de Ménilmontant, il lui semblera que sa “légère existence” ne se distingue pas de celle du ciel, des étoiles, de la verdure, sur lesquels il posera un regard pénétrant, et un regard qu’il ne reconnaîtra plus comme sien. D’emblée, cette fois-ci, il s’éprouvera comme un être relié, intégré à l’univers. On taxerait de panthéisme cette aspiration, si le grand Être ne demeurerait pas au-delà de toutes choses, et si sa toute-puissance ne se manifestait pas dans l’ordre de la Nature, ordre vivant avec lequel l’homme, en ouvrant les yeux, peut avoir communication.*³⁴ (RAYMOND, 1997, p.111-112).

A despeito das dores físicas, dos estragos causados pelo acidente é, nesta segunda caminhada, que Rousseau teve o primeiro contato com o seu eu verdadeiro. Trata-se da integração do eu ao todo, o Universo. Recuperou-se a unidade de ser, dado que o genebrino se desconhecia enquanto mortal, isto é, como ser vivente, interagindo em associação com o universo, e restaurou-se também a unidade de tempo, tendo em vista que a ordem cronológica perdeu seu caráter relativo. A ordem psicológica orienta as sensações experimentadas pelo autor no tempo do maior êxtase já vivenciado por ele. E, por fim, anulam-se as diferenciações espaciais: Rousseau não sabia o lugar em que se encontrava, isso não lhe dizia mais respeito. Estava em congruência com a natureza e com o universo.

³⁴ “Quando Jean-Jacques se levantar de seu desmaio, no caminho vazio de *Ménilmontant*, vai lhe parecer que sua ‘leve existência’ não se distingue daquela do céu, das estrelas, da verdura, sobre os quais ele colocará um olhar penetrante, e um olhar que ele não reconhecerá mais como seu. De imediato, desta vez, ele se sentirá como um ser conectado, integrado ao universo. Taxaríamos de panteísmo essa aspiração, se o grande Ser não permanecesse além de todas as coisas, e se sua onnipotência não se manifestasse na ordem da Natureza, ordem viva com a qual o homem, abrindo seus olhos, pode ter comunicação”. [Tradução nossa].

A trajetória que se instaura aqui é aquela que será seguida pelo romantismo europeu. O homem é conduzido ao universo, à psicologia. É por aí que começamos a conjugar as teorias de Sigmund Freud, no que tange às descobertas da memória inconsciente e todos os seus mecanismos de atuação, à espontaneidade do texto rousseauiano, em que se veem representados os pensamentos na imediatez de sua produção, isto é, na imediatez dos sentidos. Além do mais, é preciso destacar nesta caminhada a repercussão do acidente de Rousseau em Paris. A notícia espalhou-se rapidamente, todavia, completamente distorcida. O autor das *Confissões* foi dado como morto. Renunciaremos a uma análise mais detalhada desse episódio nesta seção, haja vista sua pertinência no capítulo relativo ao tema morte, por suas diversas implicações.

Mesmo a maior parte do texto sendo de cunho narrativo e descritivo, a segunda caminhada, em algumas partes, cede espaço à poesia. As frases são curtas, sem subordinações: *“La campagne, encore verte et riante, mais défeuillée en partie et déjà presque déserte, offrait partout l’image de la solitude et des approches de l’hiver”*.³⁵ (ROUSSEAU, 1972, p.46). O ritmo binário é marcado pelas oposições *“douce/triste”*, *“mon âge/ mon sort”*: *“Il résultait de son aspect un mélange d’impression douce et triste, trop analogue à mon âge et à mon sort pour que je ne m’en fisse pas l’application”*.³⁶ (ROUSSEAU, 1972, p.46). Rousseau utiliza-se do paralelismo para enfatizar que todos, sem exceção, articulavam contra ele um complô universal:

*L’amas de tant de circonstances fortuites, l’élévation de tous mes plus cruels ennemis affectée pour ainsi dire par la fortune, tous ceux qui gouvernent l’État, tous ceux qui dirigent l’opinion publique, tous les gens en place, tous les hommes en crédit triés sur le volet parmi ceux qui ont contre moi quelque animosité secrète, pour concourir au commun complot, cet accord universel est trop extraordinaire pour être purement fortuit.*³⁷ (ROUSSEAU, 1972, p.54).

³⁵ “O campo ainda verde e vicejante, porém desfolhado em parte e já quase deserto, oferecia por toda parte a imagem da solidão e da aproximação do inverno”. (ROUSSEAU, 1986, p.32).

³⁶ “De seu aspecto resultava uma impressão ao mesmo tempo doce e triste, por demais análoga à minha idade e ao meu destino, para que não a aplicasse a mim”. (ROUSSEAU, 1986, p.32).

³⁷ “O conjunto de tantas circunstâncias fortuitas, a elevação de todos os meus mais cruéis inimigos favorecida e facilitada, por assim dizer, pela sorte, por todos os que governam o Estado, por todos os que dirigem a opinião pública, por todas as pessoas que ocupam funções elevadas, por todos os homens acreditados, cuidadosamente escolhidos entre os que têm contra mim alguma animosidade secreta, para concorrer ao complô comum, este acordo é por demais extraordinário para ser puramente fortuito”. (ROUSSEAU, 1986, p.37).

A repetição do pronome indefinido “todos” comprova essa convicção de que o complô era universal. Nas linhas finais da segunda caminhada, Jean-Jacques sucumbe, mais uma vez, e volta a cair no inferno descrito no início da primeira caminhada. Tem-se a impressão de que escreveu o segundo *Devaneio* com o intuito de reforçar a solidão já manifestada na caminhada anterior. Só resta a Rousseau entregar-se ao destino. Eis como ele finaliza essa segunda caminhada: “*Dieu est juste; il veut que je souffre; et il sait que suis innocent*”.³⁸ (ROUSSEAU, 1972, p.54). Confiando a Deus sua vida, acreditava que deveria sofrer antes de ser admitido no reino dos Justos. Era preciso aprender a sofrer, sem murmurar, já que Deus reservara-lhe o melhor e, no fim, tudo iria voltar à sua ordem.

Troisième promenade. Velhice: transformação física e reforma interior

Na terceira caminhada, Jean-Jacques Rousseau relatou suas transformações físicas e morais, a partir dos quarenta anos. Para chegar a si, percebeu que era inevitável o abandono de seus perseguidores. A epígrafe de abertura dessa caminhada: “*Je deviens vieux en apprenant toujours*”³⁹ (ROUSSEAU, 1972, p.56), verso, frequentemente, repetido por Solon, dá início aos questionamentos filosóficos de Rousseau sobre a velhice, a sabedoria e a morte. Por meio de imagens sinestésicas, o precursor da modernidade explicou que fora enganado pelos “antigos amigos” e que, apesar da idade, nada tinha aprendido, pois não percebera o círculo de falsidades pelas quais estava envolvido. Tomemos as suas palavras:

Eh! que me servent des lumières si tard et si douloureusement acquises sur ma destinée et sur les passions d'autrui dont elle est l'oeuvre? Je n'ai appris à mieux connaître les hommes que pour mieux sentir la misère où ils m'ont plongé, sans que cette connaissance, en me découvrant tous leurs pièges, m'en ait pu faire éviter aucun. Que ne suis-je resté toujours dans cette imbécile mais douce confiance qui me rendit durant tant d'années la proie et le jouet de mes bruyants amis, sans qu'enveloppé de toutes leurs trames j'en eusse même le moindre soupçon! J'étais leur dupe et leur victime, il est vrai, mais je me croyais aimé d'eux, et mon coeur jouissait de l'amitié qu'ils m'avaient inspirée en leur en attribuant autant pour moi. Ces douces illusions sont détruites. La triste vérité que le temps et la raison m'ont dévoilée en me faisant sentir mon malheur m'a fait voir qu'il était sans remède et qu'il ne me restait qu'à m'y résigner. Ainsi toutes les

³⁸ “Deus é justo; quer que eu sofra; e ele sabe que sou inocente”. (ROUSSEAU, 1986, p.38).

³⁹ “Envelheço aprendendo sempre”. (ROUSSEAU, 1986, p.42).

*expériences de mon âge sont pour moi dans mon état sans utilité présente et sans profit pour l'avenir.*⁴⁰ (ROUSSEAU, 1972, p.56-57).

O que adiantava ter aprendido na velhice como lidar com as adversidades da vida? Rousseau concluiu ter passado a vida toda acreditando naqueles que, um dia, não hesitaram em feri-lo com desastrosas armas. As ilusões, pouco a pouco, foram exterminadas. Lançado, desde criança, à sociedade, sempre soubera que não fora feito para viver entre os homens. A esses só lhes agradavam a posição e o prestígio. Na verdade, os homens se esmeram em saber uns mais que os outros. O conhecimento era o caminho de acesso à notoriedade e não ao entendimento de si:

*Voulant être plus savants que d'autres, ils étudiaient l'univers pour savoir comment il était arrangé, comme ils auraient étudié quelque machine qu'ils auraient aperçue, par pure curiosité. Ils étudiaient la nature humaine pour en pouvoir parler savamment, mais non pas pour se connaître; ils travaillaient pour instruire les autres, mais non pas pour s'éclairer en dedans.*⁴¹ (ROUSSEAU, 1972, p.58).

Jean-Jacques, pelo contrário, aprendera tudo para si. Era necessário, primeiramente, saber para si, a fim de, posteriormente, repassar esse conhecimento. Todos os seus estudos foram decorrentes de suas necessidades. Segundo Rousseau, a solidão é indispensável ao ato de aprendizagem. Mesmo que executara seus estudos entre os homens, se os tivesse feito sozinho, obteria o mesmo êxito. Valendo-se desses princípios, chegava aos quarenta anos, flutuando entre os erros e as virtudes, vivendo ao acaso, mas nunca tendo destruído pessoa

⁴⁰ “Oh! de que me servem as luzes tão tardias e tão dolorosamente adquiridas sobre o meu destino e sobre as paixões alheias da qual é obra? Aprendi a melhor conhecer os homens apenas para melhor sentir a infelicidade em que me mergulharam, sem que esse conhecimento revelando-me todas suas armadilhas, me tenha podido evitar alguma. Por que não permaneci sempre nessa fraca mas doce confiança que me tornou durante tantos anos a presa e o juguete de meus barulhentos amigos sem que, envolvido por todas as suas tramas, dela tivesse a menor suspeita! Enganado, era sua vítima, é verdade, mas julgava-me amado por eles e meu coração desfrutava da amizade que me haviam inspirado, atribuindo-lhes a mesma em relação a mim. Essas doces ilusões estão destruídas. A triste verdade, que o tempo e a razão me revelaram, fazendo-me sentir minha infelicidade, fez-me ver que ela não tinha remédio e que somente me restava resignar-me ao fato. Assim todas as experiências de minha idade, no meu estado, não tem para mim nenhuma utilidade presente e nenhum proveito para o porvir”. (ROUSSEAU, 1986, p.41).

⁴¹ “Querendo ser mais sábios do que outros, estudavam o universo para saber como ele era organizado, como teriam estudado, por curiosidade, alguma máquina que tivessem encontrado. Estudavam a natureza humana para dela poderem falar sabiamente, mas não para se conhecerem; trabalhavam para instruir os outros, mas não para se elucidarem por dentro”. (ROUSSEAU, 1986, p.42).

alguma para alcançar a soberania: “*me voilà dans la maturité de l’âge, dans toute la force de l’entendement*”.⁴² (ROUSSEAU, 1972, p.63).

Dito isso, a terceira caminhada traça o trajeto da evolução espiritual de Jean-Jacques Rousseau, em que os princípios morais elaborados em *Profession de foi du Vicaire savoyard* (1762), passagem do volume *Émile*, são referenciais do dogmatismo religioso seguido pelo iluminista. Ainda que seus perseguidores não tivessem abolido as objeções contra Rousseau, não se abalava. Tratavam-se de argúcias que não possuíam valor algum diante dos princípios defendidos pela sua razão. Aos olhos de Rousseau esta iniciativa de não mais se inquietar com tais artificios era resposta do próprio Céu. Em suas palavras: “*cette délibération et la conclusion que j’en tirai ne semblent-elles pas avoir été dictées par le ciel même pour me préparer à la destinée qui m’attendait et me mettre en état de la soutenir?*”.⁴³ (ROUSSEAU, 1972, p.66).

Se não fosse o próprio Céu, de que forma Rousseau enfrentaria todas as angústias que o afligiam? Construindo sua postura frente a todos esses acontecimentos e consciente de que a vida é apenas uma provação, o autor das *Rêveries* apreendeu que não importava a qualidade dessas provações, mas, sim, se elas haviam obtido o resultado que desejavam. Quanto maiores e mais fortes fossem essas provações, mais satisfatório seria enfrentá-las. A certeza de uma compensação divina era o produto de suas meditações e da reforma interior e moral a que submetera seu espírito e seus costumes.

Quatrième Promenade: A dialética da verdade e da mentira

Para a fortuna crítica de Rousseau, a quarta caminhada das *Rêveries* rende uma imensidão de indagações. “*Dire le vrai ou dire le vrai*”⁴⁴. Emprestamos as palavras de Alain Grosrichard (1997), que resumem toda ou grande parte da problemática da *Rêveries*, a fim de sintetizar as principais ideias dessa caminhada filosófica. A dialética da verdade e da mentira permeia toda a poética de Rousseau. A leitura atenta dos *Devaneios* faz o leitor concluir que a verdade primeira de todo pensamento rousseauiano é o esforço do próprio Jean-Jacques em

⁴² “Eis-me na maturidade, em toda força do entendimento”. (ROUSSEAU, 1986, p.45).

⁴³ “Essa reflexão e a conclusão que dela extraí não parecem ter sido ditadas pelo próprio Céu para me preparar ao destino que me esperava e me tornar apto para o suportar?”. (ROUSSEAU, 1986, p.47).

⁴⁴ “Dizer a verdade ou dizer a verdade”. [Tradução nossa].

ser verdadeiro com ele mesmo: “*mais c’est bien l’idée-même de vérité qui est au centre de l’oeuvre*”.⁴⁵ (COZ; JACOB, 1997, p.5).

A lembrança de uma mentira contada em sua juventude desencadeia toda a especulação intelectual sobre a verdade e a mentira nessa caminhada. A partir daí, começou a examinar-se e garantiu ter se livrado desse vício pelo resto de sua vida. Rousseau surpreendia-se pelo fato de não sentir verdadeiro arrependimento pelas coisas que inventava. No entanto, uma mentira transmitida em sua mocidade lhe causara pesar durante cinquenta anos. Supondo ser a mais filosófica de todas as caminhadas, a quarta é uma excelente justificativa para aprendermos a dizer sempre a verdade:

*La vérité générale et abstraite est le plus précieux de tous les biens. Sans elle l’homme est aveugle; elle est l’oeil de la raison. C’est par elle que l’homme apprend à se conduire, à être ce qu’il doit être, à faire ce qu’il doit faire, à tendre à sa véritable fin. La vérité particulière et individuelle n’est pas toujours un bien, elle est quelquefois un mal, très souvent une chose indifférente.*⁴⁶ (ROUSSEAU, 1972, p.76).

A respeito do que diz Rousseau, só pela verdade o homem pode ser ele mesmo. Mesmo que essa possa trazer consequências negativas, deve-se sempre optar por ela. A mentira induz ao erro, às frustrações. O homem, sob a força das paixões, prefere a mentira à verdade, pois aquela é mais fácil de livrá-los de discussões inesperadas. Ora, Jean-Jacques na terceira caminhada nos esclarecia sua vontade de realizar uma reforma moral. É na quarta caminhada que essa reforma desenhava suas primeiras transformações, dado que a verdade estava, segundo o filósofo, ligada ao instinto moral do homem.

*Que d’embarrassantes discussions dont il serait aisé de se tirer en se disant: Soyons toujours vrais au risque de tout ce qui en peut arriver. La justice elle-même est dans la vérité des choses; le mensonge est toujours iniquité, l’erreur est toujours imposture, quand on donne ce qui n’est pas pour la règle de ce qu’on doit faire ou croire: et quelque effet qui résulte de la vérité on est toujours inculpable quand on l’a dite, parce qu’on n’y a rien mis du sien.*⁴⁷ (ROUSSEAU, 1972, p.78).

⁴⁵ “Mas é a própria ideia de verdade que está no centro da obra”. [Tradução nossa].

⁴⁶ “A verdade geral e abstrata é o mais precioso de todos os bens. Sem ela, o homem é cego; ela é a luz da razão. É por ela que o homem aprende a se conduzir, a ser o que deve ser, a fazer o que deve fazer, a tender para seu verdadeiro fim. A verdade particular e individual não é sempre um bem, algumas vezes ela é um mal, muito frequentemente uma coisa indiferente”. (ROUSSEAU, 1986, p.56-57).

⁴⁷ “Quantas discussões embaraçosas seriam fáceis de evitar se disséssemos a nós mesmos, sejamos sempre sinceros, mesmo correndo todos os riscos. A própria justiça está na verdade das coisas; a mentira é sempre

Inúmeros constrangimentos poderiam ser evitados se tomássemos como máxima em nossas vidas, a verdade. A insistência do genebrino em dizer a verdade é marcada pela repetição, em intervalos regulares, de uma mesma ideia: a de que razão e verdade coordenavam seus posicionamentos. O homem sempre dirigido como uma máquina tinha de se desligar dessas estruturas mecânicas, que fazem da existência um inferno, em favor do querer do coração, “*mon coeur suivait machinalement ces règles avant que ma raison les eût adoptées, et l’instinct moral en fit seul l’application*”.⁴⁸ (ROUSSEAU, 1972, p.84).

Somente no final desta caminhada Rousseau retorna ao tema das *Rêveries*, ou seja, o estudo de si. Embora, o autor inove seu discurso com técnicas modernas, no que tange ao vocabulário e ao estilo do texto, vê-se desenvolvida, aqui, em toda sua eloquência, a retórica clássica. Como um bom filósofo do século das Luzes, Rousseau tentou distanciar-se do tema discutido, e, por isso, só ao final de sua reflexão tomou a si, novamente, como tema do seu próprio discurso. Nessa linha, Jean-Jacques objetiva destruir a lógica que rege os homens no que concerne à verdade, substituindo a via de alcance a esse conhecimento. É o coração que vai prescrever as ordens morais.

Cinquième Promenade. Felicidade perfeita: a ilha de Saint-Pierre

“*De toutes les habitations où j’ai demeuré (et j’en ai eu des charmantes), aucune ne m’a rendu si véritablement heureux et ne m’a laissé de si tendres regrets que l’île de Saint-Pierre au milieu du lac de Bienné*”.⁴⁹ (ROUSSEAU, 1972, p.94). A quinta caminhada que divide o conjunto das *Rêveries* é considerada pela crítica rousseuniana a mais célebre de toda a obra. Se Jean-Jacques intentava partir de seus perseguidores para se conhecer, nessa caminhada, seu objetivo é concretizado. Rousseau retomou no quinto devaneio o advérbio “*véritablement*”, em português, verdadeiramente, advérbio esse que norteou o tema da verdade, debatido na caminhada precedente. Sim, o filósofo do século das Luzes supunha ter

iniquidade, o erro é sempre impostura, quando apresentamos o que não é como a regra do que devemos fazer ou crer: e, seja qual for o efeito que resulte da verdade, nunca somos culpados ao dizê-la porque nela nada pusemos de nosso”. (ROUSSEAU, 1986, p.58).

⁴⁸ “Meu coração seguia maquinamente esses princípios antes que minha razão os tivesse adotado e apenas o instinto moral os aplicou”. (ROUSSEAU, 1986, p.61).

⁴⁹ “De todas as habitações em que morei (e tive algumas encantadoras), nenhuma me tornou tão verdadeiramente feliz e me deixou tão terna nostalgia quanto a ilha de *Saint-Pierre* no centro do lago de *Bienné*”. (ROUSSEAU, 1986, p.71).

encontrado a felicidade perfeita na ilha de *Saint-Pierre*, e, revivendo, por intermédio da memória esses instantes, acreditava que um dia poderia voltar a desfrutá-los com intensidade semelhante do dia que os viveu.

A prosa poética de Rousseau simboliza, por meio das sensações, o encontro com seu eu verdadeiro, aquele que Rousseau ansiava descobrir, ou re-descobrir, se é que um dia ele já desvelou tal encontro. A despeito de o texto ter sido escrito em prosa, a quinta caminhada é a mais poética das *Rêveries*. A poesia permite o ingresso a um vasto campo semântico, e a polissemia, sobretudo no texto poético, possibilita diferentes significações para um mesmo vocábulo. Além disso, a poesia trata da própria condição do homem, convertendo seu mundo em imagens. Para Octavio Paz (1956) a poesia é:

[...] conhecimento, salvação, poder, abandono. Operação capaz de transformar o mundo, a atividade poética é revolucionária por natureza; exercício espiritual, é um método de libertação exterior. A poesia revela este mundo; cria outro. Pão dos eleitos; alimento maldito. Convite à viagem; regresso à terra natal. Inspiração, respiração, exercício muscular. Súplica ao vazio, diálogo com a ausência, é alimentada pelo tédio, pela angústia e pelo desespero. Oração, litania, epifania, presença. Exorcismo, conjuro, magia. Sublimação, compensação, condensação do inconsciente. Expressão histórica de raças; nações, classes. Nega a história: em seu seio resolvem-se todos os conflitos objetivos e o homem adquire, afinal, a consciência de ser algo mais que passagem. Experiência, sentimento, emoção, intuição, pensamento não-dirigido. Filha do acaso; fruto do cálculo. Arte de falar em forma superior; linguagem primitiva. Obediência às regras; criação de outras. Imitação dos antigos, cópia do real, cópia de uma cópia da Ideia. Loucura, êxtase, logos. Regresso à infância, coito, nostalgia do paraíso, do inferno, do limbo. Jogo, trabalho, atividade ascética. Confissão. Experiência inata. Visão, música, símbolo. (PAZ, 1982, p.15).

Uma maneira de perceber a função da poesia é lendo as belíssimas palavras de Octavio Paz. A poesia é tudo isso, é sublimação, é libertação, é salvação, é cópia do real, é condensação do inconsciente, é regresso à infância, é nostalgia do paraíso, é confissão. Essas são as palavras-chave da poética da poesia e o mais intrigante é que elas remetem a todas as experiências de Rousseau nas *Rêveries*. E Jean-Jacques não hesitou em utilizá-las para dar mais veemência a seu discurso, já que a prosa não dava mais conta de expressar aquilo que ele sentia. Carregando questionamentos sobre o ser é, por meio dela, que o homem enxerga a efemeridade da vida:

[...] ao poeta lírico não importa se um leitor também vibra, se ele discute a verdade de um estado lírico. O poeta lírico é solitário, não se interessa pelo público, ele cria para si mesmo. A poesia não nos retém como a épica, nem excita e causa tensão como a dramática. O lírico nos é incutido e para a insinuação ser eficaz o leitor precisa estar indefeso, receptivo, quando sua alma está afinada com a do autor. Portanto, a poesia lírica manifesta-se como arte da solidão que é receptada apenas por aqueles que interiorizam essa solidão. (STAIGER, 1972, p. 48-49).

E é assim mesmo que o iluminado procede. A ele não lhe interessava a opinião do público e nem o que os outros iriam dizer sobre seus escritos. Os devaneios em Rousseau deixavam-se conduzir pelos sobressaltos da alma e seu discurso filosófico se torna poético à medida que o trabalho com a linguagem a remodela, tornando-a evasiva, flexível e harmoniosa. Desse modo, a poesia se faz presente em *Les rêveries du promeneur solitaire* e proporciona à obra a configuração de diferentes significados, uma vez que o discurso da prosa só nos permite identificar um dos seus possíveis significados e a poesia transcende o campo semântico do sentido.

É pertinente destacar que em Rousseau a expressão dos sentimentos, as palavras melódicas e a sonoridade são fatores essenciais à leitura dos *Devaneios*, especialmente dessa quinta caminhada, pois, ao escrever, o escritor consegue expor seus sentimentos, impressionando vivamente o leitor:

[...] e, embora tenhamos esquecido aquelas palavras e até o seu sabor e significado tenham desaparecido, ainda guardamos viva a sensação de alguns minutos de tal maneira plenos que se transformaram em tempo transbordado, maré alta que rompeu os diques da sucessão temporal. Pois o poema é via de acesso ao tempo puro, imersão nas águas originais da existência. A poesia não é nada, senão tempo, ritmo perpetuamente criador. (PAZ, 1982, p. 40).

Percebe-se assim que o tom oratório e poético do filósofo nos leva a não demarcar os limites entre a prosa e a poesia. Nessa perspectiva, depreende-se que o espaço de mediação entre a literatura e a filosofia é decorado com a subjetividade do autor, com o uso da linguagem imaginativa e com os momentos de êxtase atingidos ao longo dos devaneios. Ao desconstruir as limitações entre literatura e não literatura faz também a desconstrução dos gêneros literários. Rousseau modifica a criação textual cingida à transmissão de um dizer, a prosa, em poesia, em que não há essencialmente a necessidade de dizer, mas sim de sugerir.

Segundo Maria Esther Maciel, Octavio Paz em *O arco e a lira* (1956), “admitiu que no fundo de toda prosa circula, mais ou menos limitada pelas exigências do discurso, a corrente rítmica que define a linguagem poética”. (PAZ, 1990 apud MACIEL, 2012, p.210). A poesia está presente no texto das *Rêveries* de forma explícita. Por intermédio dela, Rousseau conseguiu exprimir suas sensações e sua nova maneira de pensar a felicidade, ampliando os conceitos expostos pelo movimento Iluminista, de que a poesia consistia em “desencantar e desintoxicar a verdade”. Valendo-se das palavras de Baudelaire no prefácio dos *Petits poèmes en prose* (1869), a prosa poética ao “se adaptar aos movimentos líricos da alma, às ondulações do devaneio, aos sobressaltos da consciência” (BAUDELAIRE, 1980, p.14) joga com a sonoridade. E, em Rousseau, não era diferente fazendo-o sobressair-se como um dos grandes poetas do século XVIII.

Émile Lavielle (2001, p.25), em um estudo sobre os as *Rêveries*, afirma que:

*l'expression des sentiments, au XVIII siècle, permet une emphase et un ton oratoire qui surprennent le XX, celui-ci les attribue facilement à Rousseau lui-même, quand ils sont courants dans la rhétorique du temps où les adjectifs et les verbes sont facilement superlatifs.*⁵⁰

Conforme foi analisado na primeira caminhada, a paranoica ideia do complô fez com que o filósofo se exilasse da sociedade e procurasse uma nova maneira de viver seus últimos dias. Abstendo-se das relações sociais, acreditava que a felicidade só seria plena ao homem que soubesse viver solitário. A afirmação do saber ser feliz concretizava-se a partir da investigação dos prazeres da própria alma, e, para isso, utilizava-se de verbos e adjetivos que simulam um estado constante de delírio e paixão:

*Délibéré de toutes les passions terrestres qu'engendre le tumulte de la vie sociale, mon âme s'élancerait fréquemment au-dessus de cette atmosphère, et commercerait d'avance avec les intelligences célestes dont elle espère aller augmenter le nombre dans un peu de temps.*⁵¹ (ROUSSEAU, 1972, p.104).

⁵⁰ “A expressão dos sentimentos, no século XVIII, permite uma ênfase e um tom oratório que surpreendem o século XX, que facilmente os atribui ao próprio Rousseau, quando são correntes na retórica do tempo em que os adjetivos e os verbos são facilmente superlativos”. [Tradução nossa].

⁵¹ “Livre de todas as paixões terrenas produzidas pelo tumulto da vida social, minha alma se lançaria frequentemente acima dessa atmosfera e entraria desde já em relação com as inteligências celestes, cujo número ela espera ir aumentar em breve”. (ROUSSEAU, 1986, p.78).

É no quinto devaneio que o filósofo genebrino recorda os momentos de felicidade perfeita em que conseguiu ser ele mesmo, sem desvios e sem obstáculos. Ao retornar ao tempo passado, esperava poder reviver os momentos de felicidade vivenciados na Ilha de *Saint-Pierre*. O texto fecha-se sobre si e esse retorno em si próprio pertence ao domínio da poesia e não ao domínio do discurso teórico. Observa-se que os parágrafos são interligados, tendo-se a impressão de que as treze páginas que constituem o devaneio formam uma única oração. Tem-se uma narrativa em prosa que é interrompida por momentos de poesia, os verbos já não são mais de ação, e as descrições desaceleram o ritmo da narração. O texto escrito realiza-se na nossa duração, ou seja, dentro da nossa interioridade.

A prosa poética em Rousseau é ornamentada pelo uso de descrições, pelas figuras de estilo, pelo ritmo oscilante, binário, terciário e, algumas vezes, quaternário de grupos ou elementos sintáticos que se repetem “*On y trouve des champs, de vignes, de bois, des vergers [...]*” (ROUSSEAU, 1972, p.94)⁵², além do predomínio da adjetivação. Tais elementos proporcionam musicalidade ao texto e circunscrevem um movimento no tempo e no espaço. As unidades temporais intercalam-se ao longo de todo o texto das *Rêveries*, fundindo passado, presente e futuro. O tempo passado voltava à memória do filósofo e os instantes em que ele dedicava às descrições eram considerados os mais ativos, já que o momento da reminiscência, segundo Gérard Genette (19--), é sempre eufórico. Desse modo, a poesia exterioriza o discurso do eu e, por meio dela, o discurso interiorizado exprime-se.

Nesta quinta caminhada denota-se de forma marcante a posição irracional adotada pelo filósofo iluminista. A despeito da adoção de uma conduta baseada na razão e, muitas vezes, crendo que a vida deveria ser conduzida por ela, Rousseau, “o homem de paradoxos”, nos revelou nesse devaneio sua posição dual diante das atitudes a serem tomadas na busca da felicidade absoluta. Através da poesia, desvendou o caminho menos nocivo a construção do seu próprio ser. Assim, a prosa poética rousseuniana refletiu suas disposições interiores, seus momentos de êxtases, além de possibilitar o encontro consigo mesmo no tempo passado, duplicando sua existência.

Conforme assinala Fúlvia Maria Luiza Moretto (1986, p.16-17):

O *Quinto Devaneio* é assim um momento decisivo na recusa do racionalismo, na procura e na valorização da parte irracional da

⁵² “Nela, encontramos campos, videiras, bosques, vergéis [...]”. (ROUSSEAU, 1986, p.72).

personalidade (em seu sentido positivo, moderno). Voltando as costas à impositiva racional da fatigante poesia descritiva que nascera no século XVIII, Rousseau transforma o homem que contempla a natureza. Este homem não a descreve mais, mas está profundamente ligado a ela. Criando o homem moderno, Rousseau é o ponto de partida do movimento romântico.

Em *Les rêveries du promeneur solitaire* Rousseau conciliou a racionalidade e a irracionalidade. Reconstituindo o ser em sua singularidade, inseriu a ideia de simbiose entre o homem e a natureza: o homem é natureza. Há, portanto, uma correspondência entre o ser e a natureza. Com isso, a ilha de *Saint-Pierre* é o exílio onde o ser alcança sua plenitude, onde a felicidade era perfeita e necessária: “[...] *je compte ces deux mois pour le temps le plus heureux de ma vie et tellement heureux qu’il m’eût suffi durant toute mon existence sans laisser naître un seul instant dans mon âme le désir d’un autre état*”.⁵³ (ROUSSEAU, 1972, p.95).

O fundo lírico da prosa de Rousseau é definido pelas formas que contribuem para a redundância, tais como: as enumerações, as simetrias, os paralelismos e os elementos rítmicos e imagéticos que decoram o tecido literário e reproduzem a dualidade emocional que lhe é peculiar. A prosa privilegia o universo criativo do autor, graças ao trabalho da imaginação. Como esclarece Maciel (2012), o quinto devaneio representa esse “subgênero” que é a prosa poética, não podendo ser categorizado de maneira autônoma e determinante. Nessa direção, as *Rêveries* inovaram na temática, no plano e no estilo da obra literária.

No que tange à harmonia rítmica do quinto devaneio, trataremos do ritmo oscilante de grupos ou elementos sintáticos que se repetem nas unidades temporais. Dito isso, observa-se uma alternância binária, terciária e, algumas vezes, quaternária desses grupos ou elementos sintáticos. Atentemos para o ritmo binário: “*Les rives du lac de Bièvre sont plus sauvages et romantiques*” [...].⁵⁴ (ROUSSEAU, 1972, p. 93, grifo nosso). Ainda, encontramos esse ritmo em “[...] où les habitants des rives voisines se **rassemblent et viennent danser les dimanches durant les vendanges**”.⁵⁵ (ROUSSEAU, 1972, p. 94, grifo nosso). Mais adiante, deparamo-nos com uma ampliação do ritmo binário para o ritmo terciário: “[...] Il y a aussi **plus de verdure**

⁵³ “Considero esses dois meses como o tempo mais feliz de minha vida e de tal forma feliz que ter-me-ia bastado durante toda a minha existência, sem nascer, por um único instante, em minha alma, o desejo de um outro estado”. (ROUSSEAU, 1986, p.72).

⁵⁴ “As margens do lago de Bièvre são mais selvagens e românticas [...]”. (ROUSSEAU, 1986, p.71).

⁵⁵ “[...] onde os moradores das margens vizinhas se reúnem e vêm dançar aos domingos, durante a vindima”. (ROUSSEAU, 1986, p.72).

naturelle, plus de prairies, d'asiles ombragés de bocages [...]".⁵⁶ (ROUSSEAU, 1972, p.93). Em seguida, há um regresso ao ritmo binário: "[...] *des contrastes plus fréquents et des accidents plus rapprochés*".⁵⁷ (ROUSSEAU, 1972, p.94, grifo nosso).

A alternância de ritmo perpassa os treze parágrafos que estruturam a quinta caminhada: "*On se reposait dans le pavillon, on riait, on causait, on chantait quelque vieille chanson, qui valait bien le tortillage moderne [...]*".⁵⁸ (ROUSSEAU, 1972, p. 100, grifo nosso). O efeito rítmico desempenha, na prosa de Rousseau, momentos de interlúdio poético, visto que através da sonoridade repetida, o filósofo consegue reter a atenção do leitor para aquilo que viveu. Os instantes de reflexão e de descrição são os que mais sofrem influência da oscilação do ritmo. Destacamos, ainda, o grande número de assonâncias: "[...] *je compte ces deux mois pour le temps le plus heureux de ma vie et tellement heureux qu'il m'eût durant toute mon existence sans laisser naître un seul instant de mon âme le désir d'un autre état*".⁵⁹ (ROUSSEAU, 1972, p.95, grifo nosso). Ademais, Rousseau emprega duas figuras fundamentais de retórica: a paronomásia e a antítese:

[...] le **flux** et **reflux** de cette eau, son bruit continu mais renflé par intervalles frappant sans relâche mon oreille et mes yeux, suppléaient aux mouvements internes que la rêverie éteignait en moi et suffisaient pour me faire sentir avec plaisir mon existence sans **prendre la peine de penser**.⁶⁰
(ROUSSEAU, 1972, p. 99, grifo nosso).

No excerto acima, comprova-se o poder criador do filósofo. Ao descrever o fluxo e o refluxo da água tem-se a impressão de que ele imita com as palavras o seu balanço, concedendo ao leitor a mesma sensação de que Rousseau dispôs ao devanear. Para acentuar o ritmo do balanço das águas, o autor utilizou-se de paralelismos: "[...] *m'asseyant tantôt dans les réduits les plus riants et les plus solitaires pour y rêver à mon aise, tantôt sur les terrasses*

⁵⁶ "[...] há também mais verdura natural, maior número de prados, de refúgios sombreados de arvoredos". (ROUSSEAU, 1986, p.71).

⁵⁷ "[...] contrastes mais frequentes e acidentes do terreno mais próximos uns dos outros". (ROUSSEAU, 1986, p.71).

⁵⁸ "Descansávamos no pavilhão, ríamos, conversávamos, cantávamos alguma velha canção que valia bem a gíngua moderna [...]". (ROUSSEAU, 1986, p.75).

⁵⁹ "Considero esses dois meses como o tempo mais feliz de minha vida e de tal forma feliz que ter-me-ia bastado durante toda a minha existência, sem nascer, por um único instante, em minha alma, o desejo de um outro estado". (ROUSSEAU, 1986, p.72).

⁶⁰ "O fluxo e refluxo dessa água seu ruído contínuo mas crescente por intervalos, atingindo sem repouso meus ouvidos e meus olhos, supriam os movimentos internos que o devaneio extinguiu em mim e bastavam para me fazer sentir com prazer minha existência sem ter o trabalho de pensar". (ROUSSEAU, 1986, p.75).

et les tertres, pour parcourir des yeux le superbe et ravissant coup d'oeil du lac [...].⁶¹
(ROUSSEAU, 1972, p. 99, grifo nosso).

A forte presença das sibilantes em união aos sons graves colabora para envolver o leitor no movimento contínuo das águas do lago. O barulho produzido pela agitação dessas águas circunda tanto o autor quanto o leitor num equilíbrio perfeito entre o corpo e a alma: “[...] là le bruit des vagues et l’agitation de l’eau **fixant mes sens et chassant de mon âme toute autre agitation**” [...].⁶² (ROUSSEAU, 1972, p.99, grifo nosso).

A obra de Jean-Jacques Rousseau empenha-se em reproduzir a exuberância emocional do filósofo, seus sentimentos e o caminho que escolhera na busca da felicidade. Por meio da adjetivação, buscou descrever e qualificar os bons momentos que vivera na ilha de *Saint-Pierre*:

*J’en trouvai le séjour si **charmant**, j’y menais une vie si **convenable** à mon humeur que, résolu d’y finir mes jours, je n’avais d’autre inquiétude sinon qu’on ne me laissât pas exécuter ce projet qui ne s’accordait pas avec celui de m’entraîner en Angleterre, dont je sentais déjà les premiers effets.*⁶³
(ROUSSEAU, 1972, p.94, grifo nosso).

Em meio a tantas dificuldades confrontadas ao longo de sua existência é no tempo do devaneio que o cidadão de Genebra afirmou encontrar-se consigo mesmo, atingindo um estado de alma que acreditara ser o de maior êxtase de sua existência. O texto cujo tom é oratório e poético exprime a duração desses momentos e os vocábulos simulam um estado delirante e entorpecedor:

Mais s’il est un état où l’âme trouve une assiette assez solide pour s’y reposer tout entière et rassembler là tout son être, sans avoir besoin de rappeler le passé ni d’enjamber sur l’avenir; où le temps ne soit rien pour elle, où le présent dure toujours sans néanmoins marquer sa durée et sans aucune trace de succession, sans aucun autre sentiment de privation ni de jouissance, de plaisir, ni de peine, de désir ni de crainte que celui seul de notre existence, et que ce sentiment seul puisse la remplir tout entière; tant

⁶¹ “[...] sentando-me ora nos retiros mais agradáveis e mais solitários, para sonhar à vontade, ora nos terraços e nos outeiros, para percorrer com o olhar a magnífica e encantadora perspectiva do lago [...]”. (ROUSSEAU, 1986, p. 75).

⁶² “[...] lá, o ruído das vagas e a agitação da água fixando meus sentidos e expulsando de minha alma qualquer outra agitação [...]”. (ROUSSEAU, 1986, p.75).

⁶³ “A estada me foi tão agradável, levava uma vida tão adequada ao meu humor que, resolvido a nela acabar meus dias, tinha uma única inquietação, a de que não me deixassem executar esse projeto, o qual não se harmonizava com o de me levarem para a Inglaterra, cujos primeiros indícios começava a sentir”. (ROUSSEAU, 1986, p.72).

*que cet état dure celui qui s'y trouve peut s'appeler heureux, non d'un bonheur imparfait, pauvre et relatif, tel que celui qu'on trouve dans les plaisirs de la vie, mais d'un bonheur suffisant, parfait et plein, qui ne laisse dans l'âme aucun vide qu'elle sente le besoin de remplir. Tel est l'état où je me suis trouvé souvent à île de Saint-Pierre dans mes rêveries solitaires [...].*⁶⁴ (ROUSSEAU, 1972, p.101).

É oportuno ressaltar que o fio condutor de sua existência pode ser sugerido pela imensa quantidade de paradoxos que perpassam toda a obra do filósofo genebrino. Ao expor as ideias de forma paradoxal, deixou transparecer a felicidade que sentira enquanto esteve na Ilha de *Saint-Pierre*, sem consentir que a presente situação (o complô universal) perturbasse a felicidade que o preenchia. No trecho que segue, constata-se a acentuada ocorrência de hipérboles. O exagero no emprego de substantivos e adjetivos no grau superlativo simboliza a intenção do anunciador da modernidade em expor, por escrito, os instantes em que a felicidade o tocava plenamente:

*[...] quelquefois pendant plusieurs heures, plongé dans mille rêveries confuses mais délicieuses, et qui sans avoir aucun objet bien déterminé ni constant ne laissaient pas d'être à mon gré cent fois préférables à tout ce que j'avais trouvé de plus doux dans ce qu'on appelle les plaisirs de la vie.*⁶⁵ (ROUSSEAU, 1972, p.98, grifo nosso).

Verifica-se também na quinta caminhada a utilização de sinestésias, isto significa que o autor relacionou planos sensoriais diferentes, a fim de aguçar a curiosidade do leitor:

mais ils ne m'empêcheront pas du moins de m'y transporter chaque jour sur les ailes de l'imagination, et d'y goûter durant quelques heures le même plaisir que si je l'habitais encore".⁶⁶ (ROUSSEAU, 1972, p.104, grifo nosso).

⁶⁴ “Mas se há um estado em que a alma encontra um apoio bastante sólido para descansar inteiramente e reunir todo o seu ser, sem precisar lembrar o passado nem avançar para o futuro; em que o tempo nada é para ela, em que o presente dura sempre sem contudo marcar sua duração e sem nenhum traço de continuidade, sem nenhum outro sentimento de privação nem de alegria, de prazer nem de dor, de desejo nem de temor, a não ser o de nossa existência e em que esse único sentimento possa preenchê-la completamente, enquanto este estado dura, aquele que o vive pode ser chamado feliz, não de uma felicidade imperfeita, pobre e relativa, como a que se encontra nos prazeres da vida, mas de uma felicidade suficiente, perfeita e plena, que não deixa na alma nenhum vazio que sinta a necessidade de preencher. Tal foi o estado em que me encontrei muitas vezes na Ilha de St.Pierre, em meus devaneios solitários [...]”. (ROUSSEAU, 1986, p.76).

⁶⁵ “[...] algumas vezes durante várias horas, mergulhando em mil devaneios confusos mas deliciosos, e que, sem nenhum objeto bem determinado nem constante, não deixavam de ser, na minha opinião, cem vezes preferíveis a tudo o que encontrara de mais doce no que chamam os prazeres da vida”. (ROUSSEAU, 1986, p. 74).

⁶⁶ “Mas não me impedirão, pelo menos, de para lá me transportar cada dia, sobre as asas da imaginação, e de saborear, durante algumas horas, o mesmo prazer que teria se a habitasse ainda”. (ROUSSEAU, 1986, p.78).

Além do mais, segundo Lavielle (2001), para adornar sua prosa poética, Jean-Jacques Rousseau serviu-se do verso alexandrino “[...] *dont les limpides eaux et les ombrages frais* [...]”⁶⁷ (ROUSSEAU, 1972, p. 98), o único presente no volume, invertendo adjetivos e substantivos, criando, desse modo, um quiasmo.

A análise minuciosa de alguns trechos deste quinto devaneio oferece um panorama integral da *cinquième promenade*. As descrições realistas são cumulativas, desenhando na mente do leitor as imagens que Rousseau relembra. A narrativa avança de acordo com sua vontade interior, isto é, levemente, pois o encadeamento rítmico das palavras sugere a ideia de um passo de cada vez. E não era isso mesmo que Rousseau estava decidido a fazer, viver um dia por vez? Estava sozinho, mas pleno de felicidade. A imensa quantidade de paralelismos e paradoxos simbolizava a necessidade de Rousseau em crer que aqueles momentos eram, realmente, felizes e verdadeiros. Os verbos, que nas caminhadas anteriores, estavam no presente e no *passé simple* (pretérito perfeito), nessa caminhada, cedem lugar aos verbos no imperfeito. O modo imperfeito é utilizado para caracterizar as descrições, retardando a velocidade das ações:

*Souvent averti par le baisser du soleil de l'heure de la retraite je me trouvais si loin de l'île que j'étais forcé de travailler de toute ma force pour arriver avant la nuit close. D'autres fois, au lieu de m'écarter en pleine eau, je me plaisais à côtoyer les verdoyantes rives de l'île dont les limpides eaux et les ombrages frais m'ont souvent engagé à m'y baigner.*⁶⁸ (ROUSSEAU, 1972, p.98).

O leitor atento constatará que conferimos uma atenção maior à quinta caminhada, já que ela expressou uma importante mudança na vida do genebrino. Esses dois meses na ilha de *Saint-Pierre* designam a consumação do tempo sem se preocupar com o futuro, é a “*plenitude de la présence interne, distance infranchissable à l'égard du mal extérieur*”⁶⁹, e segundo Jean Starobinski (1971, p.426), o silêncio do espírito e o contato com a natureza recuperam a paz interior e a memória começa a dar significado a uma vida que, antigamente, se via em destroços.

⁶⁷ “[...] cujas águas límpidas e cujas sombras frescas [...]”. (ROUSSEAU, 1986, p.74).

⁶⁸ “Frequentemente, advertido pelo pôr-do-sol, da hora da volta, encontrava-se tão longe da ilha que era forçado a remar com todas as forças para chegar antes da noite fechada. Outras vezes, em lugar de me afastar do lago, gostava de costear as verdejantes margens da Ilha, cujas águas límpidas e cujas sombras frescas me levaram a banhar-me”. (ROUSSEAU, 1986, p.74).

⁶⁹ “[...] plenitude da presença interna, distância intransponível a respeito do mal exterior”. [Tradução nossa].

Sixième Promenade. Liberdade

“Je n’ai jamais cru que la liberté de l’homme consistât à faire ce qu’il veut, mais bien à ne jamais faire ce qu’il ne veut pas, et voilà celle que j’ai toujours réclamée, souvent conservée, et par qui j’ai été le plus en scandale à mes contemporains”.⁷⁰ (ROUSSEAU, 1972, p.118). Na sexta caminhada das *Rêveries*, Rousseau executou um exame de consciência, comprovando que não fora feito para viver entre os homens. Após ter sido convencido de que operava por movimentos maquinais e, aceitando que a funesta experiência do complô tinha-lhe concedido reparos veneráveis, o filósofo iluminista buscou na sexta caminhada a fórmula da liberdade. Explicava Rousseau,

*Tant de cruelles expériences changèrent peu à peu mes premières dispositions, ou plutôt, les renfermant enfin dans leurs véritables bornes, elles m’apprirent à suivre moins aveuglément mon penchant à bien faire, lorsqu’il ne servait qu’à favoriser la méchanceté d’autrui. Mais je n’ai point regret à ces mêmes expériences, puisqu’elles m’ont procuré par la réflexion de nouvelles lumières sur la connaissance de moi-même et sur les vrais motifs de ma conduite en mille circonstances sur lesquelles je me suis si souvent fait illusion. J’ai vu que pour bien faire avec plaisir il fallait que j’agisse librement, sans contrainte, et que pour m’ôter toute la douceur d’une bonne oeuvre il suffisait qu’elle devînt un devoir pour moi.*⁷¹ (ROUSSEAU, 1972, p.109).

As experiências ao mesmo tempo em que eram cruéis lhe viabilizavam ensinamentos. É preciso lembrar-se da proposta de Rousseau na primeira caminhada: era preciso chegar deles (seus perseguidores) a ele (Rousseau). Então, todas as malícias terrenas o engrandeceram. Jean-Jacques, mais uma vez, utiliza a hipérbole a fim de enfatizar o porquê, frente a esses aborrecimentos, legitimou uma conduta em detrimento de outras. O bem está preso à liberdade, e não à obrigação. As *Rêveries* eram o seu dever, o cidadão de Genebra

⁷⁰ “Nunca acreditei que a liberdade do homem consistisse em fazer o que quer mas sim em nunca fazer o que não quer, é esta liberdade que reclamei, que muitas vezes conservei e pela qual e pela qual provoquei maior escândalo entre os meus contemporâneos”. (ROUSSEAU, 1986, p.88).

⁷¹ “Tantas cruéis experiências mudaram pouco a pouco minhas primeiras disposições, ou melhor mantendo-as enfim em seus verdadeiros limites, ela me ensinaram a segui menos cegamente minha tendência para prosseguir corretamente, quando tal tendência servia apenas para favorecer a maldade alheia. Mas não lamento essas mesmas experiências, visto que me trouxeram, através da reflexão, novas luzes sobre o conhecimento de mim mesmo e sobre os verdadeiros motivos de minha conduta em mil circunstâncias sobre as quais me iludi com tanta frequência. Vi que para ter o prazer de proceder bem era preciso agir livremente, sem obrigação, e que, para retirar-me toda a doçura de uma boa obra, era suficiente que me tornasse um dever para mim”. (ROUSSEAU, 1986, p.83).

tinha o dever de ser feliz. O cunho filosófico é reassumido na sexta caminhada e os tempos verbais do presente e do *passé simple* pontuam, no discurso, as atitudes tomadas por Rousseau e o efeito enérgico de suas ações.

O caminhante solitário oscila de humor de uma caminhada à outra. No sexto devaneio, Jean-Jacques percebeu que as boas obras traziam consigo uma série de deveres, exigindo muito esforço para serem concretizadas. Dessa forma, o prazer apreciado na possibilidade de efetivá-las, desaparecia ao cumpri-las, e o favor tornava-se uma obrigação quase insuportável. *“Dès que mon devoir et mon coeur étaient en contradiction, le premier eut rarement la victoire, à moins qu’il ne fallût seulement que m’abstenir; alors j’étais fort le plus souvent, mais agir contre mon penchant me fut toujours impossible”*.⁷² (ROUSSEAU, 1972, p.110).

Até a quinta caminhada, Rousseau atacava seus perseguidores, indiretamente. Era vítima daqueles “diretores do seu destino”. Todavia, na sexta caminhada, atacou seus contemporâneos com vivacidade, não se afligindo com as possíveis consequências de tamanha ousadia, *“j’aime mieux les fuir que les haïr. Leur aspect frappe mes sens et par eux mon coeur d’impressions que mille regards cruels me rendent pénibles; mais le malaise cesse aussitôt que l’objet qui le cause a disparu”*⁷³. (ROUSSEAU, 1972, p.114). Ademais, o genebrino acreditava que se fosse invisível poderia ter vivido, normalmente, em companhia dos homens *méchants*. Se lhes fosse estranho, a sua companhia seria agradável. Devaneando em partilhar das condições divinas, Rousseau garantiu que teria sido bom se tivesse sido todo poderoso e invisível como o próprio Deus, *“si j’eusse été invisible et tout-puissant comme Dieu, j’aurais été bienfaisant et bon comme lui”*.⁷⁴ (ROUSSEAU, 1972, p.115). O desejo de ser como Deus nada mais é que a vontade de ser imortal, de continuar ser, independentemente da proximidade de sua morte.

Septième Promenade. Ocupar-se: a atividade botânica estimula o devaneio

⁷² “No momento em que meu dever e meu coração entravam em contradição, o primeiro raramente saía vitorioso, a menos que fosse suficiente abster-me; então, na maioria das vezes era forte, mas foi-me sempre impossível agir contra minha inclinação”. (ROUSSEAU, 1986, p.83).

⁷³ “Prefiro fugir-lhes a odiá-los. Sua presença choca meus sentidos e, através deles, meu coração, com impressões que mil olhares cruéis me tornam penosas; mas o mal-estar cessa logo que o objeto que o causa desaparece”. (ROUSSEAU, 1986, p.86).

⁷⁴ “Se tivesse sido invisível e todo poderoso como Deus, teria sido beneficente e bom como ele”. (ROUSSEAU, 1986, p.87).

O autor das *Rêveries* entregou-se, sem constrangimento, à botânica, na sétima caminhada dos *Devaneios*. No segundo parágrafo, relembra que a sua memória não possuía a mesma força de antes e os sessenta e cinco anos lhe pesavam como nunca. O enfraquecimento da memória e da imaginação tinha de ser preenchido pela atividade botânica.

*Dans la Septième Promenade, Rousseau signale, par deux fois, que l'herborisation doit combler le vide laissé par la défaillance de ses capacités fantasmagoriques: mémoire et imagination sont remplacées par une activité de classement dont le caractère obsessionnel contribue à protéger le moi de toute menace d'effondrement.*⁷⁵ (COZ, 1997, p.54).

Com a chegada da velhice, Rousseau temia perdas maiores. A dedicação à natureza o confortava, fazendo-o “ocupar a cabeça”. Assim, comandaria seus pensamentos, forçando sua memória a trabalhar. A atividade de herborização era uma das formas de divertimento, pois esquecia, pelo menos nesses instantes, as perseguições de que era vítima:

*Le plaisir d'aller dans un désert chercher de nouvelles plantes couvre celui d'échapper à mes persécuteurs et, parvenu dans des lieux où je ne vois nulles traces d'hommes, je respire plus à mon aise comme dans un asile où leur haine ne me poursuit plus.*⁷⁶ (ROUSSEAU, 1972, p.132).

Nessa perspectiva, como esclarece Michel Coz (1997, p.54), o reino vegetal simboliza o Outro. A natureza volta-se a ela mesma: não há nenhum traço dos homens. A sétima caminhada é descrita com a mesma leveza da quinta, acrescida das considerações de Rousseau sobre sua psicologia atual. Como fora anunciado nas outras caminhadas, o objetivo central de Rousseau era de se explicar, se conhecer. A busca de sua identidade, pelo esquecimento de seus perseguidores, era o caminho para sua unificação. O sentimento de existência é reestabelecido em sua pureza. A botânica, além de ser um consolo, era também destinada a uma reparação interna.

Amedrontado por seus infortúnios, encontrava prazer em contemplar a natureza, que se oferece ao homem em um equilíbrio perfeito. Quanto mais a contemplava, mais extasiado

⁷⁵ “Na Sétima Caminhada, Rousseau assinala, por duas vezes, que a herborização deve preencher o vazio deixado pelo desfalecimento de suas capacidades fantásticas: memória e imaginação são substituídas por uma atividade de classificação em que o caráter obsessivo contribui a proteger o eu de toda ameaça de desabamento”. [Tradução nossa].

⁷⁶ “O prazer de ir a um deserto procurar novas plantas esconde o de escapar a meus perseguidores e, tendo chegado ao local em que não vejo nenhum traço humano, respiro mais à vontade como num refúgio onde seu ódio não me persegue mais”. (ROUSSEAU, 1986, p.99).

se sentia, perdia-se na imensidão e se identificava com o delicioso e embriagador espetáculo natural que superava as sensações de sofrimento.

*Non, rien de personnel, rien qui tienne à l'intérêt de mon corps ne peut occuper vraiment mon âme. Je ne médite, je ne rêve jamais plus délicieusement que quand je m'oublie moi-même. Je sens des extases, des ravissements inexprimables à me fondre pour ainsi dire dans le système des êtres, à m'identifier avec la nature entière.*⁷⁷ (ROUSSEAU, 1972, p.126).

O precursor do Romantismo, como foi ressaltado na quinta caminhada, identificava-se com a natureza em uma sintonia perfeita, vivendo em co-dependência com a mesma. Nas palavras de Émile Lavielle (2001, p.71), a deusa da Terra converte-se em mãe consoladora: “[...] *me réfugiant chez la mère commune, j'ai cherché dans ses bras à me soustraire aux atteintes de ses enfants [...]*”.⁷⁸ (ROUSSEAU, 1972, p.126). Em repetidos momentos, Jean-Jacques denotava sua indisposição para devanear, sua faculdade imaginária, aos poucos, desfalecia-se, confirmando seu “*mal de vivre*” em uma sociedade de traições e iras.

A atividade de botânica, em Rousseau, simbolizava uma prática espiritual. Buscando na natureza agradáveis deleites, em realidade, o autor buscava encontrar a si mesmo. Para estudar o reino animal era necessário que houvesse a dissecação dos animais a fim de classificá-los em gêneros, dividi-los em espécie. Afirmara Rousseau que seria, portanto, preciso prendê-los, obrigando-os a viver ao seu redor. O cidadão de Genebra não tinha nem o gosto e nem como manter os animais em cativeiro. O reino mineral também não lhe agradava, não tinha nada de atraente e apazível, pois dizia respeito à civilização. Era o reino vegetal, em toda sua singularidade, que mais lhe apetecia. É nesse reino que a mãe natureza desvela sua verdade, a verdade libertadora, a verdade Jean-Jacques tanto procurou ao longo de toda sua existência.

Para Michèle Crogiez (1997, p.109), a natureza em Rousseau tem importância fundamental: ela é simbólica. Ao mesmo tempo em que representa um refúgio contra a civilização e as angústias de sua existência, ela propicia um reconhecimento subjetivo: a natureza é o reflexo de Rousseau, seus fenômenos naturais são metáforas de suas oscilações

⁷⁷ “Não, nada de pessoal, nada que diga respeito ao interesse do meu corpo pode interessar verdadeiramente minha alma. Nunca medito, nunca sonho mais deliciosamente do que quando me esqueço de mim mesmo. Tenho êxtases, arroubos inexprimíveis a ponto de me fundir, por assim dizer, no conjunto dos seres, de me identificar com a natureza inteira”. (ROUSSEAU, 1986, p.95).

⁷⁸ “[...] refugiando-me na mãe comum, procurei em seus braços subtrair-me aos ataques de seus filhos [...]”. (ROUSSEAU, 1986, p.96).

interiores. As descrições rousseauianas desenham esses fenômenos, permitindo-nos sentir, com suas palavras, as mesmas sensações que ele vivenciara. Apesar da idade, do enfraquecimento de suas faculdades, o iluminado é ainda repleto de sensibilidade. A paz de espírito, a tranquilidade e a felicidade poderiam ser encontradas no contato com a natureza, desligando-se de todas as paixões e esquecendo os rastros da sociedade burguesa.

Huitième Promenade. Indiferença: essência da felicidade

Comment vivre heureux et tranquille dans cet état affreux? J'y suis pourtant encore et plus enfoncé que jamais, et j'y ai retrouvé le calme et la paix et j'y vis heureux et tranquille et j'y ris des incroyables tourments que mes persécuteurs se donnent en vain sans cesse tandis que je reste en paix, occupé de fleurs, d'étamines et d'enfantillages, et que je ne songe pas même à eux.⁷⁹ (ROUSSEAU, 1972, p.140).

Na oitava caminhada de *Rêveries*, Rousseau, mais uma vez, resgatara o tema do complô. A despeito de todas as armadilhas, de todas as tentativas de destruição, Jean-Jacques sentia-se calmo e tranquilo. Sem nem ao menos pensar em seus perseguidores, sozinho, o cidadão de Genebra via uma geração inteira conspirar contra ele.

Comment s'est fait ce passage? Naturellement, insensiblement et sans peine. La première surprise fut épouvantable. Moi qui me sentais digne d'amour et d'estime, moi qui me croyais honoré, chéri comme je méritais de l'être, je me vis travesti tout d'un coup en un monstre affreux tel qu'il n'en exista jamais.⁸⁰ (ROUSSEAU, 1972, p.140).

Surpreso dessa conspiração universal, a primeira iniciativa que tomou foi de forçar seus perseguidores a uma explicação, no entanto, eles não se preocuparam em dá-la. Na segunda, procurara um homem sensato que não partilhasse desse delírio, todavia, não o encontrou. Convencido de que a conspiração era universal e irreversível, Rousseau, nessa caminhada, diferentemente das outras, aprende a suportar o destino sem murmurar, não se ligando a nada, apoiando-se tão somente em si mesmo. A indiferença foi a única solução por

⁷⁹ “Como viver feliz e tranquilo neste estado horrível? Contudo, ainda me encontro nele e mais entranhado do que nunca, nele encontrei a calma e a paz, vivo feliz e calmo, rio dos incríveis tormentos que em vão infligem a si mesmos e incessantemente meus perseguidores, enquanto permaneço em paz, ocupado com flores, estames e puerilidades, sem nem mesmo pensar neles”. (ROUSSEAU, 1986, p.106).

⁸⁰ “Como se fez tal passagem? Naturalmente, insensivelmente e sem dificuldades. A primeira surpresa foi medonha. Eu, que me sentia digno de amor e de estima; eu que me julgava honrado, querido, como o merecia, vi-me, de repente, transformado num monstro horrível como nunca existiu outro igual”. (ROUSSEAU, 1986, p.107).

ele encontrada. Sendo-lhe, portanto, indispensável para alcançar a sua felicidade: “*N’est-ce rien, surtout à mon âge, que d’avoir appris à voir la vie et la mort, la maladie et la santé, la richesse et la misère, la gloire et la diffamation avec la même indifférence?*”.⁸¹ (ROUSSEAU, 1972, p.145-146).

Indiferente a seus perseguidores, o genebrino não mais os temia, não se importando com nada que poderia lhe acontecer, era indiferente a tudo e a todos. Renunciando às comparações e às preferências, ofertava todo seu amor a ele mesmo. Sua felicidade alçava-se à sua faculdade criadora:

*Tout le reste du temps, livré par mes penchants aux affections qui m’attirent, mon coeur se nourrit encore des sentiments pour lesquels il était né, et j’en jouis avec des êtres imaginaires qui les produisent et qui les partagent comme si ces êtres existaient réellement.*⁸² (ROUSSEAU, 1972, p.146).

E no parágrafo seguinte, o autor do *Émile* complementava sua suposição:

*Tout me ramène à la avie heureuse et douce pour laquelle j’étais né. Je passe les trois quarts de ma vie ou occupé d’objets instructifs et même agréables auxquels je livre avec délice mon esprit et mes sens, ou avec les enfants de mes fantaisies que j’ai créés selon mon coeur et dont le commerce en nourrit les sentiments, ou avec moi seul, content de moi-même et déjà plein du bonheur que je sens m’être dû.*⁸³ (ROUSSEAU, 1972, p.146).

A imaginação o conduzira à felicidade. Essa mesma imaginação que nas caminhadas precedentes ora lhe trazia felicidade, ora o inquietava, à medida que ampliava os males a que o sujeitava, agora, no oitavo devaneio, lhe rendia o prazer de criar, como seu coração sempre desejara. Felicidade e solidão unem-se a fim de construir um sujeito perfeito. O tema da solidão discutido nos *Diálogos* (1782) é resgatado na *Huitième Promenade* “[...] *avec le même cortège d’idées mais cette fois Rousseau indique plus nettement que jamais comment*

⁸¹ “Sobretudo, não é nada, na minha idade, ter aprendido a ver a vida e a morte, a doença e a saúde, a riqueza e a miséria, a glória e a difamação com a mesma indiferença”? (ROUSSEAU, 1986, p.110).

⁸² “Estando, todo o resto do tempo, entregue, por minhas inclinações, às afeições que me atraem, meu coração se alimenta ainda dos sentimentos para os quais nascera e deles gozo com os seres imaginários que os produzem e os partilham como se tais seres existissem realmente”. (ROUSSEAU, 1986, p.110).

⁸³ “Tudo me traz de volta à vida feliz e doce para a qual nascera. Passo três quartas partes de minha vida ocupado com objetos instrutivos e mesmo agradáveis, aos quais entrego com prazer meu espírito e meus sentidos, com os filhos de minha fantasia, que criei como os desejava meu coração e do qual nutrem os sentimentos, ou somente comigo, contente comigo mesmo e já imerso na felicidade que, sinto, me é devida”. (ROUSSEAU, 1986, p.110).

l'amour-propre, en dispersant son être, l'empêchait d'être soi et de communier avec la nature [...]”.⁸⁴ (OSMONT, 1997, p.160).

O amor próprio não o influenciava, “*en tout ceci l'amour de moi-même fait toute l'oeuvre, l'amour-propre n'y entre pour rien*”.⁸⁵ (ROUSSEAU, 1972, p.146). Mesmo que os homens tivessem transformado o amor de si em amor próprio, para o anunciador da modernidade, o amor próprio não prejudicava sua harmonia com a natureza e nem consigo mesmo. Extinguindo suas relações exteriores, Rousseau, de acordo com Robert Osmont (1997, p.160), entra na ordem da natureza. O caminhante solitário sabia da sua fragilidade e, sentindo o egoísmo dos homens, renunciou a tudo em busca da felicidade plena.

No trecho final desta caminhada, o cidadão de Genebra afirmava querer proteger sua essência verdadeira, separando-se das sensações negativas. Ainda que seus perseguidores tentassem afligi-lo com penas duradouras, seria preciso que tais penas recomeçassem a cada instante, pois os intervalos, mesmo curtos, eram suficientes para Rousseau recompor sua integralidade e seu bem-estar. Os seus perseguidores perderam todos os poderes, e, através deles, Jean-Jacques conseguiu desfrutar da felicidade. O quinto devaneio, conforme ele diz, descrevia, exatamente, esse estado de êxtase e de contemplação. O iluminado era ele mesmo, a despeito de todos os homens.

*Je suis ce qu'il plaît aux hommes tant qu'ils peuvent agir sur mes sens; mais au premier instant de relâche, je redeviens ce que la nature a voulu, c'est là, quoi qu'on puisse faire, mon état le plus constant et celui par lequel en dépit de la destinée je goûte un bonheur pour lequel je me sens constitué. J'ai décrit cet état dans une de mes rêveries. Il me convient si bien que je ne désire autre chose que sa durée et ne crains que de le voir troubler. Le mal que m'ont fait les hommes ne me touche en aucune sorte; la crainte seule de celui qu'ils peuvent me faire encore est capable de m'agiter; mais certain qu'ils n'ont plus de nouvelle prise par laquelle ils puissent m'affecter d'un sentiment permanent, je me ris de toutes leurs trames et je jouis de moi-même en dépit d'eux.*⁸⁶ (ROUSSEAU, 1972, p.150).

⁸⁴ “[...] com o mesmo cortejo de ideias, mas, dessa vez, Rousseau mostra mais claramente que nunca de que modo o amor-próprio, dispersando seu ser, o impedia de ser ele mesmo e de comungar com a natureza”. [Tradução nossa].

⁸⁵ “O amor de mim mesmo faz tudo, o amor próprio nada tem a fazer”. (ROUSSEAU, 1986, p.110).

⁸⁶ “Sou o que os homens desejam, enquanto puderem agir sobre os meus sentidos; mas, ao primeiro momento de descanso, volto a ser o que a natureza quis; este é, apesar de tudo o que possam fazer, meu mais constante estado e aquele pelo qual, a despeito do destino, saboreio uma felicidade para a qual me sinto constituído. Descrevi este estado num de meus devaneios. Convém-me tão bem que somente desejo que dure e apenas temo vê-lo perturbado. O mal que me fizeram os homens não me toca de forma alguma; somente o medo daqueles que

Neuvième Promenade. Humanização: o amor pelos filhos e pelos homens

A abertura da nona caminhada resume, perfeitamente, as conclusões de Rousseau sobre a felicidade. Tratando-se de um estado permanente que, em verdade, parece não ter sido feito para homens, pois tudo na Terra vive num fluxo contínuo, sendo impossível alguma coisa manter uma forma constante, a felicidade é o prazer mais estável e doce dos seres humanos. Em comunhão com a solidão, segundo Jean-Jacques Rousseau, o homem pode aceder ao conhecimento de si mesmo. A nona e a décima caminhadas representam a expressão mais pura do filósofo, resumindo todo o seu esforço em amar os homens. A socialização é tema comum a essas duas caminhadas finais das *Rêveries*, visto que o mais sociável dos seres humanos foi proscrito por um acordo unânime.

No decorrer da leitura do nono devaneio observa-se a postura paradoxal de Rousseau. O fato mais intrigante de todo texto é quando Jean-Jacques afirmara ter colocado os filhos na roda de expostos. Sua tentativa de se redimir era explicada com o carinho que concedera aos filhos do senhor P.. Rousseau dizia que amava seus filhos e, por isso, fez o que fez, como se tivesse uma antevisão para evitar que eles se tornassem alvo das perseguições que sofreria. Aos olhos da sociedade genebrina do século XVIII, o cidadão odiava seus filhos e tinha horror pelas crianças.

*Je comprends que le reproche d'avoir mis mes enfants aux Enfants-Trouvés a facilement dégénéré, avec un peu de tournure, en celui d'être un père dénaturé et de haïr les enfants. Cependant il est sûr que c'est la crainte d'une destinée pour eux mille fois pire et presque inévitable par toute autre voie qui m'a le plus déterminé dans cette démarche.*⁸⁷ (ROUSSEAU, 1972, p.153).

A hipérbole “*mille fois pire*” é utilizada por Rousseau para convencer a si mesmo de que tomara a decisão certa. Não tendo condições de criar seus filhos agia com a melhor das intenções possíveis. Referiu-se, nessa caminhada, a outro fator inconveniente que o mantinha afastado das crianças, a velhice, que lhe concedia um aspecto hediondo. Para evitar aversão,

poderiam fazer-me ainda é capaz de me perturbar; mas certo de que não possuem mais um novo poder com o qual possam me afligir por um sentimento permanente, rio de todas as suas tramas e gozo de mim mesmo a despeito deles”. (ROUSSEAU, 1986, p.113).

⁸⁷ “Compreendo que a censura por ter colocado meus filhos na roda de expostos tenha facilmente degenerado, forçando-se um pouco os fatos, na de ser um pai desnaturado e de odiar as crianças. Contudo, é certo que foi o medo de um destino para eles mil vez pior e quase inevitável, na falta de qualquer outro caminho, que mais me determinou nessa diligência”. (ROUSSEAU, 1986, p.118).

não se aproximava delas com frequência, embora se sentisse em estado de transe quando pegava uma criança em seus braços e podia beijá-la. Mesmo que esses prazeres fossem breves e raros, eram muito intensos:

*Un autre inconvenient me tient maintenant plus éloigné d'eux, et depuis mes malheurs je les vois toujours avec le même plaisir, mais je n'ai plus avec eux la même familiarité. Les enfants n'aiment pas la vieillesse, l'aspect de la nature défailante est hideux à leurs yeux, leur répugnance que j'aperçois me navre; et j'aime mieux m'abstenir de les caresser que de leur donner de la gêne ou du dégoût.*⁸⁸ (ROUSSEAU, 1972, p.155).

Rousseau, ainda, no nono devaneio lembrava pequenas histórias que o ajudaram a se socializar entre os homens. Entre elas está a do menino que o agarrara pelas pernas na rua e Jean-Jacques lhe dera dinheiro para comprar pão, a das meninas que cobiçam os *oublies* (que, hoje, são servidos como sorvetes) e a da distribuição de maçãs aos jovens garotos. A intensidade desses acontecimentos, guardados na memória, afluía o espírito fraterno em Rousseau, uma vez que em todos eles, o genebrino era generoso e carinhoso. Isso tudo, novamente, não deixa de ser uma investida rousseauiana para persuadir a si mesmo que era um homem bom e que fora vítima de um complô universal,

*De mon côté, quando j'ai bien réfléchi sur l'espèce de volupté que je goûtais dans cette sorte d'occasions, j'ai trouvé qu'elle consistait moins dans un sentiment de bienfaisance que dans le plaisir de voir les visages contents.*⁸⁹ (ROUSSEAU, 1972, p.161).

A última particularidade apontada por Rousseau, nesta caminhada, dizia respeito ao olhar do caminhante solitário perante o mundo. Jean-Jacques acreditava que o tempo de praticar o bem, de socorrer aqueles que precisavam era o tempo presente. Os homens tinham necessidade de se apressar em fazer isso. A benevolência natural jamais poderia ser corrompida pela urbanidade, as leis do coração é que deveriam ditar as normas na sociedade. Tem-se a impressão de que o filósofo genebrino sabia, muito bem, que a Revolução Francesa

⁸⁸ “Um outro inconveniente me mantém agora mais afastado delas, e, desde as minhas infelicidades, vejo-as sempre com o mesmo prazer; mas não tenho mais com elas a mesma familiaridade. As crianças não gostam da velhice, a vista da natureza é abatida e hedionda a seus olhos, sua repugnância, que percebo, me aflige; e prefiro abster-me de as acariciar a provoca-lhes constrangimentos ou aversão”. (ROUSSEAU, 1986, p.119).

⁸⁹ “Quanto a mim, quando refleti profundamente sobre a espécie de prazer que sentia nessas ocasiões, percebi que consistia menos num sentimento de beneficência do que no prazer de ver rostos contentes”. (ROUSSEAU, 1986, p.123).

não traria nenhuma mudança para a classe proletária e, além disso, tinha plena consciência de que as relações humanas se davam por conveniências e ambições:

*J'ai remarqué qu'il n'y a que l'Europe seule où l'on vende l'hospitalité. Dans toute l'Asie on vous loge gratuitement; je comprends qu'on n'y trouve pas si bien toutes ses aises. Mais n'est-ce rien que se dire: Je suis homme et reçu chez des humains? C'est l'humanité pure qui me donne le couvert. Les petites privations s'endurent sans peine quand le coeur est mieux traité que le corps.*⁹⁰ (ROUSSEAU, 1972, p.166).

Dixième Promenade (inacabada). A Senhora de Warens: lembranças de seu grande amor

Chega-se ao fim da releitura das *Rêveries*. A décima caminhada, inacabada, em consequência do falecimento de Jean-Jacques Rousseau, tem uma conotação simbólica: o inacabamento da obra simboliza, muito mais que um término abrupto, denota o próprio inacabamento de Jean-Jacques. Apesar do que conta Rousseau, nessa caminhada, da necessidade de afirmar a si mesmo a felicidade plena que sentira ao lado da Senhora de Warens, o leitor sabe que certas inquietudes ainda lhe causavam pesar. A insistência em permanecer o resto de seus dias ao redor da natureza, distante da civilização, em uma casa campestre e em comunhão consigo mesmo, ao lado da mulher que mais o assistira, não deixava de ser o refúgio encontrado por Rousseau contra a paranoica ideia do complô.

A memória lhe proporcionara momentos de graça. Na velhice, aos sessenta e cinco anos, voltava ao amor da adolescência ao lado da mulher que, com doçura, o encaminhou ao desabrochar sentimental e intelectual. Relembrava os poucos anos em que viveu plenamente, sem obstáculos:

Quels paisibles et délicieux jours nous eussions coulés ensemble! Nous en avons passé de tels, mais qu'ils ont été courts et rapides, et quel destin les a suivis! Il n'y a pas de jour où je ne me rappelle avec joie et attendrissement cet unique et court temps de ma vie où je fus moi pleinement, sans mélange

⁹⁰ “Notei que somente na Europa se vende a hospitalidade. Em toda a Ásia, se é hospedado gratuitamente; compreendo que lá não se encontrem todas as perfeitas comodidades. Mas não significa nada dizer sou homem e sou recebido em casa de humanos, é a humanidade pura que me dá abrigo? Suportam-se sem dificuldades as pequenas privações quando o coração é mais bem tratado do que o corpo”. (ROUSSEAU, 1986, p.127).

*et sans obstacle, et où je puis véritablement dire avoir vécu.*⁹¹ (ROUSSEAU, 1972, p.168).

Ajudado pelas lições e pelo exemplo da Sra. de Warens desenvolveu o gosto pela solidão, pela contemplação, porque ao sentir-se afetado das paixões alheias, mergulhava em mil devaneios. Os adjetivos e substantivos participam do campo semântico afetivo, conferindo à décima caminhada, um alto teor poético. A dupla adjetivação enfatiza a importância da Senhora de Warens em toda sua existência, além de acentuar o gosto pela solidão. Ao leitor cabe sentir a mesma felicidade de Rousseau e adentrar o seu universo imagético:

*Mais durant ce petit nombre d'années, aimé d'une femme pleine de complaisance et de douceur, je fis ce que je voulais faire, je fus ce que je voulais être, et par l'emploi que je fis de mes loisirs, aidé de ses leçons et de son exemple, je sus donner à mon âme encore simple et neuve la forme qui lui convenait davantage et qu'elle a gardée toujours. Le goût de la solitude et de la contemplation naquit dans mon coeur avec les sentiments expansifs et tendres faits pour être son aliment.*⁹² (ROUSSEAU, 1972, p.168).

Conclusão parcial

As intervenções poéticas durante toda a obra *Les rêveries du promeneur solitaire* ajudaram-nos a compreender o universo rousseauiano a partir de suas sensações e emoções. Os movimentos líricos da alma são refletidos nas ondulações dos devaneios e a linguagem volta-se para si mesma:

Absence de limites thématiques, entraves au discours constituées par des correctifs incessants, signes d'une 'insuffisance morale', autant d'éléments pour faire de la 'distorsion' la pierre angulaire de la poétique des Rêveries

⁹¹ “Que dias calmos e deliciosos teríamos fluídos juntos! Vivemos alguns, mas como foram curtos e rápidos e que destino os substituiu! Não há dia em que não lembre com alegria e enternecimento essa única e curta época de minha vida em que fui eu mesmo, plenamente, sem mistura e sem obstáculos e em que posso realmente dizer que vivi”. (ROUSSEAU, 1986, p.131).

⁹² “Mas durante esse pequeno número de anos, amado por uma mulher cheia de bondade e doçura, fiz o que queria fazer, fui o que queria ser e, pelo emprego que fiz de meus lazeres, ajudado por suas lições e por seu exemplo, soube dar à minha alma, ainda simples e amorfa, a forma que mais lhe convinha e que conservou para sempre. O gosto pela solidão e pela contemplação nasceu no coração com os sentimentos expansivos e ternos, feitos para serem seu alimento”. (ROUSSEAU, 1986, p.131-132).

*et l'indice d'un tourment existentiel que la rhétorique même rend transparent.*⁹³ (COZ; JACOB, 1997, p.22).

A ausência de limitações temáticas converge ao tema axial das *Rêveries* que trata da incessante busca, por parte do filósofo, do conhecimento de si. Apesar das idas e vindas de Rousseau, das ideias paradoxais, a poesia consegue transportar o leitor ao coração do autor e fazer com que ele desfrute das sensações do próprio genebrino. Seus tormentos existenciais são desvelados pelo leitor e suas intenções retóricas explicam suas disposições interiores. Nessa linha, a poética das *Rêveries* flutua entre a plenitude e a distorção. Os devaneios o libertam da paranoica ideia do complô e representam a vontade maior do anunciador da modernidade: a liberdade. O desejo do caminhante solitário é afastar-se de todos os seus perseguidores e gozar da felicidade:

*Les Promenades des Rêveries ne sont pas des textes éthérés, nécessairement heureux par leur détachement idyllique de toute réalité de souffrance. Ce sont des ensembles unifiés par la thématique mais variés, dont le lyrisme élabore, souvent dans le ou les paragraphes du coeur du texte, une mélodie très neuve.*⁹⁴ (CROGIEZ, 1997, p.119).

A melodia nova de que fala Michèle Crogiez é a prosa poética. A imagem da pureza da alma de Rousseau simboliza o próprio estilo do texto das *Rêveries*. As repetições, os retornos sucessivos, a melodia e o ritmo desenham as agitações dessa alma. O discurso rousseauiano, nessa derradeira obra autobiográfica, difere das obras anteriores. O método não sistemático que se fundamentava na anotação dos devaneios ao longo das caminhadas, retrata a naturalidade de seus pensamentos. Rousseau não mais se detém no estilo simétrico, hermético da era clássica, a leveza da espontaneidade descrevia muito melhor seus pensamentos:

[...] il ne substitue pas l'indolence à la pensée philosophique, mais la liberté de la rêverie au carcan de la méditation. Il ne détruit la rigueur, il y adjoint les avantages de la souplesse. La pensée prend alors son cours spontané

⁹³ “Ausência de limites temáticos, obstáculos ao discurso constituídos por corretivos constantes, sinais de ‘insuficiência moral’, tantos elementos para fazer da ‘distorção’ a pedra angular da poética das *Rêveries* e o indício de um tormento existencial que a própria retórica torna transparente”. [Tradução nossa].

⁹⁴ “As Caminhadas das *Rêveries* não são textos etéreos necessariamente felizes pelo seu destacamento idílico de toda realidade do sofrimento. São conjuntos unificados pela temática, mas variados, em que o lirismo elabora, frequentemente no ou nos parágrafos do coração do texto, uma melodia muito nova”. [Tradução nossa].

*'naturel' et, dans le mouvement, retrouve ses objets propres.*⁹⁵ (CROGIEZ, 1997, p.70).

O conjunto unido por um eixo múltiplo, todavia fugaz, anuncia a temática desdobrada, posteriormente, pelo movimento romântico. Os temas da natureza, do prazer da solidão e do devaneio configuram o *corpus* da escola romântica. Estudar os aspectos poéticos das *Rêveries* impeliu-nos a reconhecer a grande importância do filósofo no que diz respeito ao desenvolvimento da prosa moderna francesa. O leitor verá ao longo de toda a dissertação os codinomes que escolhemos para designar Jean-Jacques Rousseau. Ora o nomeamos de “precursor da modernidade”, ora de “anunciador da modernidade”. Ambos os vocábulos “precursor” e “anunciador” sugerem o pioneirismo de Jean-Jacques Rousseau em referência às ideias relativas ao movimento criado *a posteriori* e, conforme foi dito, designado Romantismo:

Sentimos, ao ler os *Devaneios* que, ao lado de um vocabulário por vezes ainda clássico, ao lado de palavras que começaram a cair em desuso, Rousseau usa grande número de neologismos que tornam sua prosa moderna: *mélancolique* (já em seu sentido romântico), *insociable*, *herborisation*, *être* (ser, pessoa), *existence*, *stimulant*, *aimant*, *remprunter*, *étendage*, *analogue*, *inculpable*, *déclinante*, *circonscrit*, *tarissante*, *romantique* (usado aqui por Rousseau pela primeira vez). São ainda neologismos: *se donne des airs* (dar-se ares de), *altérer* (termo concreto do vocabulário da Física e da Química), *bavardage*, *défeuillé*, *expansif* (somente usado em seu sentido concreto), *resserrer* (em lugar de *serrer le coeur*). De outro lado, Rousseau retoma velhas palavras caídas em desuso e as renova: *alanguissement*, *alléché* (atraído, seduzido), *arguties* (aceito pelo Dicionário da Academia somente em 1798), *carpière* (velha palavra suíça do século XIV), *dépression* (com o sentido de humilhação). (MORETTO, 1986, p.8-9, grifo da autora).

Valendo-se do trecho acima citado por Fúlvia Maria Luiza Moretto no prefácio para a tradução de *Os devaneios do caminhante solitário* (1986), verifica-se que a tradutora faz um breve recorte semântico de algumas palavras que foram, pela primeira vez, utilizadas por Rousseau e, ulteriormente, incorporadas ao Romantismo francês. Para Moretto (1986, p.9) não só o vocabulário rousseauniano é inovador. O estilo também é moderno. Metáforas retiradas da nomenclatura da natureza, de aparelhos científicos e da ciência, inauguram a

⁹⁵ “[...] ele não substitui o pensamento filosófico pela indolência, mas o espartilho da meditação pelo devaneio. Ele não destrói o rigor, ele acrescenta as vantagens da leveza. O pensamento toma então seu curso espontâneo ‘natural’ e, no movimento, reencontra seus objetos próprios”. [Tradução nossa].

linguagem concreta. No que tange ao vocabulário místico e ao da música, o anunciador da modernidade, renova-lhe o sentido:

Além disso, como o século XVIII ainda não possui um vocabulário pitoresco para descrever novas realidades, o que só se dará com Bernardin de Saint-Pierre e especialmente com Chateaubriand, Rousseau lança mão do ritmo para nos sugerir o pitoresco da descrição. Longos períodos que parecem acompanhar a respiração, gosto pela acumulação de palavras, de exemplos, preferência pelo ritmo ternário para os verbos, binário para os substantivos, a grande quantidade de frases interrogativas e exclamativas, repentinamente substituídas (4º “Devaneio”) por um estilo racional, casuístico mesmo, levaram a crítica a falar dos *estilos* dos *Devaneios do caminhante solitário*. (MORETTO, 1986, p.9, grifo da autora).

O ritmo em Rousseau é extremamente pertinente à descrição dos devaneios. A fluidez do texto é marcada pelas alternâncias rítmicas, de acordo com o sentimento vivenciado naquele exato momento. O tempo é o tempo do devaneio, de seus pensamentos e não o tempo cronológico, dos relógios. Rousseau não só inovou, mas também criou novas formas de pensar a literatura. Construindo uma nova linguagem, constrói-se, conjuntamente, uma nova realidade. A prosa poética sinaliza o começo de mudanças: na arte, na psicologia e, sobretudo, na literatura. Sua grande vulnerabilidade corresponde à instabilidade do mundo na era do século XVIII. Ser feliz, para o cidadão de Genebra, era um esforço moral. Era a forma que o caminhante solitário encontrara para vingar-se dos diretores do seu destino. Os valores nas *Rêveries* foram invertidos: outrora eram seus perseguidores que se impunham sobre Rousseau, agora, era Rousseau quem se impunha sobre eles.

Não só os aspectos românticos fazem das *Rêveries* uma obra monumental da literatura francesa. Os resquícios da retórica clássica presentes na terceira, particularmente, na quarta, sexta e oitava caminhadas dão ao texto rousseuniano as técnicas oratórias de que necessitava Jean-Jacques para convencer-se de que nada e nem ninguém no mundo pode interferir em sua felicidade. Vale destacar que na sexta caminhada dos *Devaneios*, Rousseau ataca seus contemporâneos com uma argumentação rebuscada, própria de um filósofo do Século das Luzes. Isso tudo significa dizer que a sua última produção, apesar de “preparar os terrenos” para o movimento romântico, ainda bebia nas fontes do Classicismo francês. Não só a mistura de gêneros (prosa e poesia), mas a mescla de discursos, ora tem-se um discurso filosófico, ora um discurso poético e romântico consagram a perpetuidade referida obra.

Imaginação, memória e os movimentos dos sentidos e do coração conjugam-se em Rousseau a fim de estimular os devaneios. É aí que se acha a novidade de seus escritos e de sua própria vida de Jean-Jacques Rousseau. O projeto de escrever uma obra que refletiria todos os seus desejos mais íntimos, suas angústias, seus temores é a compensação a todos os males sofridos no decorrer de sua existência. O desespero guiou Rousseau ao caminho da aceitação: aceitou seu destino, resignou-se, e desligou-se de seus perseguidores, tratando-os com indiferença. Foi sozinho, livre de todos os homens e de todas as paixões que ele conseguiu sentir o verdadeiro êxtase de sua existência. As *Rêveries* são microcosmos desses instantes: a alma em contato com o universo, a criatividade aguçada pela solidão, a confiança em Deus o elevam ao encontro de si.

É essa literatura eminente, que reaviva lembranças, reconhecendo os efeitos de convergência e de retroação, e vê o tempo passado no tempo presente que nos propusemos estudar no capítulo seguinte desta dissertação. Com o auxílio das teorias freudianas concernentes à memória inconsciente, e o discurso incompleto de Jean-Jacques Rousseau, já que ele mesmo confessava a imperfeição de suas lembranças, falaremos de memória, de imaginação e de subjetividade. Contemplemos, então, o cerzir dos retalhos de memória e a sensibilidade rousseauniana em toda sua singularidade...

Como raios ultravioletas a lembrança mostra a cada um
no livro da vida uma escrita que, invisível,
na condição de profecia, glosava o texto.
Walter Benjamin, em “Madame Ariane, segundo pátio à esquerda”.

2 A QUESTÃO DA MEMÓRIA SOB A ÓTICA FREUDIANA: LENDO O PASSADO DE ROUSSEAU NAS *RÊVERIES*

A memória, em *Les rêveries du promeneur solitaire*, diz muito sobre o filósofo de Genebra. Nesta última obra autobiográfica, Jean-Jacques Rousseau explorou épocas decisivas de sua existência e concretizou seu propósito: dominar-se. O cenário em que escreveu sofria modificações categóricas e suas repercussões manifestavam-se em todos os domínios das artes e das ciências. Desse modo, não era só a vida de Rousseau que passava por reformas, mas todo um século. O pensamento tradicional era substituído por outro que beneficiava a sinceridade e a diferença. A ânsia de conhecer a si mesmo conduziu o autor ao fundo de um abismo em que, por intermédio da memória e da escrita, conseguiu fixar as conclusões obtidas. Ao destinar seus últimos dias ao exame de si mesmo, procurou encontrar a melhor maneira de comunicar os momentos em que as lembranças do passado lhe vinham à mente. No decorrer de seus devaneios, o genebrino sensibilizava-se de alegria, usufruindo o êxtase de sua existência, acreditando ser um homem completo e pleno de felicidade. Com isso, nos convida a participar desses encontros consigo mesmo, porém nos confessa a impossibilidade de relembrar as passagens na íntegra, gerando desconfiança em seu leitor. As passagens que relatou Rousseau em sua obra são verdadeiras ou são ficcionalizações da vida do filósofo? Ficção e realidade confundem-se nesse volume. E a revelação dessa verdade é o que nos resta resgatar.

2.1 Da *ars memoriae* à memória patológica: as vicissitudes do inconsciente

Inicialmente, houve o interesse de Jean-Jacques Rousseau em sublinhar o enfraquecimento de sua memória, já que os sessenta e cinco anos passados impossibilitavam uma conservação definitiva e garantida de suas sensações: “*tout d’un coup, âgé de soixante-cinq ans passés, privé du peu de mémoire que j’avais et des forces qui me restaient pour*

courir la campagne [...]”.⁹⁶ (ROUSSEAU, 1972, p.120). Necessariamente incompleta, a memória nos permite contar a nossa própria história, unificando nossa personalidade. É da memória que se erguem nossas transformações pessoais e nossa identidade. Afinal de contas, quem comanda nossas lembranças?

*[...] loin d'être réservoir de souvenirs intacts dans lequel nous irions puiser de temps en temps comme dans une malle déposée dans un grenier, nous reconstituons et transformons, insensiblement mais sans cesse, notre passé en fonction de notre personnalité présente et de notre projection vers l'avenir.*⁹⁷ (TADIÉ, 1999, p.15).

De Platão a Santo Agostinho, centenas de filósofos debruçaram-se sobre o estudo da memória. No diálogo platônico denominado *Teeteto* (369 a.C), Platão operava com a ideia do bloco de cera, antepassado distante do *Bloco Mágico* (1924), desenvolvido por Sigmund Freud (1856-1939). Como presente da mãe das musas, Mnemosyne, o bloco de cera imprimia sensações, posteriormente capazes de serem relembradas. Vejamos um pequeno trecho do diálogo:

Sócrates: — Suponhamos, agora, só para argumentar, que na alma há um cunho de cera; numas pessoas, maior; noutras, menor; nalguns casos, de cera limpa; noutros, com impurezas, ou mais dura ou mais úmida, conforme o tipo, senão mesmo de boa consistência, como é preciso que seja.

Teeteto: — Está admitido.

Sócrates: — Diremos, pois, que se trata de uma dádiva de Mnemosine, mãe das Musas, e que sempre que queremos lembrar-nos de algo visto ou ouvido, ou mesmo pensado calcamos a cera mole sobre nossas sensações ou pensamentos e nela os gravamos em relevo, como se dá com os sinetes dos anéis. Do que fica impresso, temos lembrança e conhecimento enquanto persiste a imagem; o que se apaga ou não pôde ser impresso, esquecemos e ignoramos.

A teoria platônica sobre a memória é basicamente uma teoria sobre o conhecimento. Até o período Renascentista, a memória era tomada como processo de armazenamento, em que o conhecimento previamente acumulado era trazido de volta, por meio da prática de rememoração. A memória era uma inscrição, na qual o traço inscrevia a lembrança de uma

⁹⁶ “De repente, com mais de sessenta e cinco anos, privado da pouca memória que possuía e das forças que me restavam para percorrer o campo [...]”. (ROUSSEAU, 1986, p.91).

⁹⁷ “[...] longe de ser um reservatório de lembranças intactas, no qual nós tiraríamos de tempos em tempos como em uma mala depositada em um celeiro, nós reconstruímos e transformamos, insensivelmente, mas sem cessar, nosso passado em função da nossa personalidade presente e de nossas projeções em direção ao futuro”. [Tradução nossa].

existência sepultada. Relembramos de coisas que estão impressas em nossa alma, e aquelas que não foram possíveis de serem impressas, esquecemos, não temos conhecimento delas. A memória era, dessa forma, associada à sabedoria (passado) proveniente das impressões vivenciadas naqueles tempos.

Aristóteles, discípulo de Platão, em *Tratado da Memória e da Reminiscência*, defendia a relação da memória com tempo passado: o passado era, para o filósofo grego, o agente da memória. Antecedendo algumas teorias freudianas no que tange ao funcionamento da memória, a metáfora do bloco de cera aparecia também na teoria aristotélica. Aristóteles antecipou os conceitos aperfeiçoados por Freud e, de acordo com Adélia Bezerra de Meneses (1995), a simples afirmação de que o material da memória depende da imaginação, anuncia os diferentes pontos de congruência entre esses teóricos habitantes de tempos tão longínquos.

Avançando no tempo, nessa luta constante contra o esquecimento que caracteriza a memória, Santo Agostinho (354-430 d.C) propôs seus princípios relativos a esse tema. Em *Confissões X* (397-398), retratou o caminho da busca do conhecimento de si como pressuposto para atingir as verdades sólidas e perenes. O próprio título da obra nos incita a refletir sobre a essência contida no texto. O ato de confessar, de trazer ao presente erros passados, representa o trabalho introspectivo no encontro com Deus. A memória, para o teólogo simbolizava essa pesquisa filosófica da interioridade. Ao considerá-la como o ventre da alma, o autor revela seu poder na construção da identidade do ser. Assim, a verdade é encontrada no ser humano através da interioridade, ou seja, por meio do conhecimento. Com sabedoria, é possível apreender as verdades consideradas universais:

[...] o céu, a terra e o mar com todos os pormenores que neles pude perceber pelos sentidos, exceto os que já esqueci. É lá que me encontro a mim mesmo, e recordo as ações que fiz, o seu tempo, lugar, e até os sentimentos que me dominavam ao praticá-las. É lá que estão todos os conhecimentos que recordo, aprendidos ou pela experiência própria ou pela crença no testemunho de outrem. (AGOSTINHO, 1973, 2001).

Ao sugerir a memória a partir da metáfora dos vastos palácios, Santo Agostinho despertava a sensação de facilidade de acesso a esses campos em que algumas imagens apareciam imediatamente. Outras, porém, necessitavam de um trabalho de recordação mais elaborado, requisitando um esforço mais intenso nesse ato de busca. Tem-se a ideia de arquivo, visto que certas imagens desnecessárias aparecem, e nós as escondemos, por não

possuírem a devida importância, na determinada ocasião. Não são esquecidas, são, não obstante, arquivadas para que estejam disponíveis sempre que almejarmos. As imagens ficam, portanto, retidas em nosso espírito e chegam ao tempo presente com algumas imperfeições e rasuras. Diz Santo Agostinho:

Chego aos campos e vastos palácios da memória onde estão tesouros de inumeráveis imagens trazidas por percepções de toda espécie. Aí está também escondido tudo o que pensamos, quer aumentando quer diminuindo ou até variando de qualquer modo os objetos que os sentidos atingiram. Enfim, jaz aí tudo o que se lhes entregou e depôs, se é que o esquecimento ainda não o absorveu e sepultou. (AGOSTINHO, 1973, p.200).

Além da propensão para conservar tudo o que foi preservado pelos sentidos, entretanto, aumentado ou diminuído, a memória, faculdade de reter ideias, transporta o passado ao presente, evocando emoções. Não são as realidades que se encontram presentes na memória, mas sim suas imagens, e, a qualquer momento, podem insinuar imagens de coisas mais sensíveis, tornando o ato de recordar um ato mágico, sempre a serviço do pensamento, dado que tudo está presente nos “vastos palácios da memória”.

“A memória lembra-se de se lembrar” (AGOSTINHO, 1973, p.204), e a cada nova recordação compreende-se a importância de uma lembrança, distingue-se sua indispensabilidade, conservando-a na memória, para depois nos lembrarmos. Lembramo-nos até do que devemos lembrar. A prática da recordação impera sobre as constantes mudanças com que nos deparamos no decurso de nossa vivência. A força da memória nos permite compreender o que antes não era entendido. A memória é o ponto de articulação entre o passado e o presente.

Como vimos, com o passar dos tempos, o estudo da memória delimitou seus novos contornos. Para os gregos, a prática de memorização tinha por objetivo a transmissão oral da riqueza cultural. Era preciso armazenar, guardar essa riqueza para transmiti-la à posterioridade. A memória, sacralizada pelos gregos na figura de Mnemosyne, confirma a importância do papel encenado pela divindade em uma sociedade que valorizava a tradição oral. Em meio às diversas crises que intentavam dessacralizar os cânones impostos pela tradição, a memória perdeu a função de “arte da memória”, isto é, deixou de ser instrumento de emissão verbal da cultura para ser processo indispensável na construção da identidade do sujeito. No Iluminismo (1680-1780) e na fase Romântica (1800-1840) é que se

desenvolveram os primeiros estudos relacionados à memória, com ênfase na arquitetura do ser. Ademais, a reminiscência passou a ser via de ingresso ao tempo passado. É uma circunspeção sobre as vicissitudes subjetivas dessa prática, cessando de ser ato consciente de rememoração. Na literatura, essa propensão está registrada nas produções de Jean-Jacques Rousseau. A memória é, portanto, um processo particular e diz respeito à vida interior.

*N'est-ce qu' à la fin du siècle dernier, quand se font sentir les ébranlements décisifs des équilibres traditionnels, l'effondrement du monde rural en particulier, que la mémoire fait son apparition au centre de la réflexion philosophique, avec Bergson, au centre de la personnalité psychique, avec Freud, au centre de la littérature autobiographique, avec Proust? L'effraction de ce qui a été, pour nous, l'image même de la mémoire incarnée dans la terre et l'avènement soudain de la mémoire au coeur des identités individuelles sont comme les deux faces de la même fracture, le début du processus qui explose aujourd'hui. Et n'est-ce pas à Freud et à Proust que l'on doit même les deux lieux de mémoires intimes et cependant universels que sont la scène primitive et la célèbre madeleine? Déplacement décisif que ce transfert de la mémoire: de l'historique au psychologique, du social à l'individuel, du transmissif au subjectif, de la répétition à la remémoration. Il inaugure un nouveau régime de mémoire, affaire désormais privée. La psychologisation intégrale de la mémoire contemporaine a entraîné une économie singulièrement nouvelle de l'identité du moi, des mécanismes de la mémoire et du rapport au passé.*⁹⁸ (NORA, 1984, p. xxx).

A psicanálise surgiu no século XIX com Sigmund Freud (1856-1939). Teorizando sobre as realizações do inconsciente, o psicanalista elaborou a teoria de “que todo conhecimento humano é motivado pela fuga da dor e pela busca do prazer: trata-se de uma forma daquilo que em filosofia se chama hedonismo”. (EAGLETON, 2006, p.287). A literatura permite ao homem mirar-se, reconhecer-se, e a psicanálise interessa-se pelo indivíduo. É o próprio tipo de conhecimento que diz respeito à condição humana. Refletindo sobre os diferentes significados conservados pela obra literária e as variadas leituras que se

⁹⁸ “É somente no final do século passado, quando se sentem os abalos decisivos dos equilíbrios tradicionais, particularmente o desabamento do mundo rural, que a memória faz sua aparição no centro da reflexão filosófica, com Bergson, no centro da personalidade psíquica, com Freud, no centro da literatura autobiográfica, com Proust? A violação do que foi, para nós, a própria imagem da memória encarnada e a brusca emergência da memória no coração das identidades individuais são como as duas faces da mesma cisão, o começo do processo que explode hoje. Não devemos efetivamente a Freud e a Proust os dois lugares de memórias íntimos e ao mesmo tempo universais que são a cena primitiva e a célebre madalena? Deslocamento decisivo essa transferência da memória: do histórico ao psicológico, do social ao individual, do transmissivo ao subjetivo, da repetição à rememoração. Inaugura-se um novo regime de memória, questão daqui por diante privada. A psicologização integral da memória contemporânea levou a uma economia singularmente nova da identidade do eu, dos mecanismos da memória e da relação com o passado”. (NORA, 1981, p.17-18).

fazem do texto, associa-se a literatura à psicanálise no que concerne à capacidade de cada indivíduo produzir um significado diferente para uma mesma coisa. O silêncio presente nas obras literárias, ou subtextos, é visto como o “inconsciente” da própria obra. Nas palavras de Terry Eagleton:

As intuições da obra, como ocorrem com todos os escritos, estão profundamente relacionadas com a sua cegueira: aquilo que ela não diz, e *como* não o diz, pode ser tão importante quanto o que diz; e o que parece estar ausente, ser marginal ou ambivalente a respeito dela, pode construir uma chave mestra para as suas significações. (EAGLETON, 2006, p.268, grifo da autora).

Deve-se atentar às estratégias narrativas provocadas pelo escritor, pois através delas compreendem-se os silêncios, as supressões propositais, que de uma forma ou de outra garantem a plurissignificação da obra literária. A riqueza polissêmica do texto rousseauiano garante os dois possíveis níveis presentes na construção narrativa: o superficial e o poético. O superficial alude às significações presentes exteriormente, o poético, que aparece na linguagem, refere-se às significações profundas do texto, ou seja, as contribuições interiores da narrativa em que a compreensão exige uma leitura mais aprofundada.

Neste ínterim de mudanças, a arte que, anteriormente, não estabelecia pontos de intersecção com a psicanálise, sob o olhar freudiano consolidou suas analogias, principalmente, com a literatura. O suporte teórico das disciplinas psicanalíticas baseava-se em conceitos como o complexo de Édipo e a noção do inconsciente. É pertinente ressaltar que Freud serviu-se de textos literários para formular suas teorias. Em 1907, o médico vienense publicou o estudo sobre a obra *Gradiva*, de Wilhelm Jensen, texto em que aproximou o trabalho realizado pelo psicanalista ao trabalho executado pelo poeta. A escrita desenvolvida pelo poeta remete à escrita do inconsciente. Desse modo, o poeta fala sem saber daquilo que Freud concluiria em seguida. A literatura, assim como a psicanálise, pesquisa vestígios para nomear o indizível.

Mas voltemos a Rousseau. Nos textos das *Rêveries*, a memória subjetiva de que fala Pierre Nora é indispensável no que concerne ao entendimento da própria identidade de Jean-Jacques, pois ela não o assistia como na juventude e as lacunas deixadas pelo esquecimento o perturbavam. Com receio de perder as poucas lembranças que ainda lhe traziam felicidade,

Rousseau decidiu gravar, por meio da escrita, esses ternos devaneios de contemplação e inquietude que o dirigiam ao conhecimento de si.

*Je consacre mes derniers jours à m'étudier moi-même et à préparer d'avance le compte que je ne tarderai pas à rendre à moi. Livrons-nous tout entier à la douceur de converser avec mon âme puisqu'elle est la seule que les hommes ne puissent m'ôter. Si à force de réfléchir sur mes dispositions intérieures je parviens à les mettre en meilleur ordre et à corriger le mal qui peut y rester, mes méditations ne seront pas entièrement inutiles, et quoique je ne sois plus bon à rien sur la terre, je n'aurai pas tout à fait perdu mes derniers jours. Les loisirs de mes promenades journalières ont souvent été remplis de contemplations charmantes dont j'ai regret d'avoir perdu le souvenir.*⁹⁹ (ROUSSEAU, 1972, p.41).

Rousseau ofereceu seus dias derradeiros à busca do prazer e da dominação de si. Entregando-se à comunicação com a alma, o autor dava-se conta das falhas de sua memória, visto que durante a escrita, preenchia com a imaginação os instantes perdidos no tempo. Para Freud (1920/1974), a felicidade advém da satisfação dos prazeres. A fim de atingir momentos de êxtase é preciso que haja anulação do sofrimento, porque a teoria freudiana sobre a felicidade baseia-se simultaneamente na obtenção do prazer e na evitação do desprazer. A felicidade era recuperada à medida que o genebrino unia os fragmentos de memória. Como sustentou Jean-Jacques Rousseau, a alma foi a única coisa que os homens não lhe roubaram. A conversa com a alma nada mais é que o desejo de repetição do passado, reeditando a mesma impressão, porém em direções diferentes.

Associando Literatura e Psicanálise sugere-se a análise poética do texto rousseauniano, levantando a influência da literatura, especialmente da poesia, já que ela trata da própria condição humana, na formação pessoal do filósofo. O estudo subjetivo implica o grau de consciência do Eu e a percepção deste Eu diante das acepções do Outro (vozes sociais que circunscrevem as convenções impostas aos homens).

Assim, a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no

⁹⁹ “Consagro meus últimos dias a estudar-me a mim mesmo e a preparar de antemão as contas que não tardarei a dar de mim mesmo. Entreguemo-nos inteiramente à doçura de conversar com a minha alma, já que é a única coisa que os homens não me podem tirar. Se, à força de refletir sobre minhas disposições interiores, consigo pô-las em melhor ordem e corrigir o mal que nelas pode ter ficado, minhas meditações serão inteiramente inúteis e embora não sirva mais para nada na terra, não terei perdido completamente os meus últimos dias. Os lazeres de minhas caminhadas diárias foram frequentemente preenchidos por contemplações encantadoras das quais tenho desgosto de ter perdido a lembrança”. (ROUSSEAU, 1986, p. 26).

momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre a sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada”. [...]. A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de *uma falta* de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso *exterior*, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por *outros*. Psicanaliticamente, nós continuamos buscando a “identidade” e construindo biografias que tecem as diferentes partes de nossos eus divididos numa unidade porque procuramos recapturar esse prazer fantasiado de plenitude. (HALL, 2005, p.38-39, grifo do autor).

E não é esse processo em andamento, na busca desse prazer fantasiado em plenitude, que Rousseau afirmou procurar em sua velhice? O medo de ser aquilo que os Outros pretendiam, a angústia de não compreender a própria alma, funcionavam como pilares na construção do texto, nesse caso, de viés interpretativo. Interpretativo, no sentido, de esclarecer a situação atual do narrador e realizar a reconstituição ética de sua existência: “[...] *que suis-je moi même? Voilà ce qui me reste à chercher*”.¹⁰⁰ (ROUSSEAU, 1972, p.35).

À guisa de Freud, a identidade é instável e inacabada, construindo-se no decorrer de nossas vidas, por meio de processos inconscientes. De maneira semelhante concretiza-se o funcionamento da memória. Opondo-se à linearidade, o trabalho realizado por ela é também fruto de um processo fragmentário que possibilita o acréscimo de novas interpretações, às elaborações já concluídas. A necessidade de conhecer-se, de encontrar-se impulsiona Rousseau a iniciar a obra, *Les rêveries du promeneur solitaire*. A ausência de alguma coisa determinou a exigência da narrativa:

*Une grande révolution qui venait de se faire en moi, un autre monde moral qui se dévoilait à mes regards, les insensés jugements des hommes dont sans prévoir encore combien j’en serais la victime je commençais à sentir l’absurdité, le besoin toujours croissant d’un autre bien que la gloriole littéraire dont à peine la vapeur m’avait atteint que j’en étais déjà dégoûté, le désir enfin de tracer pour le reste de ma carrière une route moins incertaine que celle dans laquelle j’en venais de passer la plus belle moitié, tout m’obligeait à cette grande revue dont je sentais depuis longtemps le besoin. Je l’entrepris donc et je ne négligeai rien de ce qui dépendait de moi pour exécuter cette entreprise.*¹⁰¹ (ROUSSEAU, 1972, p.61).

¹⁰⁰ “[...] que sou eu mesmo? Eis o que me falta procurar”. (ROUSSEAU, 1986, p.23).

¹⁰¹ “Uma grande transformação que acabava de se realizar em mim, em outro mundo moral que se abria aos meus olhos, os insensatos julgamentos dos homens, dos quais começava a sentir o absurdo, sem ainda perceber até que ponto seria vítima, a necessidade sempre crescente de um outro bem além da glória literária, cuja euforia, mal tendo-me atingido, já me causará aversão, o desejo, enfim, de traçar para o resto da minha carreira um

Em termos freudianos, o *fort* (ir embora) só apresenta significações em relação à *da* (aqui). Trata-se do conhecido jogo *fort-da* em que a criança joga o objeto e puxa-o de volta com o auxílio de um barbante, interpretado por Freud em *Além do princípio do prazer* (1920). O objeto perdido, em Rousseau, a alegria de viver era, em seguida, recuperado mediante o entendimento de si e a volta ao tempo passado. A ausência, sincronicamente, perturba e instiga. A obra era, então, resultado dessa necessidade de viver de outra maneira, pois a solidão o conduzia à felicidade:

*C'est de cette époque que je puis dater mon entier renoncement au monde et ce goût vif pour la solitude qui ne m'a plus quitté depuis ce temps-là. L'ouvrage que j'entreprenais ne pouvait s'exécuter que dans une retraite absolue; il demandait de longues et paisibles méditations que le tumulte de la société ne souffre pas. Cela me força de prendre pour un temps une autre manière de vivre dont ensuite je me trouvai si bien que, ne l'ayant interrompue depuis lors que par force et pour peu d'instant, je l'ai reprise de tout mon coeur et m'y suis borné sans peine aussitôt que je l'ai pu, et quand ensuite les hommes m'ont réduit à vivre seul, j'ai trouvé qu'en me séquestrant pour me rendre misérable ils avaient plus fait pour mon bonheur que je n'avais su faire moi-même.*¹⁰² (ROUSSEAU, 1972, p.62).

Desde o século XVIII o homem deparou-se com as intersecções do inconsciente. Em *Les rêveries du promeneur solitaire*, a escrita não era mais produto do trabalho consciente, em outras palavras, do trabalho estilístico, ornamentado, mas sim de supostas intromissões inconscientes, que do ponto de vista rousseauiano eram provenientes das constantes mudanças que sua alma enfrentava. As agitações de sua psique eram, segundo Rousseau, resultantes de sua situação atual: exilado da sociedade o que lhe restava era ofertar seus dias finais à procura do eu inconsciente. A poesia representava as transformações de sua personalidade. Na era do XVIII, não só as crises sociais determinavam novas condutas de vida. Era a própria personalidade humana que experimentava mudanças.

caminho menos incerto de que aquele no qual acabava de passar a mais bela metade, tudo me obrigava a esta grande revisão de que sentia, havia muito, a necessidade. Iniciei-a, portanto, e nada negligenciei do que dependia de mim para executar essa empresa". (ROUSSEAU, 1986, p.44).

¹⁰² "É dessa época que posso datar minha inteira renúncia ao mundo e esse gosto vivo pela solidão que não mais me abandonou a partir de então. A obra que empreendia somente podia ser executada num retiro absoluto; exigia longas e calmas meditações, que o tumulto da sociedade não suporta. Isso me forçou, por algum tempo, a uma outra maneira de viver, na qual, depois, me senti tão bem, que, tendo-a interrompido desde então, somente por necessidade e por poucos instantes, retomei-a com gosto e a ela me limitei sem dificuldade logo que o pude fazer e, quando em seguida, os homens me reduziram a viver só, senti que, isolando-me para me tornar infeliz, tinham feito mais para a minha felicidade do que o soubera fazer eu mesmo". (ROUSSEAU, 1986, p.44-45).

A razão insuficiente para explicar algumas atitudes humanas fez com que a narrativa de episteme moderna perdesse o estilo corriqueiro, imprimindo em seu âmago conflitos interiores. Ela não mais ensinava a Rousseau o porquê de certos comportamentos. Era a sua alma que projetaria nova luz sobre sua existência. Em sua versão atualizada do homem, Freud com inteligibilidade fundamentou aquilo que parecia não ter nenhuma explicação. O estudo subjetivo ganhou espaço no contexto moderno, dado que seus artifícios possuíam inéditos veios de percepção. O inconsciente atribuiu versões que escapavam à esfera da consciência. Era o homem irracional, o novo detentor dos poderes e do seu próprio destino:

*Oui, sans doute, la raison me permet, me prescrit même de me livrer à tout penchant qui m'attire et que rien ne m'empêche de suivre; mais elle ne m'apprend pas pourquoi ce penchant m'attire, et quel attrait je puis trouver à une vaine étude faite sans profit, sans progrès, et qui, vieux, radoteur, déjà caduc et pensant, sans facilité, sans mémoire, me ramène aux exercices de la jeunesse et aux leçons d'un écolier. Or c'est une bizarrerie que je voudrais m'expliquer; il me semble que, bien éclaircie, elle pourrait jeter quelque nouveau jour sur cette connaissance de moi-même à l'acquisition de laquelle j'ai consacré mes derniers loisirs.*¹⁰³ (ROUSSEAU, 1972, p.121).

2.2 A memória inconsciente: quem é Jean-Jacques Rousseau?

*Depuis quinze ans et plus que je suis dans cette étrange position, elle me paraît encore un rêve. Je m'imagine toujours qu'une indigestion me tourmente, que je dors d'un mauvais sommeil, et que je vais me réveiller bien soulagé de ma peine en me retrouvant avec mes amis. Oui, sans doute, il faut que j'aie fait sans que je m'en aperçusse un saut de la veille au sommeil, ou plutôt de la vie à la mort.*¹⁰⁴ (ROUSSEAU, 1972, p.35).

O filósofo de Genebra, logo no início das *Rêveries*, nos deixou conhecer a estranha posição a que fora submetido. A primeira caminhada, explicativa, já que retomava momentos substanciais no percurso da existência do autor, exibia os efeitos da tristeza de estar sozinho e

¹⁰³ “Sim, sem dúvida, a razão me permite, me prescreve mesmo entregando-me a toda inclinação que me atrai e que nada me impede de seguir; mas ela não me ensina por que essa inclinação me atrai e que atrativo posso encontrar num vão estudo feito sem proveito, sem progresso e que, embora sendo eu um velho tonto, já caduco e pesado, sem facilidade, sem memória, me traz de volta aos exercícios da juventude e às lições de um escolar. Ora, é uma extravagância que gostaria de explicar a mim mesmo; parece-me que, bem elucidada, ela poderia lançar alguma nova luz sobre esse conhecimento de mim mesmo e cuja aquisição consagrei meus últimos lazeres”. (ROUSSEAU, 1986, p.92).

¹⁰⁴ “Após quinze anos e até mais em que me encontro nesta estranha posição, ela me parece ainda um sonho. Imagino sempre que uma indigestão me atormenta que tenho um pesadelo e que vou acordar entre os meus amigos, aliviado de minha dor. Sim, sem dúvida, sem o perceber devo ter dado um salto da vigília ao sono, ou melhor, da vida para a morte”. (ROUSSEAU, 1986, p. 23).

o pesadelo da paranoica ideia do complô. O complô era, sob a ótica rousseauniana, contra ele mesmo, a sua própria pessoa e não contra seus escritos. A irrefreável angústia que o dominava refletia em sua própria situação. A vida presente era tida como sonho e a qualquer momento o filósofo esperava se livrar dos sofrimentos aflitivos. As horas de devaneio elucidavam os encontros de introspecção. Rejeitado pela sociedade da época, Rousseau procurou a salvação pela memória, pois acreditava que o resgate do tempo passado nortearia a escuridão dos tempos futuros. Há uma inversão na sequência tocante à realidade: a morte não é mais o fim da vida, mas sim o ponto de partida das meditações.

Segundo Françoise Barguillet (1991, p.31),

*le traumatisme part donc de ce que Rousseau interprète comme une trahison de ses amis, et qui réveille peut-être de plus anciens souvenirs d'abandon (abandon de sa mère, morte après sa naissance; abandon de son père lorsqu'il s'exile en laissant l'éducation de son fils aux soins de son beau-frère, ou, plus tard, à ceux de Mme de Warens). Puis l'imaginaire amplifie le désastre, s'alimente de faits réels qu'il ne relie pas toujours à leur juste cause, et dont il exagère la portée: l'esprit s'emballe, dérive sur des raisonnements dont les bases sont fausses, dans un climat de suspicion généralisée propre à la paranoïa. La lecture des Rêveries nous en livre le dernier état, éclats de fièvre où fuse l'angoisse.*¹⁰⁵

O trauma atual é resposta, como afirma Barguillet (1991), aos traumas infantis. A orfandade materna e o abandono paterno esclareciam as revoluções da psique do filósofo. Os males a ele infringidos, interpretados como infidelidades de suas amigadas, amplificavam a paranoica ideia do complô. As palavras de Barguillet são atestadas por Rousseau na sexta caminhada das *Rêveries*, em que ele mesmo confessou ter sido, desde a infância, alvo de desastrosas desgraças. Quando em contato com seus “inimigos”, o filósofo tinha conhecimento de seu destino:

Ma destinée semble avoir tendu dès mon enfance le premier piège qui m'a rendu longtemps si facile à tomber dans tous les autres. Je suis né le plus confiant des hommes et durant quarante ans entiers jamais cette confiance ne fut trompée une seule fois. Tombé tout d'un coup dans une autre ordre de

¹⁰⁵ “O traumatismo inicia-se, portanto, no fato de que Rousseau interpreta como traição de seus amigos, e que desperta talvez antigas lembranças de abandono (abandono de sua mãe, morta depois de seu nascimento; abandono de seu pai quando ele se exila, deixando a educação de seu filho aos cuidados do cunhado, ou, mais tarde, aos de Mme de Warens). Em seguida, o imaginário amplifica o desastre, se alimenta de fatos reais que ele nem sempre liga à sua justa causa, e cujo alcance ele exagera: o espírito se entusiasma, abandona-se a argumentações cujas bases são falsas, num clima de suspeição generalizada própria à paranoia. A leitura das *Rêveries* nos entrega seu último estado, crises de febre em que a angústia se funde. [Tradução nossa].

*gens et de choses j'ai donné dans mille embûches sans jamais en apercevoir aucune, et vingt ans d'expérience ont à peine suffi pour m'éclairer sur mon sort.*¹⁰⁶ (ROUSSEAU, 1972, p.113-114).

As lembranças dos bons tempos passados, fixadas pela escrita de si, eram a solução para afugentar o “canto do mal”:

*Les maux réels ont sur moi peu de prise; je prends aisément mon parti sur ceux que j'éprouve, mais non pas sur ceux que je crains. Mon imagination effarouchée les combine, les retourne, les étend et les augmente. Leur attente me tourmente cent fois plus que leur présence, et la menace m'est plus terrible que le coup.*¹⁰⁷ (ROUSSEAU, 1972, p.38).

Ao ler esse trecho, temos a impressão de que lemos o texto agostiniano relativo às distorções da memória. A imaginação combina os males, os expande. O passado é modificado, adulterado para se adequar à situação atual, de sorte que é impossível sentir da mesma maneira como foi sentido outrora. De forma semelhante efetiva-se o funcionamento da memória, pois ela não nos fornece os acontecimentos da forma como eles realmente aconteceram, mas em fusão com o passado e com as experiências presentes. Além disso, a imaginação adiciona elementos para preencher os vazios do esquecimento.

Desse modo, o estudo da temática da memória, tratado, aqui, sob o viés psicanalítico, nos disponibilizou a compreensão das atitudes comportamentais do genebrino e, além disso, nos ajudou a perceber as influências do inconsciente na técnica de escritura rousseauiana. Embora Rousseau desconhecesse os domínios do inconsciente, dado que considerava a razão, ou seja, as práticas conscientes como governante de seus atos, em *Les rêveries du promeneur solitaire*, o homem racional outorgou voz ao homem irracional. A poesia preencheu as significações não alcançadas pela prosa e o discurso filosófico cedeu lugar ao discurso poético.

Disse Rousseau:

¹⁰⁶ “Meu destino parece, desde minha infância, ter armado a primeira armadilha que me tornou, por muito tempo, tão inclinado a cair em todas as outras. Nasci o mais confiante dos homens e durante quarenta anos completos jamais essa confiança foi enganada uma única vez. Tendo caído de repente entre uma outra espécie de pessoas e de coisas, caí em mil ciladas sem nunca perceber nenhuma e vinte anos de experiência foram apenas suficientes para me esclarecer sobre meu destino. (ROUSSEAU, 1986, p.86).

¹⁰⁷ “Os males reais têm pouco poder sobre mim: resigno-me facilmente com os que sofro, mas não com os que temo. Minha imaginação assustada os associa, os examina, os dilata e os aumenta. Sua espera me atormenta cem vezes mais do que sua presença e a ameaça me é mais terrível que o golpe”. (ROUSSEAU, 1986, p. 24).

*J'aimais m'étendre sur les moments heureux de ma vie, et je les embelissais quelquefois des ornements que de tendres regrets venaient me fournir. Je disais les choses que j'avais oubliées comme il me semblait qu'elles avaient dû être, comme elles avaient été peut-être en effet, jamais au contraire de ce que je me rappelais qu'elles avaient été. Je prêtais quelquefois à la vérité des charmes étrangers, mais jamais je n'ai mis le mensonge à la place pour pallier mes vices ou pour m'arroger des vertus.*¹⁰⁸ (ROUSSEAU, 1972, p.88, grifo nosso).

As falhas de memória eram reparadas pela faculdade da imaginação nomeada por Baudelaire como “*la reine des facultés*”. As lembranças imperfeitas eram complementadas por detalhes dos quais ele imaginava a maneira como poderiam ter sido. A fim de perpetuar os momentos mais alegres, Rousseau os decorava com situações fantasiadas. O curso racional das ideias deu lugar ao discurso desordenado, conduzido pelas modificações anímicas, representando a própria memória, “[...] *mon but qui est rendre compte des modifications de mon âme et de leurs successions*”.¹⁰⁹ (ROUSSEAU, 1972, p.42). Apesar da tentativa de estabelecer a trajetória coerente da existência, partindo da vida passada, o encadeamento das reflexões desviou seu fluxo e o inconsciente tomou a palavra.

Jean-Jacques Rousseau não conhecia a teoria peculiar ao inconsciente, no entanto, pressentia que suas agitações interiores não eram ditadas por ações conscientes. O anseio de voltar ao passado e estudar a si próprio, recuando em exame de sua própria alma, substituiu a antiga maneira de compreender a condição a que fora subjugado e “[...] *le Connais-toi toi-même du temple de Delphes n'était pas une maxime si facile à suivre que je l'avais cru dans mes Confessions*”.¹¹⁰ (ROUSSEAU, 1972, p.73).

Tout ce qui m'est extérieur m'est étranger désormais. Je n'ai plus en ce monde ni prochain, ni semblables, ni frères. Je suis sur la terre comme dans une planète étrangère où je serais tombé de celle que j'habitais. Si je

¹⁰⁸ “Escrevia minhas *Confissões* já velho e entediado com os vãos prazeres da vida que, mesmo superficialmente conhecera todos e dos quais meu coração bem sentira o vazio. Escrevi-os de memória; essa memória me falhava muitas vezes ou somente me fornecia lembranças imperfeitas e eu preenchia suas lacunas com detalhes que imaginava, como complemento dessas lembranças, mas que nunca lhe eram contrárias. Gostava de me alongar sobre os momentos felizes da minha vida e os embelezava algumas vezes com os ornamentos que ternas nostalgias vinham me fornecer. Dizia coisas que esquecera, como me parecia que deviam ter sido, como talvez realmente tivessem sido, nunca o contrário do que lembrava terem sido. Algumas vezes, conferia à verdade encantos estranhos mas nunca a substituí pela mentira para paliar meus vícios ou para me atribuir virtudes”. (ROUSSEAU, 1986, p.64).

¹⁰⁹ “[...] ele me afastaria de minha finalidade que é a de perceber as contínuas modificações de minha alma”. (ROUSSEAU, 1986, p.27).

¹¹⁰ “[...] o conhecer-te a ti mesmo do Templo de Delfos não era uma máxima tão fácil de seguir quanto o julgara nas minhas *Confissões*”. (ROUSSEAU, 1986, p.55).

*reconnais autour de moi quelque chose, ce ne sont que des objets affligeants et déchirants pour mon coeur, et je ne peux jeter les yeux sur ce qui me touche et m'entoure sans y trouver toujours quelque sujet de dédain qui m'indigne, ou de douleur qui m'afflige. Écartons donc de mon esprit tous les pénibles objets dont je m'occuperais aussi douloureusement qu'inutilement. Seul pour le reste de ma vie, puisque je ne trouve qu'en moi la consolation, l'espérance et la paix, je ne dois ni ne veux plus m'occuper que de moi.*¹¹¹ (ROUSSEAU, 1972, p.40).

As palavras do filósofo são eloquentes e caracterizam as transformações produzidas por sua psique. Tudo o que lhe era exterior, isto é, o que não tratava da interioridade, lhe era desconhecido. O conhecer-se, como ele mesmo explicava, não era tão fácil, tal como acreditara nas *Confissões* (1782/1789). As preocupações de seu coração foram incorporadas ao tecido literário e coube à poesia demonstrar tudo isso. À medida que a solidão passou a ser o guia de suas agitações interiores, o consolo, a esperança e a paz sustentaram a vida do autor e lhe deram significado.

Até o século XVIII toda explicação era concedida pela ciência e pela razão. A “Era das Luzes” acreditava no progresso e desconhecia o poder do irracional. Em *Les rêveries du promeneur solitaire* foi valorizada a parte irracional da personalidade. A passagem do século XVIII ao século XIX – século de surgimento da psicanálise – é marcada, segundo Foucault, por mudanças expressivas: é o fim da episteme clássica. A episteme moderna inaugurou um novo período de reflexões. O homem, objeto central de estudo da episteme moderna, fundou as ciências humanas. A linguagem remetia, nessa era, à prática da escrita. Nesse instante efêmero, a leitura do texto rousseauiano, tecida por intermédio da teoria freudiana, proporcionou nova visão de sua obra. Dirigindo o eixo teórico aos estudos freudianos, o inconsciente, componente essencial do aparelho psíquico, é formado pela memória e condiciona, segundo Freud, a personalidade e as atitudes humanas.

Até a *Carta 52 a Fliess*, datada de 6 de dezembro de 1896, Freud ocupou-se em centralizar a posição que a memória cumpria em sua produção teórica. Diferenciando-se

¹¹¹ “De agora em diante, tudo o que é exterior a mim me é estranho. Neste mundo, não tenho mais próximo, nem semelhantes, nem irmãos. Estou na terra como num planeta estranho, onde teria caído daquele em que habitava. Se ao meu redor reconheço alguma coisa, são apenas objetos aflitivos e dilacerantes para o meu coração e não posso olhar o que me toca e me envolve sem encontrar sempre algum motivo de desdém, que me indigna, ou de dor, que me aflige. Afastemos, portanto, de meu espírito, todos os objetos penosos com os quais me ocuparia tão dolorosa quanto inutilmente. Sozinho pelo resto de minha vida, visto que somente em mim encontro a consolação, a esperança e a paz, não devo nem quero mais ocupar-me senão comigo mesmo”. (ROUSSEAU, 1986, p.26).

daquela explorada na psicologia e também daquela que nos é apresentada por Henri Bergon, em *Matéria e Memória* (1896), a memória mencionada pelo médico vienense é a memória inconsciente, em outras palavras, a memória do sistema ψ de neurônios.

Como você sabe, estou trabalhando com a hipótese de que nosso mecanismo psíquico tenha se formado por um processo de estratificação: o material presente sob forma de traços mnêmicos fica sujeito, de tempos em tempos, a um rearranjo de acordo com as novas circunstâncias — a uma retranscrição. Assim, o que há de essencialmente novo em minha teoria é a tese de que a memória não se faz presente de uma só vez, mas se repete, de que ela é consignada em diferentes espécies de signos... Não faço a menor ideia de qual seja o número de tais inscrições. (FREUD, 1897/1989, p.274 apud CHNAIDERMAN, 2003, s.p).

A novidade dos fundamentos freudianos era que a memória não estaria acessível de uma só vez, mas se fomentava em diversos tempos, sendo registrada em distintas espécies de indicações. Freud desenvolveu a teoria de que a memória não possui uma única tradução, mas variadas traduções encontradas em três diferentes níveis. O primeiro deles é o signo perceptivo determinado por associações simultâneas e inábeis de se transformar em consciente. O segundo diz respeito ao signo do inconsciente, instaurado por ligações causais em que os traços são as lembranças inatingíveis à consciência e, por último, o signo do pré-consciente, estabelecido por imagens verbais, equivalendo ao eu e capacitado para atingir a consciência sob circunstâncias precisas. Além disso, essas sucessivas traduções equivaleriam, segundo Freud, ao modo de funcionamento das diferentes fases da vida.

Se pensarmos nas *Rêveries* deparamo-nos com uma interessantíssima analogia ao texto freudiano, no que diz respeito às camadas da memória. Os três níveis perceptivos da memória, propostos pelo vienense, corresponderiam em Rousseau às divisões entre os canteiros executadas em suas visitas aos cantões da ilha de *Saint-Pierre*, na quinta caminhada, a fim de organizá-los de acordo com suas estruturas vegetais. Rousseau e Freud anunciaram, com entusiasmo, a novidade de seus trabalhos. Diz Rousseau:

[...] une loupe à la main et mon Systema naturae sous le bras, visiter un canton de l'île que j'avais pour cet effet divisée en petits carrés dans l'intention de les parcourir l'un après l'autre en chaque saison. Rien n'est plus singulier que les ravissements, les extases que j'éprouvais à chaque observation que je faisais sur la structure et l'organisation végétale, et sur

*le jeu des parties sexuelles dans la fructification, dont le système était alors tout à fait nouveau pour moi.*¹¹² (ROUSSEAU, 1972, p.97).

A proximidade discursiva nos induz a crer que Freud poderia ter sido um leitor de Rousseau. Mas, seguiremos com as hipóteses freudianas relativas ao funcionamento da memória. Em *Uma nota sobre o Bloco Mágico* (1925 [1924]), o psicanalista vienense arriscou uma equivalência entre o bloco mágico, brinquedo infantil, e a estrutura do aparelho perceptual da mente.

O Bloco Mágico é uma prancha de resina ou cera castanha-escuro, com uma borda de papel; sobre a prancha está colocada uma folha fina e transparente, da qual a extremidade superior se encontra firmemente presa à prancha e a inferior repousa sobre ela sem nela estar fixada. Essa folha transparente constitui a parte mais interessante do pequeno dispositivo. Ela própria consiste em duas camadas, capazes de ser desligadas uma da outra salvo em suas duas extremidades. A camada superior é um pedaço transparente de celuloide; a inferior é feita de papel encerado fino e transparente. Quando o aparelho não está em uso, a superfície inferior do papel encerado adere ligeiramente à superfície inferior da prancha de cera. (FREUD, 1974, p.287).

Assim, para servir-se do bloco mágico é preciso escrever sobre a parte de celuloide. O seu desempenho atua de forma semelhante a uma lousa mágica, todavia essa não pode preservar um traço permanente. Já o bloco mágico disponibiliza, ao mesmo tempo, uma superfície receptiva sempre à disposição para ser completada, e outra, cujos traços permanentes são fixados. O aparelho perceptual da nossa mente funciona de modo similar ao bloco mágico, dado que ele recebe infinitas percepções e grava os traços delas.

Outro fator que merece destaque nos trabalhos freudianos é a comparação do aparelho psíquico ao aparelho de linguagem. Desde a gênese dos seus princípios especulativos, Freud articula o aparelho psíquico à linguagem. Segundo Garcia-Roza (2004), o mecanismo psíquico:

Trata-se, portanto, de um aparelho concebido não apenas como um aparelho de memória, mas também como um aparelho de linguagem. Nem a memória, nem a linguagem são para este aparelho acidentais ou secundárias; sem uma ou outra, não há aparelho psíquico. Se assim é, o modo pelo qual essa

¹¹² “[...] com uma lente na mão e meu *Systema naturae* sob o braço, visitar um cantão da Ilha, que, com essa finalidade, dividira em pequenos canteiros, na intenção de os percorrer um após outro, em cada estação. Nada é mais singular do que estes entusiasmos, estes êxtases que experimentara em cada observação que fazia sobre a estrutura e a organização vegetal e sobre o funcionamento das partes sexuais na frutificação, cujo sistema era tão completamente novo para mim”. (ROUSSEAU, 1986, p.73).

memória se constituiu, e ao mesmo tempo constitui o aparelho, não pode ser pensado sem a necessária articulação com a linguagem. (GARCIA-ROZA, 2004, p.52).

Especialmente na *Carta 52 a Fliess* (1896) e em *A interpretação dos sonhos* (1900) Freud tratou da memória de alguma coisa que teria de ser interpretada com um texto (nesse caso, os sonhos). A relevância das pesquisas freudianas referia-se à noção de texto psíquico. O texto psíquico, relativo ao sonho, é construído não por palavras, mas por imagens. O trabalho do sonho converte os pensamentos em imagens sensoriais, porém para serem expressos em imagens é preciso que haja, primeiramente, uma seleção dos pensamentos possíveis de serem transformados. Além do mais, há um abandono das relações lógicas ou a substituição por imagens incapazes de traduzir tais relações. Por isso, muitas vezes, na tentativa de figuração do nexos causal, o trabalho do sonho modifica os pensamentos dos sonhos, deixando-os sem sentido algum, se relatado pelo sonhador.

De maneira semelhante ao aparelho psíquico, o exercício do sonho realiza-se regressivamente, pois, modificando as palavras em imagens sensoriais, tem-se a efetivação ulterior, dado que as relações lógicas são sacrificadas. Posto isso, os escritos oníricos carecem de táticas representativas, de sorte que a transmissão do sonho à linguagem é intraduzível no sistema consciente. O sonho apresenta sintaxe singular e

[...] enquanto produções do inconsciente possuem uma lógica própria, sendo que cada sonhador cria seu próprio código, de tal modo que, se o mesmo conteúdo se fizesse presente em dois sonhadores, o sentido não seria o mesmo. (GARCIA-ROZA, 2004, p.63).

Os sonhos são apontados por Freud (1900) como ações figuradas dos desejos inconscientes e versam sobre o próprio sonhador. Os desejos reprimidos por imposições sociais, incapazes de serem satisfeitos, são relegados ao inconsciente. No decorrer do sono, esses desejos, cuidadosamente disfarçados, têm seus significados edulcorados de modo que nossos sonhos convertem-se em textos metafóricos, necessitando ser decodificados. Sob as técnicas de condensação e deslocamento esses desejos são manifestados. Os sonhos não são as únicas vias de acesso ao inconsciente. Aquilo que Freud denominou “parapraxes” – atos falhos de língua e de memória -, as leituras errôneas, o erro ao posicionar os objetos também nos conduz ao inconsciente. Como atesta Terry Eagleton (2006), para Roman Jakobson, as

associações entre Literatura e Psicanálise foram possibilitadas graças a procedimentos fundamentais da linguagem, a metáfora (condensação) e a metonímia (descolamento).

Diante disso, a ficção simboliza o mundo psíquico funcionando na linguagem e o trabalho da memória no texto ficcional, pautado no suporte psicanalítico, é representado em *Les rêveries du promeneur solitaire*, por meio do devaneio. A função metafórica da memória possui marcadores discursivos que condicionam as miscigenações verbais presentes no texto, em função da mescla dos tempos presente, passado e futuro. O uso da expressão *à present*, traduzida para o português por “hoje”, orienta a prosa poética de Jean-Jacques ao tempo presente. No entanto, deparamo-nos, paralelamente, com verbos no tempo passado em que se vê realizado o trabalho simbólico da memória, e, ainda, com os desejos do filósofo, transportando a prosa para o futuro:

*Telle est, laissant à part les visites imprévues et importunes, la manière dont j'ai passé mon temps dans cette île durant le séjour que j'y ai fait. Qu'on me dise à présent ce qu'il y a là d'assez attrayant pour exciter dans mon coeur des regrets si vifs, si tendres et si durables qu'au bout de quinze ans il m'est impossible de songer à cette habitation chérie sans m'y sentir à chaque fois transporté encore par les élans du désir.*¹¹³ (ROUSSEAU, 1972, p.100).

O discurso do narrador autodiegético, em termos genettianos, encaminha o texto em prosa poética para o momento passado, ou seja, para o momento de êxtase sentido por Jean-Jacques durante sua estada na ilha de *Saint-Pierre*. O passado reconstituído no presente é marcado pela fala do genebrino, pelo cerzir dos retalhos de memória. O futuro só pode ser feliz e pleno se Rousseau for transportado ao passado. De acordo com Barguillet (1991), a memória decanta o passado, filtrando somente os momentos de graça:

*Les oublis n'affectent pas seulement tel ou tel détail, Rousseau pressent que la plupart obéissent à une loi de sa nature: sa mémoire décante le passé, d'une part en filtrant les périodes tourmentées qui composent l'essentiel de son existence pour n'en retenir que les moments de grâce [...] d'autre part en privilégiant ces suavités volées au malheur par rapport au bien-être [...].*¹¹⁴ (BARGUILLET, 1991, p.161).

¹¹³ “Tal foi, executando as visitas imprevistas e importunas, a maneira pela qual passei meu tempo nessa Ilha durante a estada que nela fiz. Que me digam hoje o que há nela de tão atraente para excitar em meu coração tão vivas, tão ternas e tão duráveis nostalgias, para que, ao fim de quinze anos, me seja impossível pensar nessa habitação cara sem para lá me sentir transportado ainda pela aspiração do desejo”. (ROUSSEAU, 1986, p.75).

¹¹⁴ “Os esquecimentos não afetam somente este ou aquele detalhe, Rousseau pressente que a maioria obedece a uma lei de sua natureza: sua memória decanta o passado, de um lado filtrando os períodos atormentados que

Nas *Rêveries*, a transcrição da memória é fragmentária e a prosa rousseauiana ilustra os desvios de memória de Jean-Jacques: a imprecisão de sua estadia na ilha de *Saint-Pierre*, já que lá permaneceu refugiado de 12 de setembro de 1765 a 25 de outubro do mesmo ano, a delimitação aproximativa de sua estadia em *Charmettes* retomada na décima caminhada: “*j’engageai maman à vivre à la campagne. Une maison isolée au penchant d’un vallon fut notre asile, et c’est là que dans l’espace de quatre ou cinq ans [...]*”¹¹⁵ (ROUSSEAU, 1972, p.169, grifo nosso), e a condenação do *Émile*, em que os acontecimentos datam de quatorze anos e não quinze como ele diz na primeira caminhada: “*Depuis quinze ans et plus que je suis dans cette étrange position [...]*”¹¹⁶. (ROUSSEAU, 1972, p.35). Ademais, os períodos longos, com poucas vírgulas e os verbos subentendidos simbolizam a fluidez do pensamento. A escrita parece transladar e, nem mesmo os pontos finais, nos permitem descansar.

*Il est vrai que ces dédommagements ne peuvent être sentis par toutes les âmes ni dans toutes les situations. Il faut que le coeur soit en paix et qu’aucune passion n’en vienne troubler le calme. Il y faut des dispositions de la part de celui qui les éprouve, il en faut dans le concours des objets environnants. Il n’y faut ni un repos absolu ni trop d’agitation, mais un mouvement uniforme et modéré qui n’ait ni secousses ni intervalles. Sans mouvement la vie n’est qu’une léthargie. Si le mouvement est inégal ou trop fort, il réveille; en nous rappelant aux objets environnants, il détruit le charme de la rêverie et nous arrache d’au dedans de nous pour nous remettre à l’instant sous le joug de la fortune et des hommes et nous rendre au sentiment de nos malheurs. Un silence absolu porte à la tristesse. Il offre une image de la mort. Alors le secours d’une imagination riante est nécessaire et se présente assez naturellement à ceux que le ciel en a gratifiés. Le mouvement qui ne vient pas du dehors se fait alors au dedans de nous. Le repos est moindre, il est vrai, mais il est aussi plus agréable quand de légères et douces idées, sans agiter le fond de l’âme ne font pour ainsi dire qu’en effleurer la surface. Il n’en faut qu’assez pour se souvenir de soi-même en oubliant tous se maux. Cette espèce de rêverie peut se goûter partout où l’on peut être tranquille, et j’ai souvent pensé qu’à la Bastille, et même dans un cachot où nul objet n’eût frappé ma vue, j’aurais encore pu rêver agréablement.*¹¹⁷ (ROUSSEAU, 1972, p.102-103).

compõem o essencial de sua existência para só reter os momentos de graça [...] de outro lado privilegiando essas suavidades roubadas aos infortúnios em benefício do bem-estar [...]. [Tradução nossa].

¹¹⁵ “Exortei mamãe a viver no campo. Uma casa isolado no declive de um pequeno vale foi nosso refúgio e foi lá que, no espaço de quatro ou cinco anos [...]”. (ROUSSEAU, 1986, p.132).

¹¹⁶ “Após quinze anos e até mais em que me encontro nesta estranha posição [...]”. (ROUSSEAU, 1986, p.23).

¹¹⁷ “É verdade que essas compensações não podem ser sentidas por todas as almas, nem em todas as situações. É preciso que o coração esteja em paz e que nenhuma paixão venha perturbar sua calma. Para isso são necessárias certas disposições da parte daquele que as sente, é preciso que existam no auxílio dos objetos que o rodeiam. Não deve haver nem um repouso absoluto nem demasiada agitação, mas um movimento uniforme e moderado,

Tivemos o cuidado em transcrever, na íntegra, o trecho da quinta caminhada das *Rêveries* em que Rousseau devaneia. O texto nos governa vagarosamente. As imagens, aos poucos, vão ocupando seus devidos lugares. O leitor caminha em um movimento moderado e uniforme e as ideias seguem sua fluência particular. As imagens aparecem e nem todas lhe interessam, naquele determinado instante. Assim, a imaginação se apresenta, naturalmente, enquanto outras ideias emergem do fundo da alma com o intuito de acrescentar o necessário para lembrar-se de si mesmo. O prazer de se absorver inteiramente no devaneio purificava Rousseau de todo mal. Não se separava do universo, sentia-se unido a ele. A sonoridade suave e leve, o levava a confundir o real com o imaginário. Por intermédio da linguagem poética, o devaneio era transposto para o papel.

Na sexta edição do *Dicionário da Academia Francesa* (1895), o substantivo *rêverie* deriva como um dos aceitáveis sinônimos de sonho. Levando-se em consideração a referência do dicionário, *rêverie* diz respeito “ao estado de espírito ocupado por ideias vagas que o interessam, e aos pensamentos alegres ou tristes pelos quais se deixam conduzir a imaginação”.¹¹⁸ De acordo com Barguillet (1991, p.147),

*Rêver, c'est tout d'abord laisser aller ses pensées comme elles viennent, sans chercher à leur imposer un ordre pré-déterminé: la rêverie implique donc une passivité de l'esprit qui, au lieu de gouverner sa méditation, se laisse flotter au gré de ses associations d'idées, pour mieux se connaître dans sa spontanéité conforme à la voix de la Nature.*¹¹⁹

Nas *Rêveries* o ato de devanear é permitido graças aos encontros com a alma. O devaneio é a projeção do passado fugidio, possibilitando ao filósofo desfrutar do sentimento

sem abalos nem intervalos. Sem movimento, a vida é apenas letargia. Se o movimento é desigual ou por demais forte, lembra; chamando nossa atenção para os objetos que nos rodeiam, ele destrói o encanto do devaneio e nos arranca de dentro de nós mesmos para nos recolocar imediatamente sob o jugo do destino dos homens e nos devolver ao sentimento de nossas infelicidades. Um silêncio absoluto leva à tristeza. Oferece uma imagem da morte. Então, o socorro de uma imaginação alegre é necessária e se apresenta com bastante naturalidade àqueles que o Céu gratificou com tal imaginação. O movimento que não vem de fora nasce então dentro de nós. O repouso é menor, é verdade, mas é também mais agradável quando leves e doces ideias, sem agitar o fundo da alma, por assim dizer, apenas tocam levemente sua superfície. Somente o necessário para lembrar-se a si mesmo, esquecendo todos os seus males. Essa espécie de devaneio pode ser apreciado onde quer que se possa estar tranquilo e pensei muitas vezes que na Bastilha e mesmo numa masmorra, onde nenhum objeto viesse chocar minha vista, teria ainda podido sonhar agradavelmente. (ROUSSSEAU, 1986, p.77).

¹¹⁸ *RÊVERIE. s.f. Il se dit de l'état de l'esprit occupé d'idées vagues qui l'intéressent, et de pensées riantes ou tristes auxquelles se laisse aller l'imagination.*

¹¹⁹ “Devanear, é antes de tudo deixar seguir seus pensamentos como eles vêm, sem procurar lhes impor uma ordem pré-determinada: o devaneio implica então uma passividade do espírito que, em lugar de governar sua meditação, se deixa flutuar ao prazer das associações de ideias, para melhor se conhecer em sua espontaneidade de acordo com a voz da Natureza”. [Tradução nossa].

de sua existência passada e, também, da perfeita autonomia e autossuficiência vivenciada naquela época. O espírito regido pelas oscilações da psique não é capaz de proceder com ordem e método, senão Rousseau estaria se afastando de seu objetivo:

*Une situation si singulière mérite assurément d'être examinée et décrite, et c'est à cet examen que je consacre mes derniers jours. Pour le faire avec succès il y faudrait procéder avec ordre et méthode: mais je suis incapable de ce travail et même il m'écarterait de mon but qui est rendre compte des modifications et de leurs successions. Je ferai sur moi-même à quelque égard les opérations que font les physiciens sur l'air pour en connaître l'état journalier. J'appliquerai le baromètre à mon âme, et ces opérations bien dirigées et longtemps répétées me pourraient fournir des résultats aussi sûrs que les leurs.*¹²⁰ (ROUSSEAU, 1972, p.42).

Rousseau projetou os dias finais para repetir o passado, aproximando-se da concepção freudiana de que o passado não está morto, mas se renova e se repete. O genebrino caminhava sob as manifestações da alma, do inconsciente, e isso significa dizer que as variações da alma são tão imprevisíveis quanto às variações atmosféricas, como evidencia Starobinski (2000, p.418) “[...] *les variations de l'âme rêveuse sont à la fois aussi imprévisibles et aussi strictement soumises aux lois physiques de l'univers que le sont les variations atmosphériques: elles échappent à la volonté humaine*”.¹²¹ As mudanças da alma não podem ser calculadas. Cumrem-se de maneira automática, analogamente ao trabalho realizado pelo inconsciente. Impossibilitado de comandar essas variações, o enunciado é submetido a uma linguagem mais abrangente: a poesia. Nessa perspectiva, o tom melancólico da prosa poética rousseauiana relaciona-se aos desejos frustrados do narrador:

[...] quelquefois pendant plusieurs heures, plongé dans mille rêveries confuses mais délicieuses, et qui sans avoir aucun objet bien déterminé ni constant ne laissaient pas d'être à mon gré cent fois préférables à tout ce

¹²⁰ “Uma situação tão singular merece seguramente ser examinada e descrita, e é esse exame que consagro meus últimos lazares. Para fazê-lo com sucesso, seria necessário proceder com ordem e método: porém sou incapaz desse trabalho e mesmo ele me afastaria de minha finalidade que é a de perceber as contínuas modificações de minha alma. Farei em mim, num certo sentido as operações feitas no ar pelos físicos, para conhecer seu estado diário. Aplicarei o barômetro à minha alma e essas operações, bem conduzidas e longamente repetidas, poderiam fornecer resultados tão seguros quanto os seus”. (ROUSSEAU, 1986, p.27).

¹²¹ “[...] as variações da alma sonhadora são igualmente tão imprevisíveis e tão estritamente submetidas às leis físicas do universo quanto o são as variações atmosféricas: elas escapam à vontade humana”. (STAROBINSKI, 2011, p.480).

*que j'avais trouvé de plus doux dans ce qu'on appelle les plaisirs de la vie.*¹²² (ROUSSEAU, 1972, p.98).

A inquietude que absorvia seu coração, a necessidade de afastar-se da sociedade para encontrar paz de espírito e plenitude, fazia-o a devanear. Transpondo as recentes sensações para seu mundo no esforço de agradar-se, Rousseau agia como a criança que brinca e fantasia uma realidade paralela. Ao devanear, o autor tratava seriamente a realidade edificada, todavia, sabia que tudo não passa de uma invenção. Insatisfeito, procurava no passado o bem-estar do presente: “*Le discours de Rousseau paraît voué à se déployer à l'écart de ce qu'il désigne comme l'état plus précieux*”.¹²³ (STAROBINSKI, 2000, p.416). O distanciamento do enunciado metaforiza a vida do filósofo. Retirado da sociedade que o atormentara, sozinho, pretendia explicar sua vida. Um bom começo para compreender e nomear um mundo que, antes, não tinha necessidade de ser caracterizado.

Freud, em *Escritores criativos e devaneios* (1908[1907]), comparou o ato de brincar à realidade dos escritores. O psicanalista assinalava que,

Ao crescer, as pessoas param de brincar e parecem renunciar ao prazer que obtinham do brincar. Contudo, quem compreende a mente humana sabe que nada é tão difícil para o homem quanto abdicar de um prazer que já experimentou. Na realidade, nunca renunciamos a nada; apenas trocamos uma coisa por outra. O que parece ser uma renúncia é, na verdade, a formação de um substituto ou sub-rogado. Da mesma forma, a criança em crescimento, quando pára de brincar, só abdica do elo com os objetos reais; em vez de *brincar*, ela agora *fantasia*. Constrói castelos no ar e cria o que chamamos de *devaneios*. Acredito que a maioria das pessoas construa fantasias em algum período de suas vidas. Este é um fato a que, por muito tempo, não se deu atenção, e cuja importância não foi, assim, suficientemente considerada. (FREUD, 1925, p.3, grifo do autor).

Conforme se verificou, o adulto não brinca como a criança. Ele fantasia. Imagina e constrói a realidade que lhe é adequada. O próprio Rousseau reconhece que os instantes despertados pelo prazer da fantasia não eram duradouros “*[...] et comment peut-on appeler bonheur un état fugitif qui nous laisse encore le coeur inquiet et vide, qui nous fait regretter*

¹²² “[...] algumas vezes durante várias horas, mergulhando em mil devaneios confusos mas deliciosos, e que, sem nenhum objeto bem determinado nem constante, não deixavam de ser, na minha opinião, cem vezes preferíveis a tudo o que encontrara de mais doce no que chamam os prazeres da vida”. (ROUSSEAU, 1986, p.74).

¹²³ “O discurso de Rousseau parece destinado a manifestar-se à distância daquilo que ele designa como o estado mais precioso”. (STAROBINSKI, 2011, p.479).

quelque chose avant, ou désirer encore quelque chose après?”¹²⁴ (ROUSSEAU, 1972, p.101), pois a renúncia tem de ser executada. A criança fantasia o mundo do adulto e não se envergonha por isso. Já o adulto, quando fantasia, envergonha-se, visto que os desejos estimulados pela fantasia são de tal gênero que há necessidade de ocultá-los, ou, ainda, em se tratando de um adulto, não lhe dá o direito de criar um mundo correspondente.

Os devaneios são mutáveis e alteram-se de acordo com a situação, ressaltou Freud. Em suas palavras “cada nova impressão ativa uma espécie de ‘carimbo da data de fabricação’”. (FREUD, 1925, p.4). Sendo assim, a relação estabelecida entre a fantasia e o tempo é indispensável. Três tempos são cingidos pela nossa ideação, representando os três momentos da fantasia. O primeiro tempo é o da impressão atual: alguma coisa motivadora no presente animou um dos desejos do sujeito. Em seguida, ele retrocede ao passado, recordando uma lembrança anterior. Para Freud, essa lembrança está ligada à infância, circunstância em que o desejo foi realizado. Fantasia-se outra situação a ser executada no futuro, que figura a efetivação do desejo. “O que se cria então é um devaneio ou fantasia, que encerra traços de sua origem a partir da ocasião que o provocou e a partir da lembrança. Dessa forma o passado, o presente e o futuro são entrelaçados pelo fio do desejo que os une”. (FREUD, 1925, p.4).

A confirmação das palavras de Freud é observada em *Les rêveries du promeneur solitaire*. Dizia Jean-Jacques Rousseau:

*On ne m’a laissé passer guère que deux mois dans cette île, mais j’y aurais passé deux ans, deux siècles et toute l’éternité sans m’y ennuyer un moment [...] Je compte ces deux mois por le temps le plus heureux de ma vie et tellement heureux qu’il m’eût suffi durant toute mon existence sans laisser naître un seul instant dans mon âme le désir d’un autre état.*¹²⁵
(ROUSSEAU, 1972, p.95).

A felicidade do narrador na ilha de *Saint-Pierre* teve pouca duração, só dois meses. Contudo, o filósofo conseguiu lembrar os instantes de felicidade plena, ali desfrutados. Na situação presente, ou seja, no decurso de sua atividade de herborização, Rousseau devaneia e volta às sensações vividas. O *souvenir* da ilha desencadeia uma série de diferentes lembranças

¹²⁴ “[...] e como podemos chamar felicidade a um estado fugidio que nos deixa o coração inquieto e vazio, que nos faz lamentar alguma coisa antes ou desejar ainda alguma coisa depois?”. (ROUSSEAU, 1986, p.76).

¹²⁵ “Deixaram-me passar apenas dois meses nessa Ilha, mas nela teria passado dois anos, dois séculos e toda a eternidade, sem me entediar um só momento [...]. Considero esses dois meses como o tempo mais feliz de minha vida e de tal forma feliz que ter-me-ia bastado durante toda a minha existência, sem fazer nascer, por um único instante, em minha alma, o desejo de um outro estado”. (ROUSSEAU, 1986, p.72).

evocadas como inspiradoras da felicidade. No porvir, ele esperava poder repetir tais manifestações de felicidade experimentadas em *Saint-Pierre*. Nada mais era que uma ilusão de retorno do prazer um dia usufruído. O presente é o tempo da escrita; o passado, o tempo da vivência, e o futuro, o tempo da leitura que conterà a certeza da felicidade absoluta. De acordo com Freud, “[...] o desejo utiliza uma ocasião do presente para construir, segundo moldes do passado, um quadro do futuro”. (FREUD, 1925, p.5).

Segundo Eagleton, “a narrativa é uma fonte de consolo: os objetos perdidos são causa de ansiedade para nós, simbolizando certas perdas inconscientes mais profundas (o nascimento, as fezes, a mãe) e é sempre um prazer vê-los de volta, seguros”. (EAGLETON, 2006, p.278). Em Rousseau, a salvação pela arte, por meio da narrativa de si, é a única alternativa alcançada pelo narrador para livrar-se da ansiedade e da angústia que o submergia. A vontade de reviver instantes soberbos de prazer só é legítima por intermédio da memória. A insatisfação que o perturbava seria eliminada pela volta constante ao tempo passado, ao lugar em que seu ego não poderia ser atingindo. A imaginação adicionava imagens encantadoras que reanimavam os devaneios, abstratos e monótonos, já que as lembranças não eram plenas:

*En rêvant que j’y suis [à l’île de Saint-Pierre] ne fais-je pas la même? Je fais même plus; à l’attrait d’une rêverie abstraite et monotone je joins des images charmantes qui la vivifient. Leurs objets échappaient souvent à mes sens dans mes extases, et maintenant plus ma rêverie est profonde plus elle me les peint vivement. Je suis plus au milieu d’eux et plus agréablement encore que quand j’y étais réellement. Le malheur est qu’à mesure que l’imagination s’attédie cela vient avec plus de peine et ne dure pas si longtemps. Hélas, c’est quand on commence à quitter sa dépouille qu’on en est le plus offusqué!*¹²⁶ (ROUSSEAU, 1972, p.104-105).

O sonho é o caminho real que leva ao inconsciente para o descobrimento de um além da consciência, interno ao sujeito. O sonhador somente tem acesso ao conteúdo manifesto dos sonhos, isto é, àquilo que recorda ao despertar. Em se tratando de uma atividade transformadora, visto que o conteúdo manifesto aparece, e é contado de forma distorcida do conteúdo latente, que são os pensamentos dos sonhos, Freud afirmou que “todo e qualquer

¹²⁶ “Sonhando que estou lá [na ilha de *Saint-Pierre*], não faço a mesma coisa? Faço mesmo mais; aos atrativos de um devaneio abstrato e monótono, acrescento imagens encantadoras que o vivificam. Em meus êxtases, seus objetos escapavam muitas vezes a meus sentidos, e agora, mais meus devaneios é profundo mais os pinta com energia. Permaneço muitas vezes mais profundamente entre eles e de forma mais agradável ainda do que quando lá me encontrava de fato. Infelizmente, à medida que a imaginação se entorpece, isso acontece com maior dificuldade e não dura tanto tempo. Ai de mim, é quando se começa a abandonar seus despojos que se é mais perturbados por eles!” (ROUSSEAU, 1986, p.78).

juízo ou raciocínio que apareça num sonho é apenas a repetição de um modelo procedente dos pensamentos oníricos latentes”. (FREUD apud GARCIA-ROZA, 2004, p.103). As alterações subjugadas ao conteúdo dos sonhos são reflexos da censura. A censura, para o vienense, opera entre o sistema inconsciente e o pré-consciente. Impedindo a passagem de algo proibido, deturpa os pensamentos latentes durante o exercício do sonho. Tais distorções não são feitas ao acaso, mas determinadas pela imposição da repressão social, a principal ordenadora da deformação onírica.

Nem os sonhos, nem nada na terra conserva uma forma perfeita. Tudo se transforma em conformidade com as exigências do tempo e da natureza. A identidade instável se modifica até o dia de nossa morte. Se a identidade está em constante mutação, aquilo que adotamos como valores também sofre alterações e, conseqüentemente, nossas opiniões e nossos sonhos se modificam. É nesse sentido que Rousseau acreditava não existir a felicidade duradoura. Eis o que ele escreveu:

*Tout est dans un flux continuel sur la terre: rien n'y garde une forme constante et arrêtée, et nos affections qui s'attachent aux choses extérieures passent et changent nécessairement comme elles. Toujours en avant ou en arrière de nous, elles rappellent le passé qui n'est plus ou préviennent l'avenir qui souvent ne doit point être: il n'y a rien là de solide à quoi le coeur puisse s'attacher. Aussi n'a-t-on guère ici-bas que du plaisir qui passe; pour le bonheur qui dure je doute qu'il soit connu.*¹²⁷ (ROUSSEAU, 1972, p.101).

A impossibilidade de efetivar certos desejos caracterizados pelas vozes sociais de “proibidos” faz com que eles sejam transportados ao inconsciente. O inconsciente, movido por esses desejos insatisfeitos, cria fantasias imaginárias em que as estratégias da elaboração condensam e deslocam os sentidos. Sabendo-se que o trabalho do inconsciente é concretizado *a posteriori*, as significações presentes no conteúdo manifesto dos sonhos, ou até mesmo nos atos falhos, distorcem a lógica real desses desejos. O psicanalista, agindo como explorador, cava as informações, que perante o analisado não possuem nenhuma importância. A realidade submergida nos abismos do inconsciente tarda a ser decifrada: “o homem não é o senhor da

¹²⁷ “Tudo vive num fluxo contínuo na terra: nela, nada conserva uma forma constante e definitiva e nossas afeições, que se apegam às coisas exteriores, passam e se transformam necessariamente como elas. Sempre à nossa frente ou atrás de nós, lembram o passado, que não mais existe ou antecipam o futuro que, muitas vezes, não deverá existir: nada há de sólido a que o coração possa se apegar. Assim, na terra, temos apenas um pouco de prazer que passa; quanto à felicidade duradoura, duvido que seja conhecida”. (ROUSSEAU, 1986, p.76).

sua própria casa”.

Os sonhos são os acontecimentos psíquicos em que realizamos nossos desejos inconscientes. O desejo é satisfeito, no entanto, permanece-se a dormir. O material do sonho é confeccionado com base em nossas experiências, daquilo que experimentamos na vigília. O sonhador desconfia do conteúdo dos sonhos, na realidade, desconfia que o conteúdo nasça de suas próprias vivências. Essa é umas das particularidades do conteúdo manifesto dos sonhos: a estranheza, pois o sonhador não admite ser tal material fruto de sua criação. Os sonhos não são incoerentes. Ao expressarem uma lógica própria aparenta-se que a representação consciente é desconexa. Em vista disso, a organização consciente deixa o sonho sem sentido. A leitura do sonho tem de ser realizada a partir da teoria do inconsciente, pois ela possibilita a configuração de múltiplas acepções, para um único sonho. As imagens do sonho não apontam para as coisas que elas deveriam substituir, mas sim para as significações que fogem das mencionadas coisas.

Freud, em *A interpretação dos sonhos* (1900), afirmou que os símbolos (sonhos) são interpretados, na maioria das vezes, com base no conteúdo manifesto, isto é, naquilo que se pode contar dos sonhos. Todavia, é conveniente reforçar a primeira coisa que se torna clara: "quem quer que compare o conteúdo do sonho com os pensamentos oníricos vê que ali se efetuou um trabalho de *condensação* em larga escala". (FREUD, 1987, p.272, grifo do autor). Garcia-Roza (2004) considera a condensação o método pelo qual o conteúdo manifesto dos sonhos se apresenta. Por meio deste trabalho, podem ser omitidos os pensamentos latentes, ou melhor, eles são condensados e expressos sob a forma de um único elemento.

Freud admitiu que os sonhos não sofrem apenas o trabalho de condensação, mas outros processos, chegando, o conteúdo manifesto ao sonhador totalmente substituído. Outro fator que ocorre no tempo do sonho é denominado pelo psicanalista de trabalho de deslocamento. Os trabalhos de deslocamento bem como os trabalhos de condensação sentem o efeito da censura e simbolizam a distorção dos desejos inconscientes. Vejamos o que enunciou Freud a esse respeito:

No curso da formação de um sonho, esses elementos essenciais [elementos dos pensamentos dos sonhos], carregados como estão de um intenso interesse, podem ser tratados como se tivessem um valor reduzido e seu lugar pode ser tomado, no sonho, por outros elementos sobre cujo pequeno

valor nos pensamentos do sonho não há nenhuma dúvida. (FREUD, 1987, p.294).

O autor pretendeu dizer que no conteúdo manifesto dos sonhos não aparece nenhum elemento dos pensamentos dos sonhos. O deslocamento tem por função o desvio. Substitui-se um elemento dos pensamentos latentes por outro relacionado ao primeiro, por uma simples referência. Para Freud, o que é reproduzido nos sonhos não significa ser o mais importante nos pensamentos dos sonhos, muito pelo contrário. As representações mais essenciais nos sonhos, evidentemente, são aquelas mais frequentes, já que os pensamentos oníricos dela são difundidos. No entanto, os sonhos podem renunciar a essas representações mais importantes em favor de outras acessórias.

O pai da psicanálise concluiu: “[...] a determinação múltipla que decide o que será incluído num sonho nem sempre é um fator primordial na construção do sonho, mas é frequentemente o produto secundário de uma forma psíquica que ainda nos é desconhecida”. (FREUD, 1987, p.296). Parece plausível que as forças psíquicas atuantes no trabalho dos sonhos desloquem-se graças à tentativa de escapar à resistência imposta pela censura. Um mesmo sonho pode ter significados distintos de acordo com cada cultura e cada pessoa. No entanto, uma mesma pessoa é capaz de atribuir um significado diferente para um mesmo sonho, em diversas ocasiões. No intervalo entre os momentos dos sonhos e a interpretação, é provável que haja associações acrescentadas pelo próprio sonhador. Para Freud, o que se reproduz, claramente, pelos pensamentos no sonho é o tema dos pensamentos do sonho e não seus liames.

Os pensamentos dos sonhos para serem interpretados passam por outro trabalho, designado por Sigmund Freud, de elaboração secundária. Por não participar do trabalho dos sonhos, a elaboração secundária, toma como produto não os pensamentos latentes, mas as elaborações já concluídas no decorrer do exercício do sonho. No entanto, o psicanalista atribuiu à elaboração secundária uma função atuante na formação do sonho. Em congruência com a condensação e o deslocamento ela participa das criações oníricas.

“A elaboração secundária, ou ainda ‘tomada em consideração da inteligibilidade’ (*Rücksicht auf Verständlichkeit*), consiste na modificação imposta ao sonho, pelo sonhador, a fim de que apareça sob a forma de uma história coerente e compreensível”. (GARCIA-ROZA, 2004, p.105). Dessa forma, a elaboração secundária permite que os pensamentos latentes

adotem uma lógica coerente, perdendo sua imagem de absurdo, em favor de uma leitura aceitável na linguagem verbal. A fantasia ou sonhos diurnos (devaneios) estão ligados à elaboração secundária do sonho, uma vez que se assemelham aos sonhos noturnos e assim como eles são realizações de desejos inconscientes.

*Ces ravissements, ces extases que j'éprouvais quelquefois en me promenant ainsi seul étaient des jouissances que je devais à mes persécuteurs : sans eux je n'aurais jamais trouvé ni connu les trésors que je portais en moi-même. Au milieu de tant de richesses, comment en tenir un registre fidèle? En voulant me rappeler tant de douces rêveries, au lieu de les décrire j'y retombais. C'est un état que son souvenir ramène, et qu'on cesserait bientôt de connaître en cessant tout à fait de le sentir.*¹²⁸ (ROUSSEAU, 1972, p.45).

Em verdade, os fragmentos perdidos haviam sofrido o trabalho da elaboração secundária. O genebrino não os esqueceu, apenas os decifrou de modo a torná-los inteligíveis. A encenação imaginária vivida em seus devaneios, mesmo que os subordinasse aos mecanismos defensivos, descrevia a efetivação de um desejo e, em última análise, de um desejo inconsciente. Tratava-se de uma tradução inacabada, ou nas palavras do próprio Rousseau, imperfeita. Um sonho jamais será inteiramente interpretado. A interpretação precisa desfazer as ligações lógicas impostas pela elaboração secundária, desfazendo o texto, a fim de atingir o enunciado do desejo.

Os questionamentos induzidos por Jean Starobinski (1971) nos levaram a pensar a natureza das *Rêveries*. Em Rousseau, o desgosto de não ter registrado os devaneios é superado pelo uso da imaginação. Nos sonhos, assiduamente, transferimos os significados das palavras, combinando umas com as outras, provocando uma mistura de significações. A palavra, que no estado de consciência é portadora de um significado, durante os pensamentos dos sonhos recebe nova conotação. Isto tudo graças à facilidade dos enunciados lembrados possuírem vários significados ou sentidos distintos do original.

Est-ce là rêver? On en douterait. La pure rêverie est interne et muette, absorbée dans une fascination fuyante. S'extérioriser, pour la conscience rêveuse, c'est déjà sortir de la rêverie. Le demi-regret qu'à plus d'une reprise Rousseau manifeste de n'avoir noté les idées et les images surgies le

¹²⁸ “Esses transportes, esses êxtases que experimentava algumas vezes, caminhando assim sozinho, eram prazeres da vida que devia aos meus perseguidores: sem eles, nunca teria encontrado nem conhecido os tesouros que trazia em mim mesmo. Em meio a tantas riquezas, como manter um registro fiel? Querendo lembrar tantos doces devaneios, em lugar de descrevê-los, recomeçava-os. É um estado introduzido por sua lembrança e que em breve cessaríamos de conhecer cessando completamente de senti-lo”. (ROUSSEAU, 1986, p.31).

*long du chemin, prouve précisément que la rêverie était assez absorbante pour ne laisser derrière elle aucun sillage verbal*¹²⁹. (Ainsi en va-t-il de nos rêves, dont les plus merveilleux sont toujours perdus pour le langage: il faut se résigner à en façonner au réveil un équivalent approximatif.) Accordons néanmoins qu'il existe un langage rêveur, des paroles apparemment déroulées au fil d'un rêve et comme proférées en songe. En va-t-il ainsi des Rêveries? On y rencontre une conscience en état de vigile.¹³⁰ (STAROBINSKI, 2000, p.416).

É importante lembrarmos que o trabalho do sonho executa uma atividade transformadora, pois como se sabe, o conteúdo latente dos sonhos é sempre convertido. Para Freud, todo pensamento que surge no sonho está repetindo um padrão pré-existente nos pensamentos dos sonhos. Nas *Rêveries*, Rousseau após o acidente de *Ménilmontant*, instante de maior êxtase vivenciado pelo narrador, voltou a si. No transcorrer do devaneio ele nos disse:

*La nuit s'avancait. J'aperçus le ciel, quelques étoiles, et un peu de verdure. Cette première sensation fut un moment délicieux. Je ne me sentais encore que par là. Je naissais dans cet instant à la vie, et il me semblait que je remplissais de ma légère existence tous les objets que j'apercevais. Tout entier au moment présent je ne me souvenais de rien; je n'avais nulle notion distincte de mon individu, pas la moindre idée de ce qui venait de m'arriver; je ne savais ni qui j'étais ni où j'étais; je ne sentais ni mal, ni crainte, ni inquiétude. Je voyais couler mon sang comme j'aurais vu couler un ruisseau, sans songer seulement que ce sang m'appartint en aucune sorte. Je sentais dans tout mon être un calme ravissant auquel, chaque fois que je me le rappelle, je ne trouve rien de comparable dans toute l'activité des plaisirs connus.*¹³¹ (ROUSSEAU, 1972, p.48-49).

¹²⁹ “En voulant me rappeler tant de douces rêveries, au lieu de les décrire j’y retombais”. (*Rêveries*, deuxième Promenade. O.C., I, 1003).

“Querendo lembrar tantos doces devaneios, em lugar de descrevê-los, recomeçava-os”. (ROUSSEAU, 1986, p.32).

¹³⁰ “Isso é sonhar? Duvidar-se-ia. O puro devaneio é interno e mudo, absorvido em uma satisfação fugidia. Exteriorizar-se, para a consciência sonhadora, é já sair do devaneio. O semi-arrependimento que mais de uma vez Rousseau manifesta por não haver anotado as ideias e as imagens surgidas ao longo do caminho prova precisamente que o devaneio era bastante absorvente para não deixar atrás dele nenhum rastro verbal. (Assim ocorre com os nossos sonhos, dos quais os mais maravilhosos são sempre perdidos pela linguagem: é preciso resignar-se a formar deles, ao despertar, um equivalente aproximativo). Concedamos, no entanto, que existe uma linguagem sonhadora, palavras aparentemente desenroladas ao sabor de um sonho e como que proferidas em devaneio. É o que ocorre nos *Devaneios*? Aí se encontra uma consciência em estado de vigília. (STAROBINSKI, 2011, p.478).

¹³¹ “Anoitecia. Percebi o céu, algumas estrelas e um pouco de verdura. Esta primeira sensação foi um momento delicioso. Era somente através dela que começava a sentir minha existência. Nascia neste instante para a vida e parecia-me preencher, com minha leve existência, todos os objetos que percebia. Vivendo inteiramente o momento presente, de nada me lembrava; não tinha nenhuma noção distinta da minha própria pessoa, nem a menor ideia do que acabava de me acontecer; não sabia nem quem era nem onde estava; não sentia nem dor, nem

No decurso do devaneio, o genebrino imaginava outra sensação diferente daquela sentida anteriormente. Somente depois do acidente ele acreditara ter nascido. O ato de devanear sugere a transcendência. Seu estado de espírito não identifica a dimensão provocada pelo desastre. Fisicamente, Rousseau estava desfigurado. Porém, dentro de si, o filósofo sentia, pela primeira vez, o prazer da existência. O devaneio o conduzia ao encontro de si. Mesmo machucado, Rousseau gozava da felicidade. Suas ambições eram satisfeitas por meio dos devaneios. Apesar de serem conhecidas pelo filósofo, tais ambições estavam, ainda, no pensamento. Mesmo que imaginadas, não haviam sido experimentadas, sob o aspecto das alucinações.

Na obra *Escritores criativos e devaneios* (1908[1907]), Sigmund Freud se interrogou sobre a possibilidade de aproximação dos escritores aos “sonhadores à luz do dia”. É preciso ter em mente a suposição de que as obras literárias bem como os devaneios são o prolongamento, ou o substituto do ato de brincar na infância.

Sigmund Freud reconhece que,

A verdadeira *ars poetica* está na técnica de superar esse nosso sentimento de repulsa, sem dúvida, ligado às barreiras que separam cada ego dos demais. Podemos perceber dois dos métodos empregados por essa técnica. O escritor suaviza o caráter de seus devaneios egoístas por meio de alterações e disfarces, e nos suborna com o prazer puramente formal, isto é, estético, que nos oferece na apresentação de suas fantasias. (FREUD, 1925, p.7).

No que tange às *Rêveries*, em seus devaneios mais profundos, Rousseau distorcia certas sensações em favor de outras mais brandas com a finalidade de convencer o leitor, no caso, ele mesmo, da suposta felicidade plena. O devaneio traduz o acesso à felicidade. A ilha de *Saint-Pierre*, segundo o genebrino, era o lugar ideal para um sonhador nutrir-se de “agradáveis quimeras” em meio às circunstâncias enfadonhas. O trabalho estético inovador desenvolvido por Rousseau, sua prosa poética, era apropriada para retratar as variações anímicas no curso do devaneio.

Mais il faut avouer que cela se faisait bien mieux et plus agréablement dans une île fertile et solitaire, naturellement circonscrite et séparée du reste du monde, où rien ne m’offrait que des images riantes, où rien ne me rappelait

medo, nem inquietude. Via correr meu sangue como teria visto correr um regato, sem mesmo pensar que esse sangue me pertencia de algum modo. Sentia, em todo o meu ser, uma calma maravilhosa à qual, cada vez que a relembro, nada encontro de comparável em toda a atividade dos prazeres conhecidos”. (ROUSSEAU, 1986, p.34).

*des souvenirs attristants, où la société du petit nombre d'habitants était liante et douce sans être intéressante au point de m'occuper incessamment, où je pouvais enfin me livrer tout le jour sans obstacle ou à la plus molle oisiveté.*¹³² (ROUSSEAU, 1972, p.103).

A sacralização da ilha de *Saint-Pierre* anunciava seu poder substancial na vida do cidadão de Genebra. Os mais puros devaneios tiveram como palco essa terra distante. Não obstante, afirmara encontrar na ilha as compensações que ninguém lhe poderia tirar. A transcendência, sugerida pelo caráter inconstante do devaneio, extingue a separação entre realidade e ficção:

*En sortant d'une longue et douce rêverie en me voyant entouré de verdure, de fleurs, d'oiseaux et laissant errer mes yeux au loin sur les romanesques rivages qui bordaient une vaste étendue d'eau claire et cristalline, j'assimilais à mes fictions tous ces aimables objets; et me trouvant enfin ramené par degrés à moi-même et à ce qui m'entourait, je ne pouvais marquer le point de séparation des fictions aux réalités; tant tout concourait également à me rendre chère la vie recueillie et solitaire que je menais dans ce beau séjour.*¹³³ (ROUSSEAU, 1972, p.103-104).

Para Jean Starobinski (1971) a transcendência íntima é garantida pelo afastamento temporal ou pela diferença qualitativa, haja vista o lapso de 12 anos em que é re-sentida a felicidade na ilha de *Saint-Pierre*. Seja uma felicidade passada ou presente, a palavra mergulha em uma região que lhe é estrangeira. Jean-Jacques Rousseau pretendia explicar aquilo, que sob a luz da consciência, parecia inexplicável. O devaneio perdido e a emoção penetrante estavam distantes de seu alcance. Todavia, era deles que Rousseau se servia. “*Rousseau ne serait-il pas condamné à l'inauthenticité, pour avoir voulu désigner ce qui ne laisse pas désigner?*”¹³⁴ (STAROBINSKI, 2000, p.417).

¹³² “Mas é preciso confessar que isso acontecia muito melhor e mais agradavelmente numa ilha fértil e solitária, naturalmente circunscrita e separada do resto do mundo, onde apenas se me ofereciam imagens alegres, onde nada me trazia recordações tristes, onde a companhia dos poucos habitantes era afável e doce, sem ser interessante a ponto de me ocupar incessantemente, onde podia, enfim, me entregar todo o dia, sem obstáculos e sem cuidados, às minhas ocupações favoritas ou a mais indolente ociosidade”. (ROUSSEAU, 1986, p.97).

¹³³ “Saindo de um longo e doce devaneio, vendo-me rodeado de verdura, de flores, de pássaros e deixando vagar meus olhos ao longe sobre as romanescas margens que rodeavam uma vasta extensão de água clara e cristalina, assimilavam às minhas ficções todos esses amáveis objetos e, enfim, voltando pouco a pouco a mim mesmo e ao que me rodeava, não podia marcar o ponto de separação entre ficções e realidades; de tal forma tudo concorria igualmente para me tornar cara a vida recolhida e solitária que levava nesse belo lugar”. (ROUSSEAU, 1986, p.77-78).

¹³⁴ “Rousseau não estaria condenado à inautenticidade, por ter desejado designar o que não se deixa designar”? (STAROBINSKI, 2011, p.479).

“*Lire les rêveries, c’est donc s’engager dans le courant quasi continu d’une rêverie seconde. Celle-ci nous renvoie à une succession d’événements assez disparates, diversement situés dans le paysage du passé: ils constituent son matériel, son appui objectif*”.¹³⁵ (STAROBINSKI, 2000, p.419). Levando-se em consideração a leitura starobinskiana, essa multiplicidade de interpretações nos remete ao passado. É da memória que fala Starobinski. Para o autor, a leitura das *Rêveries* nos dirige a um devaneio novo, porém constituído pelo universo passado. O devaneio segundo pretende resgatar os instantes mais heterogêneos, diríamos os instantes mais inábeis de serem dominados. É um devaneio purificante. A própria essência psíquica do devaneio é passar de um estado de agitação e conflito a um estado de simplicidade límpida. É preciso deixá-los seguirem seu fluxo, ainda que esse fluxo não seja contínuo, “[...] *au rythme égal d’une pensée qui se dégage des maléfices et qui s’assure de son invulnérabilité*”.¹³⁶ (STAROBINSKI, 2000, p.419). Com isso, o inconsciente e suas respectivas manifestações roubam a voz narrativa.

Rousseau transferiu voz à alma, ao inconsciente e, à medida que o fez, a lembrança, até então silenciosa, passou a dar significado à existência. A sexta caminhada das *Rêveries* é explicativa nesse sentido:

Hier, passant sur le nouveau boulevard pour aller herboriser le long de la Bièvre du côté de Gentilly, je fis le crochet à droite en approchant de la barrière d’Enfer, et m’écartant dans la campagne j’allai par la route de Fontainebleau gagner les hauteurs qui bordent cette petite rivière.[...]. Dans un coin du boulevard, à la sortie de la barrière d’Enfer, s’établit journellement en été une femme qui vend du fruit, de la tisane et des petits pains. Cette femme a un petit garçon fort gentil mais boiteux qui, clopinant avec ses béquilles, s’en va d’assez bonne grâce demandant l’aumône aux passants. J’avais fait une espèce de connaissance avec ce petit bonhomme; il ne manquait pas chaque fois que je passais de venir me faire son petit compliment, toujours suivi de ma petite offrande. Les premières fois je fus charmé de le voir, je lui donnais de très bon coeur, et je continuai quelque temps de le faire avec le même plaisir, y joignant même le plus souvent celui d’exciter et d’écouter son petit babil que je trouvais agréable. Ce plaisir devenu par degrés l’habitude se trouva, je ne sais comment, transformé dans une espèce de devoir dont je sentis bientôt la gêne, surtout à cause de la harangue préliminaire qu’il fallait écouter, et dans laquelle il ne manquait jamais de m’appeler souvent M. Rousseau pour montrer qu’il me connaissait

¹³⁵ “Ler os devaneios é, portanto, penetrar na corrente quase contínua de um devaneio *segundo*. Este nos remete a uma sucessão de acontecimentos bastante díspares, diversamente situados na paisagem do passado: constituem seu material, seu apoio objetivo”. (STAROBINSKI, 2011, p.481).

¹³⁶ “[...] no ritmo igual de um pensamento que se desprende dos malefícios e que se assegura de sua invulnerabilidade”. (STAROBINSKI, 2011, p.482).

*bien, ce qui m'apprenait assez au contraire qu'il ne me connaissait pas plus que ceux qui l'avaient instruit. Dès lors je passai par là moins volontiers, et enfin je pris machinalement l'habitude de faire le plus souvent un détour quand j'approchais de cette traverse.*¹³⁷ (ROUSSEAU, 1972, p.106-107).

Nas primeiras linhas do sexto devaneio, reportado no excerto acima, Jean-Jacques descreveu um de seus caminhos para ir herborizar. O simples desvio à direita o impeliu a uma importante reflexão, concluída ulteriormente por Freud em *Recordar, repetir e elaborar* (1914). Ademais, o episódio do menino coxo relata uma atitude banal de conversar e oferecer-lhe esmola, que, aos poucos, torna-se hábito, culminando com o dever de sempre ajudá-lo. Sente-se constrangido pela forma como o menino nunca deixava de o chamar, “senhor Rousseau”. Intentava, pois, demonstrar-se íntimo do filósofo. Ao visitar o passado, o cidadão de Genebra descobre, a partir de livres associações, o que deixava de recordar:

*Voilà ce que je découvris en y réfléchissant [au petit garçon fort gentil mais boiteux]: car rien de tout cela ne s'était offert jusqu'alors distinctement à ma pensée. Cette observation m'en a rappelé successivement des multitudes d'autres qui m'ont bien confirmé que les vrais et premiers motifs de la plupart de mes actions ne me sont pas aussi clairs à moi-même que je me l'étais longtemps figuré.*¹³⁸ (ROUSSEAU, 1972, p.107).

Sigmund Freud, em *Recordar, repetir e elaborar* (1914), renunciou à antiga técnica psicanalítica de focalizar um único momento ou problemas específicos, na expectativa de revelar as etapas de formação do sintoma. Satisfaz-se em estudar o tempo presente, identificando as resistências que são despertadas, tornando-as conscientes ao paciente, quando

¹³⁷ “Ontem, passando pelo novo bulevar, para ir herborizar ao longo da Bièvre pelos lados de Gentilli, fiz um desvio à direita, aproximando-me da barreira d’Enfer e entrando pelos campos, fui, pela estrada de Fontainebleau, atingir as alturas que circundam este riozinho. Num canto do bulevar, à saída da barreira d’Enfer, estabelece-se, diariamente, no verão, uma mulher que vende postres, tisanas e pãezinhos. Esta mulher tem um menino encantador mas coxo que, capengando com suas muletas, vai, com muita gentileza, pedir esmola aos passantes. Eu travara relações com esse rapazinho; cada vez que passava, não deixava de vir me cumprimentar o que era sempre seguido por minha pequena oferenda. As primeiras vezes, fiquei encantado por vê-lo, dei-lhe de muito bom grado e continuei por algum tempo a fazê-lo com o mesmo prazer, acrescido mesmo, o mais das vezes, pelo de excitar e de ouvir sua pequena tagarelice, que achava agradável. Tendo-se esse prazer tornado, pouco a pouco, um hábito, transformou-se não sei como, numa espécie de dever, do qual, em breve, senti o constrangimento; sobretudo por causa da arenga preliminar que era preciso ouvir e na qual nunca deixava de me chamar às vezes Senhor Rousseau, para mostrar que me conhecia melhor do que aqueles que o haviam instruído. A partir de então, passei por lá com menor boa vontade e enfim tomei, maquinalmente, o hábito de fazer, o mais das vezes, um desvio, quando me aproximava desse atalho”. (ROUSSEAU, 1986, p.81).

¹³⁸ “Eis o que descobri, refletindo sobre o caso [do menino encantador, mas coxo]: pois nada daquilo, até então, chegara claramente ao meu pensamento. Esta observação me lembrou sucessivamente inúmeras outras que me confirmaram perfeitamente que os verdadeiros e os primeiros motivos da maior parte de minhas ações não são tão claros para mim mesmo quanto havia por muito tempo imaginado”. (ROUSSEAU, 1986, p.81).

analisadas. Desse modo, por meio de associações livres de ideias chega-se ao que foi esquecido. No ato da confissão das resistências, até então desconhecidas, o paciente já está preparado para relacionar as situações esquecidas sem nenhuma dificuldade. Rousseau parecia saber muito bem de tudo isso:

*Cette marche était fort indifférente en elle-même, mais en me rappelant que j'avais fait plusieurs fois machinalement le même détour, j'en recherchai la cause en moi-même, et je ne pus m'empêcher de rire quand je vins à la démêler.*¹³⁹ (ROUSSEAU, 1972, p.106).

A causa de repetir, várias vezes, o mesmo desvio só poderia ser encontrada por Rousseau em si mesmo. A retórica, por intermédio da prosa poética, intensificava os instantes de repetição:

*Après tant de tristes expériences j'appris à prévoir de loin les conséquences des mes premiers mouvements suivis, et je me suis souvent abstenu d'une bonne oeuvre que j'avais le désir et le pouvoir faire, effrayé de l'assujettissement auquel dans la suite je m'allais soumettre si je m'y livrais inconsidérément.*¹⁴⁰ (ROUSSEAU, 1972, p.112).

Essa compulsão à repetição está relacionada à transferência e, também, à resistência. Transfere-se o passado esquecido. Nos dizeres freudianos quanto maior a resistência, mais extensivamente a atuação substituirá o recordar. O recordar completo só será desencadeado se a resistência for posta completamente de lado. E foi, exatamente isso, que Rousseau afirmara ter feito: deixava de realizar um desejo com medo de se entregar incondicionalmente aos impulsos repetitivos a que essa obrigação iria submetê-lo.

O ato de repetir implica na evocação de uma passagem da vida real, não podendo ser sempre inofensivo. No esforço de representar a memória no texto ficcional, o passado não é recomposto em sua essência, mas sim subjugado a catalizações subjetivas e indefinições. O passado se atualiza a todo instante no e com o discurso da ficção. Em suas novas recomendações sobre a técnica da psicanálise, Freud (1914) concebeu a importância do

¹³⁹ “Essa caminhada era perfeitamente indiferente em si mesma, mas lembrando que fizera várias vezes, maquinalmente, o mesmo desvio, procurei a causa em mim mesmo e não pude deixar de rir quando cheguei a compreendê-la”. (ROUSSEAU, 1986, p.81).

¹⁴⁰ “após tantas tristes experiências, aprendi a prever de longe as consequências de meus primeiros impulsos repetidos e me absteve frequentemente de uma boa ação que tinha o desejo e a possibilidade de fazer, assustado pela obrigação à qual, em seguida, iria me submeter se a ela me entregasse incondicionalmente”. (ROUSSEAU, 1986, p.84).

esquecimento no processo de tornar conscientes, ações inconscientes. Vejamos o que ele nos elucidou:

Esquecer impressões, cenas ou experiências quase sempre se reduz a interceptá-las. Quando o paciente fala sobre estas coisas ‘esquecidas’, raramente deixa de acrescentar: ‘Em verdade, sempre o soube; apenas nunca pensei nisso’. Amiúde expressa desapontamento por não lhe virem à cabeça coisas bastantes que possa chamar de ‘esquecidas’ – em que nunca pensou desde que aconteceram. (FREUD, 1969, p.164).

Realiza-se aqui o que o filósofo descrevia na sua quinta caminhada e repetia na sétima: o prazer sentido na ilha de *Saint-Pierre*. Não podendo mais ver aquelas belas paisagens e aqueles belos bosques, nem caminhar por aquelas regiões, Rousseau repetiu pela ação, isto é, o ato de abrir o herbário e tocar nos fragmentos das plantas recolhidos. Freud (1914) mesmo afirmou que: “[...] o paciente não recorda coisa alguma do que esqueceu e reprimiu, mas o expressa pela sua atuação ou atua-o (*acts it out*). Ele não o reproduz como lembrança, mas como ação; *repete-o*, sem, naturalmente, saber que o está repetindo”. (FREUD, 1969, p.165). Nas *Rêveries*, Rousseau esperava a volta imediata do sentimento desfrutado no passado, repetindo-o por meio do devaneio, para gozar no presente, da mesma felicidade. Este “magnífico espetáculo” de volta ao passado suscita o êxtase da felicidade, deixando o imaginário seguir à sua vontade.

*Tous mes courses de botanique, les diverses impressions du local des objets qui m'ont frappé, les idées qu'il m'a fait naître, les incidents qui s'y sont mêlés, tout cela m'a laissé des impressions qui se renouvellent par l'aspect des plantes herborisées dans ces mêmes lieux. Je ne reverrai plus ce beaux paysages, ces forêts, ces lacs, ces bosquets, ces rochers, ces montagnes, dont l'aspect a toujours touché mon coeur: mais maintenant que je ne peux plus courir ces heureuses contrées je n'ai qu'à ouvrir mon herbier et bientôt il m'y transporte. Les fragments des plantes que j'y ai cueillies suffisent pour me rappeler tout ce magnifique spectacle. Cet herbier est pour moi un journal d'herborisations qui me les fait recommencer avec un nouveau charme et produit l'effet d'une optique qui les peindrait derechef à mes yeux.*¹⁴¹ (ROUSSEAU, 1972, p.135-136).

¹⁴¹ “Todas as minhas caminhadas botânicas, as diversas impressões da localização dos objetos que me impressionaram, as ideias que me provocaram, os incidentes que a elas se ligaram tudo isso me deixou-me impressões que se renovaram pela vista das plantas herborizadas nesses mesmos locais. Nunca mais verei essas belas paisagens, esses rochedos, essas montanhas cuja vista sempre tocaram meu coração: mas agora que não posso mais andar por essas felizes regiões, abro meu herbário e logo ele me transporta para lá. Os fragmentos das plantas que colhi bastam para me lembrar todo esse magnífico espetáculo. Este herbário é para mim um jornal de

O encanto do devaneio foi tão forte que o absorveu inteiramente, fazendo-o esquecer de tudo, sobretudo de seus perseguidores. O não recordar em Rousseau remete aos recalques produzidos pelas atitudes dos semelhantes, pelas exigências do mundo exterior e pelas vozes que o circundavam. Essa tentativa de reviver sua estadia na ilha de *Saint-Pierre* não denota a recuperação exata daqueles meses, pois a memória é constituída por lacunas e rasuras e a linguagem sofre modificações metafóricas e metonímicas:

*C'est la chaîne des idées accessoires qui m'attache à la botanique. Elle rassemble et rappelle à mon imagination toutes les idées qui la flattent davantage. Les prés, les eaux, les bois, la solitude, la paix surtout et le repos qu'on trouve au milieu de tout cela sont retracés par elle incessamment à ma mémoire. Elle me fait oublier les persécutions des hommes, leur haine, leur mépris, leurs outrages, et tous les maux dont ils ont payé mon tendre et sincère attachement pour eux. Elle me transporte dans des habitations paisibles au milieu des gens simples et bons tels que ceux avec qui j'ai vécu jadis. Elle me rappelle et mon jeune âge et mes innocents plaisirs, elle m'en fait tout derechef, et me rend heureux bien souvent encore au milieu du plus triste sort qu'ait subi jamais un mortel.*¹⁴² (ROUSSEAU, 1972, p.136).

“Eu sou outro”, escrito nas *Confissões*: “*Moi, seul. Je sens mon coeur et je connais les hommes. Je ne suis fait comme aucun de ceux que j'ai vus; j'ose croire n'être fait comme aucun de ceux qui existent. Se je ne vaux pas mieux, au moins je suis autre*”.¹⁴³ (ROUSSEAU, 1959, p.33) encontra sua perfeita realização nas *Rêveries*. Familiarizado com a resistência, elabora-a para superá-la. Resignado diante da posição imposta pelos “diretores do seu destino”, reconhece que as leis pelas quais o inconsciente é governado, por mais insignificantes que possam parecer, dão significado àquilo que antes não conservara sentido

herborização que mas faz recomençar com um novo encanto e produz o efeito de um aparelho de ótica que as pintasse novamente a meus olhos”. (ROUSSEAU, 1986, p.101).

¹⁴² “É a cadeia das ideias acessórias que me liga à botânica. Ela reúne e lembra à minha imaginação todas as ideias que mais a lisonjeiam. Os prados, as águas, os bosques, a solidão, a paz, sobretudo, e o repouso que se encontram entre tudo isso continuamente retracados por ela à minha memória. Ela me faz esquecer as perseguições dos homens, seu ódio, seu desprezo, seus ultrajes e todos os males com que pagaram minha terna e sincera afeição por eles. Transporta-me para as calmas habitações entre pessoas simples e boas como aquelas com quem vivi outrora. Lembra-me tanto minha infância quanto meus inocentes prazeres, ela me faz saborear novamente e me torna feliz ainda muitas vezes em meio à triste sorte que já tenha sofrido um mortal”. (ROUSSEAU, 1986, p.182).

¹⁴³ “Eu, só. Eu sinto meu coração e conheço os homens. Eu não fui feito como nenhum daqueles que eu vi, eu ousou acreditar não ser feito como nenhum daqueles que existem. Se eu não valho mais, ao menos eu sou outro”. [Tradução nossa].

algum: “*Nous n’avons guère de mouvement machinal dont nous ne puissions trouver la cause dans notre coeur, si nous savions bien l’y chercher*”.¹⁴⁴ (ROUSSEAU, 1972, p.106).

O autor das *Rêveries* repetiu, inúmeras vezes, as ocasiões que lhe trouxeram prazer na ilha de *Saint-Pierre*, no anseio de reproduzir a existência daquelas situações. Se Rousseau fosse colocado no divã, Freud conseguiria as respostas de que precisava para dar fechamento às suas teorias. Rousseau estaria livre para falar e falar daquilo que lhe interessasse, como o fez em *Les rêveries du promeneur solitaire*. Seu dever exclusivo seria falar, pois em consequência de sua fala, surgiriam as reações repetitivas, exibidas na transferência e chegaríamos ao despertar das lembranças que eclodiriam sem nenhuma dificuldade, “*peut-être, sans m’en apercevoir, ai-je changé moi-même plus qu’il n’aurait fallu. Quel naturel résisterait sans s’altérer à une situation pareille à la mienne*”?¹⁴⁵ (ROUSSEAU, 1972, p.112).

A necessidade de Rousseau é de repetir a existência, duplicando-a por meio da escritura, pois esperava sentir no porvir, a mesma serenidade de quando as escreveu: “[...]leur lecture me rappellera la douceur que je goûte à les écrire et, faisant renaître ainsi pour moi encore le temps passé, doublera pour ainsi dire mon existence”.¹⁴⁶ (ROUSSEAU, 1972, p.43). A duplicação de sua existência nada mais é que o devanear. Ele espera do futuro uma reedição do passado. De acordo com a perspectiva freudiana, essa constante busca da origem, ou seja, “o eterno retorno” é a chave de compreensão da existência humana. O que se vive hoje, para o psicanalista, trata-se, na realidade, de uma experiência secundária e só encontra um sentido se conectado com a vivência passada. Dessa forma, faz-se necessário o desvelamento das lembranças escondidas para o entendimento do presente e, também, do destino futuro. Sempre é preciso ter conhecimento sobre um “antes”, a saber, a retroação é o movimento característico do inconsciente, em que num momento posterior, reconhece-se o que se procurava desde o início.

Assim, o “eterno retorno do mesmo” na sua tendência zeradora, de retorno ao estado inanimado da morte, traz o rastro característico permanente do ser.

¹⁴⁴ “Quase não temos movimentos maquinais cuja causa possamos encontrar em nosso coração, se soubéssemos procurá-lo bem”. (ROUSSEAU, 1986, p.81).

¹⁴⁵ “Talvez, sem o perceber, eu mesmo mudei mais do que deveria. Que natureza resistiria sem se alterar a uma situação igual a minha”? (ROUSSEAU, 1986, p.85).

¹⁴⁶ “[...] sua leitura me lembrará a doçura que experimento ao escrevê-los e, fazendo renascer assim, para mim, o tempo passado, duplicará, por assim dizer minha existência”. (ROUSSEAU, 1986, p.27).

Aquilo que o sujeito repete compulsivamente na busca ativa pelo seu resgate- mesmo que não o saiba- remete a uma marca, a ser decifrada como o destino predito num oráculo obscuro. O futuro está escrito num “lá atrás”, porém ele se atualiza, se traduz incessantemente, faz passe. Estranha memória essa, onde há retorno do mesmo por vias diversas, em versões superpostas mas não coincidentes. (WAJNBERG, 1997, p.107).

O narrador associou-se à natureza e o “eterno retorno” a si mesmo, é observado, na obra, pelas ligações do genebrino com a “mãe comum”,

*alors pour ne les pas haïr il a bien fallu les fuir; alors, me réfugiant chez la mère commune, j'ai cherché dans ses bras à me soustraire aux atteintes de ses enfants, je suis devenu solitaire, ou, comme ils disent, insociable et misanthrope, parce que la plus sauvage solitude me paraît préférable à la société des méchants, qui ne se nourrit que de trahisons et de haine*¹⁴⁷ (ROUSSEAU, 1972, p.126-127),

e com a Senhora de Warens, “*tout me rappelait à elle, il y fallut revenir. Ce retour fixa ma destinée, et longtemps encore avant de la posséder je ne vivais plus qu'en elle et pour elle*”.¹⁴⁸ (ROUSSEAU, 1972, p.168). Rousseau comprovou a importância desse eterno retorno em si mesmo, na tentativa de vivenciar a felicidade perfeita, pois só ele traria, novamente, essa felicidade tão almejada. Disse Rousseau: “*c'est à ce retour sur nous-mêmes que nous force l'adversité, et c'est peut-être là ce qui la rend le plus insupportables à la plupart des hommes*”.¹⁴⁹ (ROUSSEAU, 1972, p.139). Nessa direção, constata-se a importância do tempo passado, na vida presente de Rousseau e, também, na idealização de seu futuro.

O estudo do eu interior, de sua substância tanto metafísica quanto material foi o tema desenvolvido nas *Rêveries*: “*réduit à moi seul, je me nourris, il est vrai, de ma propre substance, mais elle ne s'épuise pas et je me suffis à moi-même [...]*”.¹⁵⁰ (ROUSSEAU, 1972, p.139). O discurso passou a ser guiado pelo inconsciente, pelos movimentos da alma. A

¹⁴⁷ “Então, para não os odiar, foi realmente necessário fugir-lhes; então, refugiando-me na mãe comum, procurei em seus braços subtrair-me aos ataques de seus filhos, tornei-me solitário, ou, como dizem, insociável e misantropo, porque a mais selvagem solidão me parece preferível à companhia dos maus, que somente se alimentam de traições e ódios”. (ROUSSEAU, 1986, p.96).

¹⁴⁸ “Tudo me fazia lembrar, foi preciso voltar. Esta volta determinou meu destino e, por muito tempo ainda antes de a possuir, só vivia nela e para ela”. (ROUSSEAU, 1986, p.131).

¹⁴⁹ “É a este retorno a nós mesmos que nos força a adversidade e é talvez isso que a torna mais insuportável à maioria dos homens”. (ROUSSEAU, 1986, p.106).

¹⁵⁰ “Reduzido unicamente a mim, alimento-me, é verdade, de minha própria substância, mas ela não se esgota e eu me basto a mim mesmo ainda que ruminar [...]”. (ROUSSEAU, 1986, p.106).

sensibilidade anímica é nutrida por lembranças e meditações, ao mesmo tempo em que é reproduzida e recomposta pelo processo de escritura.

A memória involuntária de Jean-Jacques Rousseau não é objetiva, haja vista a carga de sensações acrescidas pelo narrador no decorrer do processo de reminiscência. As sensações são movidas por causas inconscientes, sob o trabalho de elaboração da memória, sempre sob forças psíquicas posteriores. A memória representa o poder de uma vivência continuar produzindo efeitos. É importante ressaltar seu caráter seletivo, delimitado pelo esquecimento. Só conseguimos memorizar o conhecido e aquilo que nos interessa, já que a escolha do que memorizar dá-se pela necessidade de ser.

*Si on mes enlève [les feuilles des Rêveries] de mon vivant on ne m'enlèvera ni le plaisir de les avoir écrites, ni le souvenir de leur contenu, ni les méditations solitaires dont elles sont fruits et dont la source ne peut s'éteindre qu'avec mon âme.*¹⁵¹ (ROUSSEAU, 1972, p.43).

O inacabamento das *Rêveries* indica a instabilidade do narrador. Os intervalos de tranquilidade de espírito são preenchidos pela atividade botânica e pela composição literária, servindo de consolação às misérias da vida. O conteúdo memorial do rousseauiano é fruto das lembranças, das experiências mentais vividas em condições particulares, “*un registre fidèle de mes promenades solitaires et des rêveries qui les remplissent quando je laisse ma tête entièrement libre, et mes idées suivre leur pente sans résistance et sans gêne*”.¹⁵² (ROUSSEAU, 1972, p.44).

A leitura plural de *Les rêveries du promeneur solitaire* fez-se indispensável no diálogo exposto, nesta seção, entre a literatura e a psicanálise. A riqueza das *Rêveries* é notabilizada pela diversidade de interpretações. O discurso está além das simples significações e o texto tem de ser analisado em suas profundezas, hermeticamente, já que grande parte das estruturas foge à consciência de Jean-Jacques. Similarmente à psicanálise, a literatura precisa escavar e desenterrar as lembranças que nunca poderiam ter sido esquecidas, porque, em verdade, nunca foram conscientes:

¹⁵¹ “Se mas roubarem, estando eu ainda vivo, não me roubarão nem o prazer de as ter escrito, nem a lembrança do seu conteúdo, nem as meditações solitárias de que são o fruto e cuja fonte somente pode se apagar com minha alma”. (ROUSSEAU, 1986, p.28).

¹⁵² “[...] um registro fiel de minhas caminhadas solitárias e dos devaneios que as preenchem, quando deixo minha cabeça inteiramente livre e minhas ideias seguirem sua inclinação, sem resistência e sem embaraços”. (ROUSSEAU, 1986, p.31).

*Une analyse des conditions de production de l'oeuvre est bien évidemment insuffisante pour en épuiser la richesse. Une lecture plurielle est nécessaire pour dépasser le phénotexte et faire apparaître les structures profondes qui génèrent les Rêveries et dont bon nombre échappent à la volonté et à la conscience du narrateur.*¹⁵³ (COZ; JACOB, 1997, p.18).

O tratamento atribuído às *Rêveries* diferiu daquele concedido aos livros anteriores. A maturidade do autor de *Émile* transmuta os cânones e as leis conscientes, aquelas sugeridas pelos pilares da razão, na época do Iluminismo. A divisão do homem em racional e irracional permeia o rousseauiano *Les rêveries du promeneur solitaire* e lhe oferece uma nova tradução edificada no passado e na personalidade. As manifestações dos desejos inconscientes aparecem, na referida obra, fantasiadas por intermédio das alusões. Conforme foi dito anteriormente, Jean-Jacques desconhecia a teoria relativa ao inconsciente, mas entendia que o homem não era só regido pela razão. Os sentimentos eram muito mais influentes no comportamento humano do que imaginavam os filósofos do “Século das Luzes”. Ademais, o Outro executa papel essencial na construção do sujeito. Rousseau e Freud teriam, juntos, descoberto os segredos mais encobertos da alma humana e, de acordo com Michel Coz e François Jacob (1997, p.18),

*L'approche psychanalytique trouve ici sa justification car Freud a toujours pensé que les artistes étaient ses maîtres dans l'exploration de l'inconscient. On peut, avec l'auteur des Rêveries, vérifier la pertinence d'un tel propos. Jean-Jacques, en effet, pressent, évoque, se heurte à cette dimension de l'altérité en lui qui réduit à néant la prétention à la maîtrise de la conscience inaugurée par la démarche cartésienne. Si La Rochefoucauld avait entrevu combien certaines passions, ignorées de l'homme, le gouvernent à son insu, Rousseau va plus loin et illustre, par anticipation, le postulat freudien de la division du sujet.*¹⁵⁴

Paule Adamy em *Les corps de Jean-Jacques Rousseau* (1997) acentua o reconhecimento de Rousseau em relação aos movimentos involuntários do inconsciente:

¹⁵³ “Uma análise das condições de produção da obra é evidentemente bem insuficiente para esgotar a sua riqueza. Uma leitura plural é necessária para ultrapassar o fenotexto (texto que revela uma leitura simples) e mostrar as estruturas profundas que geraram as *Rêveries* das quais um bom número escapa à vontade e à consciência do narrador”. [Tradução nossa].

¹⁵⁴ “A abordagem psicanalítica encontra aqui sua justificativa, pois Freud sempre pensou que os artistas eram os seus mestres na exploração do inconsciente. Pode-se, com o autor das *Rêveries*, verificar a pertinência de tal proposição. Jean-Jacques, com efeito, pressente, evoca, depara-se em si mesmo com esta dimensão da alteridade que reduz a nada a pretensão ao domínio da consciência inaugurada pela atitude cartesiana. Se La Rochefoucauld suspeitara do quanto certas paixões, desconhecidas dos homens, o governavam sem ele se dar conta, Rousseau vai mais longe e ilustra, por antecipação, o postulado freudiano da divisão do sujeito”. [Tradução nossa].

*L'inconscient imprime sa marque sur le style et la structure. Ce qui est annoncé est un parcours capricieux, une conversation à bâtons rompus, une absence de système: "ces feuilles ne seront proprement qu'un informe journal de mes rêveries" (ROUSSEAU, 1972 apud ADAMY, 1997, p.92); il n'y a aucune règle pour ordonner la marche de la mémoire, ce qui n'annonce en aucun cas la disparition de la mémoire, bien au contraire.*¹⁵⁵ (ADAMY, 1997, p.92).

O estilo moderno das *Rêveries* prenuncia as transformações efetivadas posteriormente, a partir do projeto desenvolvido pelo movimento romântico. Rousseau une, nesta obra, a racionalidade à irracionalidade, mediante a recomposição de si. No Romantismo a mudança é determinada pela passagem da filosofia à literatura. Rompendo com o estilo clássico e com a visão racionalista do homem, Rousseau, o centro do individualismo moderno, recompõe sua unidade essencial “[...] *tandis qu’il boit aux philtres de la mémoire*”.¹⁵⁶ (BARGUILLET, 1991, p.167).

¹⁵⁵ “O inconsciente imprime sua marca no estilo e na estrutura. O que foi anunciado é um percurso caprichoso, uma conversa descontínua, uma ausência de método: ‘estas folhas não serão de fato senão um informe jornal dos meus devaneios’ (ROUSSEAU, 1972 apud ADAMY, 1997, p.92); não há nenhuma regra para ordenar a marcha da memória, o que não anuncia em nenhum caso o desaparecimento da memória, bem ao contrário”. [Tradução nossa].

¹⁵⁶ “[...] enquanto ele absorve os filtros da memória”. [Tradução nossa].

“*Nous n'avons qu'une ressource avec la mort:
faire de l'art avant elle*”.
René Char

3 A SALVAÇÃO PELA ARTE: A NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA COMO INSTRUMENTO DE SUPERAÇÃO DA MORTE E DO ESQUECIMENTO

A epígrafe de abertura deste capítulo nos remete à própria intenção de Jean-Jacques Rousseau: fazer arte antes de sua morte. Dedicamos este último capítulo ao estudo da escrita de si como dispositivo de superação da morte e dos esquecimentos provocados pela memória incompleta do filósofo de Genebra. Nessa direção, o tema da morte, associado nesta pesquisa ao tema da memória, constrói o discurso do cidadão suíço. A morte, dotada de sentido e propósito, tornou-se um dos eixos centrais das reflexões rousseauianas em *Les rêveries du promeneur solitaire*. O encontro com ela denuncia a postura legitimada pelo genebrino em seus dias finais.

O instrumental teórico utilizado como alicerce para o entendimento desse tema, que preocupou e preocupa a sociedade até os dias de hoje, é o trabalho realizado pelo filósofo alemão Martin Heidegger (1889-1976), em *Ser e tempo* (1927). As discussões levantadas pelo autor no que tange às diferenciações entre ser e ente, em seu sentido filosófico, possibilitaram a compreensão da morte como a finitude ou a cessação da existência humana. A morte, apesar de ser a única certeza do homem, sempre está relacionada a aspectos negativos. Sabemos que vamos morrer, porém o temor, o receio faz com que ela seja vista por muitos como o fim mais triste e angustiante de qualquer ser humano. A nossa finitude concretiza-se com a morte e por que não caracterizá-la com visões positivas, dado que enquanto mortais estamos condicionados a morrer? Rousseau e Heidegger, apesar da distância cronológica, apresentam a “indesejável das gentes” em sua perspectiva positiva, na medida em que o homem se mostra a uma existência autêntica.

3.1 *Dasein*: uma investigação fenomenológico-existencial da posição legitimada por Jean-Jacques Rousseau, em *Les rêveries du promeneur solitaire*

Le recueil de mes longs rêves est à peine commencé, et déjà je sens qu'il touche à sa fin. Un autre amusement lui succède, m'absorbe, et m'ôte même

*le temps de rêver. Je m'y livre avec un engouement qui tient de l'extravagance et qui me fait rire moi-même quand j'y réfléchis; mais je ne m'y livre pas moins, parce que dans la situation où me voilà, je n'ai plus d'autre règle de conduite que de suivre en tout mon penchant sans contrainte. Je ne peux rien à mon sort, je n'ai que des inclinations innocentes, et tous les jugements des hommes étant désormais nuls pour moi, la sagesse même veut qu'en ce qui reste à ma portée je fasse tout ce qui me flatte, soit en public soit à part moi, sans autre règle que ma fantaisie, et sans autre mesure que le peu de force qui m'est resté. Me voilà donc à mon foin pour toute nourriture, et à la botanique pour toute occupation.*¹⁵⁷
(ROUSSEAU, 1972, p.119).

Não só a coletânea de seus longos devaneios tocava seu fim, mas o próprio Jean-Jacques sentia o frio da morte se aproximar. Era preciso, portanto, entregar-se às suas particulares inclinações, e proceder a sua vontade. E não é isso mesmo que fazem os homens face à morte? A fim de suportar o destino, oferecem-se às contemplações interiores e ao estudo da interioridade. A escrita de si é produto desse encontro consigo mesmo e dessa necessidade vital de “esquecer” que nascemos para morrer. O anunciador da modernidade aceita seu *status* natural de mortal, destinando seus últimos dias à escritura de uma obra que refletiria e reviveria épocas encantadoras de sua existência. A arte, considerada uma distração, não possui valor material, mas espiritual, metafísico, à medida que representa a existência do homem. De acordo com Havi Carel (1994, p.xi), “*death saturates life and becomes an ontological force in all aspects of being and becoming necessary of the human subject both to repudiate and embrace*”.¹⁵⁸

O filósofo alemão, Martin Heidegger, em sua obra *Ser e tempo* (1927), suscitou uma interessante discussão em torno deste *ser-para-a-morte*. Na filosofia heideggeriana, de natureza existencial, o homem tem de conservar-se em estado de vigília associado aos fenômenos que o atingem no decorrer de sua cotidianidade. As discussões levantadas por Heidegger nos pareceram significativas no que tange à compreensão das *Rêveries*. A

¹⁵⁷ “A coletânea de meus longos sonhos recém começou e já sinto que chega a seu fim. Uma outra distração lhe sucede, me absorve e me retira mesmo o tempo de sonhar. Entrego-me a ela com um entusiasmo que chega às raias da extravagância e que a mim mesmo faz rir quando reflito no assunto; mas não deixo de me entregar a ela porque, na situação em que me encontro, não tenho outra regra de conduta senão a de seguir, em tudo, sem constrangimento, a minha inclinação. Nada posso contra meu destino, tenho somente inclinações inocentes e todos os julgamentos dos homens sendo, de agora em diante, inexistentes para mim, a própria sabedoria quer que, no que permanece ao meu alcance, faça tudo o que me agrada, seja em público, seja a sós, sem outra regra senão a minha fantasia, sem outra medida além das poucas forças que me restaram. Eis-me portanto reduzido a meu feno como único alimento e à botânica como única ocupação. (ROUSSEAU, 1986, p.91).

¹⁵⁸ “A morte satura a vida e torna-se uma força ontológica em todos os aspectos de ser e de se tornar necessária ao sujeito humano tanto para repudiar quanto para abraçar”. [Tradução nossa].

caracterização de alguns conceitos propostos pelo autor de *Ser e tempo* é indispensável para apreender o papel cumprido pelo ser em seu embate com a morte. O princípio fundamental que rege essa filosofia é o de compreender as questões ontológicas em vista de uma definição completa e plena do próprio sentido de ser, caída no esquecimento nos tempos marcados pelo progresso da metafísica. Segundo Heidegger: “Quando se diz, portanto: ‘ser’ é o conceito mais universal, isso não pode significar que o conceito de ser seja o mais claro e que não necessite de qualquer discussão ulterior. Ao contrário, o conceito de ‘ser’ é o mais obscuro”. (HEIDEGGER, 1999, p.29).

Mas qual o sentido de ser se nós estamos condenados a morrer? A resposta a esse questionamento intrigou-nos. A tentativa de elaborar uma definição perfeita do ser, a fim de obter uma significação imediata de seu sentido, nos conduz ao fracasso. Diante disso, tentamos sempre de novo, optando por itinerários diferentes, por meio de outras artes e ciências. A própria indefinição do ser está intrínseca em sua definição. No prefácio para a tradução de *Ser e tempo* (1999), de Martin Heidegger, Emmanuel Carneiro Leão ousou definir o ser:

É que o ser não somente não pode ser definido, como também nunca se deixa determinar a partir do seu sentido por outra coisa nem como outra coisa. O ser só pode ser determinado a partir do seu sentido com ele mesmo. Também não pode ser comparado com algo que tivesse condições de determiná-lo positivamente em seu sentido. O ser é algo derradeiro e último que subsiste por seu sentido, é algo autônomo e independente que se dá em seu sentido. (HEIDEGGER, 1999, p.13).

A tentação de defini-lo, de demarcá-lo como verdade, afasta-nos de sua real essência. O projeto de Martin Heidegger, filósofo da Floresta Negra, como fora chamado pelos seus admiradores, nesta obra, foi de buscar uma abertura até o ser. Em vista disso, empregou uma nova linguagem em que o conceito de *Dasein* foi configurado. A palavra composta, *Dasein*, integra-se de dois elementos: “*da*” significando “aí” e “*sein*” significando “ser”. A junção de tais elementos concebe o sentido da palavra *Dasein*, ou seja, o ser-aí, a existência, ou, segundo Márcia de Sá Cavalcante (1999), a presença.

Retomemos algumas palavras de Emmanuel Carneiro Leão: “o ser só pode ser determinado a partir do seu sentido com ele mesmo”. E não foi isso que Rousseau pretendeu executar no final de sua vida? Determinar sua essência, libertando-se dos julgamentos

alheios?: “*En pesant avec tant de soin ce que je devais aux autres, ai-je assez examiné ce que je me devais à moi-même?*”.¹⁵⁹ (ROUSSEAU, 1972, p.91). Suas palavras nos induziram a crer que sim. Rousseau queria ser, ser ele mesmo, sem misturas e obstáculos. Nessa perspectiva, Jean-Jacques seria a singular definição do ser.

A base de toda filosofia heideggeriana tem como cenário a distinção entre ser e ente. Heidegger postulava que as questões pertinentes a essa diferenciação era antiga, visto que desde os gregos a separação não fora, adequadamente, formulada. Assim, é preciso despertar, novamente, a questão do ser, todavia, a partir de uma ontologia fundamental, tomando como ponto de partida o único ente capaz de interrogar o ser, o ente nomeado por Heidegger de *Dasein*. O *Dasein* está em uma diferença ontológica, tendo em vista as indagações a ele concernentes serem ontológicas. Para o autor alemão, a pesquisa dos entes tinha de ser processada como um todo, sem aderir a este ou aquele ente.

Torna-se relevante a separação entre ser e ente:

Chamamos de ‘ente’ muitas coisas e em sentidos diversos. Ente é tudo de que falamos, tudo que entendemos, com que nos comportamos dessa ou daquela maneira, ente é também o que e como nós somos. Ser está naquilo que é e como é, na realidade, no ser simplesmente dado (*Vorhandenheit*), no teor e no recurso, no valor e na validade, na pre-sença, no ‘há’. [...] Elaborar a questão do ser significa, portanto, tornar transparente um ente -o que questiona- em seu ser. (HEIDEGGER, 1999, p.32-33).

Toda a obra de Heidegger é perpassada pelo pensamento da diferença estabelecida entre o ôntico e o ontológico, sendo esse o tema axial de sua reflexão. O filósofo alemão persistiu nessa distinção, considerando o ser como matéria da Ontologia ao passo que os entes seriam objetos das ciências ônticas. O *Dasein*, ou nas palavras de Márcia de Sá Cavalcante, a *pre-sença* representa o próprio modo de ser do homem. O privilégio do ente *Dasein* é o poder que ele apresenta de questionar o ser e compreendê-lo. Ele tem sua existência determinada no mundo, isto é, o *Dasein* é o homem em sua singular existência cotidiana, em relação aos demais entes em suas peculiaridades (compromissos, medo, angústias, aflições).

A filosofia existencial apontada por Martin Heidegger pressupõe a existência. A existência pertence ao *Dasein*, à sua percepção. Compreender o ser é: determinar o ser na existência. O mérito da existência é oferecido ao homem, na responsabilidade de ser. Só o

¹⁵⁹ “Pesando com tanto cuidado o que devia aos outros, terei suficientemente examinado o que devia a mim mesmo?” (ROUSSEAU, 1986, p.66).

homem existe. Como ser existente, o *Dasein* é um ser-no-mundo. Heidegger salientou que é o homem quem imprime no mundo o caráter de mundo e “determina a ideia de mundanidade como tal”. (HEIDEGGER, 1999, p.91). O ser no mundo sugere que a pre-sença localiza-se num ambiente de vivência no mundo, em outras palavras, em uma cultura, em uma sociedade, desvendando a cada passo um universo. O mundo em que o *Dasein* se insere tem de ser observado por ele como um enigma a decifrar ou um desafio a combater. Nas *Rêveries*, Rousseau combateu o seu maior desafio uma vez que, desligando-se de seus perseguidores, compreendeu o verdadeiro sentido do verbo ser/existir, pois foi/existiu em toda sua essência e plenitude. Assim como declarou Rousseau, “*De quelque façon que les hommes veuillent me voir, ils ne sauraient charger mon être, et malgré leur puissance et malgré toutes leurs sourdes intrigues, je continuerai, quoi qu’ils fassent, d’être en dépit d’eux ce que je suis*”.¹⁶⁰ (ROUSSEAU, 1972, p.145).

A expressão ser-no-mundo já contém a ideia de unidade. O homem não pode ser desligado do mundo bem como o mundo não pode ser separado do homem: o *Dasein* está familiarizado ao mundo. Ele lhe pertence, é um ser-aí, habita nele. A partir dessas reflexões, depreende-se que o *Dasein* participa do mundo na condição dos existenciais. É o detentor do poder, pois está no mundo, produzindo, e não sendo apenas um sujeito paciente, reage em conjunto das coisas que sucedem, não se encontrando à mera disposição do destino. Ele constrói o mundo à sua espécie e de acordo com as suas necessidades. Rousseau agia conforme as suas essencialidades, sendo a natureza o arcabouço contra os seus inimigos. Nas *Rêveries*, o filósofo vivia para si e edificava o seu próprio mundo. Tratava-se de um mundo interior que o transportava psiquicamente ao encontro da salvação:

*Je gravis les rochers, les montagens, je m’enfonce dans les vallons dans les bois, pour me dérober autant qu’il est possible au souvenir des hommes et aux atteintes des méchants. Il me semble que sous les ombrages d’une forêt je suis oublié, libre et paisable comme si je n’avais plus d’ennemis ou que le feuillage des bois dût me garantir de leurs atteintes comme il les éloigne de mon souvenir et je m’imagine dans ma bêtise qu’en pensant point à eux ils ne penseront point à moi.*¹⁶¹ (ROUSSEAU, 1972, p.132).

¹⁶⁰ “Não importa a maneira pela qual os homens queiram me ver, não poderiam transformar meu ser e, apesar de seu poder e apesar de todas as suas surdas intrigas, continuarei, façam o que fizerem, a ser, apesar deles, o que sou”. (ROUSSEAU, 1986, p.109).

¹⁶¹ “Galgo os rochedos, as montanhas, mergulho nos vales, nos bosques, para me furtar, tanto quanto possível, à lembrança dos homens e aos ataques dos maus. Parece-me que sob as sombras de uma floresta sou esquecido,

O estar no mundo para o *Dasein* significa fazer dele o planejamento de suas atitudes e de suas exequíveis ações, ao operar com os mecanismos de seu dia-a-dia. Não obstante, o homem como *Dasein* relaciona-se com os outros homens, diríamos, com os outros *Daseins*. “Todo mundo é outro e ninguém é si próprio. O *impessoal*, que responde à pergunta *quem* da presença cotidiana, é *ninguém*, a quem a presença se entregou na convivência de um com o outro”. (HEIDEGGER, 1999, p.181, grifo do autor). O ser-no-mundo é por natureza ser-com-outro. Não sobrevivendo só, o homem está em harmonia com os outros seres no mundo e com eles compartilha esse universo. Jean-Jacques Rousseau, em *Les Confessions* (1782/1789), afirmara ser outro: “[...] *je suis autre*”¹⁶² (ROUSSEAU, 1973, p.33). Ser outro é abrir-se às vozes que interagem no mundo. É a própria relação que se estabelece com os outros, com a finalidade de arquitetar a nossa personalidade.

O ser-com-outro comprova a figura social do *Dasein*. A presença dos outros se determina, existencialmente, de acordo com Heidegger, com base em definidos modos de ser. Convidado a coexistir em um mundo, o ser-aí articula correlações com as pessoas e com as coisas que o circundam, expondo-se ao mundo. Ele não é dado como os entes que o cercam. Ele existe, atua, opera, criando vínculos com os outros seres-aí e com os seres simplesmente dados.

Os “outros” não significa todo o resto dos demais além de mim, do qual o eu se isolaria. Os outros, ao contrário, são aqueles dos quais, na maior parte das vezes, *ninguém* se diferencia propriamente, entre os quais também se está. Esse estar também com os outros não possui o caráter ontológico de um ser simplesmente dado “em conjunto” dentro de um mundo. O “com” é uma determinação da presença. (HEIDEGGER, 1999, p.170, grifo do autor).

O elo efetivado do ser com o outro é marcado pela preocupação. Os entes “simplesmente dados” instauram com o ser-aí um liame de ocupação, ou seja, o *Dasein* ocupa-se deles. Salvo com os homens que o ser-aí se pré-ocupa. “A ‘preocupação’, no sentido de instituição social de fato, por exemplo, funda-se na constituição ontológica da presença enquanto ser-com.”. (HEIDEGGER, 1999, p.173). A preocupação torna-se um fator negativo, à medida que o *Dasein* assume a responsabilidade do outro, tomando-lhe suas ocupações,

livre e calmo como se não mais tivesse inimigos ou como se a folhagem dos bosques me defendesse de seus ataques, como os afasta de minha lembrança e imagino, na minha tolice, que, não pensando neles, eles não pensarão em mim”. (ROUSSEAU, 1986, p.99).

¹⁶² “[...] eu é outro”. [Tradução nossa].

preenchendo seu lugar, esquecendo-se do autêntico sentido de sua existência. O ser-aí acaba se perdendo em si mesmo: “este conviver dissolve inteiramente a própria presença no modo de ser dos ‘outros’ [...]”. (HEIDEGGER, 1999, p.179). Antes de sua resignação Rousseau “pré-ocupou-se” em ser aquilo que os outros pretendiam que fosse. Os seus perseguidores, segundo o genebrino, fizeram dele aquilo que objetivavam: eram, verdadeiramente, os “diretores do seu destino”.

*Je me suis débattu longtemps aussi violemment que vainement. Sans adresse, sans art, sans dissimulation, sans prudence, franc, ouvert, impatient, emporté, je n’ai fait en me débattant que m’enlacer davantage et leur donner incessamment de nouvelles prises qu’ils n’ont eu garde de négliger.*¹⁶³
(ROUSSEAU, 1972, p.36).

O *Dasein* desnorreia-se na vida social, devido às imposições da convivência. O impessoal propaga sua tirania, convertendo-se em ditador, já que cada um é tal como o outro. As palavras de Jean-Jacques apresentam explicações fidedignas dessa passagem à inautenticidade. “*Jeté dès mon enfance dans le tourbillon du monde, j’ai appris de bonne heure par l’expérience que je n’étais pas fait pour y vivre, et que je n’y parviendrais jamais à l’état dont mon coeur sentait le besoin*”.¹⁶⁴ (ROUSSEAU, 1972, p.57-58). As funções sociais são distribuídas e o *Dasein* não consegue manter sua essência no espaço da opinião pública. Como afirmara Rousseau, ele nunca fora feito para viver em sociedade, nela jamais alcançaria sua totalidade, pois a organização civil impedia o homem de agir conforme os desígnios de seu coração. A perda de autenticidade induz o “ser-com-outros” a adular-se em “ser-entre-outros”. Em outras palavras, Heidegger demonstrava que a inautenticidade era atingida pelo *Dasein* quando ele não detinha a si mesmo, isto é, quando desprezava a sua capacidade de agir. A inautenticidade do “ser-aí” o faz aceitar simplesmente os dados, porque age com aspecto semelhante ao deles. Quando posto em situações limítrofes, em que a experiência do cotidiano lhe é exigida, a inautenticidade não o deixa atuar.

Como arquiteto do mundo que o circunscreve, o *Dasein* tem de experimentar a sua existência, e o único recurso para efetivar esse experimento é conceder sentido à própria

¹⁶³ “Debati-me por muito tempo tão violenta quanto inutilmente. Sem habilidade, sem perícia, sem dissimulação, sem prudência, franco, aberto, impaciente, arrebatado, debatendo-me não fiz outra coisa senão deixar-me enlaçar ainda mais e dar-lhes continuamente novos poderes, que tiveram o cuidado de não negligenciar”. (ROUSSEAU, 1986, p.23-24).

¹⁶⁴ “Lançado, desde a infância, no torvelinho da sociedade, aprendi cedo, por experiência, que não era feito para viver nela onde nunca conseguiria chegar ao estado de meu coração precisava”. (ROUSSEAU, 1986, p.42).

vivência. Só tem significado ou função aquilo a que, por nós, é atribuído um valor, uma finalidade. Faz-se indispensável à consciência de ser-com-outro, porém é preciso ter discernimento em “ser-com-outro” e “ser-entre-outros”. Embora o laço consolidado com o outro auxilie na formação do “ser-aí”, não se deve tomá-lo aos seus próprios cuidados. A existência do “ser-no-mundo” só é legítima em razão de sua realização como ser-com-outro. Tal realização é medular na configuração do sentido do ser. Rousseau nas *Rêveries* partilhou da mesma ideia de Heidegger: “*c’est une idée par laquelle il faut nécessairement que je passe pour arriver d’eux à moi*”.¹⁶⁵ (ROUSSEAU, 1972, p.35). Na primeira caminhada dos *Devaneios*, Jean-Jacques reconhecia que a investigação de si tinha de ser executada a começar pelo exame de sua situação. Ele só chegaria ao encontro de si mesmo se passasse por seus perseguidores, esses Outros que o ajudaram a descobrir a felicidade perfeita.

Levando-se em consideração essa busca incessante pelo sentido do ser, o *Dasein* cumpre sua figura de ser-no-mundo, o que lhe acarreta ser-com-outro. Enquanto “ser-aí” interage com outros *Daseins* a fim de firmar os caminhos de uma existência autêntica. “Por si mesma, em seu próprio poder-ser ela própria mais autêntico, a presença já sempre caiu de si mesma e de-caiu no ‘mundo’”. (HEIDEGGER, 1999, p.237). Para Heidegger, de-cair no mundo designa o cuidado na convivência, de maneira que a pre-sença é dirigida pelo falatório, pela curiosidade e pela ambiguidade. Desse modo, ser-no-mundo já implica estar numa de-cadência. O ato de imersão junto ao mundo assume que a pre-sença foge de si mesma com o seu poder-ser. O fugir de si mesmo só é definido no momento em que a presença se coloca diante de si mesma. Sendo assim, nem todo “retirar-se de” constitui uma fuga. Somente tem caráter de fuga aquilo que desencadeia o temor, isto é, o ameaçador.

Em consequência disto, a única ameaça é aquela que se descobre no temor, ou seja, aquilo provindo de algo intramundano. “[...] O desvio da de-cadência se funda na angústia que, por sua vez, torna possível o temor”. (HEIDEGGER, 1999, p.249). A compreensão da fuga de-cadente de si mesmo, inerente à presença, só é garantida se nos lembrarmos da constituição fundamental da presença, que é ser-no-mundo. “*Aquilo com que a angústia se angustia é o ser-no-mundo como tal*”. (HEIDEGGER, 1999, p.249, grifo do autor). A angústia não observa um “aqui” e um “ali”, determinados. O que caracteriza a angústia, de

¹⁶⁵ “É uma ideia por que devo necessariamente passar para chegar deles a mim”. (ROUSSEAU, 1986, p.23).

acordo com Heidegger, é o fato de o ameaçador não se descobrir em *lugar algum*. Por não estar em lugar algum, a angústia se angustia com o mundo, tal como ele é.

O angustiar-se mostra o mundo como mundo. O fato da angústia se angustiar pelo ser-no-mundo denuncia que nem o mundo é mais apto a oferecer alguma coisa, nem mesmo a co-presença dos outros. O ser-no-mundo está inquieto na angústia. Entretanto, por meio dela, o *Dasein* se dirige à autenticidade, porque a angústia é a estrutura fundamental para a presença ser-livre. “Na presença, a angústia revela o ser para o poder-ser mais próprio, ou seja, *o ser-livre para a liberdade de assumir e escolher a si mesmo*”. (HEIDEGGER, 1999, p.252, grifo do autor). É na conceptualização de angústia que se descobre o sinal totalizante próprio da essência do ser-ai. Isto quer dizer que ela serve de solo para a percepção da totalidade do *Dasein*. Deve-se considerar a angústia como fenômeno psicológico-ôntico-ontológico, pelo fato de ela nos encaminhar à plenitude da existência como ser-no-mundo.

A angústia assumiu em Heidegger um papel essencialmente humano: adotando um caráter existencial, só o homem pode se angustiar, afinal só ele existe. Os outros entes são, mas não existem. O homem existe e procura, ao longo de toda sua existência, compreender o seu ser. Daí sua facilidade de se angustiar. Enquanto *Dasein* angustia-se por não ter conhecimento do significado de sua existência no mundo. A vida é efêmera e o homem frágil. Dessa forma, a consciência o conduz ao exercício da angústia, permitindo que formule um novo método de pensar, indispensável na construção de si. Essa consciência é a estrutura chave do homem frente à capacidade de “ser-livre para”. Condição fundamental até do ser-para-a-morte.

A consciência norteia o homem ao julgamento e a decisão consciente, no pensamento heideggeriano, é o resultado mais eficiente para o encontro consigo mesmo. O *Dasein* angustia-se diante desse julgamento, porém como foi dito, a angústia é o único meio de o ser rumar à autenticidade. Nas *Rêveries*, valida-se a posição antagônica de Rousseau. Para o filósofo iluminista, o encontro em si mesmo tratava-se do existir, verdadeiramente. Nessa direção, o acesso a tal descoberta seria possibilitado pela solidão e pelo afastamento de todas as paixões, portanto, por meio dos sentimentos e das sensações, e não da consciência:

Le sentiment de l'existence dépouillé de toute autre affection est par lui-même un sentiment précieux de contentement et de paix, qui suffirait seul pour rendre cette existence chère et douce à qui saurait écarter de soi toutes

*les impressions sensuelles et terrestres qui viennent sans cesse nous en distraire et en troubler ici-bas la douleur.*¹⁶⁶ (ROUSSEAU, 1972, p.102).

A liberdade é natural ao homem, e depende exclusivamente dele perdurar no inautêntico ou seguir em busca da autenticidade. Apesar da convicção de sua liberdade, o *Dasein* tem plena consciência de que essa liberdade não é autêntica, uma vez que a autenticidade é alcançada no empreendimento da existência. Com a morte o ser aufere à autenticidade.

A distinção estabelecida entre temor e angústia faz-se significativa, pois bem como a angústia, o temor é fundamental à existência do ser-no-mundo. O temor é mais tênue que a angústia e o temível diz respeito àquilo que nos ameaça. O temor é sempre de alguma coisa que está dentro do mundo. Sentimos temor por algo que de certa forma nos incomoda ou, ainda, sentimos temor de outro *Dasein*. Por se tratar de uma disposição anímica, o temor nos dissuade daquilo que tememos. Só teme os que veem em jogo o seu próprio ser. O ato de temer coloca o ente em conjunto com os seus perigos, suas aflições, fazendo-o abandonar a si mesmo. O medo leva o homem a “perder a cabeça”, ou melhor, face ao medo ele se perde. É a tentativa de fuga do *Dasein* de si próprio. Por isso, o homem teme a morte. Não estando familiarizado com ela, mesmo que seja algo determinado, ele a teme. Em realidade, o homem teme a si mesmo, já que só ele é capaz de viver a sua morte. Objeto algum ou outra pessoa pode sentir a sua morte. O temor do mesmo modo que a morte é privado, pessoal.

Com isso, percebemos que a pre-sença, como ser-no-mundo, é “temerosa”. É próprio da existência do *Dasein* temer. Nós, seres humanos, não sabemos com o que nos angustiamos, e nem porque nos angustiamos. A angústia é inerente ao homem. E, centralizando-nos no texto rousseauiano de *Les rêveries du promeneur solitaire*, deparamo-nos com um Jean-Jacques angustiado e resignado à morte. Rousseau aprendeu a morrer. O desconforto provocado pela angústia que vivenciava, em meio aos males a ele impingidos por seus perseguidores, o fazia se sentir cada vez mais estranho.

Combien de fois dans ces moments de doute et d'incertitude je fus prêt à m'abandonner au désespoir! Si jamais j'avais passé dans cet état un mois

¹⁶⁶ “O sentimento da existência, despojado de qualquer outro apego é por si mesmo um sentimento precioso de contentamento e paz, que sozinho bastaria para tornar esta existência cara e doce a quem soubesse afastar de si todas as impressões sensuais e terrenas que vêm continuamente nos afastar dela e perturbar, na terra, sua suavidade”. (ROUSSEAU, 1986, p.76).

*entier, c'était fait de ma vie et de moi. Mais ces crises, quoique autrefois assez fréquentes, ont toujours été courtes, et maintenant que je n'en suis pas délivré tout à fait encore elles sont si rares et si rapides qu'elles n'ont pas même la force de troubler mon repos. Ce sont des légères inquietudes qui n'affectent pas plus mon âme qu'une plume qui tombe dans la rivière ne peut altérer le cours de l'eau.*¹⁶⁷ (ROUSSEAU, 1972, p. 68-69).

É evidente que só Rousseau descreveria, perfeitamente, os momentos de angústia no curso de sua vida. Ele mesmo confessou, muitas vezes, entregar-se ao desespero, mas desesperava-se por quê? Desesperava-se, angustiava-se, por estar no mundo. A impossibilidade de dar significado à existência faz com que o *Dasein*, nesse caso Jean-Jacques Rousseau, se aflija. Nada e nem ninguém consegue acalmar o *Dasein*, pois somente ele é apto a executar isso. As dificuldades eram insuportáveis e o filósofo suíço não conseguia resolvê-las. Uma das maneiras pelas quais o narrador se tranquilizava era oferecendo-se ao estudo de si. Quando Rousseau se aceitava, as crises de desespero abrandavam-se, não o afetando como outrora. Aceitando-se, Rousseau lograva da paz de espírito.

Jean-Jacques concedia muita importância a pequenos acontecimentos que não tinham, de fato, tamanha relevância. As meditações solitárias lhe esclareciam o real efeito de tais objeções. Era preciso desconfiar das aparências que nada dispõe de sólido:

Aujourd'hui que mon coeur serré de détresse, mon âme affaissée par les ennuis, mon imagination effarouchée, ma tête troublée par tant d'affreux mystères dont je suis environné, aujourd'hui que toutes mes facultés, affaiblies par la vieillesse et les angoisses, ont perdu tout les ressources, irai-je m'ôter à plaisir toutes les ressources que je m'étais ménagées, et donner plus de confiance à ma raison déclinante pour me rendre injustement mal-heureux, qu'à ma raison pleine et vigoureuse pour me dédommager des maux que je souffre sans les avoir mérités? Non, je ne suis ni plus sage, ni mieux instruit, ni de meilleure foi que quand je me décidai sur ces grandes questions, je n'ignorais pas alors les difficultés dont je me laisse troubler aujourd'hui; elles ne m'arrêtèrent pas, et s'il s'en présente quelques nouvelles dont on ne s'était pas encore avisé, ce sont les sophismes d'une subtile métaphysique qui ne sauraient balancer les vérités éternelles admises de tous le temps, par tous les sages, reconnues par toutes les nations et

¹⁶⁷ “Quantas vezes, nesses momentos de dúvida e de incerteza, estive prestes a abandonar-me ao desespero. Se, por acaso, tivesse permanecido nesse estado um mês inteiro, estaríamos acabados, minha vida e eu. Mas essas crises, ainda que bastante frequentes, outrora, sempre foram curtas e agora, que ainda delas não me libertei completamente, são tão raras e tão rápidas que nem mesmo têm a força de perturbar meu repouso. São leves inquietudes que não afetam minha alma, assim como uma pluma que cai no rio não pode alterar o curso d'água”. (ROUSSEAU, 1986, p.49).

*gravées dans le coeur humain en caractères ineffaçables.*¹⁶⁸ (ROUSSEAU, 1972, p.69).

A angústia, os desgostos, o temor àquilo que estava por vir amedrontavam o filósofo. A velhice aproximava-o da morte e a angústia, sem explicação, perturbava todas as suas faculdades do pensar. A razão agia com menos intensidade, perdendo aos poucos todo o seu vigor. Ela não era mais tão eficaz e não servia para explicar todos os sofrimentos que atormentavam a alma de Rousseau. A metafísica, até então, fonte segura da verdade, parecia nos dizeres de Rousseau, perder sua posição. Em seu íntimo, o instaurador do pensamento moderno reconhecia que nem mesmo a metafísica era preparada para clarificar os estranhos momentos pelo quais sua alma enfrentava. Entregando-se às infelicidades da vida, Rousseau perdia a estima e nada ganhava em seu lugar, pois sabia que certas dificuldades excediam os limites de sua compreensão.

*c'est ainsi que raisonnant avec moi-même je parvins à ne plus me laisser ébranler dans mes principes par des arguments captieux, par des objections insolubles et par des difficultés qui passaient ma portée et peut-être celle de l'esprit humain.*¹⁶⁹ (ROUSSEAU, 1972, p.70).

Notam-se, assim, entre Heidegger e Rousseau alguns pontos de conformidade. Todavia, é necessário sublinhar que diferenças emergem entre ambas as filosofias. Enquanto a filosofia do século XX, isto é, a filosofia de Heidegger é materialista e objetiva, Rousseau segue a linha deísta e subjetiva. Romântico por si só, o genebrino vê uma saída, a felicidade, para as angústias que o importunavam. Em Heidegger, não existe saída nenhuma, ficando o *Dasein* à mercê do desespero. Como foi frisado, no decorrer da caracterização de alguns conceitos apresentados por Heidegger, o *Dasein* se angustia pela simples circunstância de

¹⁶⁸ Hoje, que meu coração comprimido pela angústia, minha alma deprimida pelos desgostos, minha imaginação assustada, minha cabeça perturbada por tantos horríveis mistérios que me rodeiam, hoje, que todas as minhas faculdades, enfraquecidas pela velhice e pelas angústias, perderam toda sua energia, irei abandonar, sem motivo, todos os recursos que prepara, e conferir maior confiança à minha razão declinante, para me tornar injustamente infeliz, do que à minha razão plena e vigorosa para me compensar dos males que sofro sem os ter merecido? Não, não sou nem mais sábio nem mais instruído, nem tenho maior boa-fé do que quando tomei minha posição diante dessas questões, não ignorava então as dificuldades pelas quais me deixo perturbar hoje; elas não me detiveram e caso se apresentarem algumas novas, nas quais ainda ninguém pensara, serão os sofismas de uma sutil metafísica, que não poderiam fazer oscilar as verdades eternas admitidas em todas as épocas, por todos os sábios, reconhecidas por todas as nações e gravadas no coração humano em caracteres indelévels. (ROUSSEAU, 1986, p.49).

¹⁶⁹ “É assim que, raciocinando comigo mesmo, consegui não mais me deixar abalar em meus princípios por argumentos capciosos, por objeções insolúveis e por dificuldades que ultrapassavam o meu alcance e talvez o do espírito humano”. (ROUSSEAU, 1986, p.50).

estar no mundo. É a sua própria existência que é angustiante. Ele não sabe determinar de que lugar ela deriva, e nem o porquê sente-se angustiado. E Rousseau reconhecia isso. Eis o que ele nos escreveu:

*Que serais-je devenu, que deviendrais-je encore, dans les angoisses affreuses qui m'attendaient et dans l'incroyable situation où je suis réduit pour le reste de ma vie, resté sans asile où je puisse échapper à mes implacables persécuteurs, sans dédommagement des opprobres qu'ils me font essuyer en ce monde et sans espoir d'obtenir jamais la justice qui m'était due, je m'étais vu livré tout entier au plus horrible sort qu'ait éprouvé sur la terre aucun mortel?*¹⁷⁰ (ROUSSEAU, 1972, p.66).

Nos dizeres de Jean-Jacques, percebe-se o angustiante posicionamento ocupado pelo iluminista, frente às imposições de seus perseguidores. A solidão simbolizava o refúgio à compensação dos opróbios que os “governantes do seu destino” lhe impingiram. Levando em consideração os estudos heideggerianos é, exclusivamente na angústia, que o “ser-aí” é retirado de sua decadência. Ora, a trajetória de vida do escritor das *Confissões* é um excelente exemplo de retirada da decadência, já que na angústia, Rousseau foi hábil a revelar a autenticidade do seu ser. Consigo mesmo, e, recolhendo-se dos prazeres da sociedade, alcançava a completude do seu ser. Ultrapassando a si, Rousseau ascendia à transcendência:

*C'est dans cet état déplorable qu'après de longues angoisses, au lieu du désespoir qui semblait devoir être enfin mon partage, j'ai retrouvé la sérénité, la tranquillité, la paix, le bonheur même, puisque chaque jour de ma vie me rappelle avec plaisir celui de la veille, et que je n'en désire point d'autre pour le lendemain.*¹⁷¹ (ROUSSEAU, 1972, p.141).

A paz de espírito, a tranquilidade e a felicidade são frutos da resignação. O filósofo aprendeu a suportar os “murmúrios do destino”. Foi o perfeito solitário. Sendo consciente de sua situação de abandono e de sua liberdade, Rousseau, enquanto *Dasein* compreendeu sua verdadeira função em vida: existir, ou melhor, ser em meio às contingências promovidas pelo sentimento da angústia. O poder-ser implica ser-em um mundo. Perante uma sucessão de

¹⁷⁰ “Que me teria tornado, que me tornaria ainda, nas angústias horríveis que me esperavam e na incrível situação a que estou reduzido para o resto de minha vida se, tendo permanecido sem um refúgio onde pudesse escapar a meus implacáveis perseguidores, sem compensação aos opróbrios que eles me fazem sofrer neste mundo e sem esperança de obter um dia a justiça que me era devida, tivesse sido completamente entregue à mais horrível sorte que algum mortal já tenha experimentado na terra?” (ROUSSEAU, 1986, p.47).

¹⁷¹ “Foi neste estado deplorável que, após longas angústias, em lugar do desespero que parecia dever enfim ser meu quinhão, encontrei novamente a serenidade, a tranquilidade, a paz, a felicidade mesmo, visto que, cada dia de minha vida me lembra com prazer o da véspera e visto que não desejo outro igual para o dia seguinte”. (ROUSSEAU, 1986, p.107).

vicissitudes, Jean-Jacques fez a escolha que deu significado à sua existência individual. No entanto, esforço e renúncia foram exigidos ao longo desse trajeto.

*En sortant de chez moi je soupire après la campagne et la solitude, mais il faut l'aller chercher si loin qu'avant de pouvoir respirer à mon aise je trouve en mon chemin mille objets qui me serrent le coeur, et la moitié de la journée se passe en angoisses avant que j'aie atteint l'asile que je vais chercher. Heureux du moins quand on me laisse achever ma route. Le moment où j'échappe au cortège des méchants est délicieux, et sitôt que je me vois sous les arbres, au milieu de la verdure, je crois me voir au paradis terrestre et je goûte un plaisir interne aussi vif que si j'étais le plus heureux des mortels.*¹⁷² (ROUSSEAU, 1972, p.148).

Ressaltou-se que a solidão foi o caminho determinado pelo filósofo genebrino para se encontrar consigo mesmo. Todavia, a extrema sensibilidade do narrador permitiu sua comunicação com a natureza, visto que, por intermédio dela, tomou consciência de sua existência. Em meio à natureza, Rousseau julgava estar no “paraíso terrestre” e essa relação de simbiose o levava a fruir de seus júbilos mais íntimos, acreditando ser “o mais feliz dos mortais”. Rousseau existia em harmonia com a natureza. Sentindo-se liberto das paixões sociais e do amor próprio, o autor de *Rêveries* recuperava o amor de si. Entretanto, como todo ser-no-mundo, conhecia a restrição que o impedia de atingir a finitude: a morte.

3.2 O ser-para-a-morte

Oui, sans doute, il faut que j'aie fait sans que je m'en aperçusse un saut de la veille au sommeil, ou plutôt de la vie à la mort”.¹⁷³ (ROUSSEAU, 1972, p.35-36). O cidadão de Genebra, em seus dias finais, compreendeu o significado de sua existência: a morte. Rousseau, já velho, sabia da aproximação de sua morte e, por isso, tributou seu derradeiro escrito autobiográfico à avaliação transformadora operada em seu íntimo. O salto da vigília ao sono, ou mais amplo, da vida à morte simboliza o ponto de partida da reconstituição pessoal

¹⁷² “Saindo de casa, desejo ardentemente campo e a solidão, mas é preciso ir procurá-los tão longe que antes de poder respirar à vontade, encontro em meu caminho mil objetos que me comprimem o coração e a metade do dia se passa em angústias, até ter atingido o refúgio que vou procurar. Sou feliz, pelo menos, quando me deixam terminar meu caminho. O momento em que escapo ao cortejo dos maus é delicioso e logo que me vejo sob as árvores, em meio à verdura, creio estar no paraíso terrestre e saboreio um prazer íntimo tão vivo quanto se fosse o mais feliz dos mortais”. (ROUSSEAU, 1986, p.111-112).

¹⁷³ “Sim, sem dúvida, sem o perceber, devo ter dado um salto da vigília ao sono, ou melhor, da vida para a morte”. (ROUSSEAU, 1986, p.23).

do filósofo suíço. Na condição de ser-no-mundo contemplou não só sua estrutura existencial, mas também o fundamento originário de sua existencialidade, a temporalidade.

Se a temporalidade constitui o sentido ontológico originário da pre-sença, onde *está em jogo o seu próprio ser*, então a cura deve precisar de “tempo” e, assim, contar com “o tempo”. A temporalidade da pre-sença constrói a “contagem do tempo”. O “tempo” nela experimentado é o aspecto fenomenal mais imediato da temporalidade. Dela brota a compreensão cotidiana e vulgar do tempo. E essa se desdobra, formando o conceito tradicional de tempo. (HEIDEGGER, 1998, p.13-14, grifo do autor).

A temporalidade desvela-se na mortalidade inexorável da vida humana. Trata-se de uma exigência existencial, impossível de ser reprimida. O fim ou o término de cada *Dasein* é a morte. O seu caráter soberano determina a totalidade da pre-sença. Satisfeito ou não, o ser-no-mundo possui uma existência delimitada. Rousseau para se sentir vivo precisava sentir que uma parte de si estava morta. O criador do projeto ideológico da modernidade nos confessou isso: “*je hais ces santés robustes; ces gens qui ont tant de force et si peu de vie; il me semble que je n’ai vécu moi-même que depuis que je me sens demi-mort*”.¹⁷⁴ (*Lettre à Madame de Créqui, 15 janvier 1759*). (ROUSSEAU apud ADAMY, 1997, p.103).

A sensação de estar meio morto era resquício da paranoica ideia do complô, visto que essas irreprimíveis ideias perturbaram o filósofo, no decorrer de toda sua vida. Meio-morto, em outras palavras, significa estar ausente e desconhecer-se. O rastreamento histórico-existencial da vida do genebrino explica essa sensibilidade. Rousseau não temia a morte:

*[...] Rousseau parle de la mort qui s’approche sans angoisse. Fidèle à la leçon de Montaigne, mais plus croyant que lui, il s’est, par sa foi en l’au-delà et l’espérance de son salut, de longue date apprivoisé à l’idée de devoir quitter ce monde, et cette perspective ne lui paraît même plus un sacrifice, mais un consolation et une délivrance depuis qu’il se sent victime d’une ligne universelle acharnée à le persécuter sur terre.*¹⁷⁵ (BARGUILLET, 1991, p.15).

¹⁷⁴ “Eu odeio essas saúdes robustas; essas pessoas que possuem tanta força e tão pouco de vida; parece-me que eu próprio só vivi depois que me senti meio morto”. [Tradução nossa].

¹⁷⁵ “[...] Rousseau fala da morte que se aproxima sem angústia. Fiel à lição de Montaigne, porém mais crente que ele, por sua fé no além e pela esperança de sua salvação, de longa data ele familiarizou-se com a ideia de dever deixar este mundo, e esta perspectiva não mais lhe parece um sacrifício, mas uma consolação e uma libertação desde que ele se sente vítima de uma linha universal encarnçada a persegui-lo sobre a terra”. [Tradução nossa].

Diferentemente dos outros mortais, o genebrino esperava a chegada de sua morte sem medo, graças à maturidade obtida com a idade. A velhice o preenchia e, de acordo com Françoise Bargauiilet (1991), o sentimento de morte o habitara de “*bonne heure*”:

*Il attend donc la mort, sinon avec impatience, du moins avec confiance, ayant depuis longtemps misé sur l'enrichissement spirituel plutôt que sur l'augmentation des biens matériels, à l'inverse de la plupart des hommes [...].*¹⁷⁶ (BARGUILLET, 1991, p.15).

A morte, para Jean-Jacques, foi símbolo de análise, em última observação, análise de seu próprio ser. Como todo ser, Rousseau sabia de sua finitude, mas acreditava que a plenitude, só poderia ser alcançada com a morte. Ela retratava o desvelamento de toda sua existência, concedendo significado a sua essência. Com a morte, conforme se passara com os heróis das tragédias clássicas francesas, Rousseau concluiu o seu projeto de vida. Vida e morte, substantivos antitéticos, no entanto complementares, se considerados do ponto de vista fenomenológico-existencial, defendido por Martin Heidegger, em *Ser e tempo* (1927).

A morte, segundo o filósofo alemão, não pode ser caracterizada como um fenômeno natural da vida humana, mas sim como fenômeno constituinte da existência humana. Desse modo, a morte diz respeito à existência do homem, ou melhor, está penetrada no ser do homem, como ser-no-mundo. Na pre-sença sempre existe algo pendente que ainda não se reverteu em real. Na própria essência da pre-sença reside uma constante inconclusão: “[...] *que suis-je moi-même*”¹⁷⁷ (ROUSSEAU, 1972, p.34). A não finitude do ser contém a possibilidade do poder ser. Pertencente ao homem, a morte é irreversível e pessoal. Não é permitido transferir minha morte a outra pessoa. Por se tratar de um ser-no-mundo o homem é preparado a ser-para-a-morte. Nesse sentido, a gênese do pensamento heideggeriano de ser-para-a-morte fornece subsídios para o entendimento do tema da morte em *Les Rêveries du promeneur solitaire*.

A questão sobre a totalidade da pre-sença que, do ponto de vista existenciário, emerge como a questão da possibilidade dela poder-ser-toda e, do ponto de vista existencial, como a questão da constituição ontológica de “fim” e “totalidade”, abriga a tarefa de uma análise positiva dos fenômenos da existência até aqui postergados. No centro dessas considerações, acha-se

¹⁷⁶ “Ele espera, então, a morte, senão com impaciência, ao menos com confiança, tendo por muito tempo apostado mais no enriquecimento espiritual do que no aumento dos bens materiais, ao contrário da maior parte dos homens”. [Tradução nossa].

¹⁷⁷ “[...] que sou eu mesmo”. (ROUSSEAU, 1986, p.23).

a caracterização ontológica do ser-para-o-fim em sentido próprio da presença e a conquista de um conceito existencial da morte. (HEIDEGGER, 1998, p.17).

A questão da morte nas *Rêveries* é elementar no que concerne aos veios de entendimento do autor. Aceitá-la não é uma simples prática de resignação, é muito mais que isto: é a origem positiva de percepção da vida, é a capacidade apresentada pelo *Dasein* de conceber a sua totalidade, a sua plenitude. O “ser-aí” por meio da antecipação do porvir, isto é, do futuro, conquista sua completude. Incompleto em sua natureza, só com a morte o ser-no-mundo atingirá sua integralidade,

“[...] na pre-sença, há sempre *algo pendente*, que ainda não se tornou “real”, como um poder-ser de si mesma. Na essência da constituição fundamental da presença reside, portanto, uma *constante inconclusão*. A não totalidade significa o pendente do poder-ser”. (HEIDEGGER, 1998, p.16, grifo do autor).

Há na própria constituição da presença a incompletude. Como foi salientado por Heidegger, o pendente está no cerne do “ser-aí”. A pre-sença existe em função de si própria e “enquanto ela é e até o seu fim, a pre-sença se relaciona com o seu poder-ser”. (HEIDEGGER, 1998, p.15). Em sua estrutura existencial o homem está inconcluso, de sorte que para a pre-sença ser-toda, ela precisa anular-se, ou melhor, extinguir-se. Para levar mais adiante as implicações do pensamento heideggeriano, a remoção do pendente significa aniquilar a pre-sença, seu ser, pois enquanto ente, o “ser-aí” jamais auferiu à totalidade. No centro dessas considerações, intenta-se delimitar um conceito existencial da morte.

“*Tout est fini pour moi sur la terre. On ne peut plus m’y faire ni bien ni mal. Il ne me reste plus rien à espérer ni à craindre en ce monde, et m’y voilà tranquille au fond de l’abîme, pauvre mortel infortuné, mais impassible comme Dieu même*”.¹⁷⁸ (ROUSSEAU, 1972, p.40). Jean-Jacques Rousseau, na primeira caminhada das *Rêveries* declarou sua morte inicial: o genebrino morre para a sociedade, mas para si, aprendeu que a felicidade estava em seu íntimo. Firme como o próprio Deus, desvinculou-se das crenças sociais impostas pelo mundo, exilando-se desse círculo social. Não obstante, não é só a “morte” social que o fez perceber que, o contentamento e amor de si somente poderiam ser alcançados, se o indivíduo

¹⁷⁸ “Tudo está acabado para mim sobre a terra. Não me poderiam mais fazer nem bem nem mal. Nada mais me resta esperar nem temer neste mundo e eis-me tranquilo no fundo do abismo, pobre mortal infeliz, mas impassível como o próprio Deus”. (ROUSSEAU, 1986, p.26).

fosse hábil a conhecer a si mesmo. A morte em seu sentido denotativo é também indispensável para o desdobramento psicológico do cidadão de Genebra

Aqui, pretendeu-se conjugar os temas que servem de arcabouço teórico para esta investigação. O que foi proposto na análise desenvolvida no capítulo anterior, isto é, a influência da memória na vida do narrador desse texto em prosa poética encontra neste capítulo sua concretização. Como foi visto na releitura dos textos freudianos concernentes ao trabalho do devaneio e dos sonhos na formação da personalidade humana, a memória assim como a personalidade passam por um processo fragmentário no decorrer de sua formação. Estamos diante de semelhante posicionamento ocupado pela morte em nossas vidas. O ser é também fragmentário e sua finitude é efetivada com a morte. A memória precisa do passado, pois “a lembrança é sempre lembrança de um *percebido*”. (WAJNBERG, 1997, p.103). Do passado, somos capazes a antecipar o futuro. Desse modo, não é apenas o presente que nos interessa nesta pesquisa, mas sim o passado e esse prolongar-se temporalmente que tem seu fim com a morte.

*Mais dans ce désoeuvrement du corps mon âme est encore active, elle produit encore des sentiments, des pensées, et sa vie interne et morale semble encore s'être accrue par la mort de tout intérêt terrestre et temporel. Mon corps n'est plus pour moi qu'un embarras, qu'un obstacle, et je m'en dégage d'avance autant que je puis.*¹⁷⁹ (ROUSSEAU, 1972, p.42).

Rousseau compreendia a importância da alma em suas realizações pessoais, por isso, seu corpo não tinha, pelo menos para ele, nenhuma relevância. A morte lhe era bem-vinda e, segundo Paule Adamy (1997), nas *Rêveries*, a ideia de uma alma sem corpo demonstra todo sentido, pois representava a morte, mesmo que Rousseau ainda estivesse vivo: “*Pour parler d'une âme vivant sans corps, il faut que la mort soit déjà arrivée et que cependant, l'on continue à vivre*”.¹⁸⁰ (ADAMY, 1997, p.114). A temporalidade é extremamente pertinente ao entendimento da prosa rousseauiana e, além disso, à percepção das sensações experimentadas pelo filósofo. Mas voltemos ao trecho citado anteriormente: “*Tout est fini*

¹⁷⁹ “Mas nesta ociosidade do corpo, minha alma ainda está ativa, produz ainda sentimentos, pensamentos, e sua vida interior e moral parece ainda ter crescido pela morte de qualquer interesse terreno e material. Meu corpo, para mim, não é mais do que um estorvo, um obstáculo, e dele me liberto antecipadamente tanto quando posso”. (ROUSSEAU, 1986, p.27).

¹⁸⁰ “Para falar de uma alma que viva sem corpo, é preciso que a morte já tenha chegado e que, no entanto, nós continuemos a viver”. [Tradução nossa].

pour moi sur la terre".¹⁸¹ (ROUSSEAU, 1972, p.40). Se Rousseau afirmava que tudo havia acabado para ele na terra, deparamo-nos com uma nova visão da morte, daqui por diante, existencial. A morte nos é exposta em seu aspecto positivo, dado que ela conduz as modificações vivenciadas por Jean-Jacques: ela é o ponto de partida de sua renovação espiritual. Segundo Adamy, "*Rousseau agit, littéralement, sur la nature même du temps, il l'inverse, faisant de la mort un point de départ*".¹⁸² (ADAMY, 1997, p.114).

Mencionou-se, durante a caracterização de alguns conceitos colocados por Heidegger, que o ser é também ser-com-outros à medida que estabelece com eles não só relações afetivas, mas de qualquer natureza. O *Dasein* como ser-com-outro pode lograr de uma experiência de morte. Explorando os estudos promovidos por Martin Heidegger, insisto no codinome adotado por seus admiradores, o filósofo da Floresta Negra, intenta-se, costumeiramente, a partir de analogias da morte dos outros, aplicar um princípio que se estende à nossa vida, a fim de totalizar a nossa própria existência. Entretanto, a morte dos outros diz respeito ao fim da existência deles, impossível de ser sentida por nós. Como esclareceu Heidegger (1927), em sentido genuíno, não fazemos experiência da morte dos outros, pois o máximo que conseguimos é estar junto.

Se o *Dasein* se completa, sabemos que ele atingiu sua totalidade, perdendo, dessa forma, sua existência. Ele não é mais ser-no-mundo, uma vez que deixa de atuar no mundo, com a chegada da morte. É agora um simplesmente dado. Para o filósofo alemão, o estágio final de um ente representa o seu surgimento como um simplesmente dado. Heidegger elucidou que os cadáveres, apesar de se tornarem simplesmente dados, são mais importantes que qualquer coisa material, "destituída de vida":

O "finado" que, em oposição ao morto, foi retirado do meio dos que "ficaram para trás" é objeto de "ocupação" nos funerais, no enterro, nas cerimônias e cultos dos mortos. E isso porque, em seu modo de ser, ele é "ainda mais" do que um simplesmente dado no mundo circundante e passível de ocupação. Junto com ele, na homenagem do culto, os que ficaram para trás *são e estão com ele*, no modo de uma preocupação reverencial. Assim, a relação ontológica com o morto também não deve ser apreendida como uma *ocupação* do que está à mão. (HEIDEGGER, 1998, p.18, grifo do autor).

¹⁸¹ "Tudo está acabado para mim sobre a terra". (ROUSSEAU, 1986, p.26).

¹⁸² "Rousseau age, literalmente, sobre a própria natureza do tempo, ela a inverte, fazendo da morte um ponto de partida". [Tradução nossa].

Com a morte, o finado não está mais aí, no sentido da presença propriamente dita. Se o finado deixou o mundo dos vivos, os que foram deixados ainda podem ser e estar com ele. O ser-com o morto não efetua o experimento de ter chegado ao fim do finado. A morte exhibe-se como perda, em sentido mais amplo, a perda para aqueles que ficam. O sentimento de perda para os que ficam difere do sentimento de perda para o morto.

Nas relações de convivência no mundo são corriqueiras as substituições de uma pre-sença por outra. Quase em todas as formas de ocupação, como explicou Heidegger em *Ser e tempo* (1927), toda e qualquer procura de ..., fornecimento de ..., é substituível. Contudo, se buscamos substituir a possibilidade de ser, isto é, o chegar ao fim da pre-sença por outro *Dasein*, fracassamos. O máximo que conseguimos é “morrer por outrem”, isso significa enunciar “sacrificar-se pelo outro ‘numa coisa e causa determinada’”. (HEIDEGGER, 1998, p.20, grifo do autor). Como foi dito, a morte é pessoal e intransferível. E morrer por alguém não indica que a morte do outro lhe foi retirada. “Cada pre-sença deve, ela mesma e a cada vez, assumir a sua própria morte. Na medida em que “é”, a morte é essencialmente e cada vez, minha”. (HEIDEGGER, 1998, p.20). Quando a pre-sença é toda, ou seja, ela atingiu a totalidade, não existe nenhuma esperança de substituição. Se a morte chegou não temos como mudar a direção de nossas vidas. O fim é inerente a cada ser humano e impossível de ser modificado.

No que concerne às *Rêveries*, a morte em seu sentido existencial ainda não chegou a Jean-Jacques, apesar de sua proximidade. Ora, Rousseau ainda não morreu, ele não deixou de ser para se transfigurar num simplesmente dado, no entanto, identificou que o fim era somente o começo de uma vida vigorosa. A morte era o início do encontro consigo mesmo: “*l’expérience instruit toujours, je l’avoue; mais elle ne profite que pour l’espace qu’on a devant soi. Est-il temps au moment qu’il faut mourir d’apprendre comment on aurait dû vivre?*”.¹⁸³ (ROUSSEAU, 1972, p.56). O encontrar a si próprio é a etapa mais importante da vida de qualquer mortal: perante a morte o homem não é mais fruto da cisão daquilo que ele quer e daquilo que ele deve ser, pois o conflito entre os deveres e interesses está apaziguado. A morte era, segundo Rousseau, o caminho da redenção.

¹⁸³ “A experiência instrui sempre, confesso-o; mas somente é útil para o espaço de tempo que se tem diante de si. É no momento em que é preciso morrer que se deve aprender como se deveria ter vivido”. (ROUSSEAU, 1986, p.41).

“*Au lieu que la mort soit à venir, elle est située dans le passée; d’une certe manière, Rousseau est mort; mais en même temps, il se donne, vivant, le statut d’une âme à la vie immortelle [...]*”.¹⁸⁴ (ADAMY, 1997, p.114). A suposta imortalidade da alma de Jean-Jacques lhe concedeu o prazer de desfrutar da felicidade, mesmo sabendo que seus dias “estavam contados”. O não temer a morte só é possível se aprendemos a morrer e, também, se concebemos esse estágio natural da humanidade como a fase de maior maturidade do homem. É a etapa de plena realização do ser.

*Nous entrons en lice à notre naissance, nous en sortons à la mort. Que sert d’apprendre à mieux conduire son char quand on est au bout de la carrière? Il ne reste plus à penser alors que comment on en sortira. L’étude d’un vieillard, s’il lui en reste encore à faire, est uniquement d’apprendre à mourir, et c’est précisément celle qu’on fait le moins à mon âge, on y pense à tout hormis à cela. Tous les vieillards tiennent plus à la vie que les enfants et en sortent de plus mauvaise grâce que les jeunes gens. C’est que, tous leurs travaux ayant été pour cette même vie, ils voient à sa fin qu’ils ont perdu leurs peines. Tous leurs soins, tous leurs biens, tous les fruits de leurs laborieuses veilles, ils quittent tout quand ils s’en vont. Ils n’ont songé à rien acquérir durant leur vie qu’ils pussent emporter à leur mort.*¹⁸⁵ (ROUSSEAU, 1972, p.57).

A retórica de Rousseau é clara e direta. Os seres humanos, sobretudo os velhos, já que seguindo os ciclos naturais da existência humana - é na velhice que normalmente as pessoas morrem - não se preocupam em investigar a relevância da morte em suas vidas. Os velhos não sabem morrer, mas nos questionamos, serão somente os velhos que não o sabem? Nos dizeres de Rousseau, os velhos deixam a vida sem ao menos pensar na morte como ato de concretização. Não só no século XVIII tinha-se uma visão negativista da morte. Na atualidade, ela é também a causadora de desesperos, pois os homens preocupam-se mais com as conquistas materiais, com suas posições sociais, que com o fechamento desse ciclo. Pobres mortais, não se lembram de que nada será possível levar consigo na hora do descanso físico.

¹⁸⁴ “Ao passo que a morte esteja a chegar, ela está situada no passado; de certa maneira, Rousseau está morto; mas, ao mesmo tempo, ele se dá, vivo, o status de uma alma com vida imortal”. [Tradução nossa].

¹⁸⁵ “Entramos na liça ao nascer, dela saímos ao morrer. De que vale aprender a conduzir melhor seu carro quando se está no fim do percurso? Só resta pensar então em como abandoná-lo. O estudo de um Velho, se ainda lhe resta a fazer, é unicamente de aprender a morrer e é precisamente o que menos se faz na minha idade, pensa-se em tudo, menos nisso. Todos os velhos dão mais apreço à vida do que as crianças e a deixam com maior má vontade do que os jovens. É que, como todos os seus trabalhos tiveram essa mesma vida por objetivo, vêem, no final, que perderam seus esforços. Todos os seus cuidados, todos os seus bens, todos os frutos de suas laboriosas vigílias, tudo deixa quando se vão. Não pensam em adquirir alguma coisa, durante a vida, que possam levar a morte”. (ROUSSEAU, 1986, p.41-42).

De fato, se pensarmos a questão da morte como o término da vida, tornar-nos-emos paradoxais, mas se pensarmos a vida como um processo que apresenta em seu ápice, a morte, compreenderemos sua real significância para Rousseau e Heidegger. O *Dasein* tem de devir para que ele possa ser, existir. Nas palavras de Heidegger:

O fruto imaturo, por exemplo, encaminha-se para o seu amadurecimento. No amadurecimento, aquilo que ainda não é, de modo algum, se oferece como algo que se lhe ajunta, no sentido de algo que ainda-não é simplesmente dado. O próprio fruto amadurece. O amadurecimento e o amadurecer caracterizam-lhe o ser enquanto fruto. Não fosse o fruto um ente que chegasse *por si mesmo* ao próprio amadurecimento, nada que se lhe acrescentasse de fora poderia eliminar-lhe a imaturidade. O ainda-não da imaturidade não significa uma coisa exterior a qual, indiferentemente ao fruto, poderia ser simplesmente dada nele ou com ele. O ainda-não indica o próprio fruto em seu modo específico de ser. Enquanto algo à mão, a soma incompleta é “indiferente” ao resto que falta e não está à mão. Em sentido rigoroso, a soma não pode ser nem indiferente nem não indiferente. Em seu amadurecimento, o fruto é não apenas não indiferente em relação à maturidade entendida como o outro de si mesmo, mas o fruto em amadurecimento é a sua imaturidade. O ainda-não já está incluído em seu próprio ser, não como uma determinação arbitrária, mas como um constitutivo. Analogamente, a pre-sença, enquanto ela é, *já é seu ainda-não*. (HEIDEGGER, 1998, p.24-25, grifo do autor).

A comparação estabelecida pelo filósofo da Floresta Negra é bastante pertinente à compreensão da morte em nossas vidas. O fruto, bem como o homem, passa a maior parte de sua existência incompleto. Isso não significa que ele seja pobre, no sentido figurativo do vocábulo. A imaturidade, como assinalou Heidegger, não é um fator negativo, visto que a inconclusão é intrínseca ao ser. O homem se torna maduro, completo, com a chegada da morte. Nada e nem ninguém pode lhe oferecer maturidade. O ainda-não é o seu próprio ser, trata-se de um constitutivo. A pre-sença somente pode ser enquanto o ainda-não a dominar. Velho ou jovem, sempre é muito cedo para morrer. A morte não deve ser observada como um contingente distante, mas como uma circunstância eminente prestes a ocorrer em qualquer instante.

“Un silence absolu porte à la tristesse. Il offre une image de la mort. Alors le secours d’une imagination riante est nécessaire et se présente assez naturellement à ceux que le ciel

en a gratifiés. Le mouvement qui ne vient pas du dehors se fait alors au dedans de nous".¹⁸⁶ (ROUSSEAU, 1972, p.103). Para Rousseau, a figura da morte se desvelava no silêncio absoluto. Ressalta-se nas próprias palavras do filósofo que o movimento imaginário é proveniente de si, de sua interioridade. O sentir a nossa morte, só pode ser percebido por nós mesmos. A morte outorga ao homem a chance de encará-la, aceitando todas as consequências que englobam essa situação. Ela não dá oportunidade de desistência, não podemos desistir da nossa morte. Ou se aceita morrer com todos os seus pormenores ou, então, faz-se indiferente à presença do inevitável.

Voltemos à comparação firmada por Heidegger no que concerne ao fruto e ao *Dasein*. Heidegger diz:

Com o amadurecimento, o fruto se *completa*. Será que a morte, a que chega a pre-sença, é também completude nesse sentido? Sem dúvida, com a morte, a pre-sença "completou seu curso". Mas terá ela com isso necessariamente esgotado suas possibilidades específicas? Não lhe terão sido justamente retiradas estas possibilidades? Mesmo a pre-sença "incompleta" finda. Por outro lado, a pre-sença tem tão pouca necessidade da morte para chegar à maturidade que ela pode ultrapassá-la antes do fim. Na maior parte das vezes, ela finda na incompletude ou na decrepitude e desgaste. (HEIDEGGER, 1998, p.25, grifo do autor).

Findar traduz-se em terminar. Servimo-nos do exemplo expresso por Heidegger em *Ser e tempo* (1927), em que ele exemplificou o verbo findar a partir do fenômeno da chuva. A chuva finda-se, todavia, ela não se dá. Nesse sentido, o verbo findar designa terminar, na acepção de se tornar simplesmente dado apenas com o fim ou passar a não ser mais simplesmente dado. Associa-se, dessa forma, o findar a um ser simplesmente dado que não está terminado, ou melhor, está inacabado. Aquilo que se encontra inacabado até então não alcançou seu acabamento, isto é, está em construção. O filósofo alemão evidencia que esse sentido adotado pelo verbo findar não integra em si a completude, pois para alguma coisa ser completa é preciso que ela atinja seu acabamento possível. Trata-se de uma característica de um ser simplesmente dado ou de algo à mão.

Outro sentido adotado pelo verbo findar é desaparecer, no entanto, tal significação é alterada de acordo com o modo de ser de um ente. Tomemos, novamente, a chuva como

¹⁸⁶ "Um silêncio absoluto leva à tristeza. Oferece uma imagem da morte. Então, o socorro de uma imaginação alegre é necessária e se apresenta com bastante naturalidade àqueles que o Céu gratificou com tal imaginação. O movimento que não vem de fora nasce então dentro de nós". (ROUSSEAU, 1986, p.77).

exemplo para nossa explicação. Se a chuva findou, admite-se que ela desapareceu. Se o fruto findou, isto quer dizer que ele não está mais acessível como algo à mão. No que diz respeito à morte, nenhum desses conceitos assumidos pelo findar é adequado. “Na morte, a presença nem se completa, nem simplesmente desaparece, nem acaba e nem pode estar disponível à mão”. (HEIDEGGER, 1998. p.26). A natureza da presença já inclui o seu fim. Para Heidegger, o findar da morte é o ser-para-o-fim. Enquanto a presença é, está sujeita à morte. Ora, “para morrer basta estar vivo”. (HEIDEGGER, 1998, p.26). A morte pertence à vida, dado que se encontra a ela subordinada. Havi Carel, em *Life and death in Freud and Heidegger* (1994, p.xiv), explorou esse ponto de vista que une vida e morte.

*The ordinary view sees life and death as a dichotomous: death is the external endpoint of life and therefore life and death are completely separate. On this view, death is a negation of life and therefore contains no positive attributes. Against this stance that sees life and death as completely separate, this book explores views that see them interlinked. Because they are interlinked, death can play an active role within life [...] and because it has a role in life it is not simply a negation of life.*¹⁸⁷

Morrer é o modo de ser da presença, a maneira pela qual a presença é para sua morte. O *Dasein* é finito e só deixa de viver assim que morre. Por isso, vida e morte não devem ser separadas: são forças contrárias que se complementam. Ninguém pode escapar à morte e Rousseau sabia disso. As aquisições materiais, as conquistas pessoais são meras ilusões que moldam os “seres-ai”. Contudo, nada disso tem valor no momento da morte. Eis o que ele disse:

Mais s'il me reste peu d'acquisitions à espérer du côté des lumières utiles, il m'en reste de bien importantes à faire du côté des vertus nécessaires à mon état. C'est là qu'il serait temps d'enrichir et d'orner mon âme d'un acquis qu'elle pût emporter avec elle, lorsque, délivrée de ce corps qui l'offusque et l'aveugle, et voyant la vérité sans voile, elle apercevra la misère de toutes ces connaissances dont nos faux savants sont si vains. Elle gémit des moments perdus en cette vie à les vouloir acquérir. Mais la patience, la douceur, la résignation, l'intégrité, la justice impartiale sont un bien qu'on emporte avec soi, et dont on peut s'enrichir sans cesse, sans craindre que la mort même nous en fasse perdre le prix. C'est à l'unique et utile étude que

¹⁸⁷ “A visão comum vê a vida e a morte como uma dicotomia: a morte é o parâmetro externo da vida e, portanto, vida e morte são completamente separadas. Nessa perspectiva, a morte é a negação da vida e, por isso, não contém atributos positivos. Contra essa postura que vê vida e morte completamente separadas, esse livro explora pontos de vista que as vêem interligadas. Porque são interligadas, a morte pode desempenhar um papel ativo na vida [...] e porque tem um papel na vida não pode ser a sua simples negação”. [Tradução nossa].

*je consacre le reste de ma vieillesse. Heureux si par mes progrès sur moi-même j'apprends à sortir de la vie, non meilleur, car cela n'est pas possible, mais plus vertueux que je n'y suis entré.*¹⁸⁸ (ROUSSEAU, 1972, p.72).

A visão positiva da morte tem sua perfeita execução em *Les rêveries du promeneur solitaire*. Com base na retórica rousseuniana, depreendeu-se a principal função da morte: a libertação. O *Dasein* que aprende a morrer passa a valorizar outras aquisições efetuadas ao longo de sua existência. Todos nós, humanos, sabemos que um dia seremos tocados pela morte, contudo, deixamos, muitas vezes, de lado suas implicações. A morte é a libertação não só do corpo físico, mas a libertação ao conhecimento, ou melhor, ao conhecimento de si. Conforme se observou na citação, o corpo físico mascara a alma do homem. Vive-se de aparências, de coisas vãs, misérias inviáveis de serem transportadas no momento da morte. A virtude daqueles que compreendem sua verdadeira finalidade é, segundo Rousseau, sair da vida muito melhor que entramos. A vida tem de ser enriquecida com outras conquistas mais importantes e é com esse estudo que Rousseau pretendia desbravar os caminhos, a fim de descobrir quem era ele mesmo, atingindo a sua plenitude com a morte.

Je quittais le monde et ses pompes, je renonçai à toute parure, plus d'épée, plus de montre, plus de bas blancs, de dorure, de coiffure, une perruque toute simple, un bon gros habit de drap, et mieux que tout cela, je déracinai de mon coeur les cupidités et les convoitises qui donnent du prix à tout ce que je quittais. (ROUSSEAU, 1999, p.60-61).¹⁸⁹

Vida e morte, apesar de serem pulsões opostas, estão conectadas no ciclo da vivência humana. Desconhece-se o dia exato do fim, mas sabe-se que ele existe. Durante a viagem da vida o trajeto é incerto, repleto de encruzilhadas, podendo a morte nos surpreender a qualquer instante.

¹⁸⁸ “Mas, se me restam poucas aquisições a esperar das luzes úteis, restam-me outras bem importantes a fazer no campo das virtudes necessárias ao meu estado. É nesse ponto que seria tempo de enriquecer e de ornar minha alma com um cabedal que ela pudesse levar consigo, quando, liberta deste corpo que a perturba e a cega e vendo a verdade sem véus, ela perceberá a miséria de todos esses conhecimentos de que falsos sábios são tão orgulhosos. Ela padecerá pelos momentos perdidos nesta vida ao tentar adquiri-los. Mas a paciência, a doçura, a resignação, a integridade, a justiça imparcial são um bem que levamos conosco e com o qual nos podemos enriquecer continuamente, sem temer que a própria morte nos retire seu valor. É a este único e útil estudo que consagro o resto de minha velhice. Serei feliz se, com meus progressos sobre mim mesmo, aprender a sair da vida, não melhor, pois isso não é possível, mas mais virtuoso do que quando entrei”. (ROUSSEAU, 1986, p.51).

¹⁸⁹ “Deixei a alta sociedade e suas pompas, renunciei a qualquer adorno, renunciei à espada, ao relógio, às meias brancas, aos ornamentos dourados, aos cabelos frisados; uma peruca muito simples, um bom traje de pano grosso e, melhor do que tudo isso, arranquei do meu coração as paixões e a cobiça que dão valor a tudo que abandonava”. (ROUSSEAU, 1986, p.44).

E, por fim, a relação que determina, de modo mais profundo e geral, a sensação de nossa existência é a relação da vida com a morte: pois a limitação de nossa existência pela morte é sempre decisiva para a compreensão e avaliação da vida. (DILTHEY apud HEIDEGGER, 1998, p.30-31).

É nessa perspectiva, de libertação e de conhecimento de si que Rousseau consagrou seus dias finais. Acreditando ser na velhice o momento de praticar a sabedoria, aqueles que chegam a essa etapa, conseguem conceber a vida de outra maneira, mais feliz, como afirmara o genebrino. A reclusão imposta pelos seus perseguidores o fez se sentir melhor e o ajudou a repensar certas posições adotadas, muitas vezes, somente para cumprir os papéis a que a sociedade o forçava. Diante da morte, Rousseau negou certos valores antes considerados fundamentais para qualquer cidadão de Genebra, deixando-se conduzir pela simplicidade e pelas inconstâncias do espírito.

*C'est de cette époque que je puis dater mon entier renoncement au monde et ce goût vif pour la solitude qui ne m'a plus quitté depuis ce temps-là. L'ouvrage que j'entreprenais ne pouvait s'exécuter que dans une retraite absolue; il demandait de longues et paisibles méditations que le tumulte de la société ne souffre pas. Cela me força de prendre pour un temps une autre manière de vivre dont ensuite je me trouvai si bien que, ne l'ayant interrompue depuis lors que par force et pour peu d'instant, je l'ai reprise de tout mon coeur et m'y suis borné sans peine aussitôt que je l'ai pu, et quand ensuite les hommes m'ont réduit à vivre seul, j'ai trouvé qu'en me séquestrant pour me rendre misérable ils avaient plus fait pour mon bonheur que je n'avais su faire moi-même.*¹⁹⁰ (ROUSSEAU, 1972, p.62).

Nesta jornada em direção ao eu, o poder da morte é o anunciador das atitudes humanas. A angústia por ela provocada faz do homem seu servo. É a maneira com que o *Dasein* se comporta. Memória e morte interseccionam-se e, juntas, edificam o ser. O homem tem de assumir a morte e, de acordo com Heidegger (1998, p.33) “a angústia com a morte é a angústia ‘com’ o poder-ser mais próprio, irremissível e insuperável”. O homem só existe para o seu fim.

¹⁹⁰ “É dessa época que posso datar minha inteira renúncia ao mundo e esse gosto vivo pela solidão que não mais me abandonou a partir de então. A obra que empreendia somente podia ser executada num retiro absoluto; exigia longas e calmas meditações, que o tumulto da sociedade não suporta. Isso me forçou, por algum tempo, a uma outra maneira de viver, na qual, depois, me senti tão bem, que, tendo-a interrompido desde então, somente por necessidade e por poucos instantes, retomei-a com gosto e a ela me limitei sem dificuldade logo que o pude fazer e, quando em seguida, os homens me reduziram a viver só, senti que, isolando-me para me tornar infeliz, tinham feito mais para a minha felicidade do que o soubera fazer eu mesmo”. (ROUSSEAU, 1986, p.44-45).

Na segunda caminhada das *Rêveries*, Rousseau sentiu, pela primeira vez, a experiência da morte. Ao relatar o acidente de *Ménilmontant*, deixou o leitor perceber a proporção que levava o fato, com a notícia de sua possível morte. Espalhou-se, rapidamente, o boato público de que o iluminista morreria. Nas ruas, Rousseau denotava o comportamento surpreso das pessoas ao vê-lo. Quando soube o porquê de tais boatos, o autor das *Confissões* não teve mais dúvida alguma sobre o complô comum. A nota de sua morte difundiu-se depressa e até o Rei e a Rainha falaram do acontecimento, com certeza. Rousseau é dado como morto pela sociedade de Genebra.

É interessante sublinhar os dois lados desse acontecimento singular. Primeiramente, consideraremos o acidente sob o ponto de vista do próprio Jean-Jacques. Como foi discutido no capítulo anterior, o desastre fora transformador. Mesmo machucado, o filósofo reconhecia o poder excepcional desse evento em sua vida.

*[L'accident de Ménilmontant] il s'agit de la seule occurrence claire chez Rousseau où s'opère de façon effective, et non plus sous l'angle de la supputation, de la réflexion ou du fantasme, un retour à l'origine et une renaissance à partir d'elle, un véritable aller-retour en une seule et même expérience.*¹⁹¹ (GUICHET, 2008, p.86).

Rousseau renasceu para si próprio e tal renascença se corporifica, de acordo com Guichet (2008), nos planos psíquico, moral e filosófico. Em relação ao psíquico, a operação modificadora renovou a vida do genebrino. Mergulhado em uma complexa introspecção em busca da felicidade, aprendeu que a alma é mais veemente que a razão. Entregando-se às instabilidades inconscientes sua vida mudou de rumo: a morte lhe foi necessária para concretizar sua vida terrena. No que concerne à moral, percebeu-se a mudança primordial efetuada pelo narrador: dispensando a companhia dos maus, ofertou-se a solidão, desapegando-se das pompas materiais e das hierarquias sociais. O que lhe interessava era viver na simplicidade e em benevolência com a natureza. A última operação, produzida no âmbito filósofo, é, segundo Guichet, mais ampla e modeladora, de sorte que atinge não só a pessoa de Rousseau, mas sim todo o sistema: “[...] *un accident non seulement physique, mais philosophique, qui transgresse un interdit théorique, et qui atteint non seulement la personne*

¹⁹¹ “[O acidente de *Ménilmontant*] trata da única ocorrência clara em Rousseau em que se opera de forma efetiva, e não mais sob o ângulo da suputação, da reflexão ou do fantasma, um retorno à origem e um renascimento a partir dela, um verdadeiro ir e vir numa única e mesma experiência”. [Tradução nossa].

de Rousseau victime de l'événement, mais aussi l'édifice conceptuel du système".¹⁹² (GUICHET, 2008, p.86).

Elucidou-se, até aqui, a ótica rousseuniana relativa ao acidente de *Ménilmontant*. Procurou-se esclarecer a importância da morte na vida de Jean-Jacques, verificando suas influências na personalidade e no comportamento do autor das *Rêveries*. Não obstante, estenderam-se as reflexões ao plano filosófico-existencial legitimado pela filosofia de Martin Heidegger. Se para Jean-Jacques Rousseau o contato com a morte fora de extrema relevância para as configurações futuras de sua existência, para a sociedade genebrina, o *Courrier d'Avignon* cuidou em anunciar essa notícia, tornando pública sua morte e “[...] *ne manqua pas d'anticiper à cette occasion sur le tribut d'outrages et d'indignités qu'on prépare à ma mémoire après ma mort, en forme d'oraison funèbre*”.¹⁹³ (ROUSSEAU, 1972, p.53). O boato da morte do proclamador da modernidade fora felizmente recebido pelo círculo social genebrino.

Com o desastre de *Ménilmontant*, o filósofo do século das luzes confirmara suas intuições relativas ao complô universal. Todavia, já aprendera dominar as provocações de seus perseguidores e cansado de tentar compreender certos enigmas inexplicáveis, o genebrino percebera que só ele era capaz de reverter à situação a que fora subjugado:

*je ne bornai pas ma réforme aux choses extérieures. Je sentis que celle-là même en exigeait une autre, plus pénible sans doute mais plus nécessaire, dans les opinions, et résolu de n'en pas faire à deux fois, j'entrepris de soumettre mon intérieur à un examen sévère qui le réglât pour le reste de ma vie tel que je voulais le trouver à ma mort.*¹⁹⁴ (ROUSSEAU, 1972, p.61).

O narrador das *Rêveries*, com a proximidade da morte, iniciara uma reforma em sua vida. A renovação alcançara amplitudes antes desconhecidas. Não só as coisas exteriores tinham de ser modificadas. Era o seu íntimo que clamava por mudanças. A pessoa ideal, para o genebrino, era aquela encontrada no momento da morte, pois de acordo com o pensamento heideggeriano, somente com ela o *Dasein* atinge a plenitude. Mesmo tratando-se de uma

¹⁹² “[...] um acidente não somente físico, mas filosófico, que infringe uma proibição teórica, e que toca não só a pessoa de Rousseau vítima do acidente, mas também o edifício conceitual do sistema”. [Tradução nossa].

¹⁹³ “[...] não deixou de antecipar, nessa ocasião, o tributo de ultrajes e de indignidades que se preparam à minha memória após a minha morte, sob a forma de oração fúnebre”. (ROUSSEAU, 1986, p.36-37).

¹⁹⁴ “Não limitei minha reforma a coisas exteriores. Senti que ela mesma exigia uma outra mais penosa, sem dúvida, mas mais necessária nas opiniões e, resolvido a não prolongar a espera, resolvi submeter meu íntimo a um exame severo que o determinasse para o resto de minha vida assim como desejaria encontrá-lo no momento de minha morte”. (ROUSSEAU, 1986, p.44).

realidade inexorável a todos os viventes, sendo, desse modo, igual a todos os seres humanos, conforme salientou Heidegger, a morte individualiza o ser de modo mais absoluto, já que consolida as diferenças alusivas a uma ou outra existência.

O ser-para-a-morte é antecipação do poder-ser de um ente cujo modo de ser é, em si mesmo, um antecipar. Ao desentranhar numa antecipação esse poder-ser, a pre-sença se abre para si mesma, no tocante à sua extrema possibilidade. Projetar-se para seu poder-ser mais próprio significa, contudo: poder se compreender no ser de um ente assim desentranhado: existir. A antecipação comprova-se como possibilidade de compreender seu poder-ser *mais próprio* e extremo, ou seja, enquanto possibilidade de *existir em sentido próprio*. (HEIDEGGER, 1998, p.46, grifo do autor).

Na presença da morte o *Dasein* é impulsionado a tomar certas decisões, frente a uma série de oportunidades que lhe são apresentadas. O homem precisa saber escolher a melhor maneira de existir, pois com a morte lhe são retiradas todas essas possibilidades anteriormente outorgadas. E nas *Rêveries*, Rousseau contava a seu leitor, a si mesmo, como desenvolvera essa prática.

*Mais cette fois j'allai plus loin. L'amas de tant de circonstances fortuites, l'élevation de tous mes plus cruels ennemis affectée pour ainsi dire par la fortune, tous ceux qui gouvernent l'État, tous ceux qui dirigent l'opinion publique, tous les gens en place, tous les hommes en crédit triés comme sur le volet parmi ceux qui ont contre moi quelque animosité secrète, pour concourir au commun complot, cet accord universel est trop extraordinaire pour être purement fortuit. Un seul homme qui eût refusé d'en être complice, un seul événement qui lui eût été contraire, une seule circonstance imprévue qui lui eût fait obstacle, suffisait pour le faire échouer. Mais toute les volontés, toutes les fatalités, la fortune et toutes les révolutions ont affermi l'oeuvre des hommes, et un concours si frappant qui tient du prodige ne peut me laisser douter que son plein succès ne soit écrit dans les décrets éternels. Des foules d'observations particulières, soit dans le passé, soit dans le présent, me confirment tellement dans cette opinion que je ne puis m'empêcher de regarder désormais comme un de ces secrets du ciel impénétrables à la raison humaine la même oeuvre que je n'envisageais jusqu'ici que comme un fruit de la méchanceté des hommes.*¹⁹⁵
(ROUSSEAU, 1972, p.54).

¹⁹⁵ “Mas desta vez fui mais longe. O conjunto de tantas circunstâncias fortuitas, a elevação de todos os meus mais cruéis inimigos favorecida e facilitada, por assim dizer, pela sorte, por todos que governam o Estado, por todos os que dirigem a opinião pública, por todas as pessoas que ocupam funções elevadas, por todos os homens acreditados, cuidadosamente escolhidos entre os que têm contra mim alguma animosidade secreta, para concorrer ao complô comum, este acordo universal é por demais extraordinário para ser puramente fortuito. Um único homem que tivesse recusado sua cumplicidade, um único acontecimento que lhe tivesse sido favorável, uma única circunstância imprevista que lhe tivesse servido de obstáculo bastariam para fazê-lo malograr. Mas

A derradeira obra de caráter autobiográfico e, também, derradeira obra escrita antes da morte do filósofo de Genebra objetivava salvá-lo da mediocridade e da maldade de seus perseguidores. Perante a morte, Jean-Jacques dedicava esse escrito decisivo, firmando o poder da arte na salvação de si. O antecipar da morte é uma peculiaridade do *Dasein*. Ao preparar a morte, ele é o proprietário do seu futuro. A decisão antecipadora lhe é indispensável, haja vista o encontro com seu ser mais autêntico. É diante da morte que a pre-sença é propriamente ela mesma, sem desvios e sem obstáculos. Diz Rousseau:

*Ayant donc formé le projet de décrire l'état habituel de mon âme dans la plus étrange position où se puisse jamais trouver un mortel, je n'ai vu nulle manière plus simple et sûre d'exécuter cette entreprise que de tenir un registre fidèle de mes promenades solitaires et des rêveries qui les remplissent quand je laisse ma tête entièrement libre, et mes idées suivre sa pente sans résistance et sans gêne. Ces heures de solitude et de méditation sont les seules de la journée où je sois pleinement moi et moi sans diversion, sans obstacle, et où je puisse véritablement dire être ce que la nature a voulu.*¹⁹⁶ (ROUSSEAU, 1972, p.44).

Os homens perderam seus poderes sobre a vida de Rousseau. A angústia o encaminhava a defrontar-se com a morte. Não tinha medo de morrer. A morte era a luz em meio às trevas. Aceitando-a, devolvia autenticidade a sua existência. O acordo universal não era fruto do acaso, mas sim das atitudes articuladas de seus perseguidores. Observações particulares o conduziram ao encontro consigo mesmo e a razão não mais o orientava. O Céu era seu limite. Consciente da sua finitude, Rousseau assumia seu destino e os deveres de ser com os outros. A incerteza do futuro era abolida, pois como ser autêntico, o *Dasein*, com os pés no presente, consegue delinear o porvir. Frente à tríade temporal: passado, presente e futuro, a pre-sença modela suas possibilidades. O passado é o alicerce do presente. Bebendo

todas as vontades, todas as fatalidades, o destino e todas as transformações que tocam as raízes do prodígio, não podem me deixar dúvidas de que seu completo sucesso não esteja escrito nos decretos eternos. Inúmeras observações particulares, seja no passado, seja no presente, confirmaram de tal maneira essa opinião que eu não posso deixar de olhar, agora, como um desses segredos do Céu, impenetráveis à razão humana, a mesma obra que até agora considerava apenas como um fruto da maldade dos homens”. (ROUSSEAU, 1986, p.37).

¹⁹⁶ “Tendo, portanto formado o projeto de descrever o estado habitual de minha alma na mais estranha situação em que possa jamais encontrar-se um mortal, não vi nenhuma maneira mais simples e mais segura de executar essa empresa do que a manter um registro fiel de minhas caminhadas solitárias e dos devaneios que as preenchem, quando deixo minha cabeça inteiramente livre e minhas ideias seguirem sua inclinação, sem resistência e sem embaraços. Estas horas de solidão e de meditação são as únicas do dia em que sou plenamente eu mesmo e em que me pertencem sem distração, sem obstáculos e em que posso verdadeiramente dizer que sou o que desejo a natureza”. (ROUSSEAU, 1986, p.31).

nas fontes do passado, o homem está apto a construir o presente, e o futuro nada mais é que a concretização dos tempos atuais.

A estranha situação a que alude Rousseau diz respeito ao estado de sua alma. Angustiado com essas situações singulares, com a paranoica ideia do complô, com as constantes alterações inconscientes e, sobretudo, decidido a reorganizar seu projeto de existência, a arte lhe servira de instrumento, com intuito de efetivar seus planos. Curvando-se às reflexões enquanto caminhava solitário, o registro fiel de tais reflexões que, muitas vezes, terminavam em meditações, foi o benefício de uma obra que o legitimou como pioneiro do Romantismo. Optando pela reclusão, e admitindo a importância da solidão na busca do conhecimento de si, Rousseau chegou a essas confissões por mérito próprio. Ser verdadeiramente aquilo que a natureza pretendia era aprovar a função da morte em sua vida. Escrevendo, tecia sua história, reformulada com base nos novos aprendizados adquiridos com seus perseguidores.

Forcé par les persécuteurs – car livré à ses propres forces, il eût continué à étendre une âme expansive opposée à une âme méditative concentrée sur soi – Rousseau établit un point fixe qui est la mort. Il fait de ce qui est, par définition, inconnaissable: la mort, un point de repère; et de ce qui est à venir – toujours la mort – un événement passé, sorte de mort anticipée. [...] Cette mort est contraire à la mort physiologique, puisqu'elle est derrière Rousseau et qu'elle est cause non de désagrégation, mais bien au contraire d'unité et de réalité. Rousseau vit, désormais, non pas avec l'idée d'une mort à venir, mais avec celle d'une mort qui s'est déjà produite. Vivant de son corps de chair, c'est, en fait, de la vie de l'âme immortelle, qu'il vit – qu'il pense vivre -; la conversation avec son âme a été rendue possible par une conversion de son âme.¹⁹⁷ (ADAMY, 1997, p.115-16).

Sobre a morte em Rousseau, Paule Adamy (1997) ressalta a dominação de seus perseguidores e o bem que esses fizeram no espírito analítico de Jean-Jacques. Não se pode negar que a obra surge das entranhas da infelicidade, pretendendo reconstituir um passado feliz e pleno. A morte fixada como ponto de referência é a fonte do segundo nascimento do

¹⁹⁷ “Forçado pelos perseguidores – pois entregue as suas próprias forças, ele teria continuado a estender uma alma expansiva oposta a uma alma meditativa concentrada em si – Rousseau estabelece um ponto fixo que é a morte. Ele faz daquilo que é, por definição, desconhecido: a morte, uma marca de referência, e daquilo que está por vir – sempre a morte- um evento passado, uma espécie de morte antecipada. [...]. Essa morte é contrária à morte fisiológica, visto que ela está atrás de Rousseau e é causa não de desagregação, pelo contrário, de unidade e de realidade. Rousseau vive, daí em diante, não com a ideia de uma morte por vir, mas com aquela de uma morte que já foi produzida. Vivo de seu corpo de carne, é, de fato, da vida da alma imortal, que ele vive, que ele pensa viver-; o diálogo com sua alma tornou-se possível por meio da conversão de sua alma”. [Tradução nossa].

genebrino, ao passo que a noção de fragmentação a ela inerente perde sentido graças à visão positiva que lhe é concedida. A despeito da convicção de que a morte física estava por vir, Rousseau não se preocupava em rejeitar suas implicações. Ademais, a certeza de que os mortos possuíam existência direcionava-o a repensar a sua própria existência. Com as *Rêveries*, Rousseau instaurou um novo pensamento, moderno para a sociedade da época e, bastante instigador em nível filosófico.

Morrer é, portanto, um privilégio dos mortais. Em Rousseau, a conversa com a alma só foi factível quando o filósofo percebeu a valia das intromissões anímicas. A execução de uma conversão interior possibilitou transformações particulares e exteriores. Como assinalou Martin Heidegger (1927), o importante é a maneira pela qual o ser interpreta para si o seu ser-para-a-morte e Jean-Jacques interpretou-a com sabedoria e vivacidade. Na atualidade, os homens a traduzem em medo e horror. A tentativa de escapar da morte e retornar à tranquilidade mundana é a alternativa encontrada por aqueles que não possuem coragem de assumir a angústia por ela provocada. Desse modo, a angústia do desconhecido converte-se em temor, uma vez que os seres humanos temem aquilo que não lhes é familiar.

A única certeza dos homens é a morte, apesar da ignorância relativa ao conhecimento da data e hora de sua chegada. Medo, desespero e horror são sensações que não condizem com o ato de morte, pois sendo uma evidência, não podemos adiá-la e nem transferi-la a ninguém. A minha morte pertence somente a mim, de forma essencial e insubstituível. É a última vicissitude da existência. Para o filósofo da Floresta Negra, trata-se da possibilidade mais própria do *Dasein*, “a própria pre-sença deve ter certeza de seu poder-ser mais próprio e irremissível”. (HEIDEGGER, 1998, p.39). Todos nós, seres humanos, morreremos e a existência só tem sentido autêntico se o *Dasein* viver para a morte. O que nos resta é, simplesmente, esperar por ela.

É, no entanto, na *espera* que a pre-sença se comporta frente a algo possível em sua possibilidade. Para o que está na expectativa, o possível pode vir ao encontro sem obstáculos ou restrições, em seu “talvez, talvez não ou por fim sim”. Mas não será que, assim, a análise do fenômeno da espera se depararia com o mesmo modo de ser do possível, já entendido como empenho por alguma coisa numa ocupação? Toda espera compreende e “tem” o seu possível comprometido com o se, o como e o quando ele se realizará enquanto algo simplesmente dado. Esperar não é apenas desviar ocasionalmente o olhar do possível para a sua realização mas, em sua essência, é *esperar por ela*. Também na espera se dá um abandono do

possível e um tomar pé no real, pelo qual espera o esperado. É a partir do real e com vistas a ele que o possível é absorvido no real pela espera. (HEIDEGGER, 1998, p.45, grifo do autor).

Enquanto *Daseins*, esperamos nossa morte. A possibilidade de morrer faz o homem acreditar estar a morte tão distante quanto possível. Sabemos que ela existe, todavia tentamos ao máximo esquecê-la. É próprio da natureza humana afastar de si inquietações impossíveis de serem solucionadas. Mascara-se esse acontecimento a fim de evitar qualquer tipo de sofrimento antecipado. Contudo, é imprescindível que o ser-aí saiba, ou melhor, seja consciente de sua finitude, dado que só a morte liberta o *Dasein* da inautenticidade. Antecipar a morte é, segundo Heidegger, abrir-se para uma ameaça que aflora da própria pre-sença. Na antecipação, o *Dasein* experimenta sua plenitude. No texto das *Rêveries*, Jean-Jacques declarou antecipar sua morte por intermédio da escrita de si. A narrativa autobiográfica foi a ferramenta de superação da morte, tendo em vista a concepção de uma morte atrás de si, isto é, a morte é o princípio de uma nova existência. Jean-Jacques não a vê como uma suspensão repentina da vida, mas como um processo gradual.

*Dans les Rêveries, Rousseau est concerné par la mort de deux façons antinomiques: il lui faut vivre sensible et conscient mais impuissant, dans un monde où on veut l' "enterrer tout vivant", où on le tiendra même pour mort, selon la nouvelle que publie le Courrier d'Avignon après son accident. Inversement, il sent la mort le gagner, peu à peu, corps et esprit; le signe le plus flagrant de cette dégénérescence de l'esprit est la dévitalisation de ses capacités à imaginer.*¹⁹⁸ (CROGIEZ, 1997, p.86).

A questão de duas mortes é bastante sugestiva. A princípio tem-se uma morte, conforme se acentuou anteriormente, social. Rousseau optou pela reclusão deixando de lado a posição de cidadão de Genebra. Num segundo momento, sensibilizou-se pela morte intelectual, por intermédio da desvitalização de suas faculdades do pensar. Criava-se, como certifica Paule Adamy (1997), um espaço, nomeado por Rousseau de intervalo, ajustado entre a morte atribuída pelos seus perseguidores e a morte biológica por vir. Tal intervalo era designado pelo escritor ora de, "*intervale de pleine quiétude et de repos absolu*"

¹⁹⁸ "Nas *Rêveries*, Rousseau é afetado pela morte de duas maneiras antinômicas: ele deve viver sensível e consciente mas impotente, num mundo em que desejam 'enterrá-lo ainda vivo', em que o darão por morto, segundo a notícia publicada no *Courrier d'Avignon* depois do seu acidente. Inversamente, ele sente a morte alcançá-lo, pouco a pouco, corpo e espírito; o sinal mais evidente dessa degenerescência do espírito é a desvitalização de suas capacidades de imaginar". [Tradução nossa].

(ROUSSEAU apud ADAMY, 1997, p.115), ora o fundo de um abismo “[me] voilà tranquille au fond de l’abîme”. (ROUSSEAU apud ADAMY, 1997, p.115).

Com a chegada da velhice, Jean-Jacques sentia-se impotente perante algumas faculdades, que antes o ajudaram a edificar sua caminhada. Atingimos, nesse ponto, o objetivo da presente investigação: a memória não o assistia como antigamente, visto que as fraquezas da senilidade o tocavam progressivamente, debilitando suas aptidões. Sua vulnerabilidade anímica o induzia a redigir uma produção que ele acreditava ser a fonte da verdadeira felicidade. O contato com a morte era outro fator essencial para o surgimento das *Rêveries*:

*Seul et délaissé je sentais venir le froid des premières glaces, et mon imagination tarissant ne peuplait plus ma solitude d’être formés selon mon coeur. Je me disais en soupirant: qu’ai-je fait ici-bas? J’étais fait pour vivre, et je meurs sans avoir vécu.*¹⁹⁹ (ROUSSEAU, 1972, p.47).

Especialmente interessante o modo pelo qual Jean-Jacques resumia toda sua existência: nascera para viver, no entanto, prestes a morrer não teria, até então, vivido. Tão-somente a felicidade poderia mudar o rumo de sua vida, felicidade essa, definida pelo escritor, de felicidade perfeita. Desligando-se das imagens encantadoras esquecidas e do tempo perdido, Rousseau descobria que a narrativa de si era a origem da felicidade não encontrada na vida concreta. Liberto, o filósofo iluminista poderia afirmar que sim, na reconstrução do seu ser, ele alcançou a plenitude, estando hábil a dizer “qu’il ne mourra pas sans avoir vécu”.²⁰⁰ (CROGIEZ, 1997, p.86).

Aprender a morrer: essas são as palavras-chave empregadas nos dias finais de Jean-Jacques. Recolhido dos prazeres da sociedade rumava ao descobrimento de si, ou melhor, ao conhecimento de si mesmo. Tornando sua morte útil, basta ver o bom aproveitamento dos dias que ainda lhe faltavam, o autor, com suas próprias palavras, exemplificara a maneira pela qual procederia com o estudo dos seus últimos dias: “[...] mettre en meilleur ordre [ses dispositions intérieures] [...]”.²⁰¹ (ROUSSEAU, 1972, p.41). Reajustando suas disposições interiores, admitia que a solidão era o único meio de acesso ao entendimento de si.

¹⁹⁹ “Sozinho e abandonado, sentia vir o frio dos primeiros gelos e minha imaginação enfraquecida não mais povoava minha solidão com seres formados segundo o desejo do meu coração. Dizia a mim mesmo suspirando, que fiz na terra? Era feito para viver e morro sem ter vivido”. (ROUSSEAU, 1986, p.32).

²⁰⁰ “que ele não morrerá sem ter vivido”. [Tradução nossa].

²⁰¹ “[...] consigo pô-las em melhor ordem [suas disposições interiores] [...]”. (ROUSSEAU, 1986, p.26).

*Mais cette condition nécessaire n'est pas suffisante pour Rousseau, qui considère qu'elle ne peut advenir que dans le calme des passions, en l'absence de toute sollicitation de l'amour-propre.*²⁰² (CROGIEZ, 1997, p.90).

Lê-se em Rousseau que uma das circunstâncias necessárias para aceder ao conhecimento de si é o afastamento de todas as paixões. Além do mais, faz-se necessário a recusa de todas as demandas do amor-próprio. Enfatizou-se que a solidão é o artifício de ingresso às revelações inconscientes, modeladoras da personalidade humana. A lucidez de Rousseau em conhecer-se é evidente nas *Rêveries*. O cunho autobiográfico do texto definia sua nova postura moral, à medida que assegurava a entrada à consciência das lembranças esquecidas. A escrita ativava o devaneio, sendo lhe essencial. De acordo com Marc Eigeldinger (1978), a escrita tem de ser valorizada, já que ela é desenvolvida graças ao estado do devaneio:

*Je revenais avec complaisance sur toutes les affections de mon coeur, sur ses attachements si tendres mais si aveugles, sur les idées moins tristes que consolantes dont mon espoir s'était nourri depuis quelques années, et je me préparai à les rappeler assez pour les décrire avec un plaisir presque égal à celui que j'avais pris à m'y livrer.*²⁰³ (ROUSSEAU, 1972, p.47).

O prazer experimentado por Rousseau na época de escritura de *Les rêveries du promeneur solitaire* não era o mesmo daquele vivenciado no momento em que ele se entregava ao devaneio, contudo, a sensação lhe era similar o bastante para entorpecê-lo e revivê-lo. A intensidade da emoção apreciada na leitura da página escrita o levava acreditar que ele poderia ser *ad eternum*. Convencido da utilidade da literatura inaugurou uma nova maneira de pensá-la. O que importava era o coração, a imediatez dos sentidos e a verdade em tudo isso. A escrita articulava autonomia, solidão e felicidade. Fechado em si mesmo, fazia do processo de escritura um instrumento fiel de salvação, já que por meio dela conseguia capturar a felicidade. Ser feliz em meio à solidão, para o filósofo, era possível escrevendo. A escrita manifesta a interioridade em auxílio do próprio eu. Trata-se da fonte de prazer encontrada pelo autor para ressuscitar as ocasiões mais agradáveis de sua vivência. Embora

²⁰² “Mas essa condição necessária não é suficiente para Rousseau, que considera que ela só pode acontecer na calma das paixões, na ausência de toda sollicitação do amor-próprio”. [Tradução nossa].

²⁰³ “Pensava com satisfação em todas as afeições de meu coração, nessas amizades tão ternas mas tão cegas, nas ideias menos tristes que consoladoras, de que meu espírito se alimentara havia alguns anos, e me preparei para lembrá-las o suficiente para as descrever com um prazer quase igual ao que tivera entregando-me a elas”. (ROUSSEAU, 1986, p.33).

tivesse tentado em seus outros escritos autobiográficos fazer da literatura o lugar da experiência original é nas *Rêveries* que Rousseau inovou, construindo uma literatura autêntica.

*L'originalité des Rêveries tient peut-être d'abord à ce qu'elles ne se donnent pas comme une oeuvre: c'est "l'informe journal de mes rêveries", ce sont tout au plus des "promenades", des essais auxquels l'ombre de Montaigne, de qui Rousseau entend se distinguer nettement, ne permet pas d'appliquer ce terme. L'expression "l'informe journal de mes rêveries" est significative. Alors qu'elle semble désigner des pages invertébrées, elle résume une esthétique: celle d'une oeuvre intime égotiste (journal, mes), sans construction rationnelle de la pensée (rêveries), du style (informe) ou de la succession discursive des thèmes (journal, rêveries).*²⁰⁴ (CROGIEZ, 1997, p.41).

O discurso irracional do texto em prosa poética reflete a linguagem do inconsciente. A desconexão entre as caminhadas representa, exatamente, aquilo que lhe vinha à mente. O movimento introspectivo que fomenta as *Rêveries* enuncia a intenção do autor: escrever para si. As páginas invertibradas metaforizam suas variabilidades anímicas. A escrita lhe concedia uma versão legítima de sua própria vida. A despeito da justificativa dada por Rousseau nas *Rêveries*, afastando-se do objetivo de Montaigne, *"je fais la même entreprise que Montaigne, mais avec un but tout contraire au sien: car il n'écrivait ses Essais que pour les autres, et je n'écris me rêveries que pour moi"* (ROUSSEAU, 1972, 42),²⁰⁵ o filósofo escrevia para conhecer a si mesmo, fazendo renascer, interiormente, o tempo passado.

²⁰⁴ "A originalidade das *Rêveries* resulta talvez, primeiramente, de que elas não se constituem como uma obra: trata-se do 'informe diário de meus devaneios', são, no máximo, 'caminhadas', ensaios aos quais a sombra de Montaigne, de quem Rousseau pretende se distinguir claramente, não permite aplicar esse termo. A expressão 'informe diário de meus devaneios' é significativa. Embora ela pareça desenhar páginas invertibradas, ela resume uma estética: a de uma obra íntima egotista (diário, meus), sem construção racional do pensamento (devaneios), do estilo (informe) ou da sucessão discursiva dos temas (diário, devaneios)". [Tradução nossa].

²⁰⁵ "Minha empresa é a mesma de Montaigne, mas com uma finalidade totalmente contrária à sua: pois ele não escrevia seus ensaios senão para os outros e eu não escrevo meus devaneios senão para mim". (ROUSSEAU, 1986, p.27).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta dissertação, percorremos momentos importantes na trajetória de Jean-Jacques Rousseau. Nesse itinerário de idas e vindas, os fios condutores foram os temas da memória e da morte: por intermédio da escrita de si, costumeiramente denominada escrita autobiográfica, o filósofo de Genebra reduplicou sua existência, fazendo renascer dentro de si instantes esplêndidos, convertendo, como ele mesmo disse, toda sua dor em volúpia. Em *Les rêveries du promeneur solitaire* (1782), Rousseau pretendia conversar consigo mesmo, tentando, dessa forma, esclarecer certas inquietudes que o perturbaram no decorrer de sua existência. Diante do fim supremo, isso só seria possível através da memória, já que somente ela é capaz de trazer ao tempo presente os momentos de felicidade plena, uma vez vivenciada. Além disso, a iniciativa de fixar os devaneios por meio da escrita seria a única forma de eternizar a felicidade tão desejada pelo autor.

Escrever os devaneios, para Rousseau, seria então revivê-los. E não é essa mesma função, de “re-vivência”, que atribuímos a nossa memória? O receio de perder algumas lembranças significativas, que nos transportam para os tempos mais felizes de nossa existência, nos faz viver em um desespero constante de arquivar tudo aquilo que jamais poderia ser esquecido. Essa noção de memória-arquivo nada mais é que o resultado da sociedade moderna e o medo de nunca mais conseguir ser verdadeiramente quem se foi um dia. Pareceu-nos que Rousseau pressentia, ou melhor, já sentia que frente ao turbilhão de acontecimentos do século XVIII, talvez fosse essencial marcar que um dia –sim!- foi extremamente feliz.

Se foi ou não, não saberemos, porque sepultado Rousseau está, mas pressupondo que suas palavras são verdadeiras, pois conforme descreveu na quarta caminhada das *Rêveries*, nasceu para ser verdadeiro e justo a despeito de qualquer iniquidade, o discurso moderno escrito em prosa-poética permitiu ao genebrino que falasse de si, da maneira como bem entendesse, e permitiu também que renascesse, visto que livre de todas as paixões terrenas, produzidas pela vida social, o devaneio conduziu sua alma à transcendência, desligando-o, pelo menos, por alguns instantes, do plano terreno.

Como foi estudado, de acordo com Freud (1908 [1907]), o trabalho psíquico do devaneio carece de um começo e de um fim absoluto, tendo em vista as possíveis

interpretações que se podem admitir para uma única *rêverie*. Ao entrar no reino das lembranças, o esquecimento domina alguns períodos e a imaginação acrescenta imagens encantadoras, capazes de tornar cada vez mais viva tal transcendência. A prática de recordar preenche rasuras na memória e confere significação ao insignificável.

O inominável ganha novos horizontes e Jean-Jacques Rousseau faz o leitor entrar em estado de introspecção. As *Rêveries* pretendem representar não só as disposições do filósofo, mas também de todos aqueles que partilham dessas disposições. Só os que estão na mesma posição dele poderão sentir e participar dos encontros solitários. E é essa tentativa de buscar-se, de entender-se, mais profundamente, essa memória imperfeita, que é a gênese das *Rêveries*. Os esquecimentos, pouco a pouco, sobrepujam-se às recordações, à proporção que obedeciam a sua própria natureza: a memória filtrava o passado, abandonando as lembranças dos tormentos ocasionados por seus perseguidores, retendo somente os momentos de contemplações. O ato de selecionar o passado, ou seja, de escolher aquilo que lhe convinha não deixava de ser um controle, pois o controle do passado é a arma mais poderosa para controlar o futuro. Selecionando o passado, a atividade mnêmica resgatava os traços de experiências passadas, mas não integralmente, pois muitas dessas experiências já haviam sido devoradas pelo esquecimento.

As experiências sepultadas pelo esquecimento, os desejos reprimidos pelas vozes sociais regressam, na literatura, por meio da palavra. A obra, sintoma dos traumas enfrentados pelo autor, orienta a entrada aos mistérios do inconsciente. No “Século das Luzes”, os homens persuadidos pela razão ignoravam essas profundezas obscuras do sistema inconsciente. A análise de si, ainda que oscilasse por zonas sombrias, não impedia Rousseau de buscar sua própria identidade. A metáfora do arquipélago, amplamente empregada na produção freudiana, desvela os sentidos mascarados nos textos literários. O artista, assim como o arquipélago, escava os destroços soterrados. O exercício psicanalítico denota o ofício artístico: ambos redescobrem as lembranças esquecidas, enterradas pelas repressões sociais. A obra literária visualizada como repercussão da realidade, em suas criações, imita os arcabouços da mente humana.

O material narrativo das *Rêveries* é a essência de Rousseau. A memória lhe oferecia suporte para enfrentar as adversidades existenciais, até mesmo a morte. O uso do tempo presente não indica um método narrativo, mas a singular necessidade do filósofo em renovar e

presentificar suas lembranças. Rememorando, é como se ele ainda estivesse lá, “pleno de espírito e de graça”. Emoções, sensações renascem muito mais vivas, dado que a imaginação ornou-as com toda sua criatividade e o próprio Jean-Jacques cuidara da decantação de seus *souvenirs*. O passado reconstituiria sua integralidade e a morte complementaria o fechamento desse ciclo existencial.

O homem é, de acordo com Martin Heidegger (1927), ser-no-mundo e portador da inautenticidade. Capacitado a angustiar-se, o *Dasein* contempla sua existência e nasce para morrer. O “fim” e a “totalidade” carregam em si um peso negativo, visto que no próprio conceito de morte estão intrínsecos aspectos ruins. À medida que é sempre encontra algo pendente que ele pode ser e será. E essa pendência era peculiar a Rousseau. Ele queria ser, não aquilo que os Outros pretendiam que ele fosse, mas ser verdadeiramente ele mesmo. O *Dasein* enquanto ser-no-mundo imerge em uma existência inautêntica, em uma situação de decadência, o que o faz investigar suas próprias verdades. Nesse sentido, ser-no-mundo já implica estar numa de-cadência.

Nas *Rêveries*, o filósofo de Genebra investigava suas verdades e sintetizava que com a morte estaria liberto de todas suas angústias e aflições. Por isso, não a temia, mas a recebia, pois cansado de fugir de si, queria viver plenamente o real. O amadurecimento pessoal de Jean-Jacques efetiva-se com a proximidade da morte. Precisou excluir-se do seu meio social para compreender-se e encontrar-se. A felicidade suficiente, perfeita e plena por ele almejada é aquela encontrada no isolamento. Somente livre de todas as paixões é que o homem atinge o seu ajuste perfeito.

Para o precursor da modernidade foram os homens que aguçaram o sentimento “ruim” da morte. Seus insensatos refinamentos estimularam o medo e a sua incompreensão. Distante dos males físicos, das instituições bárbaras, nós quase não sentiríamos a morte e ela efetivaria, desse modo, sua importância: completar a etapa existencial. Quando, na vida humana, o sentimento de morte deixar de ser visto com horror, o homem conhecerá que o fim é a via de imersão à autenticidade. Debater-se contra a morte é negar a própria existência. Sábios são aqueles que admitem a importância da morte, como evidencia Heidegger, só com ela o *Dasein* se torna autêntico.

Memória e morte são temas fundamentais nas *Rêveries*. O entrelaçamento dessas duas questões configura a realidade do genebrino. Deixando-se governar pela alma, Rousseau

instaurou na literatura uma nova forma de escrita literária, denominada prosa poética. A poesia completa os instantes em que o discurso filosófico não é suficiente para descrever as sensações de que dispunha no decorrer das caminhadas solitárias. Gravando suas memórias, poderia a qualquer momento ir ao encontro do que desejasse, pois a felicidade estava ali, eternizada nas folhas de papel. A narrativa de si era a máquina da salvação, por meio dela Rousseau evoluiu não só exteriormente, mas, em particular, internamente.

Centradas no egotismo, na dialética da verdade e da mentira, na sensibilidade, as *Rêveries* representam a pura expressão de um homem que se viu perseguido pela sociedade de sua época. A despeito de todas as acusações e das investidas de exílio pessoal, apresentadas no início da obra, Rousseau conseguiu, a partir da retórica voltada ao eu e por meio da memória, reviver momentos de felicidade plena através da escrita literária, na qual recuperou momentos de integridade anteriormente vivenciados.

Segundo Starobinski (1971) o devaneio o fazia apoderar-se da ideia de ocupar-se de si. A atividade do devaneio tal como a atividade do sonho tem como finalidade desvelar a verdade do desejo. Fixá-los pela escrita foi a alternativa encontrada pelo filósofo para repetir sua existência. A memória é recontagem, e ao transmiti-la à linguagem percebe-se que as palavras não são suficientes para descrever as sensações. Ademais, a linguagem, inábil a transpor o conteúdo dos devaneios, prejudica o processo de decifração dos desejos de Rousseau. O que outorga significado às imagens são as palavras. Na passagem do silêncio, ou seja, da imagem à palavra, as relações lógicas são abandonadas. O código verbal, pobre em métodos representativos, direciona o filósofo de Genebra a buscar caminhos tangentes no sistema de tradução. Todavia, a única maneira de reviver, de se lembrar do que foi sentido, ocorre através da escrita.

Focalizada no eu, a narrativa demonstra que o estudo do ser é destinado a ele mesmo. A escrita atende uma necessidade pessoal intensificada pelas oscilações de humor e pelas conjunturas biográficas conceituadas pelo próprio iluminista de “estranhas” e “singulares”. Trata-se de um autor que escreve para si mesmo e, pretensamente, para ser lido por si próprio. A escrita desinteressada tão evocada por Jean-Jacques Rousseau nos faz questionar a veracidade em sua obra. O filósofo disse, ao longo do texto, que não pretendia publicar *Les rêveries du promeneur solitaire* e nem explicar aos leitores certas alusões a que fez referência, uma vez que já não precisava ser reconhecido pela humanidade por meio dos seus textos.

Nessa perspectiva, a intenção do autor se problematiza: apesar de suas afirmações, não se pode determinar com precisão se Rousseau escreveu para ele mesmo ou para os outros. Ora, dialética da verdade e da mentira cumpre-se perfeitamente nas *Rêveries*.

A escrita torna-se, portanto, instrumento de criação em Rousseau, o reconhecimento, a consciência de um eu que busca conhecer-se a si próprio. Precisou ser marginalizado pela sociedade por suas ideias, para recolher-se e aprofundar a caminhada em busca da realização do próprio eu interior. Escrever era para Jean-Jacques, ressurgir. As reminiscências ora o faziam se sentir feliz, ora o inquietavam. Memorizá-las seria o artifício mais interessante frente a essa morte que conduzia todas as intermitências de sua pessoa. A escrita traria à luz essa estranha paixão pelos tempos de outrora, fazendo da literatura o lugar da experiência original.

REFERÊNCIAS

- ADAMY, P. **Les corps de Jean-Jacques Rousseau**. Paris: Honoré Champion Éditeur, 1997.
- ANDRADE, C. D. **Claro Enigma**. 10ª. Rio de Janeiro: Record, 1995.
- _____. **Poesia Completa Carlos Drummond de Andrade**. 3ª. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.
- BARGUILLET, F. **Rousseau ou l'illusion passionnée. Les Rêveries du promeneur solitaire**. Paris: PUF, 1991.
- BAUDELAIRE, C. **Pequenos poemas em prosa**. Trad. Aurélio Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BENJAMIN, W. **Obras escolhidas**. Trad. R. Rodrigues Torres Filho e J.C. Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 2010. v.2.
- CAREL, H. **Life and Death in Freud and Heidegger**. New York: Editions Rodopi B.V, 1994.
- CHNAIDERMAN, M. **Esfarelando tempos não ensimesmados**. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982003000200004. Acesso em 25 de janeiro de 2013.
- CHAR, R. **Nous n'avons qu'une ressource avec la mort: faire de l'art avant ele**. Dissertação de Mestrado. Disponível em <http://www.etudier.com/dissertations/Nous-n%E2%80%99Avons-Qu%E2%80%99Une-Ressource-Avec-La/377194.html>. Acesso em 27 de dezembro de 2013.
- COZ, M.; JACOB, F. (org). **Rêveries sans fin. Autour des Rêveries du promeneur solitaire**. Orléans: Paradigme, 1997.
- CROGIEZ, M. **Solitude et Méditation**. Études sur les Rêveries de Jean-Jacques Rousseau. Paris: Honoré Champion Éditeur, 1997.
- EAGLETON, T. A Psicanálise. In: **Teoria da literatura: uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 227-291.
- FREUD, S. **A interpretação dos sonhos**. Trad. J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- _____. **Escritores criativos e devaneios**. Trad. J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1925.
- _____. Recordar, repetir e elaborar. In: **O caso Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos**. Trad. José O. A. Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

_____. Uma nota sobre o bloco mágico. In: **Edição Standard das Obras Psicológicas de Sigmund Freud**. Tradução de J. Salomão. Rio de Janeiro, 1974, v. 19.

GARCIA-ROZA, L. **Introdução à metapsicologia freudiana. Sobre as afasias (1891) O Projeto de 1895**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004, vl 1 e 2.

GENETTE, G. **Discurso da narrativa**. Trad. F. C. Martins. Lisboa: Vega, [19--].

GOTTSCHALK, C. Educação negativa. In: **CULT – Dossiê 300 anos: Rousseau o criador da modernidade**. São Paulo, nº172, p.25-29, 2012.

GUICHET, J. L. Nature et origine: l'accident de Ménilmontant. In: O'NEAL, J. **The Nature of Rousseau's *Rêveries*: physical, human, aesthetic**. Oxford: Voltaire Foundation, 2008:03.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. 6ª ed. Parte II. Tradução de Márcia de Sá Cavalcante. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. 8ª ed. Parte I. Tradução de Márcia de Sá Cavalcante. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

LAVIELLE, É. **Les rêveries du promeneur solitaire**. Paris: Bréal, 2001 (Coll Connaissance d'une oeuvre).

LEÃO, E. C. Prefácio. In: HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. 8ª ed. Parte I. Tradução de Márcia de Sá Cavalcante. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

MACIEL, M. E. **Travessias de gênero na poesia contemporânea**. In: **Poesia Sempre**. Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, n. 23, março/abril, 2006.

MORETTO, F. M. L. Prefácio. In: ROUSSEAU, J. -J. **Os devaneios do caminhante solitário**. Tradução de Fúlvia Maria Luiza Moretto. Brasília: Ed. UnB, 1986. p.7-17.

NASCIMENTO, M. M. do. Sinto, logo existo. In: **CULT – Dossiê 300 anos: Rousseau o criador da modernidade**, São Paulo, nº172, p.25-29, 2012.

NORA, P. **Entre a memória e a história: a problemática dos lugares**. Tradução de Yara Aun Khoury. São Paulo: Projeto História, 1981. p.7-28.

PAZ, O. **O Arco e a Lira**. Tradução de Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. Col. Logos.

OSMONT, R. L'apaisement. In: **Rêveries sans fin. Autour des Rêveries du promeneur solitaire**. Orléans: Paradigme, 1997.

PLATÃO. **Teeteto**. Trad. Carlos Alberto Nunes. Disponível em <http://www.cfh.ufsc.br/~wfil/teeteto.pdf>. Acesso em 18 de março de 2013.

RAYMOND, M. La rêverie selon Rousseau et son conditionnement historique. In: **Rêveries sans fin. Autour des Rêveries du promeneur solitaire**. Orléans: Paradigme, 1997.

REVÊRIE. In: **Dictionnaire de l'Académie Française**. Disponível em: <http://artflx.uchicago.edu/cgi-bin/dicos/pubdicollook.pl?strippedhw=reverie>. Acesso em 9 abril de 2013.

ROUSSEAU, J.J. **Émile ou de l'éducation**. Paris: Ed. Garnier, 1950.

ROUSSEAU, J.J. **Les confessions I**. Paris: Gallimard, 1973 (Coll Folio Classique).

ROUSSEAU, J.J. **Les rêveries du promeneur solitaire**. Paris: Gallimard, 1972 (Coll Folio Classique).

ROUSSEAU, J.J. **Os devaneios do caminhante solitário**. Trad. de Fúlvia Maria Luiza Moretto. Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 1986.

SANTO AGOSTINHO. **As confissões**. Trad. Frederico Ozanam Pessoa de Barros. Rio de Janeiro: Ediouro, 1973. (Coleção Universidade de Bolso, v. 31993).

STAIGER, E. **Conceitos fundamentais da poética**. Tradução de Celeste Aída Galeão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1972.

STAROBINSKI, J. **Jean-Jacques Rousseau. La transparence et l'obstacle. Suivi de Sept essais sur Rousseau**. Paris: Gallimard, 2000.

STAROBINSKI, J. **Jean-Jacques Rousseau. A transparência e o obstáculo. Seguido de Sete ensaios sobre Rousseau**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

TADIÉ, J.Y; TADIÉ, M. **Le sens de la mémoire**. Paris: Gallimard, 1999. (Coleção Folio Essais).

WAINBERG, D. A teoria da memória em Freud. In: _____. **Jardim de Arabescos- uma leitura das Mil e Uma Noites**. Rio de Janeiro: Imago, 1997, p.97-108.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ARISTÓTELES. **Poética**. Porto Alegre: Globo, 1966.

BARGUILLET, F. **Le roman au XVIII^e siècle**. Paris: PUF, 1981.

BEGUIN, A. **L'âme romantique et le rêve**. Paris: J. Corti, 1963.

BENJAMIM, W. **O narrador**. In: _____. *Magia e técnica, arte e poética: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1985 (Obras escolhidas, 1), p. 197-221.

BERGSON, H. **Matéria e Memória – Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. São Paulo: Editora Martins e Fontes, 1990.

BORGES, J. L. Funes, o memorioso. In: **Ficções**. Trad. Davi Arriguci Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BOSI, E. **Memória e sociedade: Lembrança de velhos**. 10^a edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

BURGELIN, P. **La philosophie de l'existence de Jean-Jacques Rousseau**. Paris: PUF, 1952.

DERRIDA, J. Freud e a cena da escritura. In: **A escritura e a diferença**. São Paulo: Perspectiva, 1971.

FERREIRA, J. P. **Armadilhas da memória**. São Paulo: Ateliê, 2004.

FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **Carta 52 a Fliess**, Obras Completas, Edição Standard Brasileira, vol. I, Rio de Janeiro: Imago, 1969, vol. I

_____. **Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen**. Rio de Janeiro: Imago, 1976 (Coleção Standard Brasileira), vol. IX.

_____. Primeiras publicações psicanalíticas. In: **Edição Standard das Obras Psicológicas de Sigmund Freud**. Trad. J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol. 3.

_____. **Projeto de uma psicologia para neurólogos**. Buenos Aires: Amorrortu, 1985.

GENETTE, G. Le genre de la rêverie. In: **Mimologiques: voyage en Cratile**. Paris: Seuil, 1976, p.383-393.

HAZARD, P. **La pensée européenne au XVIII^e siècle. De Montesquieu à Lessing.** Paris: Fayard, 1961.

LE GOFF, J. **História e memória.** 4^a ed. Tradução de Irene Ferreira Bernardo Leitão e Suzana Ferreira Borges. Campinas: Unicamp, 1996.

LEJEUNE, P. **Le pacte autobiographique.** Paris: Seuil, 1975

MARQUES, J. O. de A. **Verdades e Mentiras. 30 ensaios em torno de Rousseau.** Ijuí: Editora Unijuí, 2005.

MAUZI, R. **L'idée du bonheur dans la littérature et la pensée au XVIII^e siècle.** Paris: Librairie Armand Colin, 1960.

MAY, G. **Rousseau par lui-même.** Paris: Seuil, 1961.

MENESES, A. B. **Do poder da palavra: ensaios de Literatura e Psicanálise.** São Paulo: Duas Cidades, 1995.

O'NEAL, J. **The Nature of Rousseau's *Rêveries*: physical, human, aesthetic.** Oxford: Voltaire Foundation, 2008:03.

PASSOS, C. R. P. **Crítica literária e Psicanálise – Contribuições e limites.** Disponível em <http://www.revistas.usp.br/ls/article/view/25382/27127>. Acesso em 23 de fevereiro de 2013.

PRADO JR, B. **A retórica de Rousseau e outros ensaios.** F. de Mattos (org). São Paulo: Cosac Naify, 2008.

RAYMOND, M. **Jean-Jacques Rousseau, la quête de soi et la rêverie.** Paris: José Corti, 1962.

RICOEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento.** Trad. Alain François. Campinas : Editora da Unicamp, 2007.

RONSDARD, ROUSSEAU, NERVAL. **Aspects du lyrisme du XVI^e au XIX^e siècle.** Actes du Colloque du Centre de recherches littéraires pluridisciplinaires. Nice : 1997.

ROSENFELD, A. **Reflexões sobre o romance moderno.** In: _____. Texto/contexto: ensaios. São Paulo: Perspectiva, 1969, p. 73-95.

ROUSSEAU, J.J. **Carta a Christophe de Beaumont e outros escritos sobre a Religião e a Moral** (Org. José Oscar de Almeida Marques). São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

ROUSSEAU, J.J. **Oeuvres complètes.** (Direction de Bernard Gagnebin e Marcel Raymond). Paris: Gallimard, 1959 (Coll. Bibliothèque de la Pléiade).

STAROBINSKI, J. **L'oeil vivant.** Paris: Éditions Gallimard, 1960.

TODOROV, T. **Poética da prosa**. Lisboa: 70, 1971.

VAN THIEGHEM, P. **Les grandes doctrines littéraires en France**. Paris: PUF, 1968.